

15 cuentos brasileiros

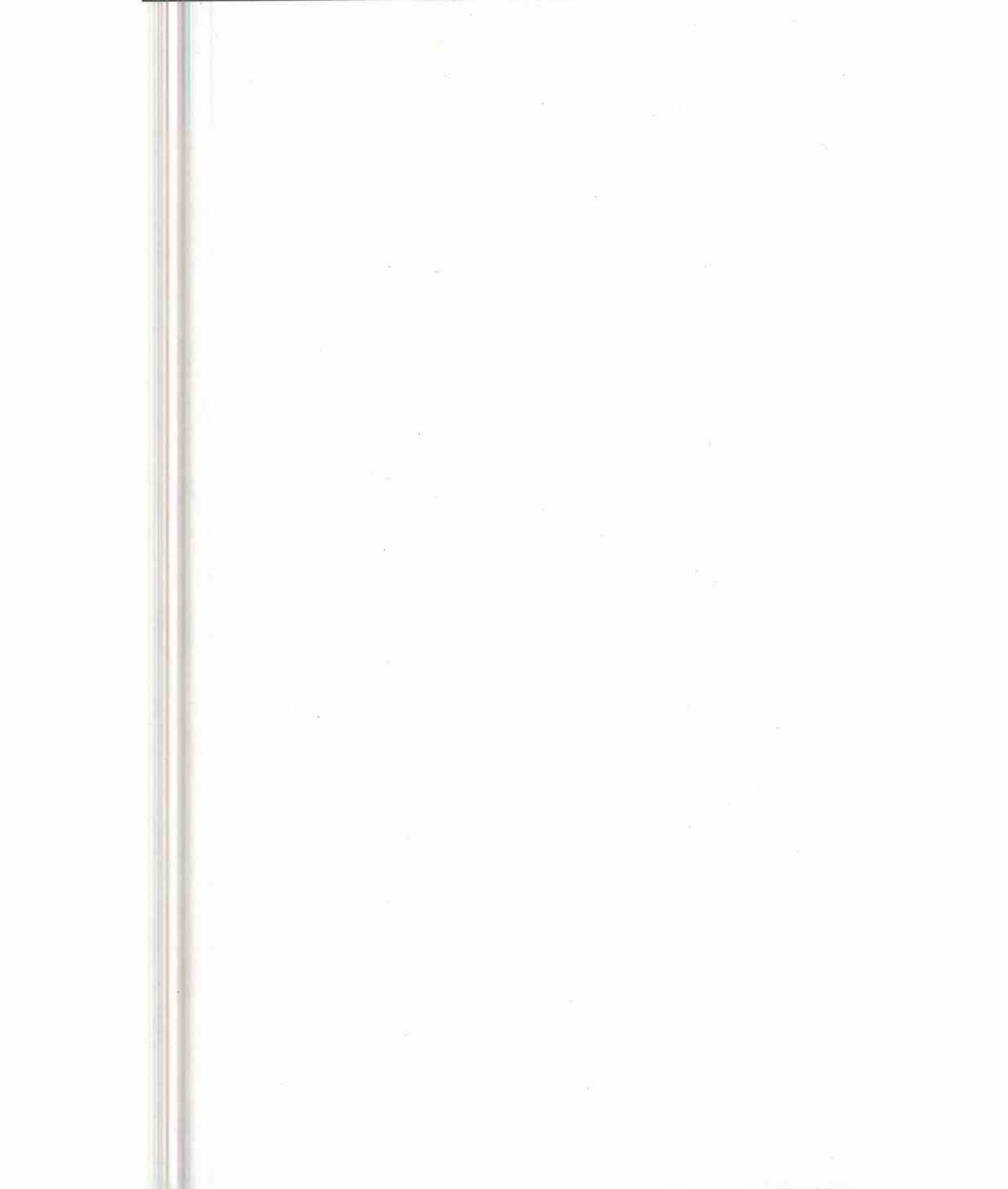
15 contos brasileiros

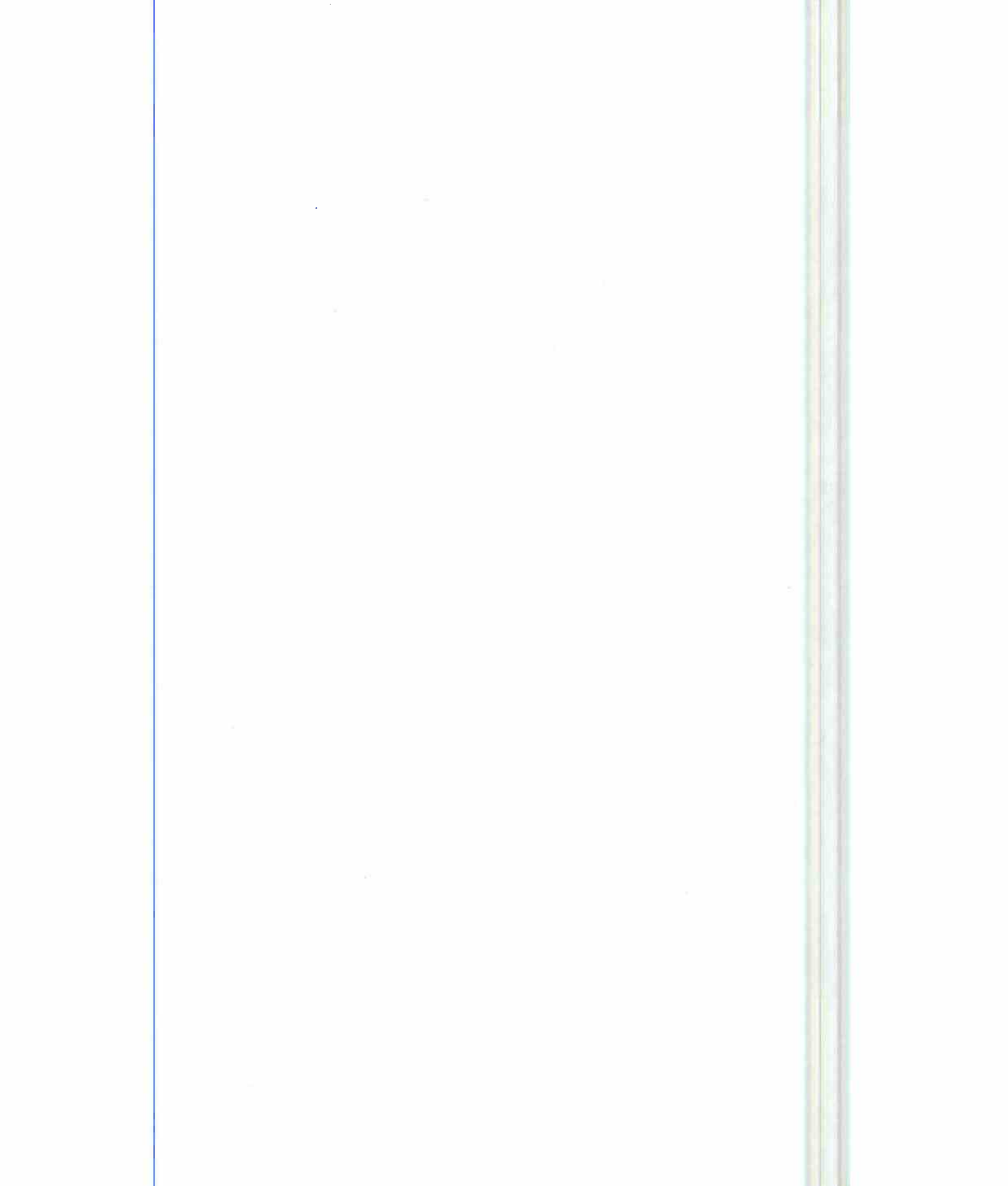
Antología de Nelson de Oliveira
Antologia de Nelson de Oliveira

Edición bilingüe
Edição bilingüe

comunicarte







15 cuentos brasileiros

15 contos brasileiros



15 cuentos brasileiros / 15 contos brasileiros

© 2007, Comunic-arte Editorial

© 2007, Nelson de Oliveira y Federico Lavezzo

Primera edición: junio de 2007

Tirada: 1000 ejemplares

comunicarte

Ituzaingó 167 · Séptimo Piso

Tel/fax: (54) (351) 426-4430

(X 5000 IJC) Córdoba - Argentina

editorial@comunicarteweb.com.ar

www.comunicarteweb.com.ar

Dirección: Karina Fraccarolli Nou

Supervisión de arte y producción: Marcelo De Monte

Diseño: Ivana Myszkoroski

Traducción: Federico Lavezzo - federicolavezzo@gmail.com

Lectura crítica de la traducción: María G. Lugones

Consultores en lengua portuguesa: Evandro Bonfim - Ana Luiza Beraba

Las 15 fotografías de tapa fueron escogidas por cada uno de los autores de los cuentos de esta antología (de izquierda a derecha, y de arriba hacia abajo):

Paulo Bentancur (Foto: Antonio Henriqson) - C. Herculano Lopes - Soares Feitosa -

Arlindo Gonçalves (Foto: A. Gonçalves) - Teresa Yamashita - Marcelino Freire - Nilto

Maciel - Nelson de Oliveira - Ronaldo Cagiano (Foto: Vicente Costa) - Paulo Sandrini -

Miguel Sanches Neto - Tiago Novaes (Foto: Chico Rivers) - Álex Leilla - Cida Sepulveda -

Suênio Campos de Lucena.

15 cuentos brasileiros / 15 contos brasileiros cuenta con el auspicio y el apoyo del Consulado General del Brasil en Córdoba.

ISBN: 978-987-602-064-0

Queda hecho el depósito que establece la Ley 11.723.

Impreso en Argentina - *Printed in Argentina*

No se permite la reproducción parcial o total, el almacenamiento, el alquiler, la transmisión o la transformación de este libro, en cualquier forma o por cualquier medio, sea electrónico o mecánico, mediante fotocopias, digitalización y otros métodos, sin el permiso previo y escrito del editor. Su infracción está contemplada por las leyes 11.723 y 25.446.

15 cuentos brasileiros : 15 contos brasileiros / Nelson de Oliveira, antologista; Federico Lavezzo, traductor - 1ª ed. - Córdoba : Comunic-arte Editorial, 2007.

172 p. ; 25x17 cm.

ISBN: 978-987-602-064-0

1. Narrativa en portugués I. Oliveira, Nelson de II. Lavezzo, Federico

869.3 CDD

15 cuentos brasileiros
15 contos brasileiros



Antología / Antologia
Nelson de Oliveira

Traducción / Tradução
Federico Lavezzo

comunicarte

Mais e melhores leitores

Esta antologia não tem paredes seguras, saídas de incêndio, extintores ou portas com trava antipânico. Esta antologia não tem um estojo de primeiros-socorros. É por isso que ela é tão excitante: quanto maior o perigo, maior o prazer. De perigo os escritores brasileiros entendem bem: em nosso país a atividade literária é algo muito arriscado. Conheço dezenas de contistas e poetas que ficaram cegos, surdos, mudos e pernetas de tanto escrever. A fome ronda os prosadores de talento. A morte sussurra palavras de cianureto no ouvido dos poetas.

Nos últimos vinte anos, período em que a provocativa literatura brasileira passou a contar também com o esforço dos quinze autores aqui reunidos, o mercado editorial tupiniquim não evoluiu muito. Essa é a sensação compartilhada principalmente pelos escritores. É claro que do ponto de vista técnico muita coisa mudou para melhor nessas duas décadas. Penso, por exemplo, na competência editorial, na qualidade industrial e nas estratégias de divulgação e distribuição dos livros. Não resta dúvida de que nesses pontos houve visível progresso. Mas *progresso* não é *evolução*. O Brasil infelizmente ainda não é o *país de leitores* que nós, escritores, editores, livreiros e professores, gostaríamos muito que fosse. Esse é o grande crime do século: os burocratas não estão preocupados com mais e melhores escolas, não há investimento em educação formal. Aqui os totalmente analfabetos e os analfabetos funcionais são multidão: dois terços da nossa população não conseguem interpretar uma simples notícia de jornal. Mas, caramba, vejam só, comecei falando do Brasil e agora estou falando de todo o mundo globalizado. Afinal a crise da cultura letrada não é exclusiva do Brasil, das Américas ou do Ocidente. É do planeta.

Espicaçada e desafiada por essa crise, a literatura brasileira contemporânea tem-se mostrado um verdadeiro campo de provações e provocações, no qual os muitos autores e os poucos leitores, atraídos pela curiosidade mútua, têm-se encontrado. Ok, são encontros ora apaixonados ora equivocados. São encontros às vezes felizes às vezes desconfortáveis. Muitos espinhos e abraços e pontapés e beijos e palavrões e orgasmos têm sido o resultado dessa relação de amor e ódio. Tensos e intensos, esses encontros letrados acontecem de maneira quase sub-reptícia, à sombra das massacrantes e massificadas manifestações orais e

Más y mejores lectores

Esta antología no tiene paredes seguras, salidas de emergencia, extintores ni puertas con cerraduras anti-pánico. Esta antología no tiene un botiquín de primeros auxilios. Es por eso que es tan excitante: cuanto mayor es el peligro, mayor el placer. De peligros, los escritores brasileiros entienden bastante: en nuestro país la actividad literaria es algo muy arriesgado. Conozco decenas de cuentistas y poetas que quedaron ciegos, sordos, mudos y rengos de tanto escribir. El hambre cerca a los narradores de talento. La muerte susurra palabras de cianuro al oído de los poetas.

En los últimos veinte años, período en el que la provocativa literatura brasileira pasó a contar también con el esfuerzo de los quince autores aquí reunidos, el mercado editorial *tupiniqum*¹ no evolucionó demasiado. Esa es la sensación compartida principalmente por los escritores. Está claro que desde el punto de vista técnico muchas cosas cambiaron, para mejor, en estas dos décadas. Pienso, por ejemplo, en la idoneidad editorial, en la calidad industrial y en las estrategias de difusión y distribución de los libros. No queda duda de que en esos puntos hubo un visible progreso. Pero *progreso* no es *evolución*. Infelizmente, Brasil todavía no es el *pais de lectores* que a nosotros, escritores, editores, libreros y profesores, nos gustaría tanto que fuese. Ese es el gran crimen del siglo: los burócratas no están preocupados por más y mejores escuelas, no hay inversión en educación formal. Aquí los analfabetos y los analfabetos funcionales son multitud: dos tercios de nuestra población no consiguen interpretar una simple noticia del diario. Pero, caramba, miren, comencé hablando del Brasil y ahora estoy hablando de todo el mundo globalizado. Al fin de cuentas la crisis de la cultura letrada no es exclusiva del Brasil, ni de las Américas, ni de Occidente. Es del planeta.

Instigada y desafiada por esta crisis, la literatura brasileira contemporánea se ha mostrado como un verdadero campo de pruebas y provocaciones, en el cual los muchos autores y los pocos lectores, atraídos por la curiosidad mutua, se han encontrado. Ok, son encuentros ora apasionados, ora equivocados. Son encuentros a veces felices, a veces incómodos. Muchas espinas y abrazos y patadas y besos y palabrotas y orgasmos han sido el resultado de esa relación de amor y odio. Tensos, e intensos, esos encuentros letrados suceden de manera casi subrepticia, a la sombra de las mortificantes y masificadas manifestaciones orales y audiovisuales de baja calidad.

audiovisuais de baixa qualidade. Nossos livros irreverentes e inquietantes não interessam aos olhos e aos ouvidos da vasta audiência que a tevê, as rádios, as gravadoras e as duplas sertanejas arrebanharam nas últimas décadas.

Os quinze autores reunidos nesta antologia representam várias regiões e várias realidades do vasto Brasil. A bem-vinda diversidade criativa aqui presente – diversidade de cosmovisões, estilos e temas – se deve a isso. Nas próximas páginas o leitor encontrará de tudo: narrativas de enredo linear e narrativas de enredo fragmentado, narradores oniscientes e narradores neuróticos, personagens regionalistas e personagens cosmopolitas, protagonistas ricos e pobres, conflitos públicos e dramas privados, o tempo cronológico e o tempo psicológico, o esteticismo e o engajamento político, o toque do realismo e o sopro do fantástico, a alegria e a melancolia, o sublime e o coloquial.

Aqui e ali o leitor também encontrará as marcas vigorosas das três artes que mais têm mexido com a literatura brasileira de agora: os quadrinhos, a fotografia e o cinema. Não se assuste. Durante a leitura haverá momentos em que o discurso verbal irá se dissolver no puro desenho, na pura cor, no puro movimento manchado de vermelho e azul de um filme fulminante. Repito, não se assuste. Isso é normal. Você está seguro.

Durante a organização desta antologia o organizador evitou o máximo possível privilegiar os temas pitorescos e folclóricos muito apreciados principalmente na Europa: o carnaval, o futebol, a favela carioca, o sertão nordestino e o misticismo ecológico. Sei que uma reunião de narrativas ambientadas, por exemplo, na favela (Paulo Lins está lá) ou no sertão (Jorge Amado e Guimarães Rosa estão lá) ou na metrópole barra-pesada (Rubem Fonseca está lá) ou na Amazônia (Márcio Sousa está lá) ou no reduto dos magos (Paulo Coelho está lá) atrairia muito mais leitores. Sei disso. Mas preferi evitar esses lugares-comuns e entregar ao público argentino narrativas menos previsíveis e estereotipadas.

Nas alamedas do mercado editorial sempre correu o boato de que fugir do previsível e do estereótipo é (comercialmente) muito perigoso. Ótimo. Como eu disse, quanto maior o perigo, maior o prazer.

Nelson de Oliveira

Nuestros libros irreverentes e inquietantes no interesan a los ojos y los oídos de la vasta audiencia que la TV, los radios, las grabadoras y las duplas sertanejas² han congregado en las últimas décadas.

Los quince autores reunidos en esta antología representan diversas regiones y diversas realidades del vasto Brasil. La bienvenida diversidad creativa aquí presente –diversidad de cosmovisiones, estilos y temas– se debe a ello. En las páginas que siguen el lector encontrará de todo: narraciones de trama lineal y narraciones de trama fragmentada, narradores omniscientes y narradores neuróticos, personajes regionalistas y personajes cosmopolitas, protagonistas ricos y pobres, conflictos públicos y dramas privados, el tiempo cronológico y el tiempo psicológico, el esteticismo y el compromiso político, el toque de realismo y el soplo de lo fantástico, la alegría y la melancolía, lo sublime y lo coloquial.

Aquí y allá el lector encontrará también las marcas vigorosas de las tres artes que más se han mezclado con la literatura brasilera de hoy: la historieta, la fotografía y el cine. No se asuste. Durante la lectura habrá momentos en que el discurso verbal irá disolviéndose en puro dibujo, puro color, puro movimiento manchado de rojo y azul de una película fulminante. Repito, no se asuste. Eso es normal. Está a salvo.

Durante la organización de esta antología, este organizador evitó lo más posible privilegiar los temas pintorescos y folclóricos, muy apreciados, principalmente en Europa: el carnaval, el fútbol, la favela carioca, el *sertão*³ nordestino y el misticismo ecológico. Sé que un conjunto de narraciones ambientadas, por ejemplo, en la favela (Paulo Lins está allí), o en el *sertão* (Jorge Amado y Guimarães Rosa están allí), o en la metrópoli peligrosa y violenta (Rubem Fonseca está allí), o en la Amazonia (Marcio Sousa está allí), o en el reducto de los magos (Paulo Coelho está allí), atraería muchos más lectores. Lo sé. Pero he preferido evitar esos lugares comunes y entregar al público argentino narrativas menos previsibles y estereotipadas.

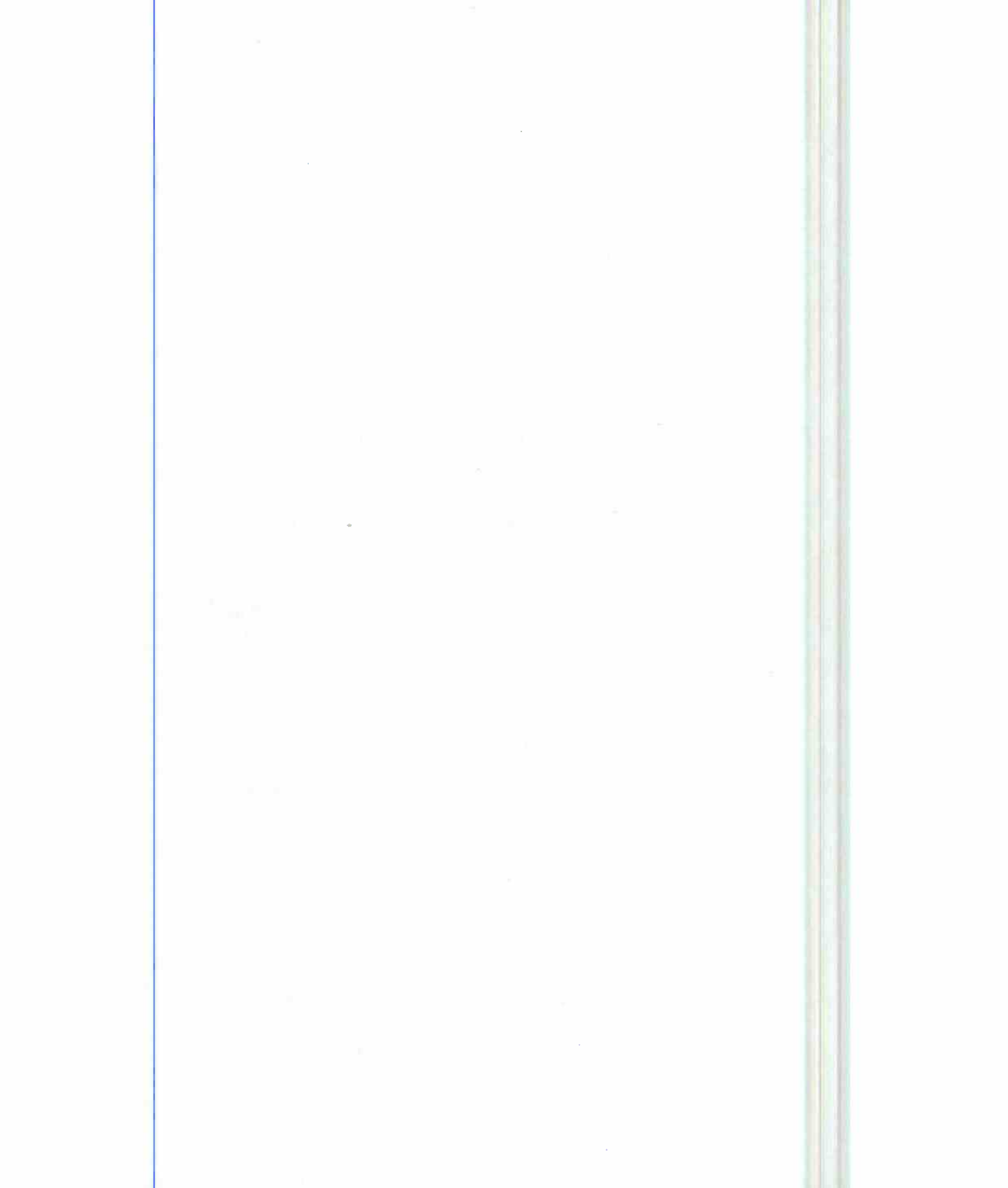
En las alamedas del mercado editorial siempre ha circulado el trascendido de que huir de lo previsible y del estereotipo es (comercialmente) muy peligroso. Perfecto. Como ya dije, cuanto mayor es el peligro, mayor el placer.

Nelson de Oliveira

1. N. de T.: *Tupiniquim*, regionalismo jocoso por 'brasileño'.

2. N. de T.: *Dupla sertaneja*, conformación musical de gran éxito popular durante los años '90, que consistía en un dúo de cantores cuyo repertorio estaba conformado por canciones del género folclórico del interior brasilero conocido como *sertaneja*.

3. N. de T.: *Sertão* es la voz con la que se conoce a la región poco poblada del interior brasileño (especialmente al noroeste), semidesértica, donde predomina la cría de ganado por sobre la agricultura.



Los cuentos / Os contos



É só dar a saída



Paulo Bentancur

Tem homem aí por perto? Homem mesmo, isto é, macho, não homem no sentido de ser humano – se bem que atualmente até mulher está encarando a atividade... Tem homem? Tem? Quantos?

Menos de onze? Claro, não são necessários onze. Nem seria possível. O ginásio tem uma quadra de parquê onde podem, com algum conforto, correr dez atletas no total, cinco de cada lado da quadra, postados com uma tensa atenção, fixa à frente, antes do começo.

Então é só observar o movimento, nem precisa vasculhar, recolher quase ao acaso os cinco de olho mais vidrado e convidá-los a irem para a quadra. Vai ter futsal daqui a alguns minutos.

Rápido, rápido aparecem cinco fominhas, com a cara mais circunstancial do mundo. É a chance da redenção, claro, mas agem como se nada de importante estivesse acontecendo.

Um deles, loiô, é um guri espinhento, aloprado, duns dezessete, dezoito anos. Compensa a demasiada ânsia com o grande fôlego. Supera a afoiteza com a persistência, a teimosa perseguição a um futebol talvez inalcançável. De algum modo será útil.

Outro, Vinicius, que sabe bem ter existido um poeta chamado Vinicius (parceiro do Toquinho, violonista e compositor, em muito sucesso do samba-canção). Não joga porra nenhuma, mas é viril como o saudoso Ortunho, do Grêmio de Porto Alegre, obsessivo como o Caçapava, do grande time que o Internacional, também de Porto Alegre, montou em 1975, e já não agüenta a mulher, com quem está casado há mais de quinze anos, e um joguinho no domingo é uma boa desculpa para se conseguir a paz, a suprema paz.

Vinicius será o goleiro.

Há um que impõe respeito. Não se sabe ao certo se é craque, ou a determinação e a gravidade com que fita a bola e sobretudo o adversário o fazem um atleta decisivo: Alex Sander – assim mesmo, que a mãe não passou das primeiras letras e reproduziu o nome de um galã mencionado nas radionovelas que a Itaí, popular emissora AM já extinta, punha no ar em 1969.

Dar nome a um filho não é tarefa tão fácil assim. Aléquis. Alécs. Alequisander. Uma prima deu um palpite. Um vizinho também. Venceu o vizinho, que menos

Es cuestión de animarse



Paulo Bentancur

Hay hombres por ahí? Hombres, o sea, machos, no hombres en el sentido de seres humanos; aunque actualmente hasta las mujeres están encarando la actividad. ¿Hay hombres? ¿Hay? ¿Cuántos?

¿Menos de once? Claro, no hacen falta once. Ni sería posible. El gimnasio tiene una cancha de parquet donde pueden, con cierta comodidad, correr diez atletas en total, cinco de cada lado de la cancha, apostados en tensa atención, fija adelante, antes del inicio.

Entonces sólo hay que observar el movimiento, no hace falta hurgar mucho, sólo rejuntrar casi al azar los cinco más entusiasmados e invitarlos para ir a la cancha. En unos minutos habrá fútbol cinco.

Rápido, rápido aparecen cinco aficionados, con la mayor cara de circunstancia. Es la chance de la redención, pero actúan como si nada importante estuviera pasando.

Uno de ellos, Ioiô, es un chico granudo, atolondrado, de unos diecisiete, dieciocho años. Compensa su ansia en demasía con largo aliento. Supera la vehemencia con la persistencia, la obstinada persecución de un fútbol tal vez inalcanzable. De algún modo será útil.

Otro, Vinícius: él sabe bien que ha existido un poeta llamado Vinícius (compañero de Toquinho, guitarrista y compositor de muchos éxitos del samba-canción). No juega a una mierda, pero es viril como el recordado Ortunho, del Grêmio de Porto Alegre, obsesivo como Capaçava, del gran equipo que el Internacional, también de Porto Alegre, armó en 1975; y ya no aguanta a la mujer con la que está casado hace más de quince años, y un partidito el domingo es una buena excusa para conseguir la paz, la suprema paz.

Vinícius será el arquero.

Hay uno que impone respeto. No se sabe a ciencia cierta si es un crack, o si es la determinación y gravedad con que mira la pelota, y sobre todo al adversario lo que lo hacen una pieza decisiva: Alex Sander —así como suena, que la madre no pasó de las primeras letras y reprodujo el nombre de un galán mentado en las radionovelas que la Itaí, popular emisora de AM ya extinta, ponía al aire en 1969—.

Dar nombre a un hijo no es una tarea tan fácil. Aléquis. Alécs. Alequisander. Una prima se metió a opinar. Un vecino también. Ganó el vecino, porque eran menos letras. A la madre le pareció que el vecino tenía razón, y Alex, como herencia, recibió el nombre dividido en dos.

letras possuía. A mãe achou que o vizinho tinha razão, e Alex, como herança, recebeu o nome dividido em dois.

E um outro se apresenta, Alaor, pinta de veterano, serenidade estampada na cara bovina. Ou é estupefaciente estado pós-alcoólico?

Alaor deve ter uns 45. É negro, com a carapinha prematuramente branca, o que é raro em sujeitos de sua raça. Ou ele passou água oxigenada e o amarelo, com o tempo, virou talco? Alaor boceja. Superioridade? Tédio? Ou imperdoável distração?

E surge ainda um quinto e complementar jogador. Sérgio.

Sérgio foi bancário. Saiu do banco. Foi professor. Fugiu dos adolescentes desinteressados em suas aulas.

Sérgio foi livreiro. Cansou dos baixos índices nas vendas de livros num país que não lê, mas, quando compra o livro da moda, finge que lê. Fechou a livraria. Hoje ninguém sabe o que ele faz.

Foi casado. Separou-se, a esposa com o tempo convertida numa amiguinha que apenas fazia a contabilidade do casal e à noite dormia cedo e acordava tarde, quando ele já enfrentava filas de bancos em busca de empréstimos.

Sérgio vai jogar no meio, fazendo a ligação entre defesa e ataque. Vai municiar loiô, encarregado de bombardear o inimigo.

Alaor e Alex Sander seguram lá atrás. Vinícius, mais atrás ainda, a derradeira barreira, tentará segurar algum chute menos ambicioso do oponente.

O oponente.

É um time experimentado. Não exatamente excepcional. Joga há dois anos e meio na mesma quadra, no mesmo dia – sempre aos domingos –, entregue a um ritual indissociável de suas cinco vidas (os titulares). Oito atletas o compõem: os de escalação garantida, Badico, Hélio, Walter (que adora que o chamem de Uálter e não de Valter), Bolita e Odd; e os reservas André, Niltinho e Marcelo.

Badico é goleiro e técnico do Mandinga, e faz a preleção. Há dois anos e meio essa preleção era um desafio frente à incontornável arte da retórica. Tanto tempo depois e muitos adversários precários encarados e superados, a preleção virou uma quase enfadonha repetição de seis frases básicas.

Começamos tocando a bola para ver quem eles são.

Não vamos acreditar que são ruins só porque aparentam isso. (A outra opção é: não vamos acreditar que são uns craques só porque aparentam isso, embora seja bom não facilitar.)

Se levarmos um gol logo de saída mais ainda temos que tocar a bola para esfriá-los. Um gol a gente busca; dois ou mais fica difícil.

Se estiver fácil, não convém humilhá-los. Ninguém gosta e eles podem querer briga.

Tentem esquecer a torcida, seja a favor ou contra. A favor é pressão na certa, a gente se sente obrigado a ganhar, e se precipita e faz cagada. Contra, a gente se encolhe, e acaba aceitando firula de qualquer merdinha.

Y se presenta otro, Alaor, pinta de veterano, la serenidad estampada en la cara bovina. ¿O es un estupefaciente estado post alcohólico?

Alaor debe tener unos 45. Es negro, con la crespa prematuramente blanca, lo que es raro en sujetos de su raza. ¿O se puso agua oxigenada y el amarillo, con el tiempo, viró al talco? Alaor bosteza. ¿Superioridad? ¿Tedio? ¿O imperdonable distracción?

Y surge todavía un quinto y complementario jugador. Sérgio.

Sérgio fue bancario. Se fue del banco. Fue profesor. Huyó de los adolescentes desinteresados de sus clases.

Sérgio fue librero. Se cansó de los bajos índices de venta de libros en un país que no lee, pero cuando compra el libro de moda, finge que lee. Cerró la librería. Hoy nadie sabe lo que hace.

Estuvo casado. Se separó, la esposa con el tiempo fue convirtiéndose en una amiga que apenas hacía la contabilidad de la pareja y a la noche se dormía temprano y se levantaba tarde, cuando él ya enfrentaba las filas en los bancos en busca de preséramos.

Sérgio va a jugar al medio, haciendo la conexión entre defensa y ataque. Va a darle munición a Ioiô, encargado de bombardear al enemigo.

Alaor y Alex Sander dominan allá atrás. Vinícius, más atrás todavía, la última barrera, tratará de agarrar algún chutazo menos ambicioso del oponente.

El oponente.

Es un equipo experimentado. No exactamente excepcional. Juega hace ya dos años y medio en la misma cancha, el mismo día –siempre los domingos–, dedicado al ritual indisociable de sus cinco vidas (los titulares). Lo componen ocho atletas: los de alineación garantizada, Badico, Hélio, Walter (que adora que lo llamen ‘Uálter’, y no ‘Valter’), Bolita y Odd; y los suplentes André, Niltinho y Marcelo.

Badico es arquero y técnico del Mandinga, y da la charla técnica. Hace dos años y medio esa charla técnica era un desafío frente al inabarcable arte de la retórica. Después de tanto tiempo y de muchos adversarios precarios enfrentados y superados, la charla técnica se convirtió en una casi monótona repetición de seis frases básicas.

Empezamos tocando la pelota, para ver quiénes son ellos.

No vamos a creer que son malos porque aparentan eso. (La otra opción es: no vamos a creer que son unos cracks porque aparentan eso, aunque es bueno no exponerse).

Si fuéramos un gol abajo a poco de empezar, más aún, tenemos que tocar la pelota, para enfriarlos. Un gol, podemos buscar; dos o más se pone difícil.

Si estuviera fácil, no conviene humillarlos. A nadie le gusta, y pueden querer pelea.

Traten de olvidarse de la hinchada, sea a favor o en contra. A favor, es presión, seguro; uno se siente obligado a ganar, y se precipita, y hace cagadas. En contra, uno se achica y acaba dejándose pegar un toque por cualquier sorete.

Sem discussões com o juiz. Juiz é pior que o adversário. Contra o adversário a gente pode jogar; contra o juiz não tem jogo.

Alex Sander e Sérgio puxam a palavra que pretende uni-los – melhor seria dizer “batizar” – a loiô, Vinícius e Alaor. Anônimos, encararão o Mandinga.

A tradição do time da vila se sente um tanto desrespeitada pela total ausência de berço dessa equipe montada às pressas, adotada pela necessidade, sem registro entre si; que dirá na memória dos papos recheados de lendas, exageros, legitimados pela risada ou o severo olhar ao longe de freqüentadores de mesas de sinuca, em volta das quais também se comenta outros esportes, incluindo-se, sim, o futsal, tão freqüente, e eventos ainda frescos, alguns da semana passada.

Pois nada consta sobre esses cinco personagens que agora se examinam mais que ao adversário, talvez porque em primeiro lugar sejam eles mesmos seus próprios adversários, e só depois então possam tentar fazer alguma frente a quem rigorosamente pertence a um espaço que hoje eles infestam como moscas indesejáveis.

Vinícius, resignado.

Alaor, bonachão.

loiô, com a previsível e juvenil displicência.

Sérgio, diligente.

Alex Sander, concentrado.

Não há torcedores nas carcomidas seis arquibancadas da quadra que serve para vôlei, basquete e futsal do Ginásio Dr. Anthero Luz do município de Alvorada, 105.784 habitantes pelo último censo. Se estivessem lá, entretanto, os torcedores seriam ignorados. Ao menos pelo time que estréia nesse momento e cujos integrantes mal sabem nome e apelido um do outro.

Alguém bate na bola. Alguém recebe. É o jogo, tensão e prazer.

O rapaz que cuida do bar ao fundo, um ruivo magrinho, à falta de um mísero freguês, contorna o balcão e vai encostar-se à rede de proteção que fica atrás da goleira. Uma espécie de tontura se instala nos presentes. É preciso, aos poucos, forçar uma gradativa fixação das imagens, da compreensão sem armadilhas do que acontece de real. Como quando entramos num estádio de futebol e a multidão, a gigantesca onda sonora vindo de todas as direções da arena ovalada, somada ao espaço enorme e à distância entre cimento e campo, mais a profundidade deste na relação com o nível em que o torcedor costuma sentar-se, tudo isso a nos roubar as referências, e vagamos num agitado mar onde só na metade do primeiro tempo conseguimos, enfim, enfrentar a corrente de emoções e já nos sentimos em casa, e pulamos.

Então acontece fenômeno semelhante. O rapaz do bar sente isso. E é tão insignificante o que está ocorrendo: um joguinho amistoso entre desconhecidos amadores; e alguns, nem isso. Mas o ar está pesado, um chumbo, e é difícil atravessá-lo. E futsal exige rapidez, quase o vôo das pernas seguindo o vôo da bola.

Sin discusiones con el árbitro. El árbitro es peor que el adversario. Contra el adversario uno puede jugar; contra el árbitro no hay partido.

Alex Sander y Sérgio buscan la palabra que pretende unirlos –sería mejor decir “bautizar”– a Ioiô, Vinícius y Alaor. Anónimos, enfrentarán al Mandinga.

La tradición del equipo local se siente un poco desconsiderada por la total carencia de estirpe de ese equipo armado a las apuradas, adoptado por necesidad, sin registro entre sí; ni qué decir de la memoria de las charlas llenas de leyendas, exageraciones, legitimadas por la risotada o la mirada distante, severa, de los frecuentadores de mesas de billar en torno de las cuales también se comentan otros deportes, incluyéndose, sí, el fútbol cinco, tan frecuente, y eventos todavía frescos, algunos de la semana pasada.

Porque nada consta sobre esos cinco personajes que ahora se examinan más que al adversario, tal vez porque en primer lugar sean ellos mismos su propio adversario, y sólo después puedan tentar hacer frente a quienes, en rigor, pertenecen a un espacio que hoy ellos infestan como moscas indeseables.

Vinícius, resignado.

Alaor, bonachón.

Ioiô, con una previsible y juvenil displicencia.

Sérgio, diligente.

Alex Sander, concentrado.

No hay hinchas en las carcomidas seis gradas de la cancha que sirve para vóley, básquet y fútbol cinco del Gimnasio Dr. Anthero Luz del municipio de Alvorada, 105.784 habitantes según el último censo. Si estuvieran allí, no obstante, los hinchas serían ignorados. Al menos por el equipo que debuta en ese momento y cuyos integrantes casi ni saben sus nombres o apodos, unos de otros.

Alguien da un pelotazo. Alguien recibe. Arranca el partido, tensión y placer.

El muchacho que atiende bar, al fondo, un colorado flaquito, a falta de un mísero cliente rodea la barra y va a apoyarse en el alambre de protección que queda detrás del arco. Una especie de perplejidad se instala en los presentes. Hace falta, poco a poco, forzar una gradual fijación de las imágenes, la comprensión sin artimañas de lo que en realidad sucede. Como cuando entramos en un estadio de fútbol y la multitud, la gigantesca ola sonora viniendo de todas partes de la arena ovalada, sumada al espacio enorme y a la distancia entre cemento y campo, más la profundidad de éste en relación con el nivel en que el hincha suele sentarse, todo eso nos roba las referencias, y vagamos en un mar agitado donde sólo en la mitad del primer tiempo conseguimos, por fin, enfrentar la corriente de emociones y ya nos sentimos en casa, y saltamos.

Ahora sucede un fenómeno semejante. El muchacho del bar siente eso. Y es tan insignificante lo que está ocurriendo: un partidito amistoso entre desconocidos amateurs, y algunos ni eso. Pero el aire está pesado, de plomo, y es difícil atravesarlo. Y el fútbol cinco exige rapidez, casi el vuelo de las piernas siguiendo el vuelo de la pelota.

No primeiro lance (quem lembra de um "primeiro lance"? Os jogos em regra só se revelam a partir do décimo, vigésimo lance), no primeiro lance o Mandinga troca passes, cinco, seis, nove, doze, até atrasar ao goleiro. Imagina, com tal procedimento, esmagar o adversário ante o controle que o time da vila pressupõe ter sobre a partida.

Essa troca improdutiva de passes se repete no lance seguinte, assim que a bola é liberta das mãos de Badico.

No lance seguinte, uma disputa no ataque do Mandinga, afinal o primeiro lance do time improvisado: loiô, tentando ajudar na marcação, recuado, se machuca, afoito, imprevidente. Alex Sander irrita-se, mas não aceita a oferta do adversário: um reserva do Mandinga para completar a equipe desfalcada.

Jogarão com quatro.

Sérgio olha Alex de relance, atônito.

Quer bancar o herói?, pergunta-se.

Claro que Alex quer.

loiô quis.

Vinicius, se derem chance...

Só Alaor parece que não, sorrindo às divididas propostas pelo time inimigo. Divididas, aliás, que sem esforço ele ganha.

Sérgio não acredita em vitória, muito menos em heroísmo. Não recusa, porém, um joguinho, mesmo improvisado, mesmo sem aviso, mesmo precário no plano e na execução.

A equipe cuja biografia possui apenas uns vinte minutos começa a escrever seu primeiro capítulo. Alex entra com a dureza que Alaor, por exemplo, dispensa e consegue o mesmo resultado do negrão: derruba dois adversários sem falta e avança célere. Bola na rede. Começam os problemas para o Mandinga, acostumado a eles, se diria, mas quando se joga não há costume, não na hora do jogo.

Finda a disputa, uma hora depois (viram de lado em trinta minutos), conversando-se sobre o que houve, tudo será encarado como normal. No entanto, no calor da hora, na febre do quique da bola, os incidentes trazem a velocidade atordoante da tragédia ou da glória.

E, mesmo, de nenhuma delas. Dói reduzir um domingo a um jogo empatado e morno.

Sérgio põe a casa em ordem, embora estejam ganhando. Grita com Alex. Este sabe o que faz, mas às vezes faz em demasia. É preciso calma.

Não necessariamente a de Alaor, perfeito na sua quase imersão budista de onde sai para resolver um lance mais espinhoso.

A ameaça é Vinicius, digladiando-se mais com a lembrança da mulher que com o Mandinga.

A primeira bola mais forte que chega ao gol é gol.

A segunda bate na trave.

A terceira é salva na linha por Alaor.

En la primera jugada (¿quién se acuerda de una “primera jugada”? Los partidos por lo general sólo se revelan a partir de la décima, vigésima jugada), en la primera jugada el Mandinga tira pases, cinco, seis, nueve, doce, hasta entregarla atrás, al arquero. Imagina, con ese procedimiento, estar sometiendo al adversario a un control que el equipo local presupone tener sobre el partido.

Ese intercambio improductivo de pases se repite en la jugada siguiente, apenas la pelota es liberada de las manos de Badico.

A la siguiente jugada, hay una disputa en el ataque del Mandinga, al fin y al cabo es la primera intervención del equipo improvisado: Ioiô, tratando de ayudar en la marcación, retrasado, se golpea, atropellado, imprudente. Alex Sander se irrita, pero no acepta la oferta del adversario: un suplente del Mandinga para completar el equipo menguado.

Jugarán con cuatro.

Sérgio mira a Alex de reojo, atónito.

¿Quiere hacerse el héroe?, se pregunta.

Claro que Alex quiere.

Ioiô quiso.

Vinícius, y si le dieran una chance...

Sólo Alaor parece que no, sonriendo a las pelotas divididas que propone el equipo enemigo. Pelotas divididas, a propósito, que él gana sin esfuerzo.

Sérgio no cree en la victoria, mucho menos en el heroísmo. No rechaza, sin embargo, un partidito, incluso improvisado, incluso sin aviso, incluso precario en el plan y en la ejecución.

El equipo cuya biografía posee apenas unos veinte minutos comienza a escribir su primer capítulo. Alex entra con la dureza de la que Alaor, por ejemplo, prescinde, y consigue el mismo resultado que el negrazo: derriba dos adversarios sin falta y avanza, celerre. Pelota en la red. Empiezan los problemas para el Mandinga, se diría que acostumbrado a ellos, pero cuando se está jugando no hay costumbre, no en pleno partido.

Concluída la disputa, una hora después (cambian de lado a los treinta minutos), conversando sobre lo que pasó, todo será afrontado con normalidad. Mientras tanto, en el calor del momento, en la fiebre del pique de la pelota, los incidentes traen la velocidad perturbadora de la tragedia o de la gloria.

Y, también, de ninguna de ellas. Duele reducir un domingo a un partido empata-do y tibio.

Sérgio pone la casa en orden, aunque estén ganando. Le grita a Alex. Éste sabe lo que hace, pero a veces hace en demasía. Hace falta calma.

No necesariamente la de Alaor, perfecto en su cuasi inmersión budista de la que sale para resolver una jugada complicada.

La amenaza es Vinícius, que se debate más con el recuerdo de su mujer que con el Mandinga.

La primera pelota más fuerte que llega al gol, es gol.

La segunda pega en el travesaño.

La tercera es salvada en la línea por Alaor.

Na quarta, enfim, Vinícius intervém.

Ainda bem que Alex já fez três. E Sérgio um. E Alaor mais um, do meio da quadra, surpreendendo o rotineiro Badico.

Bolita dispara dois petardos e Vinícius nem vê. E fica nisso, 5 x 3.

– Só falta um nome! – exulta Alex Sander, gozando o alívio de quem não perdeu.

O alívio de quem não perdeu. Sensação às vezes superior à da vitória. Quem ali compartilhará com ele tal sentimento? Ninguém. Cada um é um estranho ligado agora pelo episódio. A humilhação imposta ao Mandinga.

Que nome dar a esse episódio? Para Sérgio é apenas a primeira partida e ele não sabe se haverá uma segunda. E tenta adverti-los. Atenção, a segunda será pior, independente do adversário. Talvez tenhamos ganhado porque, inocentes, não tivemos o terror do qual não se foge quando se vive uma pressão constante. Talvez tenhamos ganhado também porque nos concentramos com a facilidade de um início, quando tudo é novidade e dúvidas graves e necessárias passam despercebidas, e então superamos o obstáculo que não reconhecemos. Não por vaidade ou autoconfiança, mas por leveza mesmo.

Para Vinícius, o pior vem agora: a volta para casa, a mulher.

Alaor considera que o Mandinga é um blefe. Ri deles fingindo sorrir para eles.

loiô, na margem da quadra, massageando o calcanhar, está inconsolável, certamente muito mais machucado pela ausência na vitória do que pela dor da lesão.

– Pô, cara, que sujeira entrar daquele jeito! – reclama para Odd, que vai saindo, indiferente aos apelos do outro.

O ruivinho volta os olhos esperançosos para o bar: já viu cem jogos assim, mas o principal vem agora: consumidores de refrigerante e cerveja. Alex e loiô, os que têm mais sede, garantem-lhe a fêria do fim de semana.

Alaor observa o engradado de cerveja. Mais tarde, em casa, agarrado ao espeto de salsichões, esvaziará três ou quadro geladinhos.

Vinícius encara uma água mineral.

Sérgio vela a sede de todos e pergunta, como se ignorasse a resposta:

– Semana que vem vamos repetir a dose?

Os integrantes do Mandinga encaram:

– O raio não cai duas vezes no mesmo lugar...

loiô avisa:

– E não vai ser com quatro, vai ser com cinco.

Alex pensa: vamos piorar.

Faltam sete dias para o próximo domingo.

É muito tempo.

A la cuarta, por fin, Vinícius interviene.

Felizmente Alex ya hizo tres. Y Sérgio uno. Y Alaor uno más, desde media cancha, sorprendiendo al rutinario Badico.

Bolita dispara dos cañonazos que Vinícius ni ve. Y queda ahí, 5 a 3.

—¡Sólo falta un nombre! —dice, exultante, Alex Sander, gozando del alivio de quien no perdió.

El alivio de quien no perdió. Sensación superior a veces a la de triunfo. ¿Quién compartirá allí con él ese sentimiento? Nadie. Cada cual es un extraño ligado ahora por el episodio. La humillación impuesta al Mandinga.

¿Qué nombre dar a este episodio? Para Sérgio es apenas el primer partido y no sabe si habrá un segundo. Y trata de advertirlos. Atención, el segundo será peor, independiente del adversario. Tal vez hayamos ganado porque, inocentes, no tuvimos el terror del que no se puede escapar cuando se vive una presión constante. Tal vez hayamos ganado también porque nos concentramos con la facilidad del principiante, cuando todo es novedad y las dudas graves y necesarias pasan desapercibidas, y entonces superamos un obstáculo que no reconocemos. No por vanidad ni auto-confianza, sino por pura liviandad.

Para Vinícius, lo peor viene ahora: la vuelta a la casa, a la mujer.

Alaor considera que el Mandinga es un bleff. Se ríe de ellos, fingiendo que les sonríe.

Ioiô, a un costado de la cancha, masajeándose el talón, no tiene consuelo, ciertamente mucho más lastimado por su ausencia en la victoria que por el dolor de la lesión.

—¡Putá, loco, qué sucio entrarme de esa forma! —le reclama a Odd, que va saliendo, indiferente a la interpelación del otro.

El coloradito vuelve los ojos esperanzados hacia el bar; ya vio cien partidos así, pero lo principal viene ahora: consumidores de cerveza y gaseosa. Alex y Ioiô, los que más sed tienen, le cubren las ventas del fin de semana.

Alaor observa el cajón de cerveza. Más tarde, en casa, aferrado al brochet de salchichones, vaciará tres o cuatro heladitas.

Vinícius encara un agua mineral.

Sérgio vela por la sed de todos y pregunta, como si ignorase la respuesta:

—¿La semana que viene repetimos la dosis?

Los integrantes del Mandinga encaran:

—El rayo no cae dos veces en el mismo lugar...

Ioiô avisa:

—Y no va a ser con cuatro, va a ser con cinco.

Alex piensa: vamos a empeorar.

Faltan siete días para el próximo domingo.

Es mucho tiempo.

A marca



Ronaldo Cagiano

*Depois fica a marca. Depois fica o medo.
E depois fica a vida com seus dedos quebrados
tateando um mapa na tentativa de esquecer.*

Álvaro Alves de Faria

Lembrou-se de um sábado escuro e malfazejo em que a vida tinha lhe preparado uma triste recepção.

Naquele dia, havia recebido um telegrama: "Seu pai morreu de madrugada. Venha logo. Enterro amanhã, às quatro horas". Curta e grossa, a mensagem da mãe não tinha o menor sinal de dor, como se cumprisse um dever social como outro qualquer. A viuvez parecia um prêmio.

O caminho entre a Capital e Santa Rita não passava de trezentos quilômetros, mas a agonia o prolongava a um deserto intransponível e poeirento. O percurso delineava uma paranóia: W parecia não ver terminada a película da vida que rodava em sua cabeça. Seu rosto vagava e invadia o horizonte com olhar perplexo.

A cada lembrança, era o susto na descoberta do filho que poderia ter sido e não foi: a vida em si mesma mostrando o lado improvável, o que deixou de ser e que agora era irrecuperável. "É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã". A música de Renato Russo guilhotinava sua consciência. O trajeto multiplicava-se ao influxo de migalhas de remorsos interiores.

A imensa sala do sobrado (estaria cheia de gente velando o corpo do Seo Onofre?) não teria mais as tardes de crochê e conversas em que a mãe falava sozinha e o pai, sempre ausente, com seu silêncio e suas fugas psicológicas, fazia ouvidos moucos. As poucas lembranças do velho levam-no à sapataria, onde via uma bíblia sempre fechada na prateleira dos calçados reformados e o pai dando ordens e nenhum carinho. Só abria a boca para reclamar de W e nunca um agrado ou um aperto de mão (quando muito, um sorriso comercial); nunca um abraço a circular-lhe os ombros ou um beijo na face. Sempre uma distância e um olhar difuso, em que o pai parecia gravitar em outro mundo.

A única companhia durante anos naquela infância insossa era a do papagaio do verdureiro Eusébio, que fugia do quintal lindeiro para a laranjeira perto do tanque dos fundos. Era lá que W conversava a perder horas com a pequena criaturinha,

La marca



Ronaldo Cagiano

*Después queda la marca. Después queda el miedo.
Y después queda la vida con sus dedos quebrados
tanteando un mapa en la tentativa de olvidar.*

Álvaro Alves de Faria

Recordó un sábado oscuro y malvado en el que la vida le había preparado una triste recepción. Ese día había recibido un telegrama: “Tu padre ha muerto a la madrugada. Vení enseguida. Entierro mañana, a las cuatro”. Corto y denso, el mensaje de su madre no tenía el menor signo de dolor, como si cumplierse con un deber social como cualquier otro. La viudez parecía un premio.

El camino entre la capital y Santa Rita no superaba los trescientos kilómetros, pero la agonía lo prolongaba en un desierto interminable y polvoriento. El trayecto delineaba una paranoia: W. parecía no ver terminada la película de la vida que rodaba en su cabeza. Su rostro vagaba e invadía el horizonte con mirada perpleja.

A cada recuerdo le seguía el sobresalto por el descubrimiento del hijo que podría haber sido y no fue: la vida en sí misma, mostrando su lado improbable, lo que dejó de ser y que ahora era irrecuperable. “Es preciso amar a las personas como si no hubiese mañana”. La canción de Renato Russo guillotina su conciencia. El trayecto se multiplicaba al influjo de los restos de remordimientos interiores.

La inmensa sala de la casa de altos (¿estaría llena de gente velando el cuerpo de Don Onofre?) ya no tendría las tardes de crochet y conversaciones en que su madre hablaba sola y su padre, siempre ausente, con su silencio y sus fugas psicológicas, hacía oídos sordos. Los pocos recuerdos del viejo lo llevan a la zapatería, donde veía una biblia siempre cerrada en la estantería de los calzados reparados y su padre dando órdenes, y ningún cariño. Sólo abría la boca para quejarse de W., y nunca una gratificación o un apretón de manos (cuanto mucho, una sonrisa comercial); nunca un abrazo rodeándole los hombros o un beso en la cara. Siempre una distancia y una mirada difusa, en la que su padre parecía gravitar en otro mundo.

La única compañía durante años en aquella infancia insulsa era la del papagayo de Eusebio, el verdulero, que huía del patio vecino al naranjo cerca del estanque de los fondos. Allí W. conversaba por horas con la pequeña criatura, ensayando pequeñas

ensaiaando-lhe pequenas melodias que ele depois repetia em alto e bom som. *Esse papagaio parece uma maritaca, tira isso daqui, menino, me deixa em paz.*

A sua alegria estava fora de casa, longe da mãe apagada, do pai omissivo. De Corina, a empregada autoritária, mesmo que de mau humor, ainda prestava-lhe alguma atenção. Da tia doente da cabeça, que só tinha seu pai pra cuidar. Do irmão que não quis saber de nada e vivia pelos cantos. Da mais velha que casou e foi viver em São Paulo com um argentino que diziam ser filho de um nazista fugitivo e que veio após a guerra para a América Latina.

O quintal da casa da tia Honorina, no outro lado da cidade, que ia até a beira do rio, de onde contemplava as canoas dos tiradores da areia, parecia dar-lhe lições de despedida. Lá ele gostava de ficar, nas raras vezes em que a mãe ia visitar a irmã mais velha. Partir estava dentro dele. Coração partido, corpo apartado, muitas vezes sentiu vontade de mergulhar no rio Pomba e deixar que as águas o levassem leito abaixo: Aracaty, Vista Alegre, Santo Antônio de Pádua, São Fidélis... o Atlântico. A imensidão o atraía e preferia perder-se no mar continental a viver enclausurado e ocioso nos contrafortes de sua casa. Era a oportunidade de fazer o que queria, como naquela manhã de 17 de dezembro de 1977, já adolescente e leitor compulsivo, quando sonhou ir ao Père Lachaise para visitar o túmulo de Baudelaire, mas teve que se contentar em acompanhar o amigo depressivo ao cemitério de Leopoldina, onde se sentaram na lápide de Augusto dos Anjos e declamaram poemas. Paris parecia longe. Mas, se hoje mergulhasse naquelas águas no fim do quintal sem as amoreiras de antigamente (ah, nem o quintal era o mesmo: sem o chiqueiro, a casinha do Rex, os varais em que Zenaide, todas as tardes pendurava as roupas para quasar, o canteiro de cebolinhas, onde urinava com preguiça de ir até o banheiro, os pedaços de pneu velho em que a mãe plantava rosas miúdas, o mofo e as heras cobrindo os muros...), ainda seria a hora, poderia pelo menos duelar com seu destino imposto e sair de braçadas contra ele.

O cortejo já estava perto d: Ponte Velha, quando W desceu do ônibus perto do Clube do Remo. A maleta com poucos pertences parecia vacilar em suas mãos trêmulas, ele estacado ali, olhando como um estranho, e não sendo visto, o séqüito passando silencioso, aquelas cabeças sob guarda-chuvas solenes protegendo-se do sol da tarde tórrida. O som dos passos entreverados dos acompanhantes parecia impingir-lhe uma melodia surda. A sensação de impotência caminha com ele no breve e angustiante trajeto entre a calçada e o centro da rua, onde o caixão avança em marcha fúnebre, conduzido por umas pessoas desconhecidas. (W tinha ojeriza a papa-defuntos, necrológicos, panegíricos, encomendas religiosas, missas de réquiens, orações à beira do túmulo). Ainda não tinha sido reconhecido. A mãe enlutada, enfeixada por uma roupa escura, apertava o lenço contra o nariz, limpava os olhos que marejavam debaixo do véu. Contemplava, de braços dados com a empregada de três décadas, o carrinho da funerária com seus pneus que dançavam sobre os paralelepípedos. Não tinha visto o filho. Decerto, em seus pensamentos, amargava a possível ausência. Enquanto isso, cenas turbilhonavam em sua cabeça que procurava alcançar sobre as outras um ponto de fuga. Lembrou-se das poucas vezes em que

melodías que el papagayo repetía después en tono fuerte y claro. *Ese papagayo parece una cotorra, saque eso de aquí, chico, déjeme en paz.*

Su alegría estaba fuera de casa, lejos de la madre apagada, del padre omiso. De Corina, la empleada autoritaria, que aún de mal humor, le prestaba alguna atención. De la tía enferma de la cabeza, que sólo tenía a su padre para cuidar. Lejos de su hermano, que nunca quiso saber nada y vivía por los rincones. De la mayor, que se casó y se fue a vivir a San Pablo con un argentino que, decían, era hijo de un nazi fugitivo que vino después de la guerra para Sudamérica.

El patio de la casa de la tía Honoria, del otro lado de la ciudad, que iba hasta la vera del río, desde donde contemplaba las canoas de los areneros, parecía darle lecciones de despedida. Le gustaba quedarse allí, en las raras ocasiones en que su madre iba a visitar a su hermana mayor. Partir estaba dentro suyo. Muchas veces, el corazón partido, el cuerpo solitario, sintió ganas de sumergirse en el Pomba y dejar que las aguas lo llevaran río abajo: Aracaty, Vista Alegre, Santo Antônio de Pádua, São Fidelis... el Atlántico. La inmensidad lo atraía y prefería perderse en el mar continental que vivir enclaustrado y ocioso en las murallas de su casa. Era la oportunidad de hacer lo que quisiera, como en aquella mañana del 17 de diciembre de 1977, adolescente ya, y lector compulsivo, cuando soñó con ir al Père Lachaise para visitar la tumba de Baudelaire, pero tuvo que contentarse con acompañar a un amigo depresivo al cementerio de Leopoldina, donde se sentaron en la lápida de Augusto dos Anjos y declamaron poemas. París parecía lejos. Pero si hoy se zambullese en aquellas aguas al final del patio sin las moreras de entonces (ah, ni el patio era el mismo: sin el chiquero, la casita de Rex, las sogas en que Zenaide, todas las tardes, colgaba la ropa para blanquear al sol, el cantero de cebollines donde orinaba por pereza de ir hasta el baño, los trozos de cubierta vieja en los que su madre plantaba pequeñas rosas, el musgo y las hiedras cubriendo los muros...), todavía estaría a tiempo, podría por lo menos batirse a duelo con su destino impuesto y salir a las brazadas contra esa corriente.

El cortejo ya estaba cerca del Puente Viejo cuando W. bajó del ómnibus cerca del Club de Remo. La valija con pocas pertenencias parecía vacilar en sus manos trémulas, clavado allí, mirando como un extraño y sin ser visto, el séquito pasando silencioso, aquellas cabezas bajo solemnes paraguas protegiéndose del sol de la tarde tórrida. El sonido de los pasos entreverados de los acompañantes parecía imprimirle una sorda melodía. La sensación de impotencia camina con él en el breve y angustiante trayecto entre la vereda y el centro de la calle, donde el ataúd avanza en marcha fúnebre, conducido por gente desconocida. (W. tenía aversión a funebreros, necrológicas, panegíricos, responsos, misas de réquiem, oraciones al pie de la tumba). Todavía no lo habían reconocido. Su madre, enlutada, enfundada en una ropa oscura, apretaba el pañuelo contra la nariz, se limpiaba los ojos que se empapaban debajo del velo. Tomada del brazo de quien hacía tres décadas era su empleada, contemplaba el carrito de la funeraria con sus neumáticos danzando sobre los adoquines. No había visto a su hijo. Ciertamente, en sus pensamientos, la amargaba su posible ausencia. Mientras tanto, se arremolinaban escenas en la cabeza de él, que procuraba alcanzar, sobre las otras cabezas, un punto de fuga. Recordó las pocas veces en las que él y su padre habían ido juntos al matiné del Cine Machado para asistir a las incontables

ele e o pai foram juntos à matinê no Cine Machado assistir às incontáveis reprises de Peter Pan e Mazaroppi, seu primeiros e inesquecíveis filmes. Depois, o carrinho de pipoca numa das pontas da praça, a volta para a casa, descendo a rua da Estação até a fábrica velha, depois subindo a rua do Senai até o fim e no meio do caminho o jogar sinuca com o Nelinho no boteco do Clemente. Não se recorda de nada mais ameno, porque, fora isso, eram as ranhéticas de dona Aurora, as cobranças de seu pai, a proibição de brincar com o vizinho (*filho da Leninha, a desquitada*). *Cuidado, que a mãe dele não é boa bisca, o que vão falar da gente?* cansou de ouvir. Não, não queria ficar se remoendo, mas, inevitavelmente, as lembranças vinham, resistentes, apesar de tudo, como se algo tivesse detonado os arquivos secretos de tantas coisas esmiuçando-se de forma desagradável num momento daqueles.

Quando o acompanhamento estava subindo o morro da Industrial, W foi notado, entre frieza e distância. Primeiro a descrença, a palidez, a muda troca de olhares entre parentes e circunstantes. Iristes e desérticas, as pessoas diziam palavras convencionais. Depois, o abraço em soluços da mãe, sob as vistas ressabiadas dos mais próximos. Não disseram nada, apenas os mútuos braços inermes que se envolviam, no último adeus a quem chega ao seu momento, sem que nele despertassem outras sensações, senão a óbvia tristeza da partida, da perda e nenhuma outra menor comoção. Dever cristão – era isso o que sentiam mãe, filho, empregada, e o irmão, sempre alienado e ainda sem esboçar uma mínima crispação na face.

Diante da via estreita que divide a longa esplanada de sepulcros, um quadro de geométricas solidões. Seus olhos abismam por aquela realidade que nos espera um dia, além das frivolidades da alma, das lutas insondáveis do espírito. O choro não vem, a angústia encalacrada, o movimento lento de sua cabeça contorna em derredor da campa, onde dois coveiros entrelaçam as correntes para descer o esquife, entre movimentos das mãos para expulsar as moscas e o cheiro de cravo de defunto. Hora derradeira. De crepúsculo selvagem. De solidão e inércia da carne morta e agora encubada numa gaveta fria e numérica. De perguntas não respondidas. De nós não desatados. Do perdão que nunca foi construído. A vida nada diferente dela mesma, pensou.

Alguém fuma um cigarro, enquanto o caixão desce esbarrando nas laterais e pequenos tufo de terra vão sujando a tampa, que não foi aberta para as últimas despedidas. Ao ver a fumaça circunavegar sobre as cabeças paralisadas no último ato, ele imagina a vida se evolar sem deixar vestígios. Aos poucos, as pás de terra e cal vão se misturando às flores quase murchas atiradas na cova. Lembra-se da única vez em que em o pai o abraçou na vida: quando o irmão caçula foi enterrado naquela mesma sepultura, depois de ter sido esmagado pelo caminhão de areia do Agenor, que adentrou o portão da obra enquanto ele, em meio aos tapumes, vergalhões e restos de concreto, brincava de engenheiro e construía uma cordilheira com tampinhas de refrigerantes, quando ainda moravam na pracinha do Rosário, numa casa cuja construção se interrompeu para sempre, solitário esqueleto na praça difusa a lembrar um dia que ninguém esquece.

reposiciones de Peter Pan y Mazaroppi, sus primeras e inolvidables películas. Después, el carrito de la pipoca en una de las puntas de la plaza, la vuelta a casa, bajando por la calle de la Estación hasta la fábrica vieja, después subiendo por la calle del Senai hasta el final y en mitad de camino jugar billar con Nelinho en el bar de Clemente. No se acuerda de nada más ameno, porque, sacando eso, estaban las quejas de doña Aurora, los reclamos de su padre, la prohibición de jugar con el vecino (*hijo de la Leninha, la separada*). Se cansó de escuchar *Cuidado, que la mamá de él no es buena hierba, ¿qué van a decir de nosotros?*. No, no quería estar mortificándose, pero los recuerdos venían, inevitablemente, los recuerdos venían, resistentes, a pesar de todo, como si algo hubiese detonado los archivos secretos de tantas cosas pulverizándose de forma desagradable en un momento como aquel.

Cuando el cortejo estaba subiendo el morro de la Industrial, fue notada la presencia de W., entre frialdad y distancia. Primero la incredulidad, la palidez, el mudo intercambio de miradas entre parientes y otros presentes. Tristes y desérticas, las personas decían palabras convencionales. Después, el abrazo en sollozos de su madre, bajo las miradas desconfiadas de los más próximos. No se dijeron nada, apenas los mutuos brazos inermes que se envolvían, en el último adiós a quien llegó a su hora, sin que despertaran en él otras sensaciones, más que la tristeza obvia de la partida, de la pérdida, y ninguna otra conmoción. Deber cristiano, era eso lo que sentían madre, hijo, empleada, y el hermano, siempre ajeno y todavía sin esbozar la más mínima crispación en la cara.

Frente a la vía estrecha que divide la extensa explanada de sepulcros, un cuadro de soledades geométricas. Sus ojos se abisman por esa realidad que nos espera un día, más allá de las frivolidades del alma, de las luchas insondables del espíritu. El llanto no llega, la angustia embargada, el movimiento lento de su cabeza recorre el contorno de la tumba, donde dos sepultureros entrelazan las correas para bajar el féretro, entre movimientos de las manos para espantar las moscas y el olor de las caléndulas. Hora postrera. De crepúsculo salvaje. De soledad e inercia de la carne muerta y ahora envasada en una caja fría y numérica. De preguntas no respondidas. De nudos no desatados. Del perdón que nunca se construyó. La vida nada diferente de sí misma, pensó.

Alguien fuma un cigarrillo, mientras el cajón baja chocando en los lados, y pequeños terrones van ensuciando la tapa que no fue abierta para los últimos adioses. Al ver el humo circunnavegar por sobre las cabezas paralizadas en ese último acto, él se imagina la vida, disipándose, sin dejar rastros. Poco a poco, las paladas de tierra y cal se van mezclando con las flores medio marchitas arrojadas a la fosa. Recuerda la única vez en la vida en que su padre lo abrazó: fue cuando su hermano menor fue enterrado en aquella misma sepultura, después de haber sido aplastado por el camión de arena de Agenor —que se adentró en el portón de la obra— mientras jugaba, entre los vallados, perfiles y restos de concreto, a ser ingeniero, y construía una cordillera con tapitas de gaseosa, cuando todavía vivían en la placita del Rosario, en una casa cuya construcción se interrumpió para siempre, esqueleto solitario en la plaza difusa como recordatorio de un día que nadie olvida.

Até hoje a mancha de sangue no cimento é uma marca que não se diluiu. Dói-lhe com uma angústia crescente, redundante, a inscrever-lhe uma culpa irremediável. Foi ele quem mandou Serginho ir brincar nos fundos, para não incomodar a mãe que preparava o almoço para os peões.

Hasta hoy la mancha de sangre en el cemento es una marca que no se ha diluido. Le duele, con una angustia creciente, redundante, inscribiéndole una culpa irremediable. Él fue quien mandó a Serginho a jugar al fondo, para que no incomodara a su madre, que preparaba el almuerzo para los peones.

Vinho tinto, azeitona e cigarros



Suênio Campos de Lucena

A rodoviária velha e suja lembra aquelas ferrovias abandonadas que a gente sempre vê nos filmes antigos. Homens engravatados se despedindo de suas famílias, mulheres acenando para carregadores de malas. Tudo limpo e arrumado. Olho para os lados e me fixo no cão sarnento vasculhando um saco de lixo aberto. Ele se coça, parece faminto e triste enquanto come os restos de comida. Afixado numa pequena caixa de madeira riscada, um rádio transmite o festival da canção "direto do Rio". Também estou faminto, não comi quase nada durante a viagem. Ao descer do ônibus vejo se aproximar um velho. Recuo apavorado quando ele fala. É o filho dos Vieira Peixoto? Me pergunta e eu o reconheço vagamente, é aquele motorista? Como envelheceu... Sua mãe mandou pegar você. Jogo minha mochila de lona na mala esburacada do carro. Em poucos minutos, estou a caminho da casa do meu passado, Rua Dom Pedro II, 304, bairro de Santo Antônio, próxima à rua do Prado. Eu sei onde é, o velho me diz.

Não queria ter voltado, mas o mundo deu tantas voltas. Mundo este eternamente em transe, como no filme do Glauber e na *Roda-viva* do Chico, filmes e músicas e peças e livros que eu cultivava por causa da ideologia. Um dia acreditei que era possível mudá-lo. Agora estou aqui, de volta à cidade da infância, tão velha quanto pequena.

Nas cidades pequenas é como se existisse um grande e inesgotável ramo que se desdobra em muitos, todo mundo é filho de alguém e todos se conhecem, por isso é preciso ter cuidado com os forasteiros, eles não são bem vindos, me diz o velho. Ainda mais nesses tempos, diz cuspidando para fora e em seguida se põe a discursar a favor da pátria e contra os subversivos. Ele demora em falar a palavra, olha para os lados como se estivesse mais alguém além de nós dois, mas fala Comunistas! Saberá de algo? Penso acordando e começo a admirar a cidade, mas logo me fixo em meus pés sujos, não quero ver nada porque ao olhar para essa cidade ela me devolve um garoto pueril. Que horas são? Olho para o meu braço, mas vejo que meu relógio está parado, acabou de anoitecer e boa parte das casas já está fechada. Falo para o velho e me surpreendo com minha voz rouca. Estou exausto, mas mais que o cansaço me pesam as ilusões, o

Vino tinto, aceitunas, cigarrillos



Suênio Campos de Lucena

La terminal vieja y sucia recuerda a aquellas vías férreas abandonadas que siempre vemos en las películas antiguas. Hombres de corbata despidiéndose de sus familias, mujeres haciendo señas a los maleteros. Todo limpio y arreglado. Miro hacia los lados y me detengo en un perro sarnoso escarbando en una bolsa de basura abierta. Se rasca, parece hambriento y triste mientras come las sobras de comida. Confinada en una pequeña caja de madera rayada, una radio trasmite el festival de la canción “directo desde Río”. También estoy hambriento, no he comido casi nada durante el viaje. Al bajar del ómnibus veo a un viejo aproximarse. Retrocedo asustado cuando él dice, ¿Es el hijo de los Vieira Peixoto? Me pregunta y yo lo reconozco vagamente, ¿es aquel chofer? Cómo envejeció... Su madre me mandó a buscarlo. Tiro mi mochila de lona en el baúl agujereado del auto. En pocos minutos estoy camino a la casa de mi pasado, Rua Don Pedro II, 304, barrio Santo Antônio, cerca de la rua do Prado. Yo sé dónde es, me dice el viejo.

No quería volver, pero el mundo dio tantas vueltas. Mundo éste eternamente en trance, como en la película de Glauber y en la *Roda-viva* de Chico¹, películas y canciones y obras y libros que yo cultivaba por cuestiones ideológicas. Un día creí que era posible cambiarlo. Ahora estoy aquí, de vuelta a la ciudad de mi infancia, tan pequeña como vieja.

En las ciudades chicas es como si existiese un tronco grande e inagotable que se despliega en muchas ramas, todo el mundo es hijo de alguien y todos se conocen, por eso hay que tener cuidado con los forasteros, ellos no son bienvenidos, me dice el viejo. Menos aún en estos tiempos, dice escupiendo para afuera y enseguida se pone a discursar a favor de la patria y contra los subversivos. Demora en decir la palabra, mira hacia los lados como si hubiese alguien más, además de nosotros dos, al fin dice, ¡Comunistas! ¿Sabrá algo?, pienso, mientras voy despertando y empiezo a admirar la ciudad, pero enseguida me detengo en mis pies sucios, no quiero ver nada porque al mirar esta ciudad ella me devuelve un chico pueril. ¿Qué hora es? Miro mi brazo, pero compruebo que el reloj está parado, apenas anocheció y buena parte de las casas ya está cerrada. Le hablo al viejo y me sorprendo con mi voz ronca. Estoy exhausto,

1. N. de T.: El autor se está refiriendo al filme *Terra em transe* (1966) del cineasta Glauber Rocha (Vitória da Conquista, Bahia, 1939 - Río de Janeiro, 1981), figura destacada del *cinema novo*; y a la pieza tetral y su homónima musical *Roda Viva* (ambas de 1968) del músico y escritor Chico Buarque de Hollanda (Río de Janeiro, 1944).

desencanto, a sensação de derrota. Amigos e colegas desaparecendo, ouvia os relatos e começava a me achar impotente diante daquilo tudo, sabia que algo devia ser feito, mas o que? O que?! Às vezes cheguei a bater a cabeça na parede mas logo me acalmava, não havia muito que fazer. Àquela altura, só restava a guerrilha, mas ela me parecia um passo maior que eu, tão frágil. E medroso. Muitas vezes acordei chorando, a insônia me aturdindo, mas não queria me mostrar um fraco. As convulsões, o corpo suado, tremendo. Algumas respostas vinham quando estava com Miguel.

Pior estão os que foram pegos! Ele gritava quando me via reclamar, às vezes perdia a paciência comigo. Nos dias em que aparecia dinheiro comprávamos vinho tinto, azeitona e cigarros. Ele vinha então com a sua ternura e nos enlaçávamos tranqüilos, serenos. Então eu o abraçava apertado e o mundo me parecia menos cruel, mais humano. De repente perdia o medo e esquecia as bombas e os tanques de guerra. A pureza com que encarávamos aquilo tudo, ah, o mundo desabando e nós naquele quarto minúsculo. Mas felizes. De manhã, acordava ouvindo algum disco arranhado de Jimi Hendrix, *The Beatles*, Caetano Veloso, mas logo cedo ele me arrastava à praia. O calçadão com aquele calor. Eu me fortalecia vendo o mar, as crises pareciam ir embora diante daquele horizonte sereno, tranqüilo.

Nos conhecemos num sítio, onde fui acampar com amigos. Ele chegou num fim de tarde e logo foi apresentando seu plano de resistência. Eu pescava no riacho próximo, a faculdade em greve, então aproveitava para pensar que rumo dar a minha vida, daí quando voltei vi todo mundo reunido para ouvir as instruções daquele jovem, barba mal feita e calças frouxas que pareciam ir desabar a qualquer momento. Nos entreolhamos e me sentei, cumprindo o silêncio do lugar, barulhento apenas o sol lá longe se pondo. Me senti importante naquele dia, perto dele parecíamos decidir o destino da nação. Nos três dias seguintes nos reunimos em torno de uma grande mesa para ouvir as suas estratégias. Eu olhava seus cabelos, suas mãos, seus olhos até que fui chamado para falar. Fiquei corado na hora, por que eu?! À noite tudo ficou mais fácil quando alguém abriu uma garrafa de vinho e um pote de azeitonas frescas. Eu aprendia a fumar quando ele se aproximou e perguntou se eu aceitava um gole daquele vinho meio vagabundo. Sim, eu disse, aceito.

Tanta coisa acontecendo e eu voltando, de certa forma dando costas para tudo e assumindo essa minha covardia, silenciando o meu ódio, como Miguel fez questão de me lembrar antes de embarcar. Chorei muito nesses dois dias de viagem porque toda hora me vêm seus olhos, sua ternura. Chorei pelos meus amigos, pelos que não se calam perante o terror, mas ainda mais quando percebi que estava deixando-o. A imagem dele me acenando ainda é forte, mas tudo foi forte demais, sobretudo para o filho mimado dos Vieira Peixoto, criado distante da dor e do sofrimento do mundo. E se recordo assim é porque a

pero más que el cansancio me pesan las ilusiones, el desencanto, la sensación de derrota. Amigos y compañeros desapareciendo, oía los relatos y comenzaba a sentirme impotente ante todo aquello, sabía que algo debía hacerse, ¿pero qué? ¡¿Qué?! Algunas veces llegué a golpearme la cabeza contra la pared pero enseguida me calmaba, no había mucho que hacer. A esa altura, sólo quedaba la guerrilla, pero me parecía un paso mayor a mí mismo, tan frágil. Y medroso. Muchas veces desperté llorando, aturdido por el insomnio, pero no quería mostrarme débil. Las convulsiones, el cuerpo sudado, temblando. Algunas respuestas llegaban cuando estaba con Miguel.

¡Peor están los que fueron chupados!, gritaba él cuando me veía reclamar, a veces perdía la paciencia conmigo. En los días en que aparecía algún dinero comprábamos vino tinto, aceitunas y cigarrillos. Entonces él venía con su ternura y nos apretábamos, tranquilos, serenos. Ahí yo lo abrazaba fuerte y el mundo me parecía menos cruel, más humano. De repente perdía el miedo y olvidaba las bombas y los tanques de guerra. La pureza con que encarábamos todo aquello, ah, el mundo derrumbándose y nosotros en aquel cuarto minúsculo. Pero felices. A la mañana, me despertaba escuchando algún disco rayado de Jimi Hendrix, *The Beatles*, Caetano Veloso, pero bien temprano él me arrastraba a la playa. El *calçadão*² con aquel calor. Yo me hacía fuerte viendo el mar, las crisis parecían irse frente a aquel horizonte sereno, tranquilo.

Nos conocimos en una finca adonde fui a acampar con amigos. Él llegó una tarde-cita y enseguida fue presentando su plan de resistencia. Yo estaba pescando en un riacho cercano, la facultad de paro; aprovechaba para pensar qué rumbo darle a mi vida, y cuando volví, vi a todo el mundo reunido para oír las instrucciones de aquel joven, mal afeitado y con unos pantalones flojos que parecía se le iban a caer en cualquier momento. Cruzamos una mirada y me senté, acatando el silencio del lugar, apenas bajo el rumor del sol, poniéndose allá lejos. Ese día me sentí importante, cerca suyo parecíamos estar decidiendo el destino de la nación. En los tres días que siguieron nos reunimos en torno de una gran mesa para oír sus estrategias. Yo miraba sus cabellos, sus manos, sus ojos, hasta que me llamaron para hablar. En el acto me puse colorado. ¡¿Por qué yo?! A la noche todo fue más fácil cuando alguien abrió una botella de vino y un frasco de aceitunas frescas. Yo estaba aprendiendo a fumar cuando él se aproximó y me preguntó si aceptaba un trago de ese vino un poco ordinario. Sí, dije, acepto.

Todo lo que pasa y yo volviendo, de cierto modo dándole la espalda a todo y asumiendo mi cobardía, silenciando mi odio, como Miguel se encargó de recordarme antes de embarcar. He llorado mucho en estos dos días de viaje porque todo el tiempo me vienen sus ojos, su ternura. He llorado por mis amigos, por los que no se habían callado frente al terror, pero más todavía cuando me di cuenta que lo estaba dejando. Es fuerte todavía su imagen, saludándome, pero todo fue muy fuerte, sobre todo para el hijo mimado de los Vieira Peixoto, criado lejos del dolor y del sufrimiento del

2. N. de T.: *Calçadão* es, literalmente, "vereda ancha". Pero en este caso *o calçadão* remite a la ancha vereda que separa la Avenida Atlántica de la arena de la playa de Copacabana, en la ciudad de Río de Janeiro, conocida por su famoso dibujo de ondas superpuestas en blanco y negro, hecho en piedra portuguesa.

memória engana, eu sei, mas olho para trás e vejo que Miguel e esses dias ficaram em mim. Eles permanecem como algo bom, puro. Sei que não foi exatamente assim que tudo aconteceu, mas ao recordar vou construindo minha memória através das palavras.

A força das palavras! Ao passarmos em frente ao Instituto Educacional Vera Cruz peço ao velho para diminuir. Os paralelepípedos da Rua do Prado fazem o carro balançar e aproveito para olhar o colégio. Vejo o menininho entrando. Na lancheira, pão e ovo, às vezes suco. A fachada está diferente, foi reformada, onde o brasão com as iniciais IEVC? Em seu lugar, um néon azul anuncia descontos (50%!) para novas matrículas. Volto-me para trás e vejo o prédio sumir pelo vidro traseiro. A professora de Língua Portuguesa, dona Carminha. A força das palavras! Ela adorava falar isso. Nas aulas, enquanto fazíamos o ditado, percebi que gostava de conversar com um interlocutor imaginário, vez ou outra lhe peguei falando sozinha. Com quem conversava? Perguntei certa manhã, mas ela desconversou sorrindo. Depois soube que costumava falar sozinha porque não tinha marido nem filhos. Conversava com ela mesma.

Faltam poucas ruas. Ao ver lojas e casas e jardins me vem a infância. Pena que não consigo gozar o instante, a sensação é de ter levado um murro de punho cerrado. Ainda o estômago embrulhado, as náuseas, a fome dilacerante, a boca seca, mas sem vontade de comer. Olho os meus tênis sujos e penso nos amigos que ficaram no Rio. A cabeça enfiada dentro de tonéis enferrujados cheios d'água. Os choques com fios desencapados. O som alto do rádio para os colegas (cansados de serem torturados) não ouvirem os gritos, a dor, o desespero. O colega ao lado sendo despido e torturado. Gritos. Desmaios. Não! Gritei para Miguel, eu não suporto mais. Você precisa entender, eu não agüento mais isso, Miguel! Eu lhe disse, mas quando voltei vi sua cara de asco em ver um covarde, estava decepcionado comigo, queria que eu agisse qual aqueles samurais japoneses capazes de cometer um *haraquiri* por uma causa coletiva.

Peço ao velho para parar o carro, estou sem fôlego. Desço e tento aspirar o ar da noite como se tivessem me amordaçado. Respiro. Caminho até um boteco. A desculpa é beber água, mas preciso andar um pouco, o exercício talvez me faça recobrar os sentidos. Peço uma garrafa d'água gelada, tomo um gole e despejo o restante sobre minha cabeça, o gesto me faz sentir vivo. O ar da cidade continua o mesmo, a velha mornidão viscosa pregando no corpo.

Me sinto envergonhado em retornar para casa após trancar a faculdade, que meus pais tanto queriam que eu fizesse, após abandonar minha noiva, com quem eles tanto queriam que eu me casasse, após... Não queria revê-los, vão cobrar pelo garoto-esforçado-e-estudioso-dos-Vieira-Peixoto, mas nem eu sei mais onde ele ficou, daí o medo, a falta de ar, isso porque aquele Daniel que deixou essa cidadezinha estava esquecido – em que momento aquele garoto foi substituído por esse cara que não teve coragem de entrar para a luta armada? Você é um pequeno burguês, Miguel me disse num momento de grande angústia, quando todas as dúvidas do mundo me consumiam, justo quando começava a me lançar na grande causa da liberdade e deixava de lado os sonhos antigos,

mundo. Y si recuerdo así es porque la memoria engaña, yo lo sé, pero miro hacia atrás y veo que Miguel y aquellos días quedaron en mí. Permanecen como algo bueno, puro. Sé que no fue exactamente así como pasó todo, pero al recordar voy construyendo mi memoria a través de las palabras.

¡La fuerza de las palabras! Cuando pasamos frente al Instituto Educacional Vera Cruz le pido al viejo que aminore. Los adoquines de la Rua do Prado hacen que el auto se balancee y aprovecho para mirar el colegio. Veo al niño entrando. En la viandera, pan y huevo, a veces jugo. La fachada está cambiada, la reformaron, ¿adónde está el blasón con las iniciales IEVC? En su lugar, un neón azul anuncia descuentos (¡50%!) para las nuevas matrículas. Me doy vuelta y veo al edificio desaparecer por el vidrio trasero. La profesora de Lengua Portuguesa, doña Carminha. ¡La fuerza de las palabras! Ella adoraba decir eso. En clase, mientras hacíamos la composición, noté que le gustaba conversar con un interlocutor imaginario, una que otra vez la pesqué hablando sola. ¿Con quién conversaba?, le pregunté una mañana, pero ella, sonriendo, cambió de tema. Después supe que solía hablar sola porque no tenía marido ni hijos. Conversaba con ella misma.

Faltan pocas calles. Al ver negocios, casas y jardines me viene la infancia. Pena que no logro disfrutar el momento, la sensación es la de haber recibido un golpe con el puño cerrado. Persisten el malestar de estómago, las náuseas, el hambre mortificante, la boca seca, pero sin ganas de comer. Miro mis zapatillas sucias y pienso en los amigos que se quedaron en Río. La cabeza metida dentro de barriles oxidados llenos de agua. Los choques de la picana. El volumen alto de la radio para que los compañeros (cansados de ser torturados) no oigan los gritos, el dolor, la desesperación. El compañero a su lado siendo desnudado y torturado. Gritos. Desmayos. ¡No!, le grité a Miguel, yo no soporto más. ¡Tenés que entender, yo ya no aguanto más esto, Miguel!, le dije, pero cuando me di vuelta vi su cara de asco de estar viendo a un cobarde, estaba decepcionado de mí, quería que yo actuara como aquellos samurais japoneses, capaces de cometer *harakiri* por una causa colectiva.

Le pido al viejo que pare el auto, estoy sin aliento. Bajo y trato de aspirar el aire de la noche, como si me hubiesen amordazado. Respiro. Camino hasta un bar. La excusa es tomar agua, pero necesito caminar un poco, el ejercicio tal vez me haga recobrar los sentidos. Pido una botella de agua helada, tomo un trago y me tiro el resto sobre la cabeza, el gesto me hace sentir vivo. El aire de la ciudad sigue lo mismo, la vieja tibieza viscosa pegándose al cuerpo.

Me siento avergonzado por volver a la casa de mis padres después de dejar en suspenso la matrícula de la facultad, que ellos tanto querían que yo hiciera, después de abandonar a mi novia, con quien tanto querían que me casara, después de... No quería volver a verlos, van a reclamar por el muchacho-esforzado-y-estudioso-de-los-Vieira-Peixoto, pero ni yo sé dónde quedó, por eso el miedo, la falta de aire, eso porque aquel Daniel que dejó esta pequeña ciudad estaba en el olvido —¿en qué momento aquel muchacho fue sustituido por este tipo que no tuvo coraje de entrar en la lucha armada?—. Sos un pequeño burgués, me dijo Miguel en un momento de gran angustia, cuando todas las dudas del mundo me consumían, justo cuando empezaba a meterme en la gran causa de la libertad y dejaba de lado los antiguos sueños, repar-

dividido entre o-bom-aluno-da-faculdade e o guerrilheiro. As greves. As passeatas. As prisões. As mortes, os assassinatos, as execuções. Os tiroteios, os jornais clandestinos, os artistas censurados. Tanques e cavalos nas ruas. Políticos de esquerda, jornalistas mortos. Tantas vezes vi desespero nos nossos rostos. Pior é ter voltado, eu sei. Claro que me chamarão de covarde, mas ao saber que estava sendo procurado não suportei. Desde que botei os pés pra fora dessa cidade sabia que seria outro e me esforcei para isso, mas não consegui. Eu não consegui. Ao menos tentei, entende? É bom você saber disso de uma vez por todas. Eu tentei, Miguel.

O táxi pára no início da rua, muitos carros em volta, não temos como prosseguir. Passo a mão nos cabelos molhados. Pago ao velho e desço. Minha cabeça girando, mas tenho de ir em frente. Não é assim? Nem sabemos para onde ir, mas seguimos adiante mesmo que seja para levar um tombo logo no primeiro passo, mas precisamos avançar, avançar. Não fraquejar, não retroceder. Encaro a rua, mas não vejo a casa. Lanço a mochila sobre as costas e então percebo que se trata de uma multidão, uma festa. Olho ao redor e vejo que não existe mais a casa de dois quartos em que eu dormi num beliche com os irmãos. Os antigos terrenos ao lado tinham sumido e em seu lugar havia agora uma mansão. A casa da memória, que tantas vezes pensei rever, não existe mais.

As pessoas me vêem e sorriem e eu também sorrio, mas sem saber o que festejam. Na verdade, fico furioso ao vê-las felizes. Calculei chegar no dia do meu aniversário, mas queria comemorar num boteco, onde contaria o que fiz nesses três anos em que estive fora, quem sabe assim deixariam de falar que sou a ovelha negra, um estorvo que só significa dinheiro e mais dinheiro. Era noite de sábado e eu pensava comemorar minha volta com meus irmãos, saber de suas vidas. E saber da querida Lúcia. Ela estava grávida e usei isso como pretexto para voltar, mas Miguel não quis ouvir. É por um tempo, eu lhe disse minutos antes de entrar no ônibus.

Sábado, sete de dezembro de 1968. Deixei a cidade na quinta-feira fazendo planos de chegar no interior no sábado, dia do meu aniversário. Sábado é dia de festa, e por isso imaginei que seria o melhor dia, quem sabe eles me dariam um pouco de afeto. Agora estou aqui, sujo, maltrapilho, tendo de encará-los e a impressão era ter entrado num outro mundo.

Ao entrar na grande casa, as pessoas me apontam, parecem não saber quem sou. Incrédulo fico eu ao ver sentada junto a uma grande mesa de mogno a esposa de um general. A mãe me olha e baixa a cabeça. Veste um longo vestido azul claro, as mãos repletas de jóias. Vem em minha direção. Vamos para a cozinha, fala baixinho e me arrasta segurando meu braço. Atravessamos duas salas, portas se abrem em arcos e entramos numa cozinha repleta de serviçais, cozinheiros, garçons. Ela me examina como se só agora acreditasse que eu estava ali:

- Você passa esse tempo fora de casa e aí chega assim todo sujo, Daniel?
- Hoje é sete de dezembro, meu aniversário, mãe.
- Eu sei. Você não precisa me lembrar do seu aniversário.

tido entre el buen-estudiante-de-la-facultad y el guerrillero. Las huelgas. Las marchas. Las detenciones. Las muertes, los asesinatos, las ejecuciones. Los tiroteos, los diarios clandestinos, los artistas censurados. Tanques y caballos en las calles. Políticos de izquierda, periodistas muertos. Tantas veces vi la desesperación en nuestros rostros. Peor es haber vuelto, lo sé. Claro que me llamarán cobarde, pero cuando supe que me buscaban no lo soporté. Desde que puse los pies fuera de esta ciudad, sabía que sería otro, y me esforcé para eso, pero no lo logré. No lo logré. Al menos lo intenté, ¿entendés? Tenés que saberlo de una buena vez. Lo intenté, Miguel.

El taxi para en el inicio de la calle, hay muchos autos alrededor, no tenemos cómo continuar. Me paso la mano por el pelo mojado. Le pago al viejo y bajo. Mi cabeza gira, pero tengo que seguir adelante. ¿No es así? No sabemos adónde ir, pero seguimos adelante aunque sea para tropezar al primer paso, pero necesitamos avanzar, avanzar. No flaquear, no retroceder. Encaro la calle, pero no veo la casa. Cargo la mochila en la espalda y entonces veo que se trata de una multitud, una fiesta. Miro alrededor y veo que ya no existe la casa de dos cuartos en la que yo había dormido en una cucheta, con mis hermanos. Habían desaparecido los antiguos terrenos de al lado, y en su lugar había ahora una mansión. La casa de la memoria, que tantas veces pensé volver a ver, no existe más.

La gente me ve y sonrío y yo también sonrío, pero sin saber qué se está festejando. La verdad, me pone furioso verlos felices. Hice el cálculo para llegar el día de mi cumpleaños, pero quería celebrar en un bar, donde contaría lo que había hecho en estos tres años en que estuve fuera, quién sabe así dejarían de decir que soy la oveja negra, un estorbo que sólo significa dinero y más dinero. Era sábado a la noche y yo pensaba festejar mi regreso con mis hermanos, saber de sus vidas. Y saber de la querida Lúcia. Ella estaba embarazada y usé eso como pretexto para volver, pero Miguel no quiso saber nada. Es por un tiempo, le dije minutos antes de entrar en el ómnibus.

Sábado, siete de diciembre de 1968. Dejé la ciudad el jueves calculando llegar al interior el sábado, día de mi cumpleaños. El sábado es día de fiesta, y por eso imaginé que sería el mejor día, quién sabe, tal vez me darían un poco de afecto. Ahora estoy aquí, sucio, roto, teniendo que enfrentarlos y la impresión es la de haber entrado en otro mundo.

Al entrar a la gran casa la gente me señala, parecen no saber quién soy. Yo quedo de una pieza al ver sentada junto a una gran mesa de caoba a la esposa de un general. Mamá me mira y baja la cabeza. Viste un largo vestido azul claro, las manos repletas de joyas. Viene en dirección a mí. Vamos a la cocina, dice por lo bajo y me arrastra sujetándome del brazo. Atravesamos dos salas, se abren puertas en arcos y entramos en una cocina repleta de empleados, cocineros, mozos. Ella me examina, como si sólo ahora pudiese creer que estoy allí.

—¿Pasás todo este tiempo lejos de casa y llegás así, todo sucio, Daniel?

—Hoy es siete de diciembre, mi cumpleaños, mamá.

—Ya lo sé. No necesito que me recuerdes tu cumpleaños.

De volta, as broncas de sempre se perdendo em meio ao som alto, o vozerio, o tilintar de copos. Olho e vejo o mármore, a cerâmica nova, os cristais. Balanço a cabeça. E Lúcia, onde estava minha irmã?

– Vamos, não vou perder mais tempo. Cansada de falar e você não me dá atenção. No fim, acaba fazendo o que quer. Eu tenho de receber muita gente ainda, amanhã a gente conversa. Venha, vou pedir a um de seus irmãos para ver uma roupa pra você...

– Me solte! – As palavras saíram roucas. Ao me ouvir, os empregados se entreolharam espantados. Só agora pareciam entender que se tratava de mais um filho dos Vieira Peixoto, mas logo voltaram à correria. Alcancei uma taça d'água e enguli de vez. Limpei o suor.

– Você chega todo cheio da razão na noite de abertura da nossa casa nova. Nesses anos eu e seu pai não temos feito outra coisa a não ser mandar dinheiro pra você e agora chega você gritando.

– Pensei que era uma festa para comemorar meu aniversário, mãe. A senhora sabe quem é aquela mulher que está sentada junto à mesa?

– É Clotilde, mulher do doutor Leônidas.

– Doutor Leônidas é um general do Exército, mãe. A senhora sabe que estamos vivendo uma ditadura? Repressão, mortes, censura? A senhora não pode convidar essa gente! Eles são um bando de criminosos.

Ela me olhou impaciente, parecia não acreditar no que via. Por um momento, pensei que fosse me matar ali.

– Essas pessoas é que formam a nossa sociedade, você não pode negar isso. Seu pai está se tornando um homem influente, com contatos em Brasília. Você está fugindo, não é? Só isso para fazer você voltar pra cá. O que foi dessa vez, Daniel? O que há de errado?

– Mãe, os militares estão prendendo gente, estão torturando, matando! Não sou eu quem está errado, são eles, a senhora precisa entender isso.

– Se você fez algo é melhor fugir. Eu e seu pai podemos... Você ainda não me disse porque decidiu voltar. O que houve?

– Me envolvi em ações contra a ditadura. Passeatas, confecção de panfletos, levantando fundos para garantir a liberdade de opinião.

– Eu sabia! Eu sabia! Tanto filho de gente que sai daqui pra estudar fora e volta doutor, mas você esquece os estudos pra se meter com comunistas. Você estudar em São Paulo e não pra se meter com política.

Dois cozinheiros se esbarraram carregando grandes bandejas. Uma delas quase foi ao chão. Um copo se espatifou no chão. Ela se abaixou e apanhou os cacos.

– Onde está Lúcia?

Ela demorou a responder. Olhou-me nos olhos e continuou muda por um longo tempo.

– Na maternidade.

– Claro, eu sei, mãe. Só me admira saber de Lúcia sozinha na maternidade e vocês aqui dando um jantar para militares!

De nuevo las broncas de siempre perdiéndose en medio del volumen alto, el voce-
río, el tintinear de vasos. Miro y veo el mármol, la loza nueva, la cristalería. Sacudo la
cabeza. Y Lúcia, ¿adónde estaba mi hermana?

—Vamos, yo no voy a perder un minuto más. Cansada estoy de hablarte y vos no
me prestás atención. Al fin terminás haciendo lo que te da la gana. Yo tengo que reci-
bir a mucha gente todavía, mañana conversamos. Vamos, le voy a pedir a alguno de
tus hermanos algo de ropa para vos...

—¡Sueltemé! —las palabras salieron roncadas. Al oírme, los empleados se miraron
espantados. Sólo en ese momento parecieron entender que se trataba de un hijo más
de los Vieira Peixoto, pero enseguida volvieron a su trajín. Alcancé una copa de agua
y tomé de una vez. Me limpié el sudor.

—Llegás así todo lleno de razones la noche de la inauguración de nuestra casa
nueva. En estos años tu padre y yo no hemos hecho otra cosa que mandarte dinero,
y ahora venís a gritar.

—Pensé que era una fiesta para celebrar mi cumpleaños, mamá. ¿Usted sabe quién
es aquella mujer que está sentada a la mesa?

—Es Clotilde, la mujer del doctor Leônidas.

—El doctor Leônidas es un general del Ejército, mamá. ¿Usted no sabe que esta-
mos viviendo una dictadura? ¿Represión, muertes, censura? ¡No puede invitar a esa
gente! ¡Son una banda de criminales!

Me miró impaciente, parecía no creer en lo que veía. Por un momento pensé que
iba a matarme allí mismo.

—Esas personas forman parte de nuestra sociedad, no podés negarlo. Tu padre se
está volviendo un hombre influyente, con contactos en Brasilia. Estás huyendo, ¿no?
Es lo único que te puede hacer volver acá. ¿Qué fue esta vez, Daniel? ¿Qué está mal
ahora?

—¡Mamá, los militares están apresando gente, están torturando, matando! No soy
yo el que está equivocado, son ellos, usted tiene que entender eso.

—Si vos hiciste algo es mejor huir. Tu padre y yo podemos... Todavía no me dijis-
te por qué decidiste volver. ¿Qué pasó?

—Me metí en acciones contra la dictadura. Marchas, impresión de planfletos,
colecta de fondos para garantizar la libertad de opinión.

—¡Yo sabía! ¡Sabía! Tanto hijo de gente que se va de aquí para estudiar afuera y
vuelve doctor, pero vos te olvidás de los estudios para meterte con comunistas. Fuiste
a San Pablo a estudiar, no para meterte en política.

Dos cocineros que llevaban grandes bandejas se chocaron. Una de ellas casi se va al
suelo. Un vaso se hizo trizas en el piso. Ella se agachó y juntó los pedazos.

—¿Dónde está Lúcia?

Demoró en responder. Me miró a los ojos y siguió muda por un largo rato.

—En la maternidad.

—Ya lo sé, mamá. Me sorprende nomás saber que Lúcia está sola en la materni-
dad, ¡y ustedes aquí dando una cena para militares!

— Fale baixo. Se está é porque quis. Brigou com seus irmãos, brigou comigo, com seu pai, saiu de casa feito cão sem dono. Já teve várias ameaças de parto, essa é a terceira... Ninguém sabe quem é o pai dessa criança. Aposto que é de um sujeito aí que veio dar umas aulas no colégio, pois se engraçou com ele, mas onde está esse sujeito? Tive que pedir ao diretor do colégio para não demiti-la, isso porque todo mundo anda falando dela na cidade. Mas sabe o que ela fez? Pediu demissão do colégio e disse que vai embora daqui. Disse que não ia dividir o mesmo teto comigo, me chamou de alienada, e que não ia criar o filho dela perto de nós. A gente não bota filho no mundo pra ouvir isso, Daniel. Vocês são um desgosto na minha vida. Incapaz de me dar uma alegria. Uma felicidade. Uma vergonha. — Dois dias viajando, zonzinho de tantas curvas, subidas e descidas de estradas, os amigos presos e torturados, Miguel com suas cobranças, seus carinhos, suas verdades e idealismos e quando resolvo voltar no dia do meu aniversário encontro a mãe dando uma festa para militares. As lágrimas começaram a cair. Tinha de deixar aquela casa antes que começasse a quebrar tudo, estava com ódio.

— Vou ficar com Lúcia. Não me espere porque eu também não volto.

Bati a porta da cozinha e saí pelos fundos. Corri, corri muito como se meu corpo atravessasse ruas e becos e vielas sem cansar, o coração disparado e eu correndo alucinado, como se quisesse voar, me lançando para frente. Corri como se só assim eu conseguisse esquecer tudo, eu e meu corpo qual cavalo, qual atleta olímpico, suado, exausto, como se minha vida dependesse disso. Em poucos minutos cheguei à maternidade. Entrei suado, mas há muito não me sentia tão relaxado. O prédio estava praticamente vazio, que horas são? Perguntei-me mais uma vez sem conseguir descobrir. Caminhei pelos corredores vazios pressentindo que devia ser entre oito e nove da noite, reconheci ao ver os mosquitos, a conhecida revoada com que brincava quando criança, muitas vezes a mãe vinha me pegar na rua impaciente após ter me chamado tantas vezes e eu não atender.

Abri uma portinhola que dava para a sala de parto e dei de cara com Lúcia deitada sobre uma maca branca. Um filete de suor escorria em seu rosto. Retomei a minha respiração ofegante. Quando me viu, sua face se abrandou e ela sorriu. Daniel, falou baixinho enquanto eu lhe abraçava também sorrindo. Sua barriga estava imensa. Ficamos por algum tempo completamente mudos, nos admirando quietos. Ela estava inchada, vez em quando se contraía, não devia falar, avisou a parteira. É hoje, ela me disse. Ele estava esperando você chegar, só pode ser isso, Daniel. Vai nascer agora à noite, no mesmo dia que você. Sorriu, mas logo depois ficou séria, parecia cansada.

— Você deve estar sofrendo muito, não é, Lúcia?

— As dores vão e vêm, mas passam. Pior é a gente dessa cidade. A mãe não aceita que a sua filhinha tenha se envolvido com um cara que não seja das tradicionais famílias dessa cidade, tipo aquela noiva que arranjaram pra você, a Solange, lembra? Você caiu fora em tempo, mas eu fiquei aqui. Já fui muito humilhada nessa história, Daniel. Você não imagina o que já ouvi desde que engravidei.

— A mãe está dando uma festa.

— Eu sei. Ela me odeia.

—Baja la voz. Si está sola es porque ella quiso. Se peleó con tus hermanos, se peleó conmigo, con tu padre, salió de casa como perro sin dueño. Tuvo varias amenazas de parto, esta es la tercera... Nadie sabe quién es el padre de ese niño. Apuesto a que es de un sujeto que vino a dar unas clases al colegio, porque se enamoró de él, pero ¿dónde está ese tipo? Tuve que pedirle al director del colegio para que no la echara, porque todo el mundo anda hablando de ella en la ciudad. ¿Y sabés lo que hizo? Pidió la baja en el colegio y dijo que se iba de aquí. Dijo que no iba a compartir el mismo techo conmigo, me llamó alienada, y que no iba a criar un hijo de ella cerca de nosotros. Una no trae hijos al mundo para escucharles esas cosas, Daniel. Ustedes son un disgusto en mi vida. Incapaces de darme una alegría. Una felicidad. Una vergüenza—. Dos días viajando, atontado de tanta curva, subidas y bajadas de las rutas, los amigos presos y torturados, Miguel con sus reclamos, sus cariños, sus verdades e idealismos, y cuando resuelvo volver en el día de mi cumpleaños encuentro a mi madre dando una fiesta para militares. Empezaron a caérseme las lágrimas. Tenía que dejar aquella casa antes de que comenzara a romper todo, estaba lleno de furia.

—Me voy a quedar con Lúcia. No me espere, porque yo tampoco vuelvo.

Di un portazo en la cocina y salí por el fondo. Corrí, corrí mucho, como si mi cuerpo atravesara calles y callejones y callecitas sin cansarse, el corazón disparado y yo corriendo, alucinado, como si quisiera volar, lanzándome hacia adelante. Corrí como si sólo así lograra olvidar todo, yo y mi cuerpo como un caballo, como un atleta olímpico, sudado, exhausto, como si en eso me fuera la vida. En pocos minutos llegué a la maternidad. Entré transpirado, pero hacía mucho que no me sentía tan relajado. El edificio estaba prácticamente vacío. ¿Qué hora es?, me pregunté nuevamente sin conseguir saberlo. Caminé por los pasillos vacíos imaginando que debían ser entre las ocho y las nueve de la noche, lo confirmé al ver los mosquitos, esa bandada conocida con la que jugaba cuando niño, muchas veces mamá venía a buscarme a la calle impaciente después de haberme llamado muchas veces y yo sin responderle.

Abrí una puertita que daba a la sala de partos y de golpe me encontré con Lúcia recostada sobre una camilla blanca. Un hilillo de sudor se escurría por su rostro. Mi respiración volvió a agitarse. Cuando me vio, su cara se ablandó y sonrió. Daniel, dijo bajito mientras yo la abrazaba, sonriendo también. La panza estaba inmensa. Nos quedamos por algún tiempo completamente mudos, contemplándonos, serenos. Ella estaba hinchada, de vez en cuando se contraía, no debía hablar, le ha advertido la partera. Es hoy, me dijo ella. Él estaba esperando que vos llegaras, sólo puede ser eso, Daniel. Va a nacer ahora, a la noche, el mismo día que vos. Sonrió, pero después se puso seria. Parecía cansada.

—Debés estar sufriendo mucho, ¿no, Lúcia?

—Los dolores van y vienen, pero pasan. Peor es la gente de esta ciudad. Mamá no acepta que su hijita se haya metido con un tipo que no sea de las familias tradicionales de esta ciudad, como aquella novia que te consiguieron, Solange, ¿te acordás? Vos te fuiste a tiempo, pero yo me quedé aquí. Ya me han humillado mucho con esta historia, Daniel. No te imaginás lo que he escuchado desde que quedé embarazada.

—Mamá está dando una fiesta.

—Ya sé. Me odia.

– Engraçado que eu tenho essa mesma impressão.
– É, mas você é homem. Os homens sofrem menos.
– Mas por que você não me escreveu, Lúcia?! Poxa, eu não estava sabendo de nada... E agora, para onde você vai?

– Venha, me dê sua mão, acho que é hoje. As contrações estão muito fortes. Que bom que você veio, eu agora me sinto mais segura. Quando li sua carta nem acreditei, pensei que fosse lorota sua... A mãe deve ter lido, vivia mexendo nas minhas coisas.

– Você sozinha nessa maternidade, Lúcia!

Ao lado, uma máquina provocava um zumbido insistente. Ela se contraiu, tentou rir, mas devia estar sentindo muitas dores. Virei-me para um armário e esmurrei a porta.

– Estou tão cansado, Lúcia. Me sentindo um covarde diante de tudo, entende? Daí chego aqui e encontro você assim...

– Calma, Daniel. Vou dar o seu nome a ele.

Dei-lhe as costas, olhei para o armário. A moça estava visível. Quis evitar as lágrimas. Abracei-a mais uma vez.

– Melhor não. Com nomes iguais sua vida pode se complicar.

– Você não acha que é melhor fugir?

– Mas eu já estou fugindo! Saí do Rio com a cabeça a mil, a cidade fervendo e eu aqui... Como se fosse fácil. Eu não quero fugir do meu país, acho isso um absurdo! Não fiz nada para ter de sumir do meu país assim.

– Eu sei. – Ela voltou-se para mim. – Você não vai ficar, não é, Daniel?

– Vou. Vou sim, Lúcia.

– Não, você não vai, eu sei. É fraco como eu. Daniel, não se culpe. Tanta gente morrendo... Fuja enquanto é tempo.

Antes de terminar a frase a enfermeira entrou e a levou. Mal pude beijar sua mão e lhe desejar boa sorte. Ela se contorceu e sumiu. Tentei, mas não me deixaram entrar. Caminhei a esmo pelos corredores brancos, frios. Pensei na minha vida, na besteira que foi retornar à cidade, como se com isso conseguisse fugir de tudo. Arrastei-me pelo prédio até me sentar num canto de um corredor. Sentei e ouvi um tique-taque. Olhei para o alto e vi um grande relógio de parede afixado ao lado de um crucifixo de madeira. Tentei ver as horas, mas meus olhos ardiavam. De qualquer forma, o ponteiro do segundo estava parado, o tempo parou por aqui. Fiquei pensando nessa coincidência, meu sobrinho nasceu no mesmo dia que eu. Meu aniversário e eu esperando o parto de minha irmã. Quis gritar, mas calei. Estava tão cansado, a cabeça doendo, um simples movimento nas pernas e braços me doía. Deitei no banco e senti minhas forças minguando. Dois dias sem comer, estava impregnado de café, cigarro e restos de sexo com Miguel. A sua calça de boca larga contrastando com a grande fivela do cinto. A bata deixava à mostra o peito cabeludo. Duas grandes argolas pendiam quase coladas a uma cruz. Ele sorria enquanto acendia seus cigarrinhos e rodava textos no mimeógrafo, aquilo era a sua revolução. No sonho, Lúcia pedia minha ajuda, que

—Qué gracioso, yo tengo esa misma impresión.

—Sí, pero vos sos hombre. Los hombres sufren menos.

—¿Pero por qué no me escribiste, Lúcia?! Puta che, yo no estaba al tanto de nada... Y ahora, ¿adónde vas a ir?

—Vení, dame la mano, creo que es hoy. Las contracciones son muy fuertes. Qué bueno que viniste. Ahora me siento más segura. Cuando leí tu carta no pude creer, pensé que eran macanas tuyas... Mamá debe haberla leído, vivía hurgando mis cosas.

—¡Vos solita en la maternidad, Lúcia!

Al lado, una máquina provocaba un zumbido insistente. Ella se contrajo, trató de reír, pero debía estar sintiendo muchos dolores. Me di vuelta hacia un armario y di una trompada en la puerta.

—Estoy tan cansado, Lúcia. Me siento un cobarde frente a todo, ¿entendés? Y luego acá, y te encuentro así...

—Calma, Daniel. Le voy a poner tu nombre.

Le di la espalda, miré hacia el armario. Se veía la abolladura. Quise evitar las lágrimas. La abracé una vez más.

—Mejor que no. Con nombres iguales se le puede complicar la vida.

—¿No te parece que es mejor huir?

—¡Pero si ya estoy huyendo! Salí de Río con la cabeza a mil, la ciudad hirviendo y yo aquí... Como si fuera fácil. Yo no quiero huir de mi país, ¡me parece un absurdo! No hice nada para tener que irme del país, así.

—Yo lo sé —ella se volvió hacia mí— No te vas a quedar, ¿no, Daniel?

—Sí, sí me quedo, Lúcia.

—No, no te vas a quedar, yo sé. Sos débil como yo, Daniel, no te culpes. Tanta gente que muere... Andate mientras hay tiempo.

Antes de terminar la frase entró la enfermera y la llevó. Apenas pude besar su mano y deseársela buena suerte. Ella se retorció, y desapareció. Traté, pero no me dejaron entrar. Caminé sin rumbo por los pasillos blancos, fríos. Pensé en mi vida, en la estupidez que fue volver a la ciudad, como si con eso consiguiera huir de todo. Me arrastré por el edificio hasta sentarme en el escalón de un pasillo. Me senté y oí un tic-tac. Miré hacia arriba y vi un gran reloj de pared fijado al lado de un crucifijo de madera. Traté de ver la hora, pero me ardían los ojos. De todos modos el segundero estaba parado, el tiempo paró por aquí. Me quedé pensando en esa coincidencia, la de nacer mi sobrino en el mismo día que yo. Mi cumpleaños y yo esperando el parto de mi hermana. Quise gritar, pero me callé. Estaba tan cansado, me dolía la cabeza, un simple movimiento en los brazos y piernas me dolía. Me acosté en un banco y sentí menguar mis fuerzas. Dos días sin comer, estaba impregnado de café, cigarrillo y restos de sexo con Miguel. Su pantalón pata de elefante en contraste con la gran hebilla del cinto. La bata dejaba al descubierto el pecho peludo. Dos grandes argollas pendían, casi pegadas a una cruz. Él sonreía mientras encendía sus cigarrillos e imprimía textos en el mimeógrafo, eso era su revolución. En el sueño, Lúcia pedía mi ayuda, que no dejara que se llevaran a su niño, ¡por favor, Daniel, tenés que reaccionar! Durante las pocas horas que dormí escuché sin parar el llanto de un niño.

não deixassem levar sua criança, Por favor, Daniel, você precisa reagir! Nas poucas horas em que dormi ouvi sem parar o choro de uma criança.

Acordei (que horas?) com um militar gritando meu nome. Atrás dele, a mãe chorando. Levei as mãos ao bolso procurando cigarros. Foi quando ouvi do homem que, em consideração à mãe, uma senhora distinta de família ilustre, teria de deixar o país ou seria fichado como preso político.

O domingo surgiu cinzento. Olhei para o alto e vi as grossas grades de ferro cruzadas. O militar anunciava uma escolta de soldados que me levaria ao aeroporto mais próximo. Eu teria mesmo de deixar o meu país. Exílio.

Me desperté (¿a qué hora?) con un milico gritando mi nombre. Detrás de él, mi madre, llorando. Metí las manos en los bolsillos, buscando los cigarrillos. Fue cuando escuché decir al hombre que, en consideración a mamá, una distinguida señora, de familia ilustre, tendría que dejar el país o sería fichado como preso político.

El domingo amaneció ceniciento. Miré hacia arriba y vi las gruesas rejas de hierro cruzadas. El milico anunciaba una escolta de soldados que me llevaría al aeropuerto más próximo. Tendría que dejar el país. Exilio.

Solar dos príncipes



Marcelino Freire

Quatro negros e uma negra pararam na frente deste prédio. A primeira mensagem do porteiro foi: "Meu Deus!". A segunda: "O que vocês querem?" ou "Qual o apartamento?". Ou "Por que ainda não consertaram o elevador de serviço?".

"Estamos fazendo um filme", respondemos.

Caroline argumentou: "Um documentário". Sei lá o que é isso, sei lá, não sei. A gente mostra o documento de identidade de cada um e pronto.

"Estamos filmando."

Filmando? Ladrão é assim quando quer seqüestrar. Acompanha o dia-a-dia, costumes, a que horas a vítima sai para trabalhar. O prédio tem gerente de banco, médico, advogado. Menos o síndico. O síndico nunca está.

- De onde vocês são?
- Do Morro do Pavão.
- Viemos gravar um longa-metragem.
- Metra o quê?

Metralhadora, cano longo, granada. Não disse? Vou correr. Nordestino é homem. Porteiro é homem ou não é homem? Caroline dialogou: "A idéia é entrar num apartamento do prédio, de supetão, e filmar, fazer uma entrevista com o morador."

O porteiro: "Entrar num apartamento?"

O porteiro: "Não."

O pensamento: "Tô fodido."

A idéia foi minha, confesso. O pessoal vive subindo o morro para fazer filme. A gente abre as nossas portas, mostra as nossas panelas, merda.

Solar de los Príncipes



Marcelino Freire

Cuatro negros y una negra se han parado frente a este edificio. El primer mensaje del portero ha sido: “¡Dios mío!”. El segundo: “¿Qué quieren ustedes?” o “¿Cuál departamento?”. O “¿Por qué todavía no han arreglado el ascensor de servicio?”.

“Estamos haciendo una película”, respondemos.

Carolina argumentó: “Un documental”. Vaya a saber lo que es eso, vaya a saber, no sé. Mostramos el documento de identidad de cada uno y listo.

“Estamos filmando.”

¿Filmando? Así hace el ladrón cuando quiere secuestrar. Acompaña el día a día, las costumbres, a qué hora la víctima sale a trabajar. En este edificio hay gerentes de banco, médicos, abogados. Todo, menos el administrador. El administrador no está nunca.

—¿De dónde son ustedes?

—Del Morro do Pavão.

—Vinimos a grabar un largometraje.

—¿Metra qué?

Metrallera, caño largo, granada. ¿No te dije? Voy a correr. El nordestino es bien hombre. El portero, ¿es o no es hombre? Carolina dialogó: “La idea es entrar en un departamento del edificio, de sopetón, y filmar, hacer una entrevista a quien vive allí”.

El portero: “¿Entrar en un departamento?”

El portero: “No.”

El pensamiento: “Toy jodido.”

La idea fue mía, confieso. Viven subiendo al morro para hacer películas. Nosotros abrimos nuestras puertas, mostramos nuestras ollas, carajo.

Foi assim: comprei uma câmera de terceira mão, marcamos, ensaiamos uns dias. Imagens exclusivas, colhidas na vida da classe média.

Caroline: "Querido, por favor, meu amor." Caroline mostrou o microfone, de longe. Acenou com o batom, não sei.

Vou bem legar paulada de microfone? O microfone veio emprestado de um pai-de-santo, que patrocinou.

O porteiro apertou o apartamento 111, 112, 138. Foi mexendo em tudo que é andar. Estou sendo assaltado, pressionado, liguem para o 190, sei lá.

A graça era ninguém ser avisado. Perde-se a espontaneidade do depoimento. O condômino falar como é viver com carros na garagem, saldo, piscina, computador interligado. Dinheiro e sucesso. Festival de Brasília. Festival de Gramado. A gente fazendo exibição no telão da escola, no salão de festas do prédio.

Não.

A gente não só ouve samba. Não só ouve bala. Esse porteiro nem parece que é preto, deixando a gente preso do lado de fora. O morro tá lá, aberto 24 horas. A gente dá as boas-vindas de peito aberto. Os malandrões entram, tocam no nosso passado. A gente se abre que nem passarinho manso. A gente desabafa que nem papagaio. A gente canta, rebola. A gente oferece a nossa coca-cola.

Não quer deixar a gente estrear a porra do porteiro. É foda. Domingo, hoje é domingo. A gente só quer saber como a família almoça. Se fazem a mesma festa que a nossa. Prato, feijoada, guardanapo. Caralho, não precisa o síndico. Escute só. A gente vai tirar a câmera do saco. A gente mostra que é da paz, que a gente só quer melhorar, assim, o nosso cartaz. Fazer cinema. Cinema. Veja Fernanda Montenegro, quase ganha o Oscar.

— Fernanda Montenegro não, aqui ela não mora.

E avisou: "Vou chamar a polícia."

A gente: "Chamar a polícia?"

Não tem quem goste de polícia. A gente não quer esse tipo de notícia. O esquema foi todo montado num puta dum sacrifício. Nicholson deixou de ir vender churro. Caroline desistiu da boate. Eu deixei esposa, cadela e filho. Um longa não, é só um curta. Alegria de pobre é dura. Filma. O quê? Dei a ordem: filma.

Fue así: compré una cámara de tercera mano, agendamos, ensayamos unos días. Imágenes exclusivas, tomadas de la vida de la clase media.

Carolina: “Querido, por favor, mi amor.” Caroline mostró el micrófono, de lejos. Hizo señas con el lápiz de labios, no sé.

¿Que yo voy a dar palazos con el micrófono? El micrófono fue un préstamo de un *pai-de-santo*¹ que nos patrocinó.

El portero apretó el departamento 111, 112, 138. Fue tocando en todos los pisos. Me están asaltando, me aprietan, llamen al 190, qué se yo.

La gracia era que nadie fuera avisado. Se pierde la espontaneidad del testimonio. El consorcista hablando de cómo es vivir con autos en el garage, saldo en la cuenta, pileta, computadora con internet. Dinero y éxito. Festival de Brasilia. Festival de Gramado. Y nosotros haciendo exhibiciones en la pantalla de la escuela, en el salón de fiestas del edificio.

No.

Nosotros no sólo escuchamos samba. No sólo oímos balaceras. Este portero ni parece negro, dejándonos atrapados del lado de afuera. El morro está ahí, abierto las 24 horas. Damos la bienvenida de corazón abierto. Estos desgraciados entran, se meten con nuestro pasado. Y nos abrimos como pajarito manso. Desembuchamos como papagayo. Cantamos, nos balanceamos, ofrecemos nuestra coca cola.

No nos quiere dejar estrenar el choto del portero. Qué lo parió. Domingo, hoy es domingo. Sólo queremos saber cómo almuerza la familia. Si hacen la misma fiesta que nosotros. Plato, feijoada, servilleta. No hace falta el administrador, carajo. Escuche. Vamos a sacar la cámara del bolso. Le mostramos que somos buena onda, que sólo queremos mejorar, así, nuestro cartel. Hacer cine. Cine. Mirá Fernanda Montenegro, casi gana el Oscar.

—Fernanda Montenegro, no, ella no vive aquí.

Y ha anunciado: “Voy a llamar a la policía.”

Nosotros: “¿Llamar a la policía?”

A nadie le gusta la policía. No queremos ese tipo de noticia. El plan fue montado con un sacrificio de la gran puta. Nicholson dejó de ir a vender churros. Carolina desistió del boliche. Yo dejé esposa, perra e hijo. Un largo no, sólo es un corto. Es dura la alegría del pobre. Filmá. ¿Qué cosa? He dado la orden: filmá.

1. N. de T.: *Pai-de-santo*: en el candomblé, es el jefe espiritual y administrador de la casa, responsable por el culto a los *orixás* (divinidades *iorubás*).

Começamos a filmar tudo. Alguns moradores posando a cara na sacada. O trânsito que transita. A sirene da polícia. Hã? A sirene da polícia. Todo filme tem sirene de polícia. E tiro. Muito tiro.

Em câmera violenta. Porra, Johnattan pulou o portão de ferro fundido. O porteiro trancou-se no vidro. Assustador. Apareceu gente de todo tipo. E a idéia não era essa. Tivemos que improvisar.

Sem problema, tudo bem.

Na edição a gente manda cortar.

Empezamos a filmar todo. Algunos vecinos apoyando la cara en el balcón. El tránsito que transita. La sirena de la policía. ¿Eh? La sirena de la policía. Toda película tiene sirenas de policía. Y tiros. Mucho tiros.

En cámara violenta. Puta madre, Johnattan ha saltado el portón de hierro fundido. El portero se ha encerrado detrás del vidrio. De terror. Apareció gente de todo tipo. Y la idea no era esa. Hemos tenido que improvisar.

No hay problema, todo bien.

Cuando se edite, lo hacemos cortar.

Sobrevida



Arlindo Gonçalves

Quando a temperatura do dia atingir a máxima prevista, algumas pessoas por ali não sentirão, tão salvaguardadas pelo ar-condicionado estarão. Quando o som daquele serrote reverberar pela pequena marcenaria, algumas pessoas por ali não ouvirão, de tão atentas que estarão ao lento trânsito da cidade. Ou porque a melodia da lâmina rasgando e partindo a madeira é incapaz de competir com o barulho de motores, buzinas e xingamentos. Quando o bater de asas de um pombo tirar a atenção do marceneiro, surpreso pelo invasor do seu local de trabalho – estabelecimento de portas abertas para a rua –, algumas pessoas por ali não notarão. Tão ocupadas pelos afazeres, celulares, laptops, compromissos, agendamentos cada vez mais difíceis de serem cumpridos... Tão centradas. Distanciadas.

Um pombo voa para dentro da marcenaria. O som do serrote silencia pela surpresa que o invasor causa ao marceneiro. A mão áspera do homem tenciona espantar o animal. Antes, é levada até a testa para enxugar gotículas de suor misturadas ao pó da serragem. Feita a rápida limpeza, a mão avança para expulsar o pombo. Um telefone toca. Assusta ambos, homem e ave. Um vira-se em direção ao aparelho; o outro, pelos ares da cidade. "Alô. Oi. Como é?... Tá louca, mulher? Não... Peraí, eu tenho muito serviço. Tá, tá... Depois, a gente conversa. Não, não vou agora não. Só quando fechar a marcenaria."

Quente. Dentro é ainda mais quente. Pior é nos meses de verão. Quando o sol bate nos tetos de zinco ou nas lajes descobertas, ocorre um calor de estufa, de crematório. Já no frio, congela. Mas hoje é um dos dias quentes. Ali, fomalha, então.

O filho dela se chama Paulo. Nome de santo, de cidade. É pequeno. Não fala ainda. Só reclama com choro. Agora, até teria por que reclamar, mas não o faz. Dorme profundamente sobre a cama daquele remendo de morada, fomalha como foi dito. A mãe também dorme. Está caída no chão. Só descobriram porque a casa, estrago arquitetônico na barra pesada de uma favela na cidade que leva o nome do filho daquela mulher, começou a pegar fogo.

Foi a tia Maria quem trouxe os homens naquele dia. Encontraram a mãe jogada lá no chão. Eu, dormindo com os demônios no quarto. Tia Maria sempre gostou da

Sobrevida



Arlindo Gonçalves

Cuando la temperatura del día alcance la máxima prevista, algunos por ahí no lo sentirán, tan a salvo estarán por el aire acondicionado. Cuando el sonido de aquel serrucho reverbere en la pequeña carpintería, algunos por ahí no lo oirán, tan atentos estarán al lento tránsito de la ciudad. O porque la melodía de la lámina rasgando y partiendo la madera es incapaz de competir con el ruido de motores, bocinas e insultos. Cuando el batir de las alas de una paloma atraiga la atención del carpintero, sorprendido por la invasión de su lugar de trabajo —establecimiento de puertas abiertas a la calle—, algunos por ahí no lo notarán. Tan ocupados en sus quehaceres, celulares, notebooks, compromisos, agendas cada vez más difíciles de cumplir... Tan concentrados. Distantes.

Una paloma vuela hacia el interior de la carpintería. El sonido del serrucho se silencia por la sorpresa que el invasor causa en el carpintero. La mano áspera del hombre intenta espantar al animal. Antes, es llevada hasta la frente, para enjugar gotitas de sudor mezcladas con aserrín. Hecha esa rápida limpieza, la mano avanza para expulsar la paloma. Suena un teléfono. Asusta a ambos, hombre y ave. Uno se vuelve hacia el aparato; la otra, hacia los aires de la ciudad. “Hola, si. ¿Cómo? ¿Tás loca, mujer? No... Pará un poco, tengo mucho trabajo. Tá, tá... Después charlamos. No, no voy ahora. Recién cuando cierre la carpintería.”

Caliente. Adentro es más caliente todavía. Es peor en los meses de verano. Cuando el sol pega en los techos de cinc o en las losas desnudas, sobreviene un calor de estufa, de crematorio. Y con frío, congela. Pero hoy es uno de esos días calientes. Un horno allí, entonces.

El hijo de ella se llama Paulo. Nombre de santo, de ciudad. Es pequeño. No habla todavía. Sólo reclama llorando. Ahora, hasta tendría por qué reclamar, pero no lo hace. Duerme profundamente sobre la cama de aquel remiendo de morada, un horno, como se dijo. La madre también duerme. Está tirada en el suelo. Se descubrió sólo porque la casa, estrago arquitectónico en la zona pesada de una favela en la ciudad que lleva el nombre del hijo de aquella mujer... empezó a incendiarse.

Fue la tía María quien trajo a los hombres aquel día. Encontraron a mamá tirada ahí en el suelo. Yo, durmiendo con los demonios en el cuarto. La tía María siempre

gente... "A mãe do Paulo, tadinha dela, tão moça..." Tio Jorge nem tomou partido. Só foi avisado por telefone... Tia Maria, mãe de três, pegou mais um. O tio, na marcenaria, por telefone mesmo, coitado... E foi ele quem fez a primeira caixa de engraxate. Quebraram ela... Foi numa tarde de chuva. Saí feliz do Bourg La Reine. Aquele espanhol, gráfico que frequenta o bar, Ramón é o nome, me deu os cartões de visita. Ele disse que fez escondido dos donos da gráfica onde ele trabalha. Tão lindos os cartões... Daí, eu saí do bar com eles. Felicidade de miserável dura pouco. Me pegaram foi numa esquina distante. Também, pra que é que eu fui tão longe, né? Sair do Belém, zona leste, e ir pras bandas da zona oeste. Ferrou. Teria sido pior se não fosse aquele cara me encontrar. Uma bicha. Vestido de mulher e tudo. Mas me salvou...

A mãe tava quase morta. Caida. Eu também estava quase morto... "Tanto a mãe quanto o menininho respiram com dificuldade...", falou o homem do Resgate... "As vítimas: a mãe sobre o chão; o filho, na cama...". A cozinha pegava fogo... "Ela nunca foi vista com marido algum...", disse a tia Maria... "Uma coitada, trabalhadora, batalhadora. Foi desespero, só pode ter sido...", ia completando... "O moleque vai sobreviver...", garantiu o cara que atendeu a gente...

Rapidamente, tia Maria pediu aos médicos pra que eu pudesse ficar com ela e o tio Jorge. Foi minha sorte. Tio Jorge foi avisado somente depois. Estava trabalhando na marcenaria.

Apagaram o fogo na cozinha. Uma confusão na favela. Um monte de gente fora. A mãe, coberta, foi levada calmamente até um veículo. O filho, Paulo, às pressas para o hospital.

Os tios nunca esconderam de mim a verdade daquele dia quente dos diabos. Eu tinha mãe; pai, não. Tinha também um irmão grande. Soube que ele trazia pra casa uns amigos. Abusavam da mãe... Num dia, ela se revoltou quando o mano chegou bêbado enquanto ela passava roupa. Eu dormia sossegado, inocente sobre o inferno que ia dar.

O mano chegou já aprontando, como sempre fazia. Só que, na hora a mãe se encheu. Surtou. E tome ferro quente na cara do mano. Queimando, do rosto à alma, ele saiu xingando e prometendo voltar pra acabar com a gente. O desespero da mãe aumentou... Pôs fogo na casa... Depois, soda cáustica em mim e nela própria...

"Tá, tá... Depois, a gente conversa. Não, não vou agora não. Só quando fechar a marcenaria..."

O marceneiro, surpreendido em seu local de trabalho por um pombo e por um telefonema, esfrega os olhos. Pessoas por ali, de fato, não notarão. Ele chorava... Tio Jorge tinha ganhado mais um filho. E terminando o dia, cerrou as portas, pegou o ônibus e, nervoso, foi para a favela...

Tio Jorge e tia Maria nunca exigiram de mim que eu chamasse eles de pai e mãe. Nunca mentiram ou esconderam o que eu fui, quem a mãe foi, quem o mano foi, quem nunca meu pai foi...

nos quiso.... “La mamá del Paulo, pobrecita, tan joven...” El tío Jorge ni pudo opinar. Le avisaron por teléfono... la tía María, madre de tres, acogió a uno más. El tío, en la carpintería, por teléfono, pobre... él me fabricó el primer cajón de lustrar. Me lo rompieron... Fue una tarde de lluvia. Salí feliz del Bourg La Reine. Aquel español, el imprentero que frecuenta el bar, Ramón se llama, me dio las tarjetas. Dijo que las había hecho a escondidas de los dueños de la imprenta donde trabaja. Tan lindas, las tarjetas... Bueno, yo salí del bar con las tarjetas. La felicidad del miserable dura poco. Me agarraron, fue en una esquina distante. También, ¿para qué me fui tan lejos, eh? Salir del Belém, en la zona este, e ir para el lado de la zona oeste. Todo mal. Hubiera sido peor de no haber sido porque me encontró aquel tipo. Un troló. Vestido de mujer y todo. Pero me salvó...

Mamá estaba casi muerta. Caída. Yo también estaba casi muerto... “Tanto la madre como el nenito respiran con dificultad...”, dijo el hombre de Emergencias... “Las víctimas: la madre, en el suelo; el hijo, en la cama...” La cocina se incendiaba... “Nunca se la vio con ningún marido...”, dijo la tía María... “Una pobre mujer, trabajadora, luchadora. Fue la desesperación, sólo puede haber sido...”, iba completando... “El chiquito va a sobrevivir”, garantizó el tipo que nos atendió...

Rápidamente, la tía María le pidió a los médicos para que yo pudiese quedarme con ella y con el tío Jorge. Fue mi destino. Al tío Jorge le avisaron después. Estaba trabajando en la carpintería.

Apararon el fuego de la cocina. Una confusión en la favela. Un montón de gente afuera. La madre, cubierta, fue llevada lentamente hasta un vehículo. El hijo, a toda prisa, al hospital.

Los tíos nunca me escondieron la verdad de aquel día caliente como el infierno. Yo tenía madre; padre, no. Tenía también un hermano grande. Supe que él traía a casa a unos amigos. Abusaban de la mamá... Un día, ella se rebeló cuando mi hermano llegó borracho mientras ella planchaba ropa. Yo dormía, sosegado, ignorante del infierno que iba a desatarse.

Mi hermano llegó aprontando, como hacía siempre. Sólo que en ese momento la mamá se saturó. Se brotó. Y tomó, la plancha caliente en la cara de mi hermano. Quemándose, desde el rostro hasta el alma, salió puteando y prometiendo volver para acabar con nosotros. La desesperación de la mamá aumentó... Prendió fuego a la casa... Después, me echó soda cáustica, y se echó ella misma...

“Tá, tá... Después charlamos. No, no voy ahora. Recién cuando cierre la carpintería.”

El carpintero, sorprendido en su lugar de trabajo por una paloma y por una llamada telefónica, se restriega los ojos. Algunos por ahí, de hecho, no lo notarán. Lloraba... El tío Jorge había recibido un hijo más. Y al terminar el día, cerró las puertas, tomó el ómnibus y, nervioso, fue para la favela...

El tío Jorge y la tía María nunca me exigieron que los llamase papá y mamá. Nunca me mintieron ni escondieron quién fui, quién fue mi mamá, quién fue mi hermano, quién nunca fue mi padre.

Acabada a jornada de trabalho, o marceneiro terá pela frente uma atribuição muito maior do que produzir melodias ao serrote, ou espantar pombos, ou atender telefonemas... Será pai mais uma vez.

A mãe morreu. Eu quase morri também. Sobrevivi. Ganhei uma nova casa e tios que o mundo talvez não dará pra mais ninguém. A tia Maria cuida da minha roupa... "Engraxate apresentável, bem-vestido é outra coisa..." O tio Jorge fez a caixa... "A madeira deve ser tratada com carinho, respeito..." O gráfico Ramón, generoso, fez os cartões de visita... "Fiz na surdina. Ficaram legais. Até o nome do bar, Bourg La Reine, francês de primeira..."

Os trombadinhas quebrando a minha caixa de engraxate, me chutando, me machucando, me levando o dinheiro... As coisas que mais doeram na hora foram a perda da caixa e a roupa rasgada. A roupa que a tia Maria, tão orgulhosa, preparava todo dia de manhã antes de eu sair pro batente ficou um lixo. Mas aí veio a salvação. Em passadas de atleta, ele chegou e espantou os moleques. Enxugou minhas lágrimas, me pegou pela mão. No momento em que aquele travesti apareceu, eu soube que não havia por que me desesperar. Que minha sobrevida iria mais longe...

Quando, apressados, eles andarem, travesti e engraxate – o primeiro levando o segundo pela mão, e este enxugando o resto das lágrimas –, algumas pessoas por ali não notarão. Uma pena. É a sobrevida. E é teimosa. Vai gingando. E lumiando.

Terminada la jornada de trabajo, el carpintero tendrá por delante una responsabilidad mucho mayor que producir melodías con el serrucho, o espantar palomas, o atender llamadas telefónicas... Será padre, una vez más.

Mi mamá murió. Yo casi muero también. Sobreviví. Tuve una nueva casa y unos tíos que la vida tal vez no dé a nadie más. La tía cuida mi ropa... "Lustrín presentable, bien vestido, es otra cosa..." El tío Jorge me hizo el cajón... "La madera debe ser tratada con cariño, con respeto..." Ramón, el imprentero, generoso, hizo mis tarjetas personales... "Las hice en secreto. Quedaron buenas. Hasta el nombre del bar, Bourg La Reine, francés de primera..."

Y esos matoncitos rompiéndome el cajón de lustrar, pateándome, lastimándome, llevándome la plata... Lo que más me dolió en ese momento fue la pérdida del cajón y la ropa rasgada. La ropa que la tía María, tan orgullosa, me preparaba cada mañana para que saliera a ganarme el pan, quedó un desastre. Pero ahí vino la salvación. Con trancos de atleta, él llegó y espantó a los pibes. Enjugó mis lágrimas, me agarró de la mano. En el momento en que apareció aquel travesti, yo supe que no había por qué desesperarse. Que mi sobrevida iría todavía más lejos...

Cuando caminen, apurados, travesti y lustrín –el primero llevando al segundo de la mano, y éste enjugándose el resto de las lágrimas–, algunos por ahí no lo notarán. Una pena. Es la sobrevida. Y es pertinaz. Va bamboleándose. Y fulgurando.

muitos apitos, camisetas amarelas, camisetas verde-mata, camisetas azuis, camisetas brancas. Tiras de papel colorido invadiam o ar.

O Brasil ganhou alguma coisa. Estava claro. Algo muito importante, bonito. Por isso, o povo estava na rua. O povo? Sim. Claríssimo. Misturou-se a todos. Fazia questão de acompanhar, gritar também. Até esquecera as dores, as pontadas. Achou tudo um paraíso. Alguém lhe deu cerveja. Estava um pouquinho quente. Ele bebeu. Resto de refrigerante. Bebeu também. A corneta ensurdecendo o ouvido. E o batuque, o batuque que leva pra frente, pro lado, pra trás. As mãos pra cima. Uma mulher gorda se encostou nele, radiante. Dividiu sua tapioca. Tome, tome, meu filho. Coma. Nem precisou pedir água: lhe deram duas garrafas cheias. 4 X 2, alguém repetia, 4 X 2 é demais!

Só começou a se cansar de novo quando viu que estava abandonando Jatiúca. Como pudera andar tanto? As pontadas retornaram. Espera um pouco. Melhor parar. Um monte de gente havia se dispersado também. Escuridão total no terreno baldio onde, de súbito, parou.

Buscou um abrigo no ponto de ônibus deserto. Esticou as pernas. Cochilou.

4 X 2 realmente era demais. Ouvira isso de muitas pessoas diferentes, muitos rostos alegres. Portanto, devia ser verdade. Puta-que-pariu. O Brasil ganhara de 4 X 2 de alguém. Teria sido na sorte? Bom, muito bom. Estava cansado. De quem? Teria sido sorte? Da Argentina, bem que podia. Não se lembrava de nada parecido. Devia ter comemorado mais. Não, do Chile. Provavelmente, da França. É claro. Ou da Inglaterra? Não. Será?

O tempo passava e, ao mesmo tempo, não passava.

Querida que anoitecesse e, num segundo, já vinha de novo a tarde, o pôr-do-sol, a fome.

Levantou-se.

Sentiu pontadas e ruídos. Miséria, praguejou. Vagabundo, cuspiu. O olhar foi achar um rosto rosado, delicado, no outro extremo da rua.

Quis avançar, sacou a navalha, mas, uma vez próximo, retrocedeu.

Inquietou-se: tirar dele o quê?

Estupidamente, vasculhou o outro: relógio, casaco, botas, boné.

Sexualmente: lábios sequinhos, sequinhos, poucas curvas, quadris... Um rapaz!

Caiu a navalha ao chão, abaixou-se e foi fulminado:

— Você pode me ensinar o caminho mais fácil pra pegar a Duque de Caxias, meu amigo?

A morte.

— Estou rodando este bairro há horas...

O sorriso.

Sentiu metralhadoras a um palmo. Não soube contar quantas rajadas vieram.

Apesar de tudo, abriu os lábios feios e maltratados.

— Você tem que seguir em frente, direto.

— Em frente? Ok. Obrigado, amigo.

"Mas eu sou um ladrão, um vagabundo..."

O rapaz retornou ao carro, caminhando a passos curtos.

camisetas amarillas, camisetas verde selva, camisetas azules, camisetas blancas. Tiras de papel de colores invadían el aire.

Brasil ganó alguna cosa. Estaba claro. Algo muy importante, bonito. Por eso la gente estaba en la calle. ¿El pueblo? Sí. Clarísimo. Se mezcló entre todos. Pugnaba por acompañar, por gritar también. Hasta había olvidado los dolores, las puntadas. Se sintió en el paraíso. Alguien le dio cerveza. Estaba un poquito caliente. Él bebió. Un resto de gaseosa. Bebió también. La corneta ensordeciendo el oído. Y el batuce, el batuce que lleva para adelante, para el costado, para atrás. Las manos arriba. Una mujer gorda se apoyó en él, radiante. Compartió su tapioca. Tome, tome m'hijo. Coma. Ni necesitó pedir agua: le dieron dos botellas llenas. 4 a 2, repetía alguien, ¡4 a 2 es demasiado!

Empezó a cansarse de nuevo sólo cuando vio que estaba abandonando Jatiúca. ¿Cómo había podido caminar tanto? Volvieron las puntadas. Esperá un poco. Mejor parar. Un montón de gente también se había dispersado. Oscuridad total en el baldío donde, de golpe, se detuvo.

Buscó abrigo en una parada de ómnibus desierta. Estiró las piernas. Se dormitó.

4 a 2 realmente era mucho. Había oído eso de muchas personas diferentes, muchos rostros alegres. Por lo tanto, debía ser verdad. Puta que lo parió. Brasil le había ganado a alguien por 4 a 2. ¿Habría sido suerte? Bueno, muy bueno. Estaba cansado ¿A quién? ¿Habría sido suerte? A Argentina, bien podía ser. No se acordaba de nada parecido. Debía haber festejado más. No, a Chile. Probablemente a Francia. Claro. ¿O a Inglaterra? No. ¿Sería?

El tiempo pasaba, y al mismo tiempo, no pasaba.

Quería que anocheciese, y en un segundo, ya venía de nuevo la tarde, la puesta de sol, el hambre.

Se levantó.

Sintió puntadas y ruidos. Miseria, maldijo. Vago, escupió. La mirada fue a encontrarse con un rostro rosado, delicado, al otro extremo de la calle.

Quiso avanzar, sacó la navaja, pero cuando estuvo cerca, retrocedió.

Se inquietó: ¿sacarle qué?

Estúpidamente examinó al otro: reloj, campera, botas, gorra.

Sexualmente: labios finitos, finitos, pocas curvas, poca cadera... ¡Un chico!

La navaja cayó al suelo, se agachó y fue fulminado:

—¿Me podría indicar el camino más fácil para tomar la Duque de Caxias, amigo?

La muerte.

—Estoy dando vueltas por este barrio hace horas...

La sonrisa.

Sintió ametralladoras a un palmo. No supo contar cuántas ráfagas vinieron.

A pesar de todo, abrió los labios feos y maltratados.

—Tenés que seguir adelante, derecho.

—¿Para adelante? Ok, gracias, amigo.

“Pero si yo soy un ladrón, un vago...”

El chico volvió al auto, caminando con pasos cortos.

Um galo cantou.

Onde?

Estava ouvindo coisas. Aquilo era hora de galo cantar?

Ele odiou que sua felicidade fosse assim negada, odiou as miragens que extraía dela, empurrou outros desejos com uma dolorosa pressão do pé contra o asfalto. Novas pontadas. Deu vontade de cortar fora o dedo com unha encravada. "Oito dedos pesam menos". Mas olhando o espaço vago do outro anular, arrancado há muito tempo, desistiu. Nem era tão ruim se sentir encravado, pensou.

Quando o carro do rapaz sumiu na esquina, ele partiu-se em mil distorções.

Agora, sabia que nada faltava lhe acontecer. Nem chuva, nem fome. A grande ferida começou a tomar conta do espaço, a tomar-lhe o sangue, a visão. Quis, depois de dias, percorrer a cidade atrás daquele rosto belo. Mas também quis mutilar-se, a fim de dissolver o desejo. Quis jogar pedras nas casas dos outros, assustar as mocinhas nos pontos de ônibus, estava ficando confuso: os sonhos passavam rapidamente dos mais magníficos aos mais tristes.

Num instante, via-se vestido de decência, de respeito, de aceitação, penetrando nas tais camadas, nos tais lugares distintos, dos quais esteve sempre afastado, dos quais jamais conhecera um milímetro sequer. Noutro, tinha idéias absurdas e vagas, que antes não costumava ter: arrancar as vísceras de algumas pessoas, provar o sangue de outras, avançar, ousar.

De todas as pessoas que lhe chamavam a atenção nas ruas, era o rosto dele o que mais se sobressaía.

la, voltava. O rosto do rapaz que procurava o caminho mais fácil para chegar à Duque de Caxias.

Percebia a obsessão agigantando-se sobre seus trapos, seus restos de músculos e cérebro. Queria evitá-la, mas junto com ela ia a vontade de estar nos amanhã e neles ser visto, daí a impotência diante dela, da obsessão, acabar por mantê-lo inerte e desnordeado.

Mastigou uma lasca de madeira bem fina, juntando muita saliva para que não lhe arranhasse a garganta quando fosse engolir. Percebeu então que era isso o seu respirar sobre calçadas, sob o céu violentamente aberto: algo feito lasca de pau que ele engolia silencioso, diariamente, com um pouco de cuspe e nenhuma vontade, gesto de reversão.

Preso ao estômago, aos membros cansados, elaborou uma infinidade de mudanças e dormiu vesgo de tanto querer olhar deitado pro início da rua, a fim de descobrir de novo aquele rosto belo, alvo, delicado.

Seu amigo das noites chuvosas chegou e foi se encostando nele, morrendo de frio. Ele o aceitou sem nenhuma piedade, nenhuma emoção, simplesmente acolheu-o, ajeitando-o em suas pernas, assim também as manteria aquecidas.

Uma senhora veio andando esnope na esquina e caiu quando atravessava a rua molhada. Ele riu do tombo e da roupa emporcalhada, roupa bonita, que ia se enlameando toda no asfalto. Ela o olhou com ódio e medo. Ele se chateou: gritou-lhe uns palavrões enquanto a via se afastar, correndo, dentro da noite.

Cantó un gallo.

¿Adónde?

Estaba oyendo cosas. ¿Era esa la hora en que cantan los gallos?

Odió que su felicidad le fuese negada así, odió los espejismos que extraía de esa felicidad, empujó otros deseos con una dolorosa presión del pie contra el asfalto. Nuevas puntadas. Le dieron ganas de cortarse el dedo con la uña encarnada. "Ocho dedos pesan menos." Pero mirando el espacio vacío del otro anular, arrancado hacía mucho tiempo, desistió. Tampoco era tan malo, pensó, sentir la uña encarnada.

Cuando el auto del chico desapareció en la esquina, él se partió en mil contorsiones.

Ahora sabía que no faltaba que le pasara nada más. Ni lluvia, ni hambre. La gran herida empezó a apoderarse del espacio, a tomarle la sangre, la visión. Quiso, después de días, recorrer la ciudad tras aquel bello rostro. Pero también quiso mutilarse, a fin de disolver el deseo. Quiso tirar piedras a las casas de los otros, asustar a las chiquilinas en las paradas de ómnibus, estaba cayendo en la confusión: los sueños pasaban rápidamente, de los más espléndidos a los más tristes.

En un momento se veía cubierto de decencia, de respeto, de aceptación, entrando en esos estratos, en esos lugares distinguidos, de los cuales había estado apartado siempre, de los que jamás había conocido un milímetro siquiera. En otro, tenía ideas absurdas y vagas, que antes no solía tener: arrancar las vísceras de algunas personas, probar la sangre de otras, avanzar, atreverse.

De todas las personas que le llamaban la atención en la calle, el rostro de él era el que más sobresalía.

Se iba, volvía. El rostro del chico que buscaba el camino más fácil para llegar a la Duque de Caxias.

Notaba la obsesión agigantándose sobre sus trapos, sus restos de músculos y cerebro. Quería evitarla, pero junto a ella iban las ganas de estar en los mañanas y en ellos ser visto; de ahí la impotencia frente a ella, a la obsesión, que acababa por mantenerlo inerte y sin norte.

Masticó una astilla de madera bien fina, juntando mucha saliva para que no le raspase la garganta cuando la fuera a tragar. Notó entonces que eso era su respirar sobre las veredas, bajo el cielo violentamente abierto: algo como astilla de palo que él tragaba en silencio, diariamente, con un poco de saliva y ninguna gana, gesto de regresión.

Presa de su estómago, de sus miembros cansados, experimentó una infinidad de cambios y se durmió bizco de tanto querer mirar acostado hacia el inicio de la calle, a fin de descubrir de nuevo aquel rostro bello, albo, delicado.

Su amigo de las noches lluviosas llegó y fue apoyándose en él, muerto de frío. Él lo aceptó sin ninguna piedad, ninguna emoción, simplemente lo acogió, acomodándolo entre sus piernas, así también las mantendría calientes.

Una mujer llegó a la esquina caminando, altanera, y se cayó cuando cruzaba la calle mojada. Él se rió de la caída y de la ropa encastrada, ropa linda, que iba embarrándose toda en el asfalto. Ella lo miró con odio y miedo. Él se enojó: le gritó unas palabrotas mientras la veía alejarse, corriendo, adentrándose en la noche.

Ficou tudo quieto. Pensou, distraído, que quando tudo ficava quieto daquele jeito, era porque o mundo estava em paz.

A noite longa não lhe deixava dormir. Quando a chuva cessou, ele empurrou o animal e ergueu-se vagaroso. Mas o bicho grudara-se novamente às pernas dele sem aceitar ser tirado do aconchego.

– Sai, porra, por isso que eu não gosto de cachorro...

O animal choramingou, estava desprotegido.

– Some, peste.

Foi saindo, irritado, pela rua molhada, com o cachorro lhe seguindo o passo. Pois que venha, murmurou, que me siga, eu pouco me importo.

Àquela hora era fim de turno no posto de gasolina do Centro, e no fim do turno sempre lhe deixavam tomar banho, até lhe davam roupas, vez-em-quando, camisetas brancas cheias de nomes vermelhos, verdes, azuis. O banho era bom porque espantava por um tempo os mosquitos, por isso, ele nunca dispensava. Ficava muito tempo embaixo da torneira, bebendo a água fria, sentindo-a gelando o alto da cabeça. Filava cigarro dos rapazes, contava bobagens pra eles se divertirem.

Foi numa ruela que viu o outro, lá na luz da avenida.

Já havia esquecido de procurá-lo, conformara-se, aceitando a perseguição mental na qual a imagem daquele transformara-se. Acostumou-se tantas vezes a outras alucinações – de banquetes, de casas confortáveis, de cidades mais humanas, de pessoas próximas –, ele já vivia de rebater, de segundo em segundo, miragens e mais miragens, forçando-as a voltarem diluídas pro poço escuro de onde, afoitas, saíam, sem fazer o menor esforço para resolvê-las, expulsá-las de vez. Por isso, pensava torto embaixo do céu, que mal havia em querer aquele corpo e perder tal desejo outra & outra vez? Era só mais uma, só mais uma...

Mas então ele via de novo o rosto belo e rosado. E as ruínas de que seu ser era formado – corpo, cabeça, passado, presente – foram sopradas fortemente. Comprimidas. Espalhadas. Ele sentiu que tudo era aceso em fogo muito baixo dentro de si. Baixo por que não tinha mais energia alguma ou baixo por que estava transitando por terrenos estranhos?

Havia uma leveza vindo do outro, e como ele nada podia entender sobre leveza, ia se tornando aflito, desconstruído. Teve dificuldades em manter-se de pé quando de pé tentara ficar.

Um lindo rosto, ele pensou, que conversava ou brigava? – achou que aquilo bem poderia ser uma briga – com uma mulher, e depois que esta se afastava nervosa num táxi, voltava-se confuso pro céu escuro e chuvoso de Maceió.

Poderia chamá-lo e dizer o quanto sabia de noites & céus & chuvas & frio & escuridão de Maceió, tanto que o belo rosto não precisava voltar-se, assim, para contemplá-los. Bastava deitar-se ao seu lado, sob a marquise, e, mudo, escutar o respirar, o obscurecer, o esbravejar, o doer e o calar que a rua e a cidade todos os dias davam.

Todo se aquietó. Distráido, pensó que cuando todo se aquietaba de ese modo, era porque el mundo estaba en paz.

La noche larga no lo dejaba dormir. Cuando la lluvia cesó, empujó al animal y se levantó, perezoso. Pero el bicho se había pegado nuevamente a sus piernas y no aceptaba ser sacado del abrigo.

—Fuera, mierda, por eso no me gustan los perros...

El animal gimió, estaba desprotegido.

—Desaparecé, peste.

Irritado, fue saliendo por la calle mojada, con el perro siguiéndole los pasos. Pero sí, que venga, murmuró, que me siga, qué me importa.

Era la hora del fin de turno en la estación de servicio del centro, y al fin del turno siempre le dejaban darse un baño, hasta le daban ropa, de vez en cuando, camisetas blancas llenas de nombres rojos, verdes, azules. El baño estaba bueno porque por un tiempo espantaba los mosquitos, por eso él nunca prescindía del baño. Se quedaba mucho tiempo debajo de la canilla, bebiendo el agua fría, sintiendo cómo le helaba la mollera. Mangueaba cigarrillos a los muchachos, les contaba estupideces para que se divirtieran.

Fue en una callecita que vio al otro, allá bajo la luz de la avenida.

Ya se había olvidado de buscarlo, se había conformado aceptando la persecución mental en la cual la imagen de aquél se había transformado. Tantas veces se había acostumbrado a otras alucinaciones —de banquetes, de casas confortables, de ciudades más humanas, de personas cercanas—, vivía combatiendo, segundo a segundo, espejismos y más espejismos, forzándolos a volver, diluidos, al pozo oscuro de donde, osados, habían salido, sin hacer el menor esfuerzo por resolverlos, expulsarlos de una vez. Por eso, desvariaba bajo el cielo, ¿qué tenía de malo querer aquel cuerpo y perder ese deseo una y otra vez? Era sólo uno más, sólo uno más...

Pero entonces veía de nuevo el rostro bello y rosado. Y las ruinas que constituían su ser —cuerpo, cabeza, pasado, presente— fueron sopladas fuertemente. Comprimidadas. Esparcidas. Sintió que todo dentro de sí era encendido a fuego muy lento. ¿Lento por que ya no tenía energía alguna, o lento porque estaba transitando terrenos extraños?

Había una levedad viniendo del otro, y como él nada podía entender de levedad, iba afligiéndose, perdiéndose. Tuvo dificultades para mantenerse en pie cuando trató de permanecer de pie.

Un lindo rostro, pensó, que ¿conversaba o peleaba? —le pareció que aquello bien podía ser una pelea— con una mujer, y después que ésta se alejaba nerviosa en un taxi, volvía, confuso, hacia el cielo oscuro y lluvioso de Maceió.

Podría llamarlo y decirle cuánto sabía de noches y cielos y lluvias y frío y oscuridad de Maceió, tanto que el bello rostro no necesitaba volverse, así, para contemplarlos. Bastaba con acostarse a su lado, bajo la marquesina, y mudo, escuchar el respirar, el oscurecer, el embravecerse, el doler y el callar que la calle y la ciudad daban cada día.

Como lhe dizer: venha, eu sou a lepra de Maceió! Como?

Antes que o outro jogasse no chão o cigarro e o apagasse com o pé muito bem amparado em couro e meia de algodão, antes que ligasse o carro e fosse novamente se esconder em outros domínios, ele precisava abordá-lo, tocá-lo, estar próximo, de frente. Nem que fosse apenas pra cultivar por mais um tempo a imagem...

– Me dá um...

O rosto bonito se precipitou a fechar a janela do carro. Assustado, ainda perguntou:

– Um o quê?

– Um cigarro...

– Ah – fez o outro aliviado e, rindo, estendeu-lhe o maço. – Pode ficar.

O carro foi ligado.

O rosto não se lembrara de um dia ter solicitado uma informação a um vagabundo maltrapilho?

Era a coisa mais bonita e mais dóida que a vida lhe trouxera até então.

Como gritar: te quero?

Disse, num desespero:

– Você não é de Maceió, né?

– Não – fez o outro detrás do vidro. – Não sou daqui.

Podia agarrá-lo, sufocar aquele rosto contra o peito. Aspirou o cheiro gostoso dele que impregnava a noite. Entristeceu-se, envergonhado dos trapos que vestia, do homem que era.

Percebeu, na inquietação do outro em ir embora, o medo. O estranho medo. De quê? Do desconhecido?

Imagina. Que bobagem. Espera.

– Tchau, meu amigo...

Amigo?

Não houve reação. A falta de clareza da avenida engoliu o carro.

Ao deitar-se sob a marquise, ele pensou nas últimas imagens que lhe vinha às enxurradas e que não mais eram de banquetes, casas, conforto, mas de corpos colados, suados, entregues.

Não dormiu.

Começou a clarear e seus olhos se perdiam dentro de tanta luz. O sol principiava a sua destruição sagrada: iluminar, pôr em evidência as dimensões do feio & do belo, de maneira uniforme. Todas as coisas escapavam das prisões mentais e eram diluídas pelo sol.

Como queria amar aquele rosto! Não sabia como, mas queria. As imagens de corpos em fusão continuavam a pipocar feito bolhinhas pela rua, pelo ar. Foi ao mar, o que podia realmente fazer?

O encontro de seus ossos com a água verde do mar. Não obteve nenhuma resposta e achava que a cidade era culpada de tudo que desejava e não conseguia ter, apalpar. Era obra dela, da cidade esverdeada, pequena, mentirosa.

Cómo decirle: ¡vení, yo soy la lepra de Maceió! ¿Cómo?

Antes de que el otro tirara en el suelo el cigarrillo y lo apagara con el pie muy bien protegido en cuero y medias de algodón, antes de que encendiera el auto y fuera nuevamente a esconderse en otros dominios, él necesitaba abordarlo, tocarlo, estar cerca, de frente. Aunque fuera para cultivar por un tiempo más la imagen...

—Me darías un...

El bello rostro se apresuró a cerrar la ventanilla del auto. Todavía asustado, preguntó:

—¿Un qué?

—Un cigarrillo...

—Ah —hizo el otro, aliviado, y riéndose, le extendió el paquete. —Quédeselo.

El auto se encendió.

¿Ese rostro no recordaba haber solicitado un día una información a un vagabundo harapiento?

Era la cosa más bonita y encantadora que la vida le había traído hasta entonces.

¿Cómo gritar: te quiero?

Dijo, desesperado:

—Vos no sos de Maceió, ¿no?

—No —hizo el otro, detras del vidrio. —No soy de aquí.

Podía agarrarlo, sofocar aquel rostro contra el pecho. Aspiró su olor atrayente, que impregnaba la noche. Se entristeció, avergonzado de los trapos que vestía, del hombre que era.

Percibió, en la inquietud del otro por irse, el miedo. Un miedo extraño. ¿A qué? ¿A lo desconocido?

Imaginate. Qué estupidez. Esperá.

—Chau, amigo...

¿Amigo?

No hubo reacción. La falta de claridad de la avenida fue tragándose el auto.

Al acostarse bajo la marquesina, pensó en las últimas imágenes que le venían a chorros y que ya no eran de banquetes, casas, confort, sino de cuerpos pegados, sudados, satisfechos.

No durmió.

Empezó a clarear y sus ojos se perdían dentro de tanta luz. El sol iniciaba su destrucción sagrada: iluminar, poner en evidencia las dimensiones de lo feo y lo bello, de manera uniforme. Todas las cosas escapaban de las prisiones mentales y eran diluidas por el sol.

¡Cuánto quería amar ese rostro! No sabía cómo, pero quería. Las imágenes de cuerpos en fusión continuaban saltando como burbujitas por la calle, por el aire. Fue al mar, ¿qué podía realmente hacer?

El encuentro de sus huesos con el agua verde del mar. No obtuvo ninguna respuesta, pensaba que la ciudad era la culpable de todo lo que deseaba y no conseguía tener, palpar. Era obra de ella, de esa ciudad verdosa, pequeña, mentirosa.

Deitou na areia da praia. Ficava vendo uns meninos brigando a poucos metros do limite Ponta Verde-Pajuçara.

Não entendendo mais coisa alguma dentro nem fora de si, chorou. E foi um choro curto, quase sem água. "Vagabundo. Inútil. Nem chorar eu sei..."

O belo rosto do homem que não era nem podia ser seu surgiu, riu, molhou-se nas ondas, misturou-se na areia, saiu correndo, rolando praia afora e desapareceu na claridade.

De uma coisa soube, embora não fosse fácil saber de coisas naquele instante: que a paz não era adorno nem pano caro, nem teto nem comida, mas o fim dos tormentos que desejos e miragens traziam a cada novo minuto. Mas de onde tirar um fim para tudo aquilo? Do mar é que não era, da rua também não. O que mais saberia ele além de mar e rua? Precisava limpar os olhos e procurar uma solução, porém, ele estava cansado, mantinha as mãos inertes ao longo do corpo.

Apertou um joelho contra o outro, sentando-se na areia. Olhou os carros na avenida. Cuspiu, voltando-se outra vez pro mar. De repente, uma crise de risos: que história! Que história, rapaz! Riu, alto: do que estava rindo mesmo?

Lembrou-se da festa do Brasil. Quando?

4 X 2. Claro. Foi isso.

Decidiu que se encontrasse tal rosto, tal rapaz novamente, faria algo. O quê? Ora, vai se saber. Pro diabo com tantas perguntas e tanta indecisão.

Abandonou a praia, andando, lento, pela rua.

Um absurdo ver aquele cara ostentar tamanha beleza, um absurdo. Ia contra as obsessões e ruínas de seu ser, chocavam-se, era caco de vida e caco de morte pra tudo que era lado.

Achou novo abrigo. Sentou. Repousou no próprio braço, retendo o resto de oxigênio que havia: fechou os olhos, forçou a vida a correr sem ar. Soltou-se, renovado. O placar precisava ser inaugurado, por certo. Quem estava perdendo?

Respirou de novo. Ora, ora. É claro. Uma certa violência contida, alguém havia dito em seu ouvido, numa noite de lua cheia, pode fazer o mundo voltar aos eixos.

Gostava daquilo: violência, lua cheia, Brasil nos eixos.

Como seria?

Ele riu o seu riso pela metade e, amolando a navalha na calçada, sentiu-se mais capaz.

Se acostó en la arena de la playa. Miraba unos chicos peleando a pocos metros del límite Ponta Verde-Pajuçara.

Sin entender más nada dentro ni fuera de sí, lloró. Y fue un llanto corto, casi sin agua. "Vago. Inútil. Ni llorar sé..."

El bello rostro del hombre que no era ni podía ser surgió, rió, se mojó en las olas, se mezcló con la arena, salió corriendo, rodando fuera de la playa y desapareció en la claridad.

Una cosa supo, aunque no fuera fácil saber alguna cosa en ese instante: que la paz no era adornos ni telas caras, ni techo ni comida, sino el fin de los tormentos que sus deseos y espejismos le traían a cada nuevo minuto. ¿Pero de dónde arrancar un fin para todo aquello? No del mar, tampoco de la calle. ¿Y qué sabía él más allá del mar y de la calle? Necesitaba limpiarse los ojos y buscar una solución; sin embargo, estaba cansado, las manos, inertes, le colgaban a lo largo del cuerpo.

Apretó una rodilla contra la otra, sentándose en la arena. Miró los autos en la avenida. Escupió, volviéndose otra vez hacia el mar. De repente, una crisis de risa: ¡qué historia! ¡Qué historia, loco! Se rió, fuerte: ¿de qué se estaba riendo?

Se acordó de la fiesta de Brasil. ¿Cuándo?

4 a 2. Claro. Eso fue.

Decidió que si encontrase ese rostro, ese chico nuevamente, haría algo. ¿Qué? Vaya uno a saber. A la mierda con tantas preguntas y tanta indecisión.

Abandonó la playa, caminando, despacio, por la calle.

Un absurdo ver aquel tipo ostentando tamaña belleza, un absurdo. Iba contra las obsesiones y ruinas de su ser, se chocaban, eran trizas de vida y trizas de muerte esparcidas por todos lados.

Encontró nuevo abrigo. Se sentó. Reposó en su propio brazo, reteniendo el resto de oxígeno que tenía: cerró los ojos, forzó a la vida a fluir sin aire. Se soltó, renovado. El score debía ser inaugurado, ciertamente. ¿Quién iba perdiendo?

Respiró de nuevo. Ahora, ahora. Claro. Cierta violencia contenida, le había dicho alguien al oído, una noche de luna llena, puede hacer volver el mundo a sus ejes.

Le gustaba eso: violencia, luna llena, Brasil en sus ejes.

¿Cómo sería?

Rió su risa cortada a la mitad y, amolando la navaja en la vereda, se sintió más capaz.

Coração aos pulos



Carlos Herculano Lopes

Mesmo ainda ecoando nos meus ouvidos as palavras da minha mãe de que não devíamos sonhar, eu seguia, dia após dia, pensando naquela possibilidade. Caso ela não existisse, por que então o meu pai, em um raro momento de carinho, havia me assentado no seu colo, beijado sem pressa o meu rosto e falado aos meus ouvidos: "Quem sabe no Natal...". Bem próxima a nós, a minha mãe, que lhe trazia um café, olhou para mim, balançou a cabeça e voltou para a cozinha. Lembro-me de que eu, abaixando-me na cadeira, retribuí como pude. Meu pai acendeu um cigarro, começou a fumar, e tomou outro café. Como não disse mais nada eu pedi licença, deixei-os ali e fui guardar os passarinhos.

Lá fora, no terreiro, estava muito frio e escuro. E, além do barulho do riacho, não se ouvia mais nada. Mas naquela noite, ainda ouvindo as suas palavras, eu não tive nenhum medo. E prossegui sonhando. Às vezes, antes de me deitar, a certeza de que a ganharia era tão forte, que eu me enchia de felicidades. Mas pela manhã, quando outra vez o meu pai me acordava e rispidamente dizia "vá buscar os bezerros", eu voltava de novo a mim, calçava as minhas botinas, tomava um pouco de leite e ia cumprir as suas ordens. Costumava estar chovendo.

E eu, todo molhado, pensava em Luís André, um primo que morava em Belo Horizonte, era da minha idade, mas tinha de tudo: dois relógios, bolas e meias de futebol e uma cigareira. Morava em uma casa bonita, espaçosa, e até fumar ele já sabia.

Dias depois daquela conversa com o meu pai, quando ele me assentou no seu colo, beijou o meu rosto e eu senti o seu hálito com gosto de cigarro, de novo a minha mãe me chamou, também me colocou junto dela, ficou passando as mãos nos meus cabelos, suspirou e disse: "Ah!, meu filho...". Era a segunda vez que ela fazia assim. Recordo-me que eu, olhando nos seus olhos, azuis e quietos, lhe perguntei: " Então, mamãe, ele não estava falando a verdade?...". Aí, ela, em silêncio, abriu a janela do quarto, ligou o rádio e ficou mirando a serra, suas pedras escuras e as nuvens, que brancas e bonitas se dissolviam no nada.

E passaram-se muitos e muitos dias sem que de novo nenhum de nós tocasse naquele assunto.

Parecia até que tudo era só pensamento.

Por aqueles tempos o meu pai já havia comprado o caminhão e viajava muito. Nem sei para onde ia; talvez Governador Valadares, ou mais longe ainda, com os seus óculos escuros e a gaiola cheia de bois. Uma noite, enquanto jantava, ouvi

Corazón al galope



Carlos Herculano Lopes

Todavía reverberando en mis oídos las palabras de mi madre de que no debíamos soñar, yo seguía, día tras día, pensando en aquella posibilidad. Y en el caso de que no existiera, por qué entonces mi padre, en un raro momento de cariño, me había sentado en su falda, había besado sin apuro mi rostro y me había dicho al oído: “Quién sabe en Navidad...” Bien cerca nuestro, mi madre, que le traía un café, me miró, sacudió la cabeza y volvió a la cocina. Me acuerdo que yo, bajándome de la silla, retribuí como pude. Mi padre encendió un cigarrillo, empezó a fumar, y tomó otro café. Como no dijo nada más yo pedí permiso, los dejé allí y fui a guardar los pajaritos.

Afuera, en el jardín, estaba muy frío y oscuro. Y, más allá del barullo del arroyo, no se oía nada. Pero aquella noche, oyendo todavía sus palabras, no tuve ningún miedo. Y continué soñado. A veces, antes de acostarme, la certeza de que me la regalarían era tan fuerte que me colmaba de felicidad. Pero por la mañana, cuando otra vez mi padre me despertaba y ríspidamente decía, “andá a buscar a los terneros”, yo volvía de nuevo en mí, me calzaba las botas, tomaba un poco de leche e iba a cumplir sus órdenes. Solía estar lloviendo.

Y yo, todo mojado, pensaba en Luís André, un primo que vivía en Belo Horizonte, era de mi edad pero tenía de todo: dos relojes, pelotas y medias de fútbol, y una cigarrera. Vivía en una linda casa, espaciosa, y hasta sabía fumar.

Días después de aquella charla con mi padre, cuando él me sentó en su falda, besó mi rostro y yo sentí su aliento a cigarrillo, nuevamente mi madre me llamó, también me atrajo hacia a ella, y alisándome el pelo con las manos, suspiró y dijo: “¡Ah!, hijito...” Era la segunda vez que ella hacía eso. Me acuerdo que yo, mirando sus ojos azules y serenos, le pregunté: “Entonces, mamá, ¿él no estaba diciendo la verdad?” En ese momento ella, en silencio, abrió la ventana del cuarto, encendió la radio y quedó mirando la sierra, sus piedras oscuras y las nubes que se disolvían, blancas y bellas, en la nada.

Y pasaron muchos y muchos días sin que ninguno de nosotros tocara el tema de nuevo.

Hasta parecía que todo era pura imaginación.

Por aquel tiempo mi padre ya había comprado el camión y viajaba mucho. Ni sé para dónde iba; tal vez, hasta Gobernador Valadares, o todavía más lejos, con sus anteojos oscuros y la jaula llena de vacas. Una noche, mientras cenaba, le oí decir: “La

ele dizer: "Da próxima vez, chego até Colatina...". Então a minha mãe, deixando cair uma xícara, lhe perguntou: "Por que, Dalmo, você vai tão longe assim?..."

E eu, menino, sonhava...

No começo de uma tarde, quando voltava da escola, me encontrei com Vicente. Apesar de mais novo do que eu, ele era muito mais alto e forte. Não havia nascido na nossa cidade e falava diferente da gente, com uma voz fina e cantada, e dias antes eu ouvi que ele e o seu pai, sertanejo também, estavam em Santa Marta para abrir uma padaria. O nome de sua mãe, uma mulher gorda e cheia de anéis, era Anaís.

Encontramo-nos naquele dia e fomos caminhando em silêncio.

Perto de uma ponte, buzinando muito e sem capota, um jipe passou por nós e tivemos que tapar o rosto com as mãos, para nos proteger dos respingos da lama. E continuamos. Daí a pouco, ainda sem trocarmos palavra, Vicente pôs a mão no meu ombro, olhou para mim e perguntou de repente: "Você já sabe o que vai ganhar no Natal?...". Eu fiquei perturbado e nada respondi. Mas aquele menino, com um meio sorriso, disse: "Pois é, eu já sei...".

Cheguei em casa chorando e encontrei meu pai. Ele, ainda com as roupas sujas e a barba por fazer, bebia cerveja com outros homens, que vieram comprar gado. Há dias ele estava fora. Limpei depressa os olhos, e quando me dirigia para cumprimentá-lo e pedir-lhe a bênção, um daqueles moços, de bigodes bem ralos, me perguntou: "Qual é a sua graça, menino?". Mas o meu pai, respondendo por mim, disse-me, com a rispidez de sempre: "Vá, vá logo, busque os novinhos lá na manga de cima."

Minha mãe apenas olhava.

E eles voltaram a beber.

Eu montei a cavalo e fui.

Na noite seguinte, quando os três homens de despediram e nós ficamos sós, eu me enchi de coragem e disse a ele, que fazia umas contas: "Ontem, papai, Vicente me perguntou o que eu vou banhar de presente...". "E o que ele tem a ver com isso, meu filho, se nem daqui eles são?". E calou por aí. Da cozinha, a minha mãe, balançando a cabeça, me fez um gesto de desaprovação. E eu, arrependido por ter falado, busquei mais uma vez a solidão do meu quarto.

Mas novamente, naquela noite, fui invadido pelo sonho: "...era domingo, dia seguinte ao Natal e eu, de roupas novas, correntinha de ouro e sapatos, passeava no meio dos meus colegas que, boquiabertos, não podiam ou não queriam acreditar que eu havia ganho uma lindeza daquelas. Cheguei até a ver dona Mirtes, mãe de um deles, que olhava para mim e dizia: "Que gente mais exibicionista, meu Deus...". Juro que nem liguei para a inveja dela e continuei, pela rua afora, a mostrar que eu era feliz".

Mas pela manhã, como de costume, tudo voltou a ser como antes. E mais: "De hoje em diante, além de buscar os bezerras, você vai ajudar no corte do capim". E aquele, eu sabia, era um trabalho horrível. Pois além do perigo dos escorpiões e dos lagartos que ali viviam aos montes, as folhas daquele capim (já me esqueci o nome), cortavam como uma faca. E não adiantou a minha mãe, com muito jeito, tentar convencê-lo de que eu ainda era muito pequeno para tal tipo de serviço.

próxima vez llego hasta Colatina...". Entonces mi madre, dejando caer un pocillo, le preguntó, "¿Por qué, Dalmo, vas tan pero tan lejos?".

Y yo, chiquilín, soñaba...

Una tarde, cuando volvía de la escuela, me encontré con Vicente. A pesar de ser más chico que yo, él era mucho más alto y fuerte. No había nacido en nuestra ciudad, y hablaba diferente de nosotros, con una voz fina y cantada, y días atrás yo había oído que él y su padre, *sertanejo*¹ también, estaban en Santa Marta para abrir una panadería. El nombre de su madre, una mujer gorda y llena de anillos, era Anaís².

Nos encontramos aquel día y fuimos caminando en silencio.

Cerca de un puente, a los bocinazos y sin capota, nos pasó un jeep y tuvimos que taparnos la cara con las manos, para protegernos de las salpicaduras de barro. Y continuamos. A poco de allí, sin que todavía cambiásemos palabra, Vicente puso su mano en mi hombro, me miró y preguntó de repente: "¿Vos ya sabés lo que te van a regalar en Navidad?". Yo quedé perplejo y no respondí nada. Pero aquel chico, con una media sonrisa, dijo: "Porque yo ya sé".

Llegué a casa llorando y encontré a mi padre. Él, todavía con la ropa sucia y sin afeitarse, bebía cerveza con otros hombres, que habían venido a comprar ganado. Hacía días que él estaba fuera. Me limpié rápido los ojos, y cuando me dirigía a saludarlo y a pedirle la bendición, uno de aquellos hombres, de bigotes bien malos, me preguntó, "¿Cuál es su gracia, jovencito?". Pero mi padre respondió por mí, y me dijo, con la rispedez de siempre: "Vaya, rápido, busque los novillos allá en el potrero de arriba."

Mi madre apenas miraba.

Y ellos continuaron bebiendo.

Monté a caballo y fui.

A la noche siguiente, cuando los tres hombres se despidieron y nos quedamos solos, junté coraje y le dije a él, que estaba haciendo unas cuentas: "Ayer, papá, Vicente me preguntó qué me van a regalar...". "¿Y él que tiene que ver con eso, m' hijo? Si ni son de aquí." Y se calló. Desde la cocina, mi madre, moviendo la cabeza, me hizo un gesto de desaprobación. Y yo, arrepentido de haber hablado, busqué una vez más la soledad de mi cuarto.

Pero nuevamente, aquella noche, me invadió ese sueño: "...era domingo, el día siguiente a Navidad y yo, con ropa nueva, leontina de oro y zapatos, paseaba entre mis compañeros, boquiabiertos, que no podían o no querían creer que me habían regalado una preciosa de esas. Hasta llegué a ver a doña Mirtes, madre de uno de ellos, que me miraba y decía: 'Qué gente más exhibicionista, Dios mío...'. Juro que ni presté atención a su envidia y seguí, por la calle, mostrando que era feliz".

Pero por la mañana, como de costumbre, todo volvió a ser como antes. Y más: "De hoy en adelante, además de buscar los terneros, vas a ayudar en el corte del pasto". Y aquél, yo sabía, era un trabajo horrible. Porque además del peligro de los escorpiones y los lagartos que vivían ahí a montones, las hojas de aquel pasto (ya me olvidé el nombre), cortaban como navaja. Y de nada sirvió que mi madre, con mucho tacto, tratara de convencerlo de que yo todavía era muy pequeño para ese tipo de labor. "El

1. N. de T.: *sertanejo* designa al habitante del *sertão*, región poco poblada del interior brasileño (especialmente al noroeste), semidesértica, donde predomina la cría de ganado.

2. N. de T.: Cfr. en el texto en portugués el juego de palabras entre *anéis* (anillos) y *Anaís*.

"O dia, Maria, começa é cedo". E pôs de novo os óculos, pois costumava tirá-los para falar.

Por aqueles dias, dezembro já havia começado. Lindaaura, uma moça que morava conosco, usava uma única trança e era pastorinha, todas as noites pintava o rosto, punha roupa nova e saía para ensaiar. Também, lá na igreja, já se iniciavam os preparativos para a missa solene, que este ano, diziam, contaria com a presença do bispo. E no alto-falante, em todas as pregações, o padre, recém-chegado à cidade, pedia ao povo que colaborasse. E chovia. Chovia muito.

Vendo que a festa estava chegando, eu trabalhei como nunca: levantei ainda mais cedo para buscar os bezerros, agüei sozinho a horta, ajudei meu pai (sem ele pedir) a engraxar o caminhão e cortei montes de capim. Às vezes, quando ficávamos nós dois, eu quase lhe perguntava: "Então, papai, eu vou mesmo ganhá-la?..."

Um dia, sonhando acordado, enquanto limpava um dos pneus, ele me pegou naquele devaneio, me olhou assustado, do susto passou à ironia, e disse: "Você está doido menino...?" "Não, meu pai, eu não estou." E fui mais longe: "Doida é a sua tia Beatriz ou quem sabe o senhor mesmo...". Tive vontade de falar; juro que tive. Mas não o fiz, pois as conseqüências, eu sabia, poderiam ser terríveis, uma vez que ele, por muito menos, já havia me batido. Como no dia em que deixei o portão aberto. Ou aquele outro na hora do jantar, quando fui para a mesa sem camisa. Não. De jeito nenhum eu poderia responder-lhe. Ainda mais em dias como aqueles. "Qualquer coisa agora", eu pensava, "pode ser o fim de tudo". E mesmo ainda ouvindo as palavras de minha mãe de que gente como nós não podia sonhar, eu sonhava. E criava situações. E me aliava à ilusão. Cheguei até, em momentos de muita ousadia, a colocar um bilhete debaixo do travesseiro dele. E no outro dia – antes mesmo de tomar o café e iniciar o serviço – eu perguntei à minha mãe se ele o havia encontrado. E ela de novo olhou para mim com aquele seu jeito quieto, fez novas carícias, suspirou e disse, como a si própria: "Ele viaja amanhã".

Ouvir aquilo foi como se tudo tivesse acabado.

Deixei a minha mãe ali no corredor, sozinha, e fui ao banheiro; urinei muito, a barriga começou a doer e senti uma tonteira estranha. Para melhorar – como eu havia aprendido na escola – lavei o rosto, molhei os pulsos e respirei fundo. Mas só pensava: "Como fui bobo em sonhar... Eu nunca, nunca vou ganhá-la!". Mas bem dentro de mim uma força, dessas que chegam de mansinho, tentava me acalmar e insistia: "Não, não é possível, ele não vai fazer isso com você".

E assim, pensando muito, eu passei o dia. E foi assim, fazendo as minhas obrigações, que chegou a tarde. Mas, no começo da noite, quando tudo estava muito calmo e eu, assentado no alpendre, não imaginava mais nada, de repente o meu pai subiu as escadas, chegou onde eu estava, segurou o meu braço, tossiu e disse: "Amanhã, meu filho, eu viajo". E fez uma pausa. "Tome conta de sua mãe e olhe bem as coisas, pois eu não vou demorar." E acendeu um cigarro, e ia saindo, quando eu, pela última vez, me dirigi a ele, e abafando o choro lhe perguntei com a voz engasgada: "Então, papai, o senhor vai trazê-la para mim?...". "Quem sabe, meu filho, quem sabe...". E foi entrando, nem disse boa noite, ou fez qualquer outro gesto.

Eu, com o coração aos pulos, só ouvi o barulho de suas botas no corredor.

día, María, comienza bien temprano”. Y se puso de nuevo los anteojos, pues solía sacárselos para hablar.

Por aquellos días, diciembre ya había comenzado. Lindaura, una muchacha que vivía con nosotros, que usaba una única trenza y era pastora, todas las noches se pintaba, se ponía ropa nueva y salía a ensayar. Allá, en la iglesia, también se iniciaban los preparativos para la misa solemne que ese año, decían, contaría con la presencia del obispo. Y en el altoparlante, en todos los sermones, el cura, recién llegado a la ciudad, pedía al pueblo que colaborase. Y llovía. Llovía mucho.

Viendo que la fiesta estaba llegando, trabajé como nunca: me levanté todavía más temprano para buscar los terneros, regué yo solo la huerta, ayudé a mi padre (sin que me lo pidiera) a engrasar el camión y corté montañas de pasto. A veces, cuando nos quedábamos los dos, yo casi le preguntaba, “Entonces, papá, ¿me la van a regalar?”.

Un día, soñando despierto mientras limpiaba una de las ruedas, él me pescó en aquel devaneo, me miró asustado, del susto pasó a la ironía, y dijo: “¿Vos estás loco, chico?”. “No papá, no estoy loco”. Y fui más lejos: “Loca es su tía Beatriz, o quién sabe, usted mismo...” Tuve ganas de hablar; juro que tuve. Pero no lo hice, porque las consecuencias, yo lo sabía, podrían ser terribles; en una oportunidad, por mucho menos, él me había pegado. Como el día en que dejé la tranquera abierta. O esa otra vez, a la hora de la cena, cuando fui a la mesa sin camisa. No. De ninguna forma yo podría responderle. Menos aún en días como aquellos. “Cualquier cosa, ahora”, pensaba, “puede ser el fin de todo”. Y escuchando todavía las palabras de mi madre de que gente como nosotros no podía soñar, yo soñaba. Y creaba situaciones. Y me afeerraba a la ilusión. Hasta llegué, en un momento de mucha osadía, a poner un papeliito debajo de la almohada de él. Y al otro día –antes de tomar el desayuno y empezar mis tareas– le pregunté a mi madre si él lo había encontrado. Y ella de nuevo me miró con esa serenidad suya, me hizo nuevas caricias, suspiró y dijo, como para sí misma: “Él viaja mañana”.

Oír aquello fue como si todo hubiese acabado.

Dejé a mi madre allí en el pasillo, sola, y fui al baño; oriné mucho, empezó a dolerme la panza y sentí un mareo extraño. Para sentirme mejor –como había aprendido en la escuela– me lavé la cara, me mojé las muñecas y respiré hondo. Pero sólo pensaba: “¡Qué tonto fui en soñar... Nunca, nunca me la van a regalar!”. Pero bien adentro mío una fuerza, de esas que llegan despacito, trataba de calmarme e insistía: “No, no es posible, él no va a hacer eso con vos”.

Y así, pensando mucho, pasé el día. Y así fue, cumpliendo con mis obligaciones, que llegó la tarde. Pero, al comienzo de la noche, cuando todo estaba muy calmo y yo, sentado en la galería, ya no imaginaba más nada, de repente mi padre subió las escaleras, llegó hasta donde yo estaba, me tomó del brazo, tosió y dijo: “M’hijo, mañana viajo”. Hizo una pausa. “Cuide a su madre y vigile bien todo, que no voy a demorar.” Y encendió un cigarrillo, e iba saliendo cuando yo, por última vez, me dirigí a él, y ahogando el llanto, le pregunté con voz entrecortada: “¿Entonces, papá, me la va a traer ...?”. “Quién sabe, m’hijo, quién sabe”. Y fue entrando, no dijo buenas noches ni hizo ningún otro gesto.

Con el corazón al galope, yo sólo escuché el ruido de sus botas en el pasillo.

Ave-marias



Nilto Maciel

I

Coronel Isidoro ronda a sala, vermelho, peru enraivecido. Valsa entre as cadeiras, limitado pelas paredes, pronto a saltar sobre Gracinha. Bufa, sua, o grito estancado na fumaça da boca.

— Escute bem o que vou lhe dizer.

Caminha na direção da rua, empurra a porta, prende-se mais. Mágico, fecha as duas janelas a um passo.

Cabeça pregada ao colo, a moça treme, geme, chora a uma cadeira.

Quietos, mudos, sérios, personagens sacros e profanos misturam-se no painel desbotado da parede às suas costas: o coração de Jesus sangra, Isidoro bigodudo e Zulmira branca unem-se, Virgem Maria lastima-se, crianças vestidas de primeira comunhão arregalam os olhos, São José...

— Mas pai...

Na quase escuridão, os olhos do homem luzem como faróis e avançam para a filha.

— Nem um pio.

O gato se retorce no sofá velho, estica as pernas, afunda a cabeça na maciez do assento, grunhe.

— De hoje em diante não quero mais nem ouvir o nome daquele moleque.

Olhos grudados nas palmas das mãos, Gracinha soluça, coberta de cabelos. O pai marcha, pés duros pilando o chão, buracos da cara soltando fumaça. A moça ergue a cabeça, funga, levanta a ponta da saia para enxugar o choro. Nas mãos e na roupa ensopadas refletem-se as duas estrelas que pingam.

Avemarías



Nilto Maciel

I

El coronel¹ Isidoro ronda la sala, colorado, pavo embravecido. Se desliza entre las sillas, limitado por las paredes, listo para saltar sobre Gracinha. Bufa, suda, el grito estancado en el humo de la boca.

—Escuche bien lo que le voy a decir.

Camina en dirección a la calle, empuja la puerta, se enciende más. Como un mago, cierra las dos ventanas de una vez.

La cabeza clavada al cuello, la muchacha tiembla, gime, le llora a una silla.

Quietos, mudos, serios, personajes sacros y profanos se mezclan en el cuadro descolorido de la pared a sus espaldas: el corazón de Jesús sangra, Isidoro bigotudo y Zulmira blanca se unen, la Virgen María se lastima, niños vestidos de primera comunión abren grandes los ojos, San José...

—Pero padre...

En la casi oscuridad, los ojos del hombre resplandecen como faroles y avanzan hacia la hija.

—No diga ni pío.

El gato se retuerce en el viejo sofá, estira las piernas, hunde la cabeza en la blandura del asiento, gruñe.

—De hoy en adelante no quiero ni oír el nombre de ese mocoso.

Con los ojos pegados a las palmas de las manos, Gracinha solloza, cubierta con sus cabellos. El padre marcha, los pies duros moliendo el piso, los orificios de la cara echando humo. La muchacha alza la cabeza, sorbe, levanta la punta de la pollera para secarse las lágrimas. En las manos y en la ropa empapadas, se reflejan las dos estrellas que gotean.

1. N. de T.: El *coronelismo*, considerado típico del medio rural del interior y de pequeñas ciudades brasileñas, floreció durante el período conocido como Primera República (1889-1930). En este fenómeno, cierto individuo, llamado *coronel*, generalmente propietario rural, ejercía el poder político, económico y social sobre la población de una región.

II

Pela 7 de Setembro, Isidoro cavalga o jipe a toda. Esporeia, chicoteia, upa, upa, bicho danado. À porta do Café Portuêz, uma rodinha ri, gesticula, cabriola em redor do Dr. Pinheiro.

– Safado.

Um cachorro atravessa a rua imprudentemente, mostrando os dentes, tirando fina no carro saltitante. O coronel urra um nome feio. À calçada, duas mulheres que conversam voltam-se para a zoadada.

– Carro mais doido.

Isidoro da Paixão, empapado de suor, passa o lenço sujo na testa, no rosto, no pescoço cabeludo.

– Pensei que fosse um menino.

Pela Dom Bosco o jipe pula, relincha, peida, em tempo de voar.

– Mato aquela sem-vergonha.

III

Gracinha afaga o gato com as mãos úmidas, pequeninas. Murmura, materna.

– Não fique com medo, não, viu?

O animal espoja-se todo no sofá, arreganha os dentes, estica-se, agarra, dengoso, as mãos da moça.

* * *

Livro aberto diante dos olhos parados, Carlinhos coça o queixo. "Abriram-se os braços do guerreiro adormecido e seus lábios; o nome da virgem ressoou docemente".

O calor queimava o chão do terreiro, as paredes e o telhado do cabaré, o mundo, os olhos do filho do Dr. Pinheiro. Na cama, afogueada, irritada, Mariinha revolta-se, como se se assasse na fogueira.

– Puta que pariu.

Os olhos do rapaz fulguram no fim da tarde, trespassam as folhas da lenda.

* * *

O bichano esfrega a cabeça no sofá, desembainha as unhas, abre as pernas, faz de conta que morde as mãos de Gracinha, mia fino.

– Safadinho.

* * *

Os pés de Carlinhos tremem no chão luzidio da sala, as mãos agarram o livro antigo. "A juriti, que divaga pela floresta, ouve o terno arrulho do companheiro."

II

Por la 7 de Setembro, Isidoro cabalga el jeep a toda velocidad. Espolea, latigüea, upa, upa, bicho furioso. En la puerta del Café Português, un grupito ríe, gesticula, hace cabriolas en torno al Dr. Pinheiro.

—Descarado.

Un perro atraviesa la calle imprudentemente, mostrando los dientes, le hace un fino al auto saltarín. El coronel ruge una palabrota. En la vereda, dos mujeres que conversan se dan vuelta hacia el bullicio.

—Qué auto más imprudente.

Isidoro da Paixão, empapado en sudor, se pasa el pañuelo sucio por la frente, por el rostro, por el cuello peludo.

—Pensé que era un chico.

Por la Don Bosco el jeep salta, relincha, a los pedos, a punto de volar.

—La mato a esa sinvergüenza.

III

Gracinha acaricia el gato con las manos húmedas, pequeñitas. Murmura, maternal.

—No tengas miedo, ¿eh?

El animal se recuesta íntegro en el sofá, enseña los dientes, se estira, sujeta, lánguido, las manos de la chica.

* * *

Con el libro abierto frente a los ojos serenos, Carlinhos se rasca la mandíbula. “Se abrieron los brazos del guerrero adormecido y sus labios; el nombre de la virgen resonó dulcemente”.

El calor quemaba el suelo del terreno, las paredes y el tejado del cabaret, el mundo, los ojos del hijo del Dr. Pinheiro. En la cama, enrojecida, irritada, Mariinha se revuelve como si se asara en la hoguera.

—Putá que lo parió.

Los ojos del muchacho fulguran en el fin de la tarde, traspasan las hojas de la leyenda.

* * *

El gatito restriega su cabeza en el sofá, desenvaina las uñas, abre las patas, hace como que muerde las manos de Gracinha, maúlla finito.

—Atorrantito.

* * *

Los pies de Carlinhos tiemblan en el piso reluciente de la sala, las manos agarran el libro antiguo. “La *juriti*,² que divaga por la floresta, oye el tierno arrullo del compañero.”

2. N. de T.: Ave de plumaje marrón, de la familia de las palomas, de canto agradable.

Maria retirou, de supetão, o último pano que vestia e estendeu pernas e braços ao longo da cama, crucificando-se. Banhada de suor, fechou os olhos, agonizando no horto de todo dia.

A porta rangeu e se foi escancarando, zunindo como um besouro.

— Dormindo, minha santa?

Carlinhos fita o texto, que dança entre seus dedos.

* * *

Pé ante pé, D. Zulmira aparece às costas da filha.

— Ele saiu?

Gracinha larga o gato e desata a chorar. O bicho assusta-se e, de um pulo, foge para o interior da casa.

— Que é que eu vou fazer agora, mamãe?

* * *

Uma mosca pousa no meio da folha do livro e Carlinhos assopra com fúria. "Em suas faces incendidas rutilava o primeiro sorriso da esposa, aurora do fruído amor".

Mariinha encolheu-se toda, escondendo a nudez que a cobria e mandou que Zefa fechasse a porta logo.

A visitante riu e sentou-se à beira da cama, enquanto a outra falava que tinha vontade de sair correndo como uma doida, meter-se num rio ou possuir um ventilador bem grande e ficar ali deitada, porta aberta para o vento, uma perna aqui, outra acolá.

— Deixa que eu te abano.

O estudante remexe-se na cadeira, suspira, o livro morto em suas mãos.

* * *

Mãe e filha fungam, olhos pregados na porta da rua, xifopagamente abraçadas.

— Vá tomar banho.

Gracinha desprende-se a custo de D. Zulmira e levanta-se. As mãos ainda permanecem grudadas por um minuto.

— Vá.

* * *

Mão metida entre as calças, Carlinhos curva-se para a história estendida sobre as coxas.

— Menino estudioso. Sua mãe está aí?

Ajeita-se, gagueja, fixa os olhos nas palavras. "Tupã já não tinha sua virgem na terra dos tabajaras".

A mulher entra, arrastando os chinelos, aos berros.

— Oi de casa.

María se sacó, de repente, la última prenda que vestía y extendió las piernas y brazos a lo largo de la cama, crucificándose. Bañada en sudor, cerró los ojos, agonizando en esa cotidiana angustia.

La puerta crujió y fue abriéndose completamente, zumbando como un cascarudo.

—¿Durmiendo, mi santa?

Carlinhos escruta el texto, que baila entre sus dedos.

* * *

En puntas de pie, doña Zunilda aparece a espaldas de la hija.

—¿Él salió?

Gracinha suelta el gato y rompe en llanto. El bicho se asusta y, de un salto, huye hacia el interior de la casa.

¿Qué voy a hacer ahora, mamá?

* * *

Una mosca se posa en medio de la hoja del libro y Carlinhos sopla con furia. “En sus facciones incendiadas rutilaba la primera sonrisa de la esposa, aurora del gozoso amor”.

Mariinha se encogió toda, escondiendo la desnudez que la cubría y mandó que Zefa cerrase la puerta enseguida.

La visitante rió y se sentó al costado de la cama, mientras la otra hablaba que tenía ganas de salir corriendo como una loca, meterse en un río o tener un ventilador bien grande y quedarse ahí acostada, con la puerta abierta al viento, una pierna acá, la otra allá.

—Dejá que yo te abanico.

El estudiante se revuelve en su silla, suspira, el libro muerto entre sus manos.

* * *

Madre e hija sollozan, los ojos clavados en la puerta de calle, abrazadas como siamesas.

—Andá a darte un baño.

Gracinha se desprende con dificultad de doña Zulmira y se levanta. Las manos permanecen pegadas por un minuto.

—Andá.

* * *

Carlinhos, las manos entre las piernas, se inclina hacia la historia extendida sobre sus muslos.

—Qué chico más estudioso. ¿Está tu madre?

Se acomoda, titubea, fija los ojos en las palabras. “Tupã ya no tenía su virgen en la tierra de los tabajaras”.³

La mujer entra, arrastrando las ojotas, a los gritos.

—Buenas y santas.

3. N. de T.: El personaje del relato se encuentra leyendo *Iracema, leyenda de Ceará* (1865) del escritor cearense José Martiniano de Alencar (1829-1877), obra señera de la literatura nacional bra-

Zefa tirou o vestido, ajoelhou-se entre as pernas de Maria e pôs-se a sacudir a roupa sobre o corpo da amiga.

– Está maluca?

Carlinhos inquieta-se, passa os dedos no nariz, na boca, leva e traz a mão entre o livro e o passado.

* * *

No banheiro, nua, Gracinha abre a torneira e a água pinga pesada no cimento.

– Ai.

Uma barata corre pelo canto da parede na direção do vaso sanitário.

– Ui.

* * *

Carlinhos fecha o livro e o deita às pernas.

Zefa derreou-se sobre Maria, beijando-lhe os seios, amassando-lhe o ventre, vigorosa.

– Deixa, Mariinha, deixa.

IV

Pára o jipe quase dentro da bodega, salta, fecha a porta a um empurrão e pede uma cerveja, aos berros.

O bodegueiro inquieta-se, mexe e remexe a geladeira, saltita, curva-se.

– Sim, senhor, sim, senhor, coronel.

As mãos procuram o abridor, vasculham os bolsos, ferem o balcão, derramam feijão, blasfemam.

– Tem muito cabra de peia aqui, Seu Expedito.

Um tamborete surge às costas de Isidoro, alisado, experimentado, reverenciado.

Esvazia o primeiro copo, espumante, esfrega as costas da mão na boca, acende um cigarro.

A sombra arrastava-se como cobra à plena luz do dia e se aproximava do coronel.

– Essa alma quer reza.

Ficou rondando, feito menino desconfiado querendo bombom.

– Alguma coisa comigo?

– Um particular, coronel.

Chupa o cigarro com força e a fumaça sai, aos borbotões, pelas ventas entupidas de cabelo.

– Desembuche, homem.

Zefa se sacó el vestido, se arrodilló entre las piernas de María y se puso a sacudir la ropa sobre el cuerpo de su amiga.

—¿Estás loca?

Carlinhos se inquieta, pasa los dedos por la nariz, por la boca, lleva y trae la mano entre el libro y el pasado.

* * *

En el baño, desnuda, Gracinha abre la canilla y el agua gotea, pesada, en el cemento.

—Ay.

Una cucaracha corre por la orilla de la pared en dirección al inodoro.

—Uy.

* * *

Carlinhos cierra el libro y lo recuesta en sus piernas.

Zefa se curvó sobre María, besándole los senos, amasándole el vientre, vigorosa.

—Dejame, Mariinha, dejame.

IV

Para el jeep casi dentro del bodegón, salta, cierra la puerta de un empujón y pide una cerveza, a los gritos.

El almacenero se inquieta, hurga y rebusca en la heladera, salta, se inclina.

—Sí, señor, sí, señor, coronel.

Las manos buscan el abridor, hurgan en los bolsillos, golpean el mostador, derraman el poroto, blasfeman.

—Hay mucho candidato al rebenque aquí, don Expedito.

Un taburete surge a espaldas de Isidoro, liso, probado, reverente.

Vacía el primer vaso, espumante, refriega el revés de la mano en la boca, enciende un cigarrillo.

Una sombra se arrastraba como cobra a plena luz del día y se aproximaba al coronel.

—Esa alma quiere plegaria.

Se quedó rondando, como un chico desconfiado que quiere bombones.

—¿Es algo conmigo?

—Una palabra en privado, coronel.

Chupa el cigarrillo con fuerza y el humo sale, a borbotones, por las narinas tapadas de pelo.

—Desembuche, hombre.

silera. La novela cuenta la trágica historia de amor entre Iracema, vestal indígena de estirpe tabajara, guardiana del secreto de la jurema (bebida alucinógena de uso ritual, preparada con la nuez, cáscara y raíces de la planta homónima), y Martim Soares Moreno, primer colonizador portugués de Ceará. La historia toda es una alegoría del proceso de colonización del Brasil por parte de los portugueses.

O caboclo esfregou as mãos, olhou para os lados, abaixou a cabeça enrugada.
– Estão dizendo que aquela sua rapa...
Isidoro suspirou, descruzou os braços, fitou o enredeiro, que deu um passo atrás e calou-se.
– Não venha com safadeza, cabra. Sua o quê?
O homenzinho pedia desculpas, engasgava-se, encolhia-se, só queria ajudar o coronel, mas sabia que aquilo era história furada.
– E eu sou homem de ouvir história furada, seu sem-vergonha?
Vira o copo goela a dentro, arrota, avermelha-se, incha.
– Meu coronel, eu quero dizer que é calúnia dos inimigos do senhor.
Urrou, ergueu-se, mão na cintura, pronto a sujigar o cabra, os inimigos, o mundo.
– De quem?
– Do filho do Dr. Pinheiro.
Esmurra a mesa, cospe o cigarro, levanta-se, chuta o tamborete.
– Quanto foi a despesa?

V

À porta do cabaré, um moleque fala a Ana Souto.
– Está sozinho?
O menino coça o pixaim, cutuca o chão com os dedos do pé. A dona da casa interessa-se pela notícia, pergunta e especula, lenço vermelho em volta da cabeleira loura, seios bojudos dançando no decote.
– E vem para cá?

* * *

Carlinhos sorri, solta os dedos de Gracinha e dá um pontapé leve na parede.
– Até.
A moça continua debruçada à janela, olhos voltados para o namorado que caminha no rumo da Matriz.

* * *

Montado no jipe, Isidoro escramuça pelos becos do Potiú. A poeira vermelha o persegue. Ele arrota, peida e brada.
– Porra.
A cachorrada esquelética disputa aos moleques seminus o privilégio da vaia alegre à novidade do entardecer.

* * *

Abraça e beija demoradamente a mãe e diz que vai conversar com uma amiga. Explicando-se, inventa um nome.

El mestizo se restregó las manos, miró para los lados, bajó la cabeza arrugada.

—Andan diciendo que su querid...

Isidoro suspiró, descruzó los brazos, miró al chismoso, que dio un paso atrás y se calló.

—No me vengas con bajezas, cabrón. ¿Mi qué?

El hombrecito pedía disculpas, se atragantaba, se encogía, sólo quería ayudar al coronel, pero sabía que aquello era puro cuento.

—¿Y yo soy hombre de andar oyendo cuentos, so sinvergüenza?

Apunta el vaso garganta adentro, eructa, se pone colorado, se ensoberbece.

—Mi coronel, yo quiero decir que son calumnias de sus enemigos.

Bramó, se irguió, las manos en la cintura, listo para amasijar al tipo, a los enemigos, al mundo.

—¿De quién?

—Del hijo del Dr. Pinheiro.

Aporrea la mesa, escupe el cigarrillo, se levanta, pateo el taburete.

—¿Cuánto se debe?

V

En la puerta del cabaret, un muchachito habla con Ana Souto.

—¿Está solo?

El chico se rasca el pelo crespo, tuerce contra el piso los dedos del pie. La dueña de casa se interesa por la noticia, pregunta y especula, un pañuelo rojo le envuelve la cabellera rubia, los pechos hartos le bailan en el escote.

—¿Y viene para acá?

* * *

Carlinhos sonríe, suelta los dedos de Gracinha y da una patada leve en la pared.

—Nos vemos.

La muchacha continúa asomada a la ventana, los ojos puestos en el novio, que camina rumbo a la iglesia mayor.

* * *

Montado en el jeep, Isidoro corcovea por los callejones de Potiú. Una polvareda colorada lo persigue. Eructa, pedorrea y clama.

—Putamadre.

El perrerío esquelético disputa a los muchachitos semidesnudos el privilegio de la algarabía ante la novedad del atardecer.

* * *

Abraza y besa demoradamente a su madre y le dice que va a conversar con una amiga. Para explayarse, inventa un nombre.

E o cheiro de rosas de Gracinha invade a rua, ladeira abaixo.

– Volte logo.

* * *

Ana Souto exige explicações, fuma, gesticula, irrita-se, cheia de pulseiras, rodeada de dobras da saia.

– Por acaso ele é o capeta, meninas?

Maria choraminga, impaciente-se, tropica nas palavras. Zefa corre para os fundos, debaixo dos insultos da colega.

– Ela tomou teu homem?

* * *

Antes de dobrar a esquina para a direita, Carlinhos olha mais uma vez para trás. Caras espantadas o espionam das janelas. Sua sombra toma a calçada de três casas. Arranca, esticando as pernas.

– Não tenho culpa de ter visto.

* * *

Diante do cabaré, o coronel pára o carro e salta ligeiro. A ponta do cigarro bate na parede e faíscas em estilhaço festejam sua chegada. Chuta a porta do jipe, pigarra, olha em volta. Às janelas, olhos enormes paralisados. Um casal de viralatas trepa no meio da rua.

– Maria.

* * *

Quase correndo, Gracinha pisa-não-pisa a própria sombra. Vai que vai à pressa. Dobra à esquerda para as bandas das Lajes.

VI

Numa cadeira de palha, Ana Souto balança-se. Entre seus dedos o longo cigarro marcado a batom. A fumaça faz piruetas na sala.

– Quede aquela puta da Maria?

Alvoraçadas, como em noites de cu-de-boi, as mulheres desembestam casa a fora, gritando e chorando.

– Valei-me meu São Francisco de Canindé.

No centro da sala, Isidoro ruge diante da dona da casa, que fuma e fala, levanta-se e tremelica, pisca e cala.

– O que foi que aconteceu, Coronel Isidoro da Paixão?

* * *

Y el aroma de rosas de Gracinha invade la calle, pendiente abajo.
—Volvé enseguida.

* * *

Ana Souto exige explicaciones, fuma, gesticula, se irrita, llena de pulseras, rodeada de pliegues de su pollera.

—¿Acaso él es el diablo, chicas?

María lloriquea, se impacienta, tropieza en las palabras. Zefa corre hacia el fondo, bajo los insultos de su compañera.

—¿Qué, ella tomó tu hombre?

* * *

Antes de doblar la esquina hacia la derecha, Carlinhos mira una vez más hacia atrás. Caras espantadas lo espían desde las ventanas. Su sombra ocupa la vereda de tres casas. Arranca, estirando las piernas.

—Yo no tengo la culpa de haber visto.

* * *

Frente al cabaret, el coronel detiene el auto y se baja rápido. La punta del cigarrillo pega en la pared y una lluvia de chispas festejan su llegada. Patea la puerta del jeep, carraspea, mira alrededor. En las ventanas, ojos enormes, paralizados. Una yunta de perros callejeros coje en medio de la calle.

—María.

* * *

Casi corriendo, Gracinha casi ni pisa su propia sombra. Va que va, a toda prisa. Dobla hacia la izquierda para el lado de las Lajas.

VI

En una silla de paja, se hamaca Ana Souto. Entre sus dedos, el largo cigarrillo marcado de rouge. El humo hace piruetas en la sala.

—¿Adónde está esa puta de María?

Inquietas, como en las noches de quilombo, las mujeres huyen de la casa, gritando y llorando.

—Válgame mi San Francisco de Canindé.

En el centro de la sala, Isidoro ruge frente a la dueña de casa, que fuma y habla, se levanta y tiritita, parpadea y calla.

—¿Qué ha pasado, coronel Isidoro da Paixão?

* * *

Do lado de dentro do cercado, metido no mato, Carlinhos olha para o rio que passa cantando à sua esquerda.

Adiante, a filha do coronel esbarra nas pedras, jeito de menina perdida.

— Psiu.

* * *

Aos gritos de Maria, Maria, Maria, o pai de Gracinha embarafusta pelo cabaré, escancarando portas, esmurrando paredes, quebrando jarros.

— Aparece, cadela.

No seu calcanhar, Ana Souto chora, agarra-se aos santos, suplica ao coronel.

* * *

Coberto de carrapichos, Carlinhos força os arames da cerca para que a moça passe. Agachada, mete-se entre os fios. Uma farpa enfia-se em seu vestido.

— Calma, calma, que eu te desengancho.

Abaixada, Gracinha diz que não agüenta mais, está cansada, vai rasgar as vestes.

— É o jeito.

* * *

No quintal, escondida detrás de um pote velho, Maria bate o queixo, mija-se, encolhe-se. E diante de seus olhos, que quase beijam o chão, duas botas pretas enormes param. Abaixa-se mais, achata-se, enterra a cabeça entre as pernas, pede clemência, perdão. Mas a mão pesada, calosa, ardente do coronel enfia-se no meio de seus belos cabelos castanhos e a puxam para o céu, furiosamente.

— Puta de puta.

* * *

Escuro como breu, o rio desliza, os grilos cricrilam, os sapos coaxam, Gracinha e Carlinhos se lambuzam no meio das muriçocas, debaixo de uma mangueira.

* * *

Isidoro e Mariinha tomam conta do quintal, volteiam, quase abraçados, passos soberbos de dança primitiva, ele, a mão-tacape indo e vindo, ela, vestes esfarrapadas, ensangüentada, inchada. Sapateia o par nas ave-marias.

— Rapariga do diabo.

* * *

Geme Gracinha no chão verde. Geme Carlinhos sobre o corpo róseo dela. Os sinos da Matriz badalam seis vezes.

— Ave-Maria, meu amor.

Del lado de adentro del alambrado, metido en el monte, Carlinhos mira hacia el río que pasa cantando a su izquierda.

Adelante, la hija del coronel se tropieza en las piedras, como una niña extraviada.
—Psst.

* * *

A los gritos de María, María, María, el padre de Gracinha atropella en el cabaret, abriendo puertas, trompeando paredes, rompiendo vasos.

—Aparecé, perra.

A sus talones, Ana Souto llora, le ruega a los santos, suplica al coronel.

* * *

Cubierto de amor-seco, Carlinhos fuerza los hilos del alambrado para que la muchacha pase. Agachada, se mete entre los hilos. Una púa se engancha en su vestido.

—Calma, calma, que yo te desengancho.

Agachada, Gracinha dice que no aguanta más, está cansada, va a rasgar su ropa.

—Es la forma.

* * *

En el patio, escondida detrás de una vieja vasija, María castañetea los dientes, se mea, se encoge. Y frente a sus ojos, que casi besan el suelo, se paran dos botas negras enormes. Se agacha más, se achata, entierra la cabeza entre las piernas, pide clemencia, perdón. Pero la mano pesada, callosa, ardiente del coronel engancha su bella cabellera castaña y la alza hacia el cielo, furiosamente.

—Putá remilputa.

* * *

Oscuro como brea, el río se desliza, los grillos hacen cri-cri, los sapos croan. Gracinha y Carlinhos se encastran en medio de los mosquitos, debajo de un mango.

* * *

Isidoro y Mariinha se adueñan del patio, dan vueltas, casi abrazados, soberbios pasos de una danza primitiva, él, la mano como hacha, yendo y viniendo, ella, ropas deshilachadas, ensangrentada, hinchada. Zapatean, ambos, al avemaría⁴.

—Ramera de mierda.

* * *

Gime Gracinha en el piso verde. Gime Carlinhos sobre el cuerpo rosado de ella. Las campanas de la iglesia mayor tocan seis veces.

—Ave María, mi amor.

4. N. de T.: *Al avemaría*, como solía referirse también al anochecer, a 'la hora del ángelus'.

Revoadas



Tiago Novaes

I

No momento em que os picotes da carta atingiram o asfalto da madrugada, cães vadios que desciam o breu côncavo de uma ladeira começaram a vociferar. Algo no peito feito um bagaço vivo ainda palpitava. Mas palpitava apertado, esfolando a cada ofegante choro seco que engolia. Sentiu uma raiva tremenda dos cães que avançavam, e gritou em voz baixa, venham seus miseráveis, retirem o resto de carniça, venham, que a mulher que eu mais amei me desprezou, devolveu-me a carta que escrevi, dizendo que a mim e só a mim a carta que escrevi era de fato destinada. "As cartas são para quem as escreve."

Ao recordar esta noite, lembra-se de pouco do que havia dito. Do poema, somente o título. "Senhora dos pássaros mortos". Punha tudo a descoberto e acusava as almas dos dois de se visitarem à noite, quando seus corpos ainda dormiam. Quando dez anos mais tarde lembrou-se daquela noite, lembra-se que os cães abriram caminho, saliva entre os dentes, para a raiva daquele que já tinha tão pouco a perder.

Era um fim de festa onde os colegas beberiam e aproveitariam a proximidade dos corpos envernizados de imã. Era a noite do segredo do sexo e do prazer, dos toques e das bobagens trocadas de ouvido a ouvido. Era o estouro da banda, a única visita do zepelim magnífico, eram os ciganos trazendo o gelo para que as crianças pudessem tocá-lo e jamais, jamais comprá-lo. Naquela noite, provocou os cães porque gostaria de ter sido devorado. Seus amigos entravam no ritual como se sempre o conhecessem. E ele por trás dos aros pretos da armação, dentro da pele vermelha, não compreendia nada do que se passava. Só compreendia que a graça de sua vida se encontrava nas mãos de uma senhora que a negava. Uma senhora que o tratava com ternura ao vê-lo morrer.

Senhora dos pássaros mortos. Apelidara-a ele mesmo, naquela páginas que caíram outonais no solo áspero da rua. Por que já chamá-la de senhora, se ainda tinha quinze anos, se levaria ainda mais cinco para deixar de ser senhorita? Como ninguém, ela encontrava pássaros no meio fio, nos jardins, a beira de expirarem. Cuidava-lhes as penas, a ferida, estancava o sangue e alimentava-os com uma atenção que doía em quem via. Mas morriam, os pássaros. Ela chorava dentro de

Bandadas



Tiago Novaes

I

En el momento en que los pedacitos de la carta tocaron el asfalto de la madrugada, perros vagabundos que bajaban la brea cóncava de una pendiente empezaron a vociferar. Algo en el pecho, como un bagazo vivo, palpitaba todavía. Pero palpitaba apretado, lastimando a cada llanto seco, asfixiante, que tragaba. Sintió una tremenda rabia de los perros que avanzaban, y les gritó en voz baja, vengan, miserables, retiren estos restos de carroña, vengan, que la mujer que más amé me ha despreciado, me ha devuelto la carta que le escribí, diciendo de hecho que a mí, y sólo a mí, estaba destinada la carta que le escribí. “Las cartas son para quien las escribe”.

Al recordar esta noche, se acuerda de poco de lo que había dicho. Del poema, solamente el título. “Señora de los pájaros muertos”. Ponía todo al descubierto y acusaba a las almas de ambos de visitarse por la noche, cuando sus cuerpos todavía dormían. Cuando diez años después recordó aquella noche, recuerda que los perros, con saliva entre los dientes, abrieron paso a la rabia de aquel que ya tenía tan poco que perder.

Era un fin de fiesta donde los colegas beberían y aprovecharían la proximidad de los cuerpos revestidos de imán. Era la noche del secreto del sexo y del placer, de los roces y las tonterías intercambiadas de oído a oído. Era el estruendo de la banda, la visita única del magnífico zepelín, eran los gitanos trayendo el hielo para que los niños pudieran tocarlo y jamás, jamás comprarlo. Aquella noche, provocó a los perros porque le hubiera gustado ser devorado. Sus amigos entraban en el ritual como si lo conocieran de siempre. Y él, detrás de los aros negros de sus anteojos, dentro de su piel rojiza, no comprendía nada de lo que pasaba. Sólo comprendía que la gracia de su vida se encontraba en las manos de una señora que se la negaba. Una señora que lo trataba con ternura mientras lo veía morir.

Señora de los pájaros muertos. La había bautizado él mismo, en aquellas páginas que habían caído, otoñales, en el suelo áspero de la calle. ¿Porqué llamarla señora, si aún tenía quince años, si tardaría todavía cinco años más en dejar de ser señorita? Como nadie, ella encontraba pájaros en el cordón de la vereda, en los jardines, a punto de expirar. Les cuidaba las plumas, la herida, paraba la sangre y los alimentaba con una atención que dolía a quien la viera. Pero se morían, los pájaros. Ella llo-

si, os soluços acobertados. Até que encontrava outra pequena ave anuviada ofegante, fora das nuvens. E de fora, ele sentia uma raiva enorme. Raiva daquelas pequenas tragédias, raiva de ser ela a figura mais mortal de toda a vida. Ela era o rio que ainda restava, frágil. E ele a ira, um amor que furou os próprios olhos e que se debatia, derrubando as sombras ao redor.

E quando lembrou-se daquela noite, veio-lhe à tona que sua ira era areia dentro da boca. Bobagem. Ele implorava, naquelas linhas, um sim, um simples sim que correspondesse a uma idéia de amor sem portas, um amor que ele construía para os dois, mas que só cabia nele e para ele. Ele pedia um sim: ela oferecia-lhe encontros. Dez anos depois, formados, cada qual com seus parentes, ele se deu conta de que ela nunca negara-lhe a vida. A carta que ela havia escrito oferecia um amor que farfalhava por entre os dedos. O que fizera dos seus primeiros quinze anos se não foi capaz de olhar para os lados, ou ao menos sentar-se e sentir a brisa?

Quando dez anos depois reencontraram-se por acaso, ele já sabia o que dizer que afugentasse o silêncio, já sabia ganhar tempo, desfrutar de olhar para seu rosto firme e suave enquanto a escutava sem pressa, já sabia o que é que se devia perguntar nestas horas, quais as preocupações, quando convidar, quando oferecer. Aos poucos descobriu sua histórias nos dias que os afastaram: o casamento, o pequeno filho, os gatos, os hábitos.

E a sua prosopopéia, o que ocupara o lugar de seu outrora acerbado ateísmo. Ela dizia poder receber vozes e corpos imateriais que se apegavam à sua pele como se despreja a pele morta e queimada de sol depois do verão. Dizia sonhar o futuro, sonhava com pessoas azuis pedindo-lhe ajuda. Falou dos centros de energia, dos passes sortilégicos, das energias que transitavam, das congestões no espírito, das leis que imperavam a transmutação dos corpos, das árvores caleidoscópicas de Nicolas Flameu e dos bebês que morriam sem nascer. E de modo ainda hipnótico, sem sobressaltos, segura como uma carícia que não precisa ser correspondida, falou das aftas encrustadas no céu acetinado da alma. A cada coisa que dizia, ele inquiria mais, pedia detalhes, como se tudo aquilo que vivera nos dez anos que o distanciaram sofresse o colapso de seu oposto simétrico. Diria a ela que era ateu, que não tinha fé alguma, que achava tudo aquilo espantoso? E diria que, contrariando qualquer coerência de caráter, parecia tudo a mais cristalina verdade? Sua voz não se distinguia do que ela o dizia. Acreditar no que dizia era acreditar em sua voz até a foz. Perguntou-lhe então daquela ira que sempre o perseguira, da raiva apaixonada por todos aqueles que se acercavam, por sua ânsia em engolir. Perguntou afirmando: você pode me ajudar mais uma vez, um dia é só um dia e tudo que se move está aí sobre tudo que é imóvel. Sim, você sim compreende, você sim acalma os cães da noite com um sorriso manso que traga tudo ao seu redor. Até os que não têm mandamentos se refugiam em seu monte das oliveiras. Até aqueles que não acreditam na salvação carregam cruces. E se por acaso não teve o infortúnio de se negar três vezes, um ateu poderia sem dúvida ouvir o galo cantar e fazer os cães adultos parirem todos ao mesmo tempo.

raba dentro de sí, sollozos ocultos. Hasta que encontraba otra pequeña ave nublada, anhelante, fuera de las nubes. Y de afuera, él sentía una rabia enorme. Rabia de aquellas pequeñas tragedias, rabia de que ella fuera la figura más mortal de toda la existencia. Ella era el río que quedaba todavía, frágil. Y él, la ira, un amor que perforó sus propios ojos y que se debatía, derribando sombras a su alrededor.

Y cuando recordó aquella noche, surgió que su ira era arena en la boca. Tonterías. Él imploraba, en aquellas líneas, un sí, un simple sí que correspondiese a una idea de amor sin puertas, un amor que él había construido para los dos, pero que sólo cabía en él y para él. Pedía un sí: ella le ofrecía encuentros. Diez años después, ya recibidos, cada cual con sus parientes, él se dio cuenta de que ella nunca le había negado la vida. La carta que ella le había escrito ofrecía un amor que parloteaba entre los dedos. ¿Qué había hecho de sus primeros quince años si no había sido capaz de mirar a su alrededor, o al menos sentarse y sentir la brisa?

Cuando diez años después se reencontraron por azar, él ya sabía qué decir para ahuyentar el silencio, ya sabía ganar tiempo, sabía disfrutar de mirar su rostro firme y suave mientras la escuchaba, sin prisa, ya sabía qué se debía preguntar en esos momentos, qué preocupaciones, cuándo pedir, cuándo ofrecer. Poco a poco él fue descubriendo su historia, la de los días que los habían apartado: el casamiento, el pequeño hijo, los gatos, los hábitos.

Y su prosopopeya, eso que había ocupado el lugar de su otrora exacerbado ateísmo. Ella decía poder recibir voces y cuerpos inmateriales que se adherían a su piel como se despega la piel muerta y quemada por el sol después del verano. Decía soñar con el futuro, soñaba con personas azules pidiéndole ayuda. Habló de los centros de energía, de los pases adivinatorios, de las energías que transitaban, de congestiones del espíritu, de las leyes que imperaban la transmutación de los cuerpos, de los árboles caleidoscópicos de Nicolás Flameu y de los bebés que morían sin haber nacido. Y de modo todavía hipnótico, sin sobresaltos, segura como una caricia que no necesita ser correspondida, habló de las aftas incrustadas en el cielo satinado del alma. A cada cosa que decía, él inquiría más, pedía detalles, como si todo aquello que había vivido en los diez años que los habían distanciado sufriese el colapso de su opuesto simétrico. ¿Le diría a ella que era ateo, que no tenía fe ninguna, que hallaba todo aquello espantoso? ¿Y diría, contrariando cualquier coherencia de carácter, que todo aquello parecía la más cristalina de las verdades? Su voz no se distinguía de lo que ella decía. Creer en lo que decía era creer en su voz, del principio al fin. Entonces le preguntó sobre aquella ira que siempre lo había perseguido, sobre la rabia apasionada por todos aquellos que se acercaban, por su angustiada necesidad de tragar. Preguntó, afirmando: vos podés ayudarme una vez más, un día es un día y todo lo que se mueve está ahí sobre todo lo inmóvil. Sí, vos entendés, vos calmás a los perros de la noche con una sonrisa mansa que traga todo a su alrededor. Hasta los que no tienen mandamientos se refugian en tu monte de los olivos. Hasta quienes no creen en la salvación cargan cruces. Y si por casualidad no ha tenido el infortunio de negar tres veces, un ateo podría sin dudas oír cantar los gallos y hacer parir a los perros adultos todos al mismo tiempo.

E no momento em que ele se levantaria, ela tocou-lhe o braço. "Sonhei com você. Você se lembra do que disse há dez anos, de nossas almas se amarem enquanto nossos corpos ainda dormem sob a coberta?" E nesse momento, uma revoada de pássaros cruzou o céu. E era dia. E ele se deu conta de que estavam sonhando.

II

O carro ia a alta velocidade, e os postes faziam o mesmo trajeto de luzes zunindo o fundo negro azul onde todos nascemos, o trajeto onde todas as luzes como cometas passavam nossas cabeças, refletindo a cada trinta metros com suas lâmpadas econômicas, a escuridão prometia notas soltas num piano de calda, um bar cheio de fumaça e sombras dançando em câmera lenta, os dedos sobre as notas como quem vê um gelo se deflagrar quebradiço num copo de uísque, a noite promete dizia a terceira marcha, a quarta, o verde atrás do outro, e o asfalto molhado da chuva que havia caído enquanto ainda adormecíamos cumpria o ritual da benção. Éramos filhos da noite, filhos proscritos com nossos dezessete anos, livres como pássaros sem medo, corvos agitando as asas como as árvores agitam ao vento suas folhas. Um dia Estela será sua, é o que diziam os profetas do beco, um dia Estela irá dançar ao redor de você com sua saia preta, seus ombros nus quentes e macios, os cabelos lisos sobre o rosto cerrado, olhos fechados. No dia em que você esquecer tudo isso, de sua paixão, ela se entregará, quando vocês já não forem crianças mas adultos, quando vocês ainda tiverem sede e fome e vontade de cruzar o mundo, um segundo antes de tudo se acabar ela vai dançar com você e você irá perceber sem muito mais que um segundo pode ser o intervalo entre um big bang e outro big bang, entre duas batidas nos pratos de bateria, a noite é grande como a cidade, a gente pode se esconder, se esconder de seus patrões, de nossas comiserações, de tudo que não é mais sagrado, que não é mais um mar de rosas, que não passa de uma cadeira de rodas. A gente se muda pro alto de um prédio destruído, de um prédio falido e descascando peles de tinta, e lá eu vou levar um laptop e você, que vai me receber nessa cama ensebada de pernas abertas, e seu abraço vai ser o umbigo único de tudo o que tentarei escrever para o resto da vida, um dia você sentiria o cheiro dela sob o seu, e você veria como ela sua quando vocês transam, e você finalmente veria o movimento dos seus seios, se os bicos são pequenos e tímidos ou pontiagudos feito raios de leite, você então poderá sentir o gosto daquilo que já chamaram de tudo quanto é nome mas que nela não conseguirá ser nunca nomeado. O carro vai subindo a cidade, até o coração da cidade escura, desta gotham city, desta Roma aberta, lá nos perderemos numa festa onde ninguém é conhecido, onde as caras são mascaradas e onde mulheres se agarram nos quartos de cima. O DJ nos cumprimentará com a cabeça. Na verdade, não saberemos se é um oi ou um yeah o que ele dirá. É o vale do anhangabaú, Estela, é no vale do Anhangabaú que descemos do carro, o vento frio agita sua roupa escura, e há algo no seu olhar que é quase uma tristeza, uma paixão triste e

Y en el momento en que él iba a levantarse, ella le tocó el brazo. “Soñé con vos. ¿Te acordás de lo que dijiste hace diez años, eso de que nuestras almas se amaran mientras nuestros cuerpos todavía duermen bajo las cobijas?”. Y en ese momento, una bandada de pájaros cruzó el cielo. Y era de día. Y él se dio cuenta de que estaban soñando.

II

El auto iba a gran velocidad, y los postes hacían el mismo trayecto de luces zumbando en el fondo negro azul donde todos nacemos, el trayecto donde todas las luces como cometas pasaban sobre nuestras cabezas, reflejando a cada treinta metros con sus lámparas económicas, la oscuridad prometía notas sueltas en un piano de cola, un bar lleno de humo y sombras danzando en cámara lenta, los dedos sobre las notas como quien ve un hielo deflagrándose, quebradizo, en un vaso de whisky, la noche promete decía la tercera, la cuarta, un verde tras otro, y el asfalto mojado por la lluvia que había caído mientras todavía dormitábamos cumplía con el ritual de bendición. Éramos hijos de la noche, hijos proscritos con nuestros diecisiete años, libres como pájaros sin miedo, cuervos agitando las alas como los árboles agitan sus hojas al viento. Un día Estela será tuya, es lo que decían los profetas de esquina, un día Estela va a bailar a tu alrededor con su pollera negra, sus hombros desnudos, calientes y suaves, los cabellos lacios sobre el rostro vedado, los ojos cerrados. El día en que te olvides de todo eso, de tu pasión, ella se entregará, cuando ustedes ya no sean niños sino adultos, cuando ustedes todavía tengan sed y hambre y ganas de cruzar el mundo, un segundo antes de que todo se acabe ella va a bailar con vos y vos vas a percibir, sin mucho más, que un segundo puede ser el intervalo entre un big bang y otro big bang, entre dos golpes en los platillos de la batería, la noche es grande como la ciudad, uno se puede esconder, esconderse de sus patrones, de nuestras conmisericordias, de todo lo que ya no es sagrado, de lo que ya no es un mar de rosas, de lo que no es más que una silla de ruedas. Vamos a mudarnos a lo alto de un edificio destruido, un edificio derruido y descamando pieles de pintura, y ahí voy a llevar una notebook y a vos, que vas a recibirme en esa cama grasienta, de piernas abiertas, y tu abrazo va a ser el ombligo único de todo lo que voy a tratar de escribir por el resto de mi vida, un día sentirías el olor de ella bajo el tuyo, y verías cómo ella suda mientras ustedes se cogen, y verías por fin el movimiento de sus tetas, si sus pezones son pequeños y tímidos o puntiagudos como rayos de leche, entonces vos podrás sentir el sabor de eso que ya ha sido llamado de todas las formas posibles pero que en ella nunca conseguirá ser nombrado. El auto va subiendo la ciudad, hasta el corazón de la ciudad oscura, de esta gotham city, de esta Roma abierta, nos perderemos por ahí en una fiesta donde nadie se conoce, donde las caras están enmascaradas y hay mujeres que transan en los cuartos de arriba. El DJ nos saludará con la cabeza. En verdad, no sabremos si es un hola o un yeah lo que dirá. Es el valle del anhangabaú, Estela, es en el valle do Anhangabaú¹ que nos bajamos del auto, el viento frío agita tu ropa oscura, y hay algo en tu mirada que es casi una tristeza, una pasión triste y melancó-

1. N. de T.: El autor está refiriendo, en el primer caso, al significado de la palabra de origen tupí,

melancólica, que eu entendo sem precisar dizer nada. Você pensa na vida que deixou?, você pensa nos dias que passou neste cárcere de luxo, com quem passou os últimos cinco anos, mas eu te conhecia desde sempre, a minha, eu te conhecia desde antes, quando usávamos uniforme no colégio e nossas notas não eram lá essas coisas. Desde então eu sonhava com as coisas que você me escondia, e nessa festa você irá me mostrar a sua ira, mostrar tudo sem contudo permitir que eu entenda. Eu verei o milagre, e o mistério crescerá ainda mais perante mim. Meu coração irá pulsar e meu amor por você será quase uma solidão. E o amor maior será esta solidão que teremos um com o outro num prédio descascado, numa noite como esta.

III

Não era de muitos orgasmos. Em verdade, nunca os tivera. Nunca fingiu, nunca gemeu, mordeu fronthas, ofegou forçosamente. Vingava-se do mundo fechando os olhos. Ao fazê-lo, tinha medo de morrer. Não tinha fantasias – não ansiava animais, mortos, apetrechos lubrificosos. Seu prazer era mais de pousos que de quedas. Pálida, de curvas naturais, nunca fez um regime. Se nada tinha de desleixo, era sem espanto que combinava as roupas no espelho. Amava? Amava demais, mas amava chorando baixo, deixando os braços mais livres ao caminhar. Suas mãos mais delicadas. Mãos da matéria das notas brancas do piano. Mãos matinais.

Estela nada pedia de seu homem. Nada impedia – quando ele vinha, ela se entregava na sua entrega. Recebia com doçura sua dureza. Onde ela doía, ele era deleite. Sabia que o homem entristecia quando ao final, ela continuava a mesma. Ele se calava, ia para o banho, sentia raiva algumas vezes dessa mulher cristalina feito leite, segredando coisas sem nome. Mulher vegetal, nascida antes do amor romântico, antes do ocidente ser ocidente. Oriental: seu cigarro encantada serpente, um riacho fino a desaguar no mar das nuvens – hai kai.

Em seu aniversário, como fazia desde que se reuniram, ele a aguardou no lusco fusco do expiro da tarde, afundado na poltrona da sala. Iriam, como em todos os aniversários, jantar em algum restaurante japonês onde não falariam suas línguas. Sorriam, e se amariam enfronhados na roupa fresca de cama. Mas desta vez, quando ela girou a fechadura por detrás da porta, ele engoliu o seco e seu peito palpitava. Ela só notou seu nervosismo quando ele estendeu um pequeno embrulho na palma da mão que desabrochava em suor ansioso na testa, nos frios, nos olhos avermelhados.

– Teu presente.

Um susto pressentiu o que poderia ser. Nunca foram dados a cerimônias e convidados, agora um pequeno embrulho poderia não ser senão uma pergunta, em forma de aliança. Levemente amarrotado, ela o tomou de sua mão, e ele a retrocedeu como se aquilo pesasse. Uma brisa fresca ondeava as cortinas. Da cidade se escutava a água salgada do mar se esparramando pela areia escura.

lica que yo entiendo sin necesidad de palabras. ¿Estás pensando en la vida que dejaste?, estás pensando en los días que pasaste en esta cárcel de lujo, con quién pasaste los últimos cinco años, pero yo te conocía desde siempre, ala mía, yo te conocía desde antes, de cuando usábamos uniforme en el colegio y nuestras notas apenas si alcanzaban. Desde entonces yo soñaba con las cosas que vos me escondías, y en esta fiesta me vas a mostrar tu ira, mostrarme todo sin permitir con ello que yo entienda. Yo veré el milagro, y el misterio crecerá todavía más ante mí. Mi corazón latirá y mi amor por vos será casi una soledad. Y el amor mayor será esta soledad que tendremos el uno con el otro en un edificio descascarado, en una noche como ésta.

III

No era de muchos orgasmos. En verdad, nunca los había tenido. Nunca fingió, nunca gimió, ni mordió la almohada, ni jadeó agitadamente. Se vengaba del mundo cerrando los ojos. Al hacerlo, tenía miedo de morir. No tenía fantasías —no deseaba animales, muertos, pertrechos lubricados—. Su placer era más de aterrizajes que de caídas. Pálida, de curvas naturales, nunca hizo una dieta. Si bien no era descuidada, tampoco se esmeraba combinando la ropa frente al espejo. ¿Amaba? Amaba demasiado, pero amaba llorando por lo bajo, dejando los brazos más sueltos al caminar. Sus manos, más delicadas. Manos de la materia de las notas blancas del piano. Manos matinales.

Estela no pedía nada de su hombre. Nada impedía; cuando él venía, ella se entregaba en la entrega de él. Recibía su dureza con dulzura. Donde ella era dolor, él era deleite. Sabía que el hombre se entristecía cuando, al final, ella seguía igual. Él se callaba, iba a bañarse, algunas veces sentía rabia de aquella mujer cristalina como la leche, segregando cosas sin nombre. Mujer vegetal, nacida antes del amor romántico, antes de que occidente fuera occidente. Oriental: su cigarro una serpiente encantada, arroyo fino desaguando en el mar de las nubes, haiku.

En su cumpleaños, como hacía desde que se habían reencontrado, él la esperó en la media luz del fin de la tarde, hundido en el sillón del living. Irían, como todos los cumpleaños, a cenar a algún restaurante japonés donde no hablarían sus lenguas. Sonreirían, y se amarían enfundados en la ropa fresca de cama. Pero esta vez, cuando ella giró la llave del otro lado de la puerta, él tragó en seco, y su pecho palpitaba. Ella sólo notó su nerviosismo cuando él le extendió un pequeño paquete en la palma de la mano que se convertía en sudor nervioso en su cabeza, en escalofríos, en ojos enrojecidos.

—Tu regalo.

La inquietud presagió lo que podría ser. Nunca habían sido afectos a ceremonias y convites, ahora un pequeño paquete podría no ser otra cosa que una pregunta, en forma de alianza. Levemente arrugado, ella lo tomó de su mano, y él la retiró, como si aquello pesase. Una brisa fresca ondulaba las cortinas. De la ciudad, se escuchaba

anhangabaú, 'río del maleficio, de la diablura'; en el segundo, el valle *do Anhangabaú* es el nombre de un área de referencia en el centro de la ciudad de San Pablo, por donde antiguamente pasaba un río (el *Anhangabaú*), entubado en la actualidad.

Sinais abriam e fechavam com preguiça. Ela acendeu o abajur, e desnovelou o embrulho.

Ovo. Um ovo de plástico branco, pesado. Não compreendeu. Olhou o homem, e quando o fez, ele pousou as mãos sobre seus ombros, e com um gesto deslizou para fora as duas alças de seu vestido leve, que escorreu para o chão. Nua, em pé na sala, banhada pelo sal da brisa e pela luz amarela do abajur, ela compreendeu.

Envergonhou-se. Procurou cantos na alma, para se desviar do olhar daquele homem que agora se revelava velado. Aquela fragilidade bruta, que a fitava aguardando. Olhou o ovo nos olhos, despedindo-o, e começou a parir para dentro de si, seu corpo se abrindo para inteirá-lo. Sorriu da dor que sentia, o homem se afastando até trombar com a poltrona, e novamente se afundar ali, com os olhos feito flechas em arcos hesitantes.

Quando o ovo começou a tremer, ela deu um susto de riso, um grito. Ele sorriu pela primeira vez, mais para dizer que não a deixava sozinha. Ali dentro como que se revelava o início de um terremoto. Sentiu o corpo tremer, secretamente. Uma dor, quinze mil cavalos atravessando um rio, o ar rasgando seu nariz, as narinas, milhares de poros se dilatando, fazendo de seu corpo uma esponja do mar. Tentou andar até o homem que aguardava com o susto agargantado, mas não chegou a alcançá-lo, derretendo até estirar-se por inteiro no chão, um pássaro alvejado. Ao longe se ouvia a avidéz lânguida de cães uivando.

Gritava de medo, gania, juntando os dentes e dentro de si o corpo se contraía pedindo que ela deixasse o fogo queimar, povoar as árvores, asfixiar esquilos e cogumelos, toda e como um maremoto, como se após toda dor se consumisse, sentiu prazer. Sentiu-se vermelha, sentiu que crescia, que não tinha necessidade de nada da vida pois tinha a vida toda. Não via o homem apavorado, em pânico, criminoso. Pregado na fúria daquele animal rugindo, o espinho cravava fundo em suas patas de leoa, de mãe protegendo os filhos, de um feixe de relâmpagos trançados, a boca babando, de baixo nos lábios carnudos um fio viscoso escorria, enfim. Um besouro feio e maravilhoso, mil gritos que Deus criava para inundá-la, e aquele fio de gozo singrando um caminho até a escada, degrau a degrau, até o ralo, pelos canos, pela terra batida sob o concreto, através de todos os lençóis subterrâneos, de todas as placas tectônicas até o centro rotundo da terra em brasas, sangrando.

el agua salada del mar esparciéndose sobre la arena oscura. Los semáforos abrían y cerraban el tránsito con pereza. Ella encendió la lámpara y desenvolvió el paquete.

Huevo. Un huevo de plástico blanco, pesado. No entendió. Miró al hombre, y cuando lo hizo, él posó las manos sobre sus hombros, y con un gesto deslizó hacia fuera los breteles de su vestido leve, que se escurrió hacia el suelo. Desnuda, de pie en el living, bañada por la sal de la brisa y la luz amarilla de la lámpara de pie, entendió.

Se avergonzó. Buscó rincones en el alma para sustraerse de la mirada de aquel hombre que ahora se revelaba velado. Aquella fragilidad en bruto que la escrutaba, esperando. Miró el huevo en sus ojos, despidiéndolo, y empezó a parir hacia dentro de sí, su cuerpo abriéndose para integrarlo. Sonrió del dolor que sentía, el hombre fue apartándose hasta chocar con el sillón y hundirse allí nuevamente, con los ojos como flechas en arcos hesitantes.

Cuando el huevo empezó a temblar, ella tuvo un sobresalto de risa, un grito. Él sonrió por primera vez, más bien para decir que no la dejaba sola. Allí dentro se revelaba el inicio de un terremoto. Sintió su cuerpo temblar, secretamente. Un dolor, quince mil caballos cruzando un río, el aire rasgando su nariz, las narinas, millares de poros dilatándose, haciendo de su cuerpo una esponja de mar. Trató de caminar hasta el hombre que esperaba con el susto atragantado, pero no llegó a alcanzarlo, derriéndose, hasta estirarse por entero en el piso, un pájaro herido. A lo lejos se oía la lánguida avidez de perros aullando.

Gritaba de miedo, gemía, apretando los dientes y dentro de sí el cuerpo se contraía pidiéndole que ella dejase al fuego arder, poblar los árboles, asfixiar ardillas y hongos, toda ella un maremoto, y como si después todo dolor se consumiese, sintió placer. Se sintió roja, sintió que crecía, que no tenía necesidad de nada en la vida porque tenía la vida entera. No veía al hombre aterrado, en pánico, criminal. Clavada en la furia de aquel animal rugiendo, la espina se enterraba hondo en sus patas de leona, de madre protegiendo a sus hijos, de un haz de relámpagos trenzados, la boca babeando, y debajo de los labios carnosos se escurría por fin un hilo viscoso. Un cascarudo feo y maravilloso, mil gritos que Dios creaba para inundarla, y aquel hilo de gozo fluyendo su camino hasta la escalera, escalón por escalón, hasta el resumidero, por los caños, por la tierra comprimida bajo el cemento, a través de todos los lechos subterráneos, de todas las placas tectónicas hasta el centro rotundo de la tierra en brasas, sangrando.

Gotham City



Nelson de Oliveira

Um morcego.
Um morcego grande, muito grande mesmo.
Não, não era um morcego.

Era um corvo.

Isso: um corvo trombou com a janela, quase me matando de susto. Eu estava no décimo primeiro andar de um prédio que, se visto a distância – da janela de outros prédios, por exemplo –, devia parecer calmo e acolhedor. Mas não era como eu o via, não era como eu me sentia. O corvo só fez me trazer de volta à aflição da noite veloz e sufocante que custava a chegar ao fim. Desanimado, tornei a encostar a testa no vidro. "Estranho", ruminei. E deixei os pensamentos voarem com a ave, que já ia longe, um pouco tonta com a pancada. "Que é que um corvo está fazendo tão alto? E no meio da noite?" Pronto! Eu divagava mais uma vez. A cidade em perigo e eu ali, preocupado com a porra do corvo! Tentei me acalmar. Me afastei da janela, fechei os olhos, respirei fundo, amoleci os braços – sem querer, peidei. E me assustei também com isso.

– Ô Cristo... Mais essa. Melhor abrir a janela.

Liguei a tevê. Deitei-me no último andar de um beliche de três lugares e fiquei segurando o envelope que haviam enfiado debaixo da porta.

As coisas não estavam indo nada bem. Não precisei ler o pedido de resgate para sacar que, das duas uma, ou eu me deixava enredar, ou meus irmãos não viveriam para abrir os presentes no próximo Natal. Tinha que pensar num jeito de... Tinha que pensar. Não podia simplesmente ir ao encontro de Mefisto, assim, desarmado. Não podia. Era o mesmo que... Tinha que pensar. Mamãe bateu três vezes na porta: "Abaixa o volume dessa tevê! Se teu pai tiver que vir até aqui..."

Pulei do alto do beliche e obedeci sem vacilar:

– Tá bem, tá bem. Já abaixei.

A tevê não estava funcionando mesmo. Quero dizer, não estava me ajudando a ter um lampejo, uma sacada. Não estava me ajudando em porra nenhuma. Mas nada me dissuadia da idéia de que em algum lugar, dentro do quarto, encontrava-se a resposta a todas as minhas perguntas. Peguei alguns gibis da prateleira de baixo da estante e comecei a folheá-los. Nada de muito interessante. Aproveitando a ausência de meus irmãos, tirei da primeira gaveta da cômoda

Gotham City



Nelson de Oliveira

Un murciélago.
Un murciélago grande, enorme.
No, no era un murciélago.

Era un cuervo.

Eso: un cuervo chocó contra la ventana, casi matándome del susto. Yo estaba en el piso once de un edificio que, mirado a la distancia —desde la ventana de otros edificios, por ejemplo—, debía parecer tranquilo y acogedor. Pero no era como yo lo veía, no era como me sentía. El cuervo sólo me trajo de vuelta a la aflicción de la noche veloz y sofocante que parecía no tener fin. Desanimado, volví a apoyar la cabeza en el vidrio. “Extraño”, rumié. Y dejé que mis pensamientos volaran con el ave, que ya iba lejos, un poco mareada con el porrazo. “¿Pero qué está haciendo un cuervo tan alto? ¿Y en medio de la noche? ¡Basta! Divagaba una vez más. ¡La ciudad en peligro y yo ahí, preocupado con la chotera del cuervo! Traté de calmarme. Me alejé de la ventana, cerré los ojos, respiré hondo, ablandé los brazos y —sin querer— me tiré un pedo. Y me asusté también con eso.

—Dios mío... qué tremendo. Mejor abro la ventana.

Prendí la tele. Me acosté en la cama más alta de una cucheta de tres, y me quedé agarrando el sobre que habían pasado por debajo de la puerta.

Las cosas no estaban yendo nada bien. No necesité leer el pedido de rescate para avivarme que, una de dos, o me dejaba atrapar, o mis hermanos no vivirían para abrir los regalos en la próxima Navidad. Tenía que pensar en una forma de... Tenía que pensar. No podía ir simplemente al encuentro de Mefisto, así, desarmado. No podía. Era lo mismo que... Tenía que pensar. Mamá golpeó tres veces en la puerta: “¡Baja el volumen de ese televisor! Si tu papá tiene que venir hasta acá...”

Salté desde lo alto de la cucheta y obedecí sin vacilar:

—Ta bien, ta bien. Ya lo bajé.

Lo de la tele no estaba funcionando. Quiero decir, no me estaba ayudando a que se me encendiera la lamparita. No me estaba ayudando una mierda. Pero nada me disuadía de la idea de que en algún lugar, dentro del cuarto, se encontraba la respuesta a todas mis preguntas. Saqué unas historietas del estante de abajo de la biblioteca y empecé a hojearlas. Nada muy interesante. Aprovechando la ausencia de mis hermanos, saqué del primer cajón de la cómoda varias ediciones de X-Men y Surfista

várias edições de X-Men e Surfista Prateado. Edições raríssimas, de colecionador. Meus irmãos nunca me deixavam pôr as mãos nelas. Grande merda – cada qual enfiada num saco plástico cor-de-mijo, com a estampa: "embalado a vácuo".

Com minha visão de raios X, reli o pedido de resgate sem sequer tirá-lo do envelope. Reli e reli e reli, a raiva cada vez maior. Toda a situação era ultrajante, claustrofóbica. Eu precisava respirar. Debrucei-me no peitoril da janela e, durante algum tempo, não pensei em coisa alguma, não fiz nada a não ser observar a noite e a cidade. A lua cheia no céu estrelado. No horizonte, o tumulto quase inaudível de carros, ônibus e caminhões indo e voltando, na marginal do rio Tietê, nas pontes e nos viadutos. Lá embaixo, na entrada do prédio: coqueiros, quaresmeiras, crianças brincando de pega-pega, o entregador de pizza conversando com o porteiro. Despertei, sobressaltado. Os ponteiros do relógio, sempre em movimento, me alertavam para o perigo da inércia. Tornei a ler o pedido de resgate. Feita de pedaços de jornal colados numa folha amarrotada, a mensagem era imperativa: "Esteja na Caverna do Dragão à meia-noite em ponto, ou seus irmãos ... Você sabe. Vá sozinho e desarmado. Esteja lá com um milhão de dólares, senão... Você sabe, né?" Senti-me em brasas. Tal insulto não podia ficar sem troco. Com ou sem uma boa estratégia de ataque, eu precisava agir, e rápido.

Três pancadas na porta: "Raul, quantas vezes já te falei pra não deixar sapatos e meias na sala? Trata de recolher também tua roupa do chão do banheiro. Eu falo, falo, falo, mas você parece que não aprende!"

– Já vou, mãe. Já vou.

"E vê se dorme cedo, porque amanhã tem aula. E vê se não dorme sem escovar os dentes. E vê se apaga a luz antes de ir dormir. E vê se não deixa tuas tranqueiras espalhadas pelo quarto. E vê se..."

– Tá bem, mãe. Tá bem.

Uma coisa era certa: eu não podia agir sozinho. Precisava, mais do que nunca, de ajuda. Mas quem toparia parada tão arriscada? Elenquei mentalmente, conforme iam surgindo, o nome – de guerra, não o verdadeiro – de alguns caras que me deviam favor. Gente da pesada, que não negava fogo: o trio de mutantes formado por Ptolomeu Pulo-do-Gato, Homem Haxixe e Balalaica Atômica, o multimilionário telepata Guilherme Grand Guignol e seu pupilo Duralex Sedilex, o kriptoniano Super Last But Not Least, a amazona Miss Mississippi e seu fiel garanhão Sansão Sansei, as irmãs siamesas Evita Leviatã, Vera Venérea e Lina Lero-Lero, o neurologista Chinchila Xavante (mais conhecido como Super Joint Adventure), o cavaleiro Jerônimo Jerimum e seu escudeiro Gêngis Cancã, os seres radioativos (disfarçados de jogadores de basquete) Galileu Não Leu o Pau Comeu, Capitão Cogito Ergo Sum, Nhenhênem Nariz-de-Cera, Big-Bang Banguê-Banguê e Mamute Mass Media, o mestre do kung-fu Karaokê Sine Qua Non, os gênios da informática Superpimpolho e Hipersupimpa, o hermafrodita castrado Dênis Dó-de-Peito e as vampes eletromagnéticas Vanessa Vice-Versa e Geni Ponto-G, todos alunos do colégio onde estudo. Pensei nestes e em mais duas dezenas de conhecidos, e logo me senti deprimido.

Plateado. Ediciones rarísimas, de coleccionista. Mis hermanos nunca me dejaban ponerles las manos encima. Puta madre: estaba cada una ensobrada en una bolsa de plástico color meada, con el rótulo: “embalado al vacío”.

Con mi vista de rayos X, releí el pedido de rescate sin siquiera sacarlo del sobre. Releí y releí y releí, la rabia cada vez mayor. Toda la situación era ultrajante, claustrofóbica. Necesitaba respirar. Me apoyé en el antepecho de la ventana y durante un tiempo no pensé en nada, no hice nada, a no ser observar la noche y la ciudad. La luna llena en el cielo estrellado. En el horizonte, el tumulto casi inaudible de autos, ómnibus y camiones yendo y viniendo, en la costanera del río Tietê, en los puentes y en los viaductos. Allá abajo, en la entrada del edificio: cocoteros, flores de cuaresma, niños jugando a la escondida, el repartidor de pizza conversando con el portero. Desperté sobresaltado. Las agujas del reloj, siempre en movimiento, me alertaban del peligro de la inercia. Volví a leer el pedido de rescate. Hecho con pedazos de diario pegados en una hoja arrugada, el mensaje era imperativo: “Tenés que estar en la Caverna del Dragón a media noche en punto, o tus hermanos... Ya sabés. Andá solo y desarmado. Tenés que estar ahí con un millón de dólares, si no... vos ya sabés, ¿no?” Sentí que ardía. Semejante insulto no podía quedar sin retruque. Con o sin una buena estrategia de ataque, debía actuar, y rápido.

Tres golpes en la puerta: “Raúl, ¿cuántas veces te he dicho que no dejes los zapatos y las medias en el living? Tratá de recoger también tu ropa del piso del baño. ¡Te digo, y repito, y repito, pero parece que no aprendés!

—Ya voy, ma. Ya voy.

“Y a ver si te dormís temprano, porque mañana tenés clase. Y no te duermas sin cepillarte los dientes. Y apagá la luz antes de ir a dormir. Y no dejes tus estorbos desparramados por el cuarto. Y a ver si...”

—Ta bien, mami. Ta bien.

Una cosa era segura: no podía actuar solo. Necesitaba ayuda, más que nunca. ¿Pero quién enfrentaría un desafío tan arriesgado? Repasé mentalmente, conforme iban surgiendo, el nombre —de guerra, no el verdadero— de algunos tipos que me debían favores. Gente de la pesada, que no fallaba: el trío de mutantes formado por Ptolomeo Tecanto Lajusta, el Hombre Hachís y Charango Atómico, el multimillonario telépatá Guillermo Grand Guignol y su pupilo Durax Sed Lex, el kriptoniano Super Last But Not Least, la amazona Miss Mississippi y su fiel semental Sansón Sansei, las hermanas siamesas Evita Leviatán, Vera Venérea y Lina Leru-Leru, el neurólogo Chinchilla Chillante (más conocido como Super Joint Adventure), el caballero Jerónimo Gilastrún y su escudero Gengis Cancán, los seres radioactivos (disfrazados de jugadores de básquet) Galileo No Leo ni en el Recreo, el Capitán Cogito Ergo Sum, Gre-gre-gre Gregorio, Big Bang ¡Bang! ¡Bang! y Mamut Mass Media, el maestro del kung fu Karaoké Sine Qua Non, los genios de la informática Superdivino e Hipermacanudo, el hermafrodita castrado Denis Do de Pecho y las vampiresas electromagnéticas Vanessa Va y Viene y Geni Punto-G, todos alumnos del colegio donde estudio. Pensé en esos y en dos decenas más de conocidos, y enseguida me sentí deprimido.

Se se tratasse de uma crise mais ou menos comum na vida de um herói, de uma erupção vulcânica, uma invasão alienígena ou coisa do tipo... Os amigos, eu poderia contatá-los, não? É claro que isso me seria muito penoso. Afinal, que falta de semacol! As provas de fim de ano quase chegando, eu não podia simplesmente tirá-los dos estudos, ou – o que era mais provável, em se tratando de jovens paladinos da justiça – de uma missão impossível noutra planeta ou no fundo do Pacífico. Não seria justo. Eles... Amigos do peito que jamais recusaram ajuda a um companheiro em apuros. O único problema é que, igual aos meus irmãos, todos eles também estavam enjaulados. Soube disso pelas dezenas de pedidos de resgate que recebi durante a semana. Bilhetes enviados pelo mesmo facinora, cuja silhueta sem rosto me atormentava o sono. Papeletes que abarrotavam a gaveta da cômoda, ao lado do beliche.

– Maldito Mefisto! – praguejei. – Canalha! Miserável! Sacripanta!

Tapei a boca. Era melhor ficar quieto. Não queria que mamãe viesse bater na porta mais uma vez, por conta dos palavrões.

Mefisto. Na certa vocês não devem ter ouvido falar nele. Nem mesmo eu sabia de sua existência, até alguns dias atrás, quando começaram a chegar os bilhetes. Sujeito dissimulado, asqueroso – e poderosíssimo! Mefisto. O ser mais hediondo que já pisou na face da Terra. Meu mais novo arquiinimigo.

Chutei a cômoda, a estante. Vários livros caíram no carpete. Logo me lembrei de mamãe e tratei de pôr fim à depredação. Minha raiva não conhecia limites, mas externá-la dessa maneira só iria complicar ainda mais as coisas.

Sussurrei para mim mesmo:

– Criatura execrável! Desgraçado! Tenho que fazer alguma coisa. Mas o quê?

Foi então que me lembrei de Astrogilda, a filha caçula do vizinho. Com um nome tão ridículo, não sei como não me lembrara dela antes.

– O destino sabe ser cruel... Nunca pensei que um dia teria de contar com a idiotinha!

Astrogilda não passava de uma simples mortal, feia e sem graça. Ela não tinha superpoderes – não conseguia transmutar metais nem prever o futuro, não derrubava edifícios no muque nem corria na velocidade do som –, por isso, apesar da sua insistência para freqüentar nosso grupo, nunca deixamos que se metesse nas nossas aventuras.

Mas agora a situação era diferente. Ou quase. Na verdade, não havia nada de diferente na situação. "Perigo" podia ser o seu nome, bem como o de todas as situações em que eu me envolvia, na qualidade de defensor dos indefesos e dos puros de coração.

A única e crucial diferença era mesmo que, desta vez, eu não iria poder contar com nenhum dos meus amigos. Estavam todos aprisionados – como isso havia sido possível, eu não sabia. Tudo o que sabia era que, na hora do extremo perigo, Miss Mississipi e Sansão Sansei não iriam derrubar paredes e desintegrar correntes apenas com a força do olhar, Super Joint Adventure não iria disparar rajadas de laser com a ponta dos indicadores, Karaokê Sine Qua Non não iria pôr a nocaute a horda de fuzileiros navais comandada telepaticamente por Mefisto, e as vamps

Si se tratara de una crisis más o menos común en la vida de un héroe, de una erupción volcánica, una invasión alienígena o cosa por el estilo... Los amigos, yo los podría contactar, ¿no? Claro que eso me sería muy costoso. Al fin de cuentas, ¡qué desubique! Con los últimos trimestrales casi encima, yo no podía ir simplemente y sacarlos del estudio, o —lo que era más probable, tratándose de jóvenes paladines de la justicia— de alguna misión imposible en otro planeta o en el fondo del Pacífico. No sería justo. Ellos... amigos del alma que jamás habían escatimado ayuda a un compañero en apuros. El único problema era que, al igual que mis hermanos, todos ellos también estaban enjaulados. Lo supe por las decenas de pedidos de rescate que recibí durante la semana. Notas enviadas por el mismo facineroso, cuya silueta sin rostro me atormentaba en sueños. Papelitos que abarrotaban el cajón de la cómoda, al lado de la cucheta.

—¡Maldito Mefisto! —imprequé. —¡Canalla! ¡Miserable! ¡Infame!

Me tapé la boca. Mejor quedarse quieto. No quería que mamá viniese de nuevo a golpear la puerta, a causa de las palabrotas.

Mefisto. Seguramente ustedes no deben haber oído hablar de él. Ni yo sabía de su existencia, hasta unos días atrás, cuando empezaron a llegar las notas. Sujeto esquivo, asqueroso —¡y poderosísimo!—. Mefisto. El ser más hediondo que haya pisado la faz de la Tierra. Mi más reciente archienemigo.

Pateé la cómoda, la estantería. Varios libros cayeron sobre la alfombra. Enseguida me acordé de mamá y traté de poner fin a la depredación. Mi rabia no conocía límites, pero exteriorizarla de esa manera sólo complicaría todavía más las cosas.

Susurré para mí mismo:

—¡Criatura execrable! ¡Desgraciado! Tengo que hacer alguna cosa. ¿Pero qué?

Fue entonces que me acordé de Astrogilda, la hija menor del vecino. Con un nombre tan ridículo, no sé cómo no me había acordado de ella antes.

—El destino sabe de crueldad... ¡Nunca pensé que un día tendría que contar con la tontita!

Astrogilda no era más que una simple mortal, fea y sin gracia. Ella no tenía superpoderes —no lograba transmutar metales ni prever el futuro, no derribaba edificios a pura fuerza ni corría a la velocidad del sonido—, y por eso, a pesar de su insistencia en frecuentar nuestro grupo, nunca dejamos que se metiese en nuestras aventuras.

Pero ahora la situación era diferente. O casi. En verdad, no había nada diferente en la situación. “Peligro” podía ser el nombre, así como el de todas las situaciones en las que me involucraba, en calidad de defensor de los indefensos y los puros de corazón.

La única y crucial diferencia era precisamente que, esta vez, yo no iba a poder contar con ninguno de mis amigos. Estaban todos prisioneros. Cómo eso había sido posible, no lo sabía. Todo lo que sabía era que, a la hora del peligro extremo, ni Miss Mississippi ni Sansón Sensei derribarían paredes y desintegrarían cadenas apenas con la fuerza de su mirada, Super Joint Adventure no dispararía ráfagas de láser con la punta de los índices, Karaoké Sine Qua Non no noquearía a la horda de fusileros navales comandada telepáticamente por Mefisto, y las vampiresas Vanessa Va y Viene

Vanessa Vice-Versa e Geni Ponto-G não iriam exalar o odor nauseabundo ao qual macho algum consegue resistir. Eu estava só, nessa missão de resgate, por isso teria que pedir ajuda a Astrogilda.

Olhei o rádio-relógio. Eram dez horas.

— Espero que ela ainda esteja acordada.

Segundo o último pedido de resgate, em duas horas eu teria que estar na Caverna do Dragão, no Playcenter, com um milhão de dólares, se quisesse ver meus irmãos vivos. Os papeletes anteriores diziam a mesma coisa, apenas o nome dos seqüestrados era diferente. Ora era o dos seres radioativos (disfarçados de jogadores de basquete), ora era o do hermafrodita castrado, e assim por diante. O que demonstra a pouca originalidade de Mefisto. E certa parvoíce, também, pois a falta de clareza nas mensagens poderia botar tudo a perder. Eu não sabia se teria de levar um milhão de dólares para cada refém, ou se apenas um milhão já seria suficiente para libertar todos eles, inclusive meus irmãos. Reli todos os bilhetes, matutei um pouco mais sobre o problema, mas não cheguei a nenhuma conclusão. Astrogilda teria que me ajudar também com isso.

Troquei o pijama por uma camiseta branca, calça jeans e alpargatas. Desliguei a tevê, saí do quarto e já me preparava para deixar o apartamento quando minha mãe, um litro de leite ainda fechado na mão, apareceu na porta da cozinha: "Aonde o senhor pensa que vai?"

— Preciso falar com a Astrogilda. Não demoro.

"De jeito nenhum. Sabe que horas são?"

— É rapidinho.

"Nem pensar. Ela já deve estar na cama a essa hora. Que é onde você devia estar há muito tempo. Amanhã tem escola. Não quero ninguém enrolando pra acordar."

— Ah, mãe! É questão de vida ou morte.

"Raul, Raul! Não me faça perder a paciência!"

Ouvimos a descarga no banheiro. Meu pai, bastante interessado no que minha mãe e eu conversávamos, saiu de lá com o jornal embaixo do braço: "Que é que foi? Qual é o problema?"

— Vou até o apartamento da Astrogilda, mas não demoro. É só um minuto.

Foi um sufoco. Os velhos não queriam me deixar sair de jeito nenhum. Como explicar a eles que, se eu não fosse até lá, se não pedisse ajuda à idiotinha do 112, todos os meus amigos seriam executados? Pior: até os meus irmãos iriam ter os miolos incinerados se eu não agisse imediatamente! Como explicar... Eu tinha que explicar, caso contrário me manteriam em casa pelo resto da noite. Comecei do começo. Falei dos bilhetes de resgate. Minha mãe fez cara de sonsa. Contei-lhes sobre Mefisto e sobre tudo o que acontecera com os maiores super-heróis do planeta. Meu pai coçou a cabeça e foi se sentar no sofá da sala. Insensíveis, os dois. Insensíveis! Falei, por fim, que se não estivesse na Caverna do Dragão com um milhão de dólares (achei boa idéia simplificar a história, não mencionei que ainda pairava certa dúvida quanto ao real valor do resgate) todos seriam mandados desta para melhor, inclusive meus irmãos. Mamãe deixou o litro de leite

y Geni Punto-G no exhalarían el olor nauseabundo al cual ningún macho consigue resistirse. Estaba solo en esta misión de rescate, por eso tendría que pedir ayuda a Astrogilda.

Miré el radio-reloj. Eran las diez.

—Espero que todavía esté despierta.

Según el último pedido de rescate, en dos horas tendría que estar en la Caverna del Dragón, en el Playcenter, con un millón de dólares, si quería ver a mis hermanos vivos. Los papelitos anteriores decían la misma cosa, apenas el nombre de los secuestrados era diferente. O era de los seres radiactivos (disfrazados de jugadores de básquet), o era del hermafrodita castrado, y así seguían. Lo que demuestra la poca originalidad de Mefisto. Y cierta idiotez también, porque la falta de claridad en los mensajes podía echar todo a perder. Yo no sabía si tenía que llevar un millón de dólares por cada rehén, o si un sólo millón ya sería suficiente para liberar a todos ellos, incluso a mis hermanos. Releí todos los papelitos, medité un poco más sobre el problema, pero no llegué a ninguna conclusión. Astrogilda tendría que ayudarme con eso también.

Me cambié el pijama por una camiseta blanca, jeans y alpargatas. Apagué la tele, salí del cuarto y ya estaba a punto de salir del departamento cuando mi madre, con un sachet de leche sin abrir en la mano, apareció en la puerta de la cocina: “¿Adónde cree que va usted?”

—Necesito hablar con Astrogilda. No voy a demorar.

“De ningún modo. ¿Sabe qué hora es?”

—Es rapidísimo.

“Ni lo pienses. Ella ya debe estar en la cama a esta hora. Que es donde vos deberías estar hace mucho tiempo. Mañana tenés clases. No quiero a nadie renegando para levantarse.”

—¡Pero mamá! Es cuestión de vida o muerte.

—“¡Raúl, Raúl! ¡No meagas perder la paciencia!”

Escuchamos la descarga del inodoro. Mi padre, bastante interesado en lo que mi madre y yo conversábamos, salió del baño con el diario bajo el brazo: “¿Qué pasó? ¿Cuál es el problema?”

—Voy hasta el departamento de Astrogilda, pero no demoro. Es un minuto nada más.

Fue un aprieto. Mis viejos no me querían dejar salir de ninguna forma. ¿Cómo explicarles que si yo no iba hasta allá, si no pedía ayuda a la tontita del 112, todos mis amigos serían ejecutados? Peor: ¡hasta mis hermanos iban a tener los sesos incinerados si yo no actuaba inmediatamente! Cómo explicar... Tenía que explicar, caso contrario me mantendrían en casa por el resto de la noche. Empecé desde el principio. Hablé de los pedidos de rescate. Mi madre puso cara de sonsa. Les conté sobre Mefisto y sobre todo lo que había pasado con los más grandes super-héroes del planeta. Mi padre se rascó la cabeza y fue a sentarse en el sofá del living. Insensibles, los dos. ¡Insensibles! Dije, por fin, que si no estaba en la Caverna del Dragón con un millón de dólares (me pareció adecuado simplificar la historia, ni mencioné que todavía persistía alguna duda en cuanto al valor real del rescate) todos serían pasados a mejor vida, incluso mis hermanos. Mamá dejó que el sachet de leche se despeñara:

despencar: "Que irmãos?!" Papai deu um pulo tão grande que quase virou o sofá: "Do que é que você está falando?!"

Não teve jeito. De volta ao quarto, já não havia mais nenhum beliche de três lugares lá. Apenas uma mísera cama de solteiro. Papai e mamãe ficaram batendo boca na sala. Ela, desconfiada de que ele tivesse outra mulher e filhos em outro lugar. Ele, gaguejando, se defendendo de maneira insatisfatória, com meias palavras, como se estivesse de fato escondendo alguma coisa.

Deitei na cama e tapei os ouvidos. Tudo desandava, tresvariava! Ou quase tudo. Pelo menos os gibis raros voltaram a ser meus novamente.

No dia seguinte, apesar de ser o único aluno na sala de aula, fui obrigado a suportar uma hora de verbos irregulares e outra de equações do segundo grau. Durante o recreio, encontrei Astrogilda zanzando sozinha pelo pátio. Bebia coca-cola em lata e, quando me viu, apressou o passo na minha direção. Minha vontade inicial foi de evitá-la, como sempre fazia. Afinal, em que ela poderia me ajudar agora? Por conta da intransigência dos meus pais eu não havia ido à Caverna do Dragão, na noite anterior. Mefisto, famoso por jamais aceitar desfeita de quem quer que fosse (muito menos de um arquiinimigo), devia ter ficado furioso com isso e exterminado a turma toda com requintes de crueldade, deixando não só o mundo sem heróis como a escola sem alunos.

Eu era a última esperança da humanidade, razão pela qual me sentia tão sorumbático, e só não fugi de Astrogilda porque, ora bolas, não havia mais ninguém com quem conversar. Era quarta-feira de manhã e o pátio estava deserto. Por quê? Todos nós sabemos.

– Quero que você veja uma coisa – ela me disse enquanto se aproximava. Tirou do bolso da calça um anel e o exibiu, triunfante. – Que tal? Já viu algo mais estupendo na sua vida?

– O que é?

– Encontrei dentro de um ovo de pterodáctilo. Só Deus sabe como foi parar ali. Tem superpoderes.

O anel possuía uma pedra vermelha no topo. Astrogilda, muito excitada, me disse que dessa pedra saíam raios poderosíssimos, capazes de pulverizar um quarteirão inteiro. Duvidei. Ela se enfureceu e jurou que iria me provar que falava a verdade.

– Diga adeus ao prédio da escola, OK?

– Lá vem você de novo com as suas besteiras. Tá me achando com cara de idiota? – resmunguei, francamente arrependido de ter dado atenção a ela.

Astrogilda não era uma menina de todo feia. Era só um pouco mais gorda do que o desejado, e, apesar dos óculos fundo-de-garrafa e do cabelo crespo e enebado, das pernas tortas e das orelhas de abano – isso sem contar as sardas, as malditas sardas, nunca tolerei sardas! –, até que era uma menina, digamos, simpática. É, simpática. Apesar das sardas. E das pernas tortas e de tudo o mais. Apesar da voz de taquara rachada, do aparelho nos dentes e das bobagens que vivia inventando só para fazer parte do nosso grupo.

“¿¡Qué hermanos!?” Papá dio un salto tan grande que casi dio vuelta el sofá: “¿¡De qué estás hablando!?”

No hubo caso. De vuelta a mi cuarto, ya no había una cucheta de tres camas ahí. Apenas una mísera cama individual. Papá y mamá se quedaron discutiendo en el living. Ella, desconfiada de que él tuviese otra mujer e hijos en otro lugar. Él, balbuceando, defendiéndose de forma insatisfactoria, con medias palabras, como si de hecho estuviese escondiendo alguna cosa.

Me acosté en la cama y me tapé los oídos. ¡Todo se derrumbaba, se deshacía! O casi todo. Por lo menos las historietas raras volvieron a ser mías nuevamente.

Al día siguiente, a pesar de ser el único alumno en el aula, fui obligado a soportar una hora de verbos irregulares y otra de ecuaciones de segundo grado. Durante el recreo encontré a Astrogilda, tonteando solita por el patio. Tomaba una lata de coca-cola y, cuando me vio, apuró el paso en mi dirección. Mi reacción inicial fue evitarla, como hacía siempre. Al fin y al cabo, ¿en qué me podría ayudar ahora? Por culpa de la intransigencia de mis padres yo no había ido a la Caverna del Dragón la noche anterior. Mefisto, famoso por no aceptar jamás un desaire de quien quiera que fuese (mucho menos de un archienemigo), debía haberse puesto furioso con eso, y exterminado a toda la barra con refinamientos de crueldad, dejando no sólo al mundo sin super-héroes, sino también a la escuela sin alumnos.

Yo era la última esperanza de la humanidad, razón por la cual me sentía tan taciturno, y no huí de Astrogilda sólo porque, la pucha, no había nadie más con quien conversar. Era miércoles a la mañana y el patio estaba desierto. ¿Por qué? Todos lo sabemos.

—Quiero que veas una cosa —me dijo ella mientras se acercaba. Sacó del bolsillo del pantalón un anillo y lo exhibió, trinfante. —¿Qué tal? ¿Viste algo más estupendo en tu vida?

—¿Qué es?

—Lo encontré dentro de un huevo de pterodáctilo. Sólo Dios sabe cómo fue a parar ahí. Tiene superpoderes.

El anillo poseía una piedra roja en el engarce. Astrogilda, muy excitada, me dijo que de esa piedra salían rayos poderosísimos, capaces de pulverizar una manzana entera. Dudé. Ella se enfureció y juró que me iba a probar que decía la verdad.

—Decile adiós al edificio de la escuela, ¿ok?

—De nuevo vos con tus macanas. ¿Qué, me ves cara de idiota? —rezongué, francamente arrepentido de haberle prestado atención.

Astrogilda no era una chica del todo fea. Era sólo un poco más gorda que lo deseado, y a pesar de los anteojos culo de botella y del pelo crespo y grasoso, de las piernas chuecas y de las orejas de abanico —eso sin contar las pecas, las malditas pecas, ¡nunca toleré las pecas!—, hasta era una chica, digamos, simpática. Eso, simpática. A pesar de las pecas. Y de las piernas chuecas y de todo lo demás. A pesar de la voz de tacuara rajada, del aparato en los dientes y de las bobadas que vivía inventando sólo para formar parte de nuestro grupo.

Dizer adeus ao... Mas será o Benedito!? Eu não disse adeus a porra nenhuma. Porém confesso que tive uma ponta de esperança. Será que... Não, não podia ser. Astrogilda me obrigou a segurar a lata de coca-cola. Depois, fez pose de pistoleira, apontou a pedra do anel para o prédio da escola e se preparou para disparar. Manteve a pose durante trinta segundos. Nada aconteceu. Nem sinal dos tais raios desintegradores. Eu lasquei-lhe um sorriso de desdém:

– E então?

Ela me olhou com raiva. Espremeu bem as pálpebras, respirou fundo e fez novamente a pose de atiradora. Sentei no chão de concreto e esperei. Mais trinta segundos se passaram. Tempo suficiente para que, na cidade – isso de acordo com as últimas estatísticas –, dois carros fossem roubados, três pedestres fossem atropelados, uma pessoa fosse assassinada e cinco bebês nascessem (dos quais três eram chineses, apesar de a China estar a uma grande distância daqui). A escola, no entanto, continuou intacta.

Não resisti. Tirei o maior sarro da cara de Astrogilda. No final, arrematei:

– Precisa praticar mais.

Ela se lançou sobre mim, sem me dar a menor chance de defesa. Rolamos pelo chão, aos grunhidos. Apesar de pequena, a idiotinha mostrou-se muito mais forte do que eu. Prendeu meus braços com os joelhos e me deu dois tapas na cara. Urrei feito um animal baleado e acertei-lhe a nuca com um chute. Ela caiu em cima de mim – o rosto muito vermelho, as sardas reluzindo de suor. Joguei-a de lado e, agora comigo por cima, recomeçamos o agarra-agarra. Teve de tudo: mordida no queixo, cusparada na cara, beliscão e puxão de cabelo. Finalmente exaustos, paramos para respirar. O sinal anunciando o fim do recreio tocou nesse instante.

Suávamos em bicas. O sol, uma mancha calcinante a caminho do meio-dia. Astrogilda, muda, ensimesmada, acariciava o anel. Eu estava furioso:

– Deixa de ser boba. Destruir prédios não é coisa pra criança.

– Olha só quem tá falando! Fiz onze anos a semana passada. É você que ainda continua com dez!

Durante a briga eu esfolara várias partes do corpo, principalmente a testa, os joelhos e os cotovelos, que ardiam pra caramba! Por conta da dor, soltei todos os demônios em cima de Astrogilda:

– Desista, sua idiota! Você nunca... Tá entendendo? NUNCA vai ser uma de nós!

Ela me olhou mais uma vez com ódio, e sustentou o olhar durante o tempo em que se abaixou para pegar a lata de coca-cola toda amassada. Depois, parou de me encarar e, enquanto espanava com a mão livre a sujeira da roupa, respondeu num sussurro:

– Tudo bem... Eu sei – e começou a andar na direção da escada que a levaria à sua sala de aula.

Senti-me escrotíssimo. Enfiara mais uma vez os pés pelas mãos. A partir de agora, todos os meus amigos mortos e a escola deserta, não teria mais ninguém com quem conversar. Bati duas vezes na cabeça, como os atores quando fazem cagada, nos filmes de ação. Batem na cabeça e fazem cara de desespero para mostrar que são gente como a gente. Eles, os heróis. Bati duas vezes na moringa mas nem por

Decirle adiós al... ¡Pero bendito sea! Yo no dije adiós a un carajo. Confieso sin embargo que tuve una pizca de esperanza. Sería... No, no podía ser. Astrogilda me obligó a sostener la lata de coca-cola. Después, hizo pose de pistolera, apuntó la piedra del anillo hacia el edificio de la escuela y se preparó para disparar. Mantuvo la postura durante treinta segundos. No pasó nada. Ni seña de los rayos desintegradores. Le solté una sonrisa de desdén:

—¿Y?

Ella me miró con rabia. Apretó bien los párpados, respiró hondo y adoptó nuevamente la posición de tiradora. Me senté en el piso de cemento y esperé. Pasaron otros treinta segundos. Tiempo suficiente para que en la ciudad —de acuerdo con las últimas estadísticas— fueran robados dos autos, atropellaran a tres peatones, asesinaran a una persona y nacieran cinco bebés (de los cuales tres eran chinos, a pesar de estar la China a una gran distancia de aquí). La escuela, mientras tanto, continuó intacta.

No resistí. La cara de Astrogilda fue víctima de mi mayor desprecio. Al final, rematé:

—Tenés que practicar más.

Ella se me abalanzó, sin darme la menor chance de defensa. Rodamos por el piso, a los gruñidos. A pesar de ser pequeña, la tontita se mostró mucho más fuerte que yo. Me agarró los brazos con las rodillas y me dio dos cachetazos en la cara. Bramé como un animal baleado y le acerté una patada en la nuca. Ella cayó encima mío —el rostro muy colorado, las pecas reluciendo de sudor—. La tiré a un lado y ahora, conmigo encima, recomenzamos la pelea. Tuvo de todo: mordidas en la pera, escupidas en la cara, pellizcones y tirones de pelo. Finalmente, exhaustos, paramos para respirar. El timbre que anunciaba el final del recreo sonó en ese instante.

Sudábamos a chorros. El sol, una mancha calcinante camino al cénit. Astrogilda, muda, ensimismada, acariciaba su anillo. Yo estaba furioso:

—No seas estúpida. Destruir edificios no es cosa de niños.

—¡Mirá quién habla! Cumplí once años la semana pasada. ¡Y vos todavía tenés diez!

Durante la pelea yo me había raspado en distintas partes, principalmente en la cabeza, las rodillas y los codos, ¡que ardían como la gran siete! Por culpa del dolor, solté todos los demonios sobre Astrogilda:

—¡Terminala, imbécil! Vos nunca... ¿entendés? NUNCA vas a ser una de nosotros!

Ella me miró una vez más con odio, y sostuvo la mirada durante el tiempo en que se agachó a recoger la lata de coca-cola, toda abollada. Después dejó de hacerme frente y, mientras se sacudía con la mano libre la suciedad de la ropa, respondió, en un susurro:

—Está bien... ya sé —y empezó a caminar en dirección de la escalera que la llevaría a su aula.

Me sentí rechotísimo. De nuevo había metido la pata. A partir de ahora, con todos mis amigos muertos y la escuela desierta, no tendría más nadie con quién conversar. Me golpeé dos veces en la cabeza, como los actores cuando hacen una cagada en las películas de acción. Se golpean la cabeza y ponen cara de desesperación para mostrar que son gente como uno. Ellos, los héroes. Me golpeé dos veces en el mate pero no

isso me senti melhor. Estava passado, sem vontade sequer de me levantar do chão. Essa bobagem de que "o show tem que continuar" já não me convencia mais. Tirei dos bolsos os pedidos de resgate. Eu pretendia mostrá-los a Astrogilda – eu os teria mesmo mostrado, juro, se as coisas não tivessem saído do jeito que saíram:

– Grande merda!

Fiquei em pé, fiz uma bola com os bilhetes e preguei nela um belo chute. A bola descreveu uma curva ascendente, subiu três ou quatro metros e se desfez em centenas de papeizinhos. Foi uma chuva triste e sem brilho.

E Astrogilda, quem diria, ainda conseguiu me dar mais uma lição de moral: em vez de sujar o pátio como eu fizera, tratou de atirar a lata de coca-cola no lixo. E atirou-a de tão longe, com tamanha precisão – fosse um jogo de basquete e a cesta valeria três pontos! –, que meu queixo caiu na hora. Arremessou de costas, enquanto subia os primeiros degraus rumo à sala de aula, sem ao menos se preocupar em medir a força e a direção do vento. Arremessou e pimba! Lata no lixo.

– Caramba! Viram só isso? – perguntei, acho que a todos os amigos que não estavam comigo. Eu perguntei, as pernas trêmulas. É. A todos os bons companheiros – gente valorosa, pau para toda obra – que deviam estar ao meu lado mas, por minha culpa, não estavam. – Viram só? E de costas! – Perguntei e esperei. Os mortos, apesar da minha tentativa de comunicação, não fizeram com que o vento soprasse diferente. Um voz do além não me sussurrou, como nos gibis e no cinema, palavras de sabedoria. Eu me achava só.

Fui até o cesto de lixo, em busca da comprovação do que havia visto. A latinha estava de fato lá.

– Tudo bem... Pode ter sido apenas sorte. Obra do acaso. É, só pode... – minhas mãos suavam. – Isso não tem nada a ver com habilidades especiais. Com superpoderes.

O engraçado era que eu sabia que estava tentando enganar a mim mesmo. Mentia descaradamente. E tinha consciência disso, do contrário não teria voltado nas minhas pegadas, recolhido do chão um por um todos os bilhetes de resgate e corrido atrás de Astrogilda. Não teria. Mas foi o que fiz. Voltei nas minhas pegadas, recolhi do chão um por um todos os bilhetes de resgate e corri atrás de Astrogilda. Precisava alcançá-la antes que entrasse na classe, antes que tivesse início a próxima aula. Às favas, a próxima aula! Nós ainda tínhamos muito o que conversar.

por eso me sentí mejor. Estaba abombado, sin ganas siquiera de levantarme del piso. Esa tontera de que “el show debe continuar” ya no me convencía. Saqué de los bolsillos los pedidos de rescate. Pretendía mostrárselos a Astrogilda; se los hubiera mostrado, lo juro, si las cosas no hubiesen salido de la forma en que salieron:

—¡Putá madre!

Me quedé parado, hice un bollo con los papeles y le clavé un buen chutazo. La pelota describió una curva ascendente, subió tres o cuatro metros y se deshizo en centenas de papelitos. Fue una lluvia triste y sin brillo.

Y Astrogilda, quién lo diría, todavía consiguió darme una lección más de moral: en vez de ensuciar el patio como yo había hecho, trató de tirar la lata de coca-cola en el basurero. Y la tiró de tan lejos, con tanta precisión —¡hubiera sido un partido de básquet y el tanto habría valido tres puntos!—, que en el acto quedé con la boca abierta. Lanzó de espaldas, mientras subía los primeros escalones rumbo al aula, sin siquiera preocuparse en medir la fuerza y la dirección del viento. ¡Lanzó y pumba! La lata en la basura.

—¡Caramba! ¿Vieron eso? —pregunté, creo que a todos los amigos que no estaban conmigo. Pregunté, las piernas trémulas. Sí. A todos los buenos compañeros —gente valerosa, buena madera— que debían estar a mi lado pero que por mi culpa, no estaban. —¿Vieron eso? ¡Y de espaldas! —pregunté y esperé. Los muertos, a pesar de mi tentativa de comunicación, no hicieron que el viento soplara diferente. Una voz del más allá no me susurró, como en las historietas y en el cine, palabras de sabiduría. Estaba solo.

Fui hasta el tacho de basura, en busca de la prueba de lo que había visto. La latita, de hecho, estaba allí.

—Bueno... Puede haber sido pura suerte. Obra del azar. Eso, sólo pudo ser... —me transpiraban las manos. —No tiene nada que ver con habilidades especiales. Con superpoderes.

Lo gracioso es que yo sabía que estaba tratando de engañarme a mí mismo. Mentía descaradamente. Y tenía conciencia de eso, de lo contrario no habría vuelto sobre mis pasos, recogido del piso una por una todas las notas de rescate y corrido tras Astrogilda. No lo habría hecho. Pero fue lo que hice. Volví sobre mis pasos, recogí del suelo una por una todas las notas de rescate y corrí tras Astrogilda. Necesitaba alcanzarla antes de que entrara al aula, antes de que diera inicio la próxima clase. ¡Al diablo la próxima clase! Nosotros teníamos todavía mucho que conversar.

Animal nojento



Miguel Sanches Neto

Começa de novo.
Ela joga o osso do frango na cuba da pia, falando, dentes e lábios travados: merda. Dez minutos atrás tinha feito o filho dormir e ele agora chorando daquele jeito, bem no momento de preparar o almoço de domingo, que seria igual ao almoço de todos os domingos, lasanha de frango, domingo sem lasanha de frango não é domingo, diz o marido, quando, depois do futebol no clube, banho tomado, ele se senta para a primeira garfada, repetindo sempre a mesma coisa, a boca ainda cheia, domingo sem lasanha de frango não é domingo.

Tinha sido assim desde a primeira semana de casamento, e ela reclamava para as amigas que não podia nem ver lasanha, mas gostava de observar o marido com aquela cara de menino diante de seu prato predileto. E, depois do almoço, iam para a cama.

- Não vai fazer mal? – ela perguntou na primeira vez.
- Por quê?
- Congestão. Ouvi falar que... Você sabe.
- Bobagem.

No primeiro ano de casamento a sobremesa de domingo fora invariavelmente aquele encontro na cama, o colchão no começo rangia um pouco, mas depois acabou domesticado.

Domingo tinha para o marido quatro momentos: futebol, lasanha de frango, cama e uma caminhada pelo bairro, os dois juntos, olhando casas em construção.

- Como estão surgindo casas novas – ele observava pela centésima vez.

Ela apenas ria, era bom estar ali, os dois de mãos dadas num bairro novo, a tarde de domingo perdia o clima depressivo, eles caminhavam até escurecer, olhando paredes levantadas na última semana.

– Trabalham rápido – ele disse, apontando para o corpo de uma casa que não existia no domingo passado.

A cor vermelha do tijolo de seis furos – alguns, nos cantos das paredes, abertos como uma coluna de olhos – deixava Luiz contente.

- Gostaria de construir uma casa com as próprias mãos.
- Você nem consegue amarrar os sapatos.

E os dois riram.

Animal repugnante



Miguel Sanches Neto

Empieza de nuevo.

Ella tira el hueso de pollo en la pileta de la cocina, y dice, labios y dientes trabados: mierda. Diez minutos atrás había hecho dormir a su hijo y ahora lloraba de esa forma, justo a la hora de preparar el almuerzo del domingo, que sería igual al almuerzo de todos los domingos, lasaña de pollo, domingo sin lasaña de pollo no es domingo, dice el marido, cuando después del fútbol en el club, recién bañado, se sienta para el primer bocado, repitiendo siempre la misma cosa, la boca llena todavía, domingo sin lasaña de pollo no es domingo.

Había sido así desde la primera semana de casados, y ella se quejaba con las amigas de que no podía ni ver la lasaña, pero le gustaba observar a su marido con esa cara de chico frente a su plato predilecto. Y después del almuerzo, iban a la cama.

—¿No te va a hacer mal? —preguntó ella la primera vez.

—¿Por qué?

—Congestión. Dicen que... Vos sabés.

—Pavadas.

El primer año de casados el postre del domingo había sido invariablemente aquel encuentro en la cama, el colchón al comienzo chirriaba un poco, pero después acabó domesticado.

El domingo tenía para el marido cuatro momentos: fútbol, lasaña de pollo, cama y una caminata por el barrio, los dos juntos, mirando casas en construcción.

—Cómo están haciendo casas nuevas —observaba él por centésima vez.

Ella apenas reía, era bueno estar allí, los dos de la mano en un barrio nuevo, la tarde de domingo perdía su aire depresivo, caminaban hasta oscurecer, mirando paredes levantadas en la última semana.

—Trabajan rápido —dijo él, señalando hacia una casa que no existía el domingo anterior.

El color rojizo del ladrillo de seis huecos —algunos, en las esquinas de las paredes, abiertos como una columna de ojos— dejaba contento a Luiz.

—Me gustaría construir una casa con mis propias manos.

—Pero si vos no sabés ni atarte los cordones.

Y los dos reían.

– Agora vai me proibir de sonhar – ele falava isso toda vez que ela o trazia para a realidade.

De segunda a sábado ele trabalha na empresa de informática, cumprindo tarefas comerciais. No domingo, pode ao menos sonhar um pouco.

– Gosto da casa que compramos – ela falou.

– Uma casa já pronta, nem conhecemos os pedreiros.

– Você não conhece a vaca que deu o leite que vem na caixinha.

– Uma casa é diferente.

– Diferente por quê?

– Observe os tijolos.

– Sim. E daí?

– Você não sente nada?

– Sentir o quê?

– Que eles estão olhando para a gente.

Ela riu e ergueu, em gestos teatrais, as mãos para cima.

– Estão, sim, olhando para a gente!

Ele então a abraçou.

– Gostaria de construir com as próprias mãos a nossa casa.

– Você já reparou como repete as frases.

– Sou pelo menos coerente, não acha?

– Coerente e chato.

– Quem não gosta de repetição não casa.

– Quer dizer que daqui para frente será sempre a mesma coisa?

– A mesma coisa não. Mas não vai variar muito.

– Por exemplo, se eu quiser fazer uma lasanha de carne.

– Pode fazer, mas vai ficar sem graça.

– Leticia, aceita casar-se com Luiz e comer lasanha de frango pelo resto de sua vida? – ela disse num tom solene e masculino.

– Não vai ser por tanto tempo assim?

– Como é que você sabe?

– Vi numa revista que o homem muda de hábitos alimentares de sete em sete anos.

– Que bom, então só faltam seis anos e meio para eu me livrar da lasanha de frango.

– Pode acontecer antes.

– Isso me deixa mais tranqüila – ela disse e o beijou no rosto, encostando-se no ombro dele.

Estavam ainda na frente das paredes levantadas em apenas uma semana. A fileira dos tijolos na amarração dos cantos. Tudo era tão bobo e tão bonito, ela pensou.

Quando fica sozinha em casa, fazendo as tarefas domésticas, lembra-se destas conversas banais como momentos de alegria. Pensa agora naquela tarde em que ele falou dos olhos do tijolo para ver se esquece o choro, mas quando volta ao presente, o choro é mais forte. Ela, ainda diante da pia, não faz nada há alguns minutos, o osso de peito de frango, em forma de casco de barco, virado na cuba

—Ahora me vas a prohibir que sueñe —eso decía él cada vez que ella lo traía a la realidad.

De lunes a sábado él trabaja en una empresa de informática, realizando tareas comerciales. El domingo puede al menos soñar un poco.

—A mí me gusta la casa que compramos —dijo ella.

—Una casa terminada, ni conocemos a los albañiles.

—Tampoco conocés a la vaca que dio la leche que viene en la cajita.

—Una casa es diferente.

—¿Diferente por qué?

—Observá los ladrillos.

—Si. ¿Y?

—¿No sentís nada?

—¿Sentir qué cosa?

—Que nos están mirando.

Ella se rió y alzó, con gestos teatrales, las manos hacia arriba.

—¡Si, nos están mirando!

Entonces él la abrazó.

—Me gustaría construir nuestra casa con mis propias manos.

—¿Te diste cuenta cómo repetís las frases?

—Por lo menos soy coherente, ¿no creés?

—Coherente y aburrido.

—Al que no le gusta la repetición, no se casa.

—¿Quiere decir que de aquí en adelante siempre será la misma cosa?

—La misma cosa no. Pero mucho no va a variar.

—Por ejemplo, si yo quisiera hacer una lasaña de carne.

—Podés hacerla, pero va a perder la gracia.

—Leticia, ¿acepta casarse con Luiz y comer lasaña de pollo por el resto de su vida? —dijo ella en un tono solemne y masculino.

—No va a ser por tanto tiempo, ¿no?

—¿Y cómo sabés eso?

—Vi en una revista que el hombre cambia de hábitos alimentarios cada siete años.

—Qué bueno, entonces sólo faltan seis años y medio para librarme de la lasaña de pollo.

—Puede ocurrir antes.

—Eso me deja más tranquila —dijo ella y lo besó en el rostro, apoyándose en su hombro.

Todavía estaban frente a las paredes levantadas en apenas una semana. La hilera de ladrillos en el remate de las esquinas. Todo era tan tonto y tan lindo, pensó ella.

Cuando se queda sola en casa, haciendo las tareas domésticas, recuerda estas conversaciones banales como momentos de alegría. Ahora piensa en aquella tarde en que él le habló de los ojos del ladrillo, para ver si olvida el llanto, pero cuando vuelve al presente, el llanto es más fuerte. Todavía frente a la mesada, hace algunos minutos que ella no hace nada, el hueso de pechuga de pollo, en forma de casco de barco, volcado, en la bacha de

de inox, com umas manchas escuras de sangue coagulado. A faca na mão. O filho chora. Ela sente uma pequena tontura. Apóia a mão esquerda no granito da pia, curva um pouco o corpo, fechando os olhos. Por que não larga a faca? Por que não a joga na cuba? Por que os dedos da mão direita apertam mais intensamente o cabo molhado? Ela sente aquele volume úmido na mão.

Quando abre os olhos, vê a própria barriga, saliente e flácida, encostada na pia, a camiseta úmida, e sente o cheiro enjoativo de carne de frango, um cheiro de hormônio, de ração, de sangue misturado com água. Aquilo molhou sua camiseta. Mas ela não pensa nisso, e sim nas estrias da barriga e dos seios, tudo mais flácido depois da gravidez. Pensa nas duas manchas escuras no seu rosto, que apareceram quando começou a engordar, no terceiro mês de gestação. Pensa nas caminhadas no domingo à tarde e nas fugidas para a cama depois do almoço, as mesmas palavras, as mesmas posições, os mesmos movimentos de tirar e vestir roupas. Tudo isso, que era tão pouco, tinha desaparecido. No lugar, o choro do filho, preenchendo seus dias e noites. Não poderia haver monotonia maior. Sente saudades de quando não era mãe. Nunca esteve pronta para isso, a gravidez sempre adiada, mas um dia a lasanha estava boa demais, Luiz fez tantos elogios ao tempero, que o frango ganhara sabor especial, a massa macia, leitosa, lembra bem da palavra, a massa estava leitosa, e, bocas sujas de molho, eles foram se beijando para o quarto e não houve tempo para nenhuma precaução. Depois, quando se vestiam, ela soube exatamente o que tinha acontecido.

– Marque o dia de hoje naquele papel ali.

– Marcar o quê? – perguntou Luiz, que já procurava um lápis.

– O dia em que fizemos nosso filho.

Ele parou o movimento e pulou sobre ela, sufocando-a, de brincadeira, com o traveseiro.

– Morte às bruxas.

Ela o derrubou, também rindo, alegre por ter aquela certeza.

– Uma mulher sabe quando acontece.

E depois de enjões, de visitas ao ginecologista, de exames, de dores nas pernas, de posições incômodas na hora de dormir, de insônia – logo ele nasce e as coisas melhoram, o marido repetia quando a via sofrendo – , depois disso tudo, o menino não nasceu espontaneamente, obrigando-a a uma cesariana.

– Ele não queria deixar a proteção da barriga da mamãe – brincou Luiz.

– Ele quis me marcar para sempre – falou Letícia.

Quando o médico tirou os pontos da operação, descobriam que um dos lados tinha ficado meio torto.

– Está parecendo boca de falar segredo – ela reclamou.

– Desaparece logo.

– Não vai desaparecer nunca.

– Fazemos uma plástica.

– Não vai desaparecer nunca.

– Depois sou eu quem gosta de repetição.

acero inoxidable, con unas manchas oscuras de sangre coagulada. El cuchillo en la mano. El hijo llora. Siente un pequeño mareo. Apoya la mano izquierda en el granito de la mesada, inclina un poco el cuerpo, cerrando los ojos. ¿Por qué no suelta el cuchillo? ¿Por qué no lo tira en la pileta? ¿Por qué los dedos de la mano derecha aprietan más intensamente el mango mojado? Ella siente aquel volumen húmedo en la mano.

Cuando abre los ojos, ve su propio vientre, saliente y flácido, apoyado en la mesada, la remera húmeda, y siente el olor nauseabundo de la carne de pollo, un olor de hormonas, de alimento balanceado, de sangre mezclada con agua. Eso ha mojado su remera. Pero no piensa en eso, sino en las estrías del vientre y de los senos, todo más flácido después del embarazo. Piensa en las dos manchas oscuras en su rostro, que aparecieron cuando empezó a engordar, en el tercer mes de gestación. Piensa en las caminatas de domingo a la tarde y en las escapadas a la cama después del almuerzo, las mismas palabras, las mismas posiciones, los mismos movimientos de sacarse y ponerse la ropa. Todo eso, que era tan poco, había desaparecido. En su lugar, el llanto del hijo, llenando sus días y sus noches. No podía haber monotonía mayor. Siente nostalgia de cuando no era madre. Nunca estuvo lista para eso, el embarazo siempre postergado, pero un día la lasaña estuvo demasiado buena, Luiz hizo tantos elogios al condimento, que el pollo había tomado un sabor especial, la masa suave, lechosa, recuerda bien la palabra, la masa estaba lechosa, y con las bocas sucias de salsa, ellos fueron besándose hacia el cuarto y no hubo tiempo para ninguna precaución. Después, cuando se vestían, ella supo exactamente lo que había pasado.

—Anoté el día de hoy en aquel papel, ahí.

—¿Anotar qué? —preguntó Luiz, que ya buscaba un lápiz.

—El día en que hicimos a nuestro hijo.

Él detuvo su movimiento y saltó sobre ella, sofocándola en broma, con la almohada.

—Muerte a las brujas.

Ella lo derribó, también riendo, alegre por tener esa certeza.

—Una mujer sabe cuando sucede.

Y después de náuseas, de visitas al ginecólogo, de estudios, de dolores de piernas, de incómodas posiciones a la hora de dormir, de insomnio —pronto va a nacer y las cosas van a mejorar, repetía el marido cuando la veía sufriendo—, después de todo eso, el niño no nació espontáneamente, obligándola a una cesárea.

—Él no quería dejar la protección de la panza de la mamá —bromeó Luiz.

—Él me quiso marcar para siempre —dijo Letícia.

Cuando el médico sacó los puntos de la operación, descubrieron que uno de los lados había quedado medio torcido.

—Parece la seña del siete de espadas —reclamó ella.

—Desaparece enseguida.

—No va a desaparecer nunca.

—Hacemos una plástica.

—No va a desaparecer nunca.

—Y después soy yo a quien le gusta la repetición.

Mas as piores marcas não estavam em seu corpo, não eram as estrias, o princípio de flacidez, as manchas e a cicatriz de sorriso irônico. As marcas que a atormentavam escondiam-se em uma região qualquer e não havia plástica que as apagasse.

– Será que estou ficando louca? – ela fala, baixinho, apertando ainda mais o cabo da faca.

Ergue a cabeça e olha para a janela, lá fora o domingo é de sol, há pássaros, pequenos insetos, casas novas que agora ela conhece nos passeios durante a semana, com o carrinho de bebê, pois nos domingos Luiz dorme, cansado das noites insones.

A casa é só o choro do filho. Um choro sem motivo. Já levou ao pediatra, apenas cólica, mas uma criança pode ter cólica durante tanto tempo? E ele está com sete meses, meu Deus. O choro vem de cada tijolo daquelas paredes. Ela não irá ao quarto.

Com a faca na mão, abre a porta para que o choro saia, mas ele continua dentro das paredes.

– O que fazer? – tinha reclamado para uma amiga mais velha, com filhos adolescentes.

– Nada. E preparar-se para dores piores – depois de um silêncio – ... as dores da alma.

Ela não fará nada, deixará o menino se esgoelar. Resolve ficar no quintal. Senta-se no canto extremo do muro dos fundos, mas, mesmo de lá, ouve o choro. Enfia a faca na grama várias vezes, deixando a lâmina suja de terra. Letícia permanecerá ali, para não enlouquecer, mas talvez já esteja louca.

Não sabe quanto tempo está naquela posição. O sol tinha esquentado tanto sua cabeça e sua roupa que ela começa a sentir coceira no couro cabeludo e no corpo, e se coça descontroladamente, enfiando a mão por baixo da roupa. Por não alcançar alguns pontos nas costas, pega a faca suja e a enfia pela gola da camiseta, lanhando-se toda.

O choro cresce. Logo algum vizinho estará tocando a campainha para saber o que há com o bebê. Não pára de chorar, ela diz para si mesma. É uma recusa do mundo, da vida, talvez já saiba que tudo é repetição e não queira isso. Para quê? – ele deve se perguntar. Crescer, sofrer, trabalhar, morrer. Não tem sentido. É o que ele pensa, e está comunicando isso para a mãe com seu choro. Eles tinham um pacto, que só agora ela descobre. Um deve fazer o que outro quer.

Levanta-se e vai caminhando lentamente. O choro da criança cada vez mais intenso. Ao entrar na casa, sente-se como se tivesse dentro da garganta dele, uma visão horrível, ela na garganta do filho. Cortar o que o faz sofrer. A faca na mão atrapalha, mas tampa os ouvidos como pode e cruza a cozinha. O choro pode deixá-la surda. A criança chora. Não é mais seu filho, não tem nome, é só a criança. Quando entra na sala, nem é mais criança, apenas o choro.

Fecha os olhos ao abrir a porta do quarto. Conhece a posição de cada móvel, tantas horas passadas ali. Quando o choro nasceu, eles decidiram que nunca dormiria no quarto deles, manter os limites, cada um em seu território. O berço ficou no quarto ao lado, eles tinham preparado tudo. As cortinas com ursinhos.

Pero las peores marcas no estaban en su cuerpo, no eran las estrías, el principio de flacidez, las manchas ni la cicatriz de irónica sonrisa. Las marcas que la atormentaban se escondían en una región incierta y no había plástica que las borrara.

—¿Me estaré volviendo loca? —dice ella, bajito, apretando todavía más el mango del cuchillo.

Levanta la cabeza y mira hacia la ventana, allá afuera es un domingo soleado, hay pájaros, pequeños insectos, casas nuevas que ahora ella conoce por los paseos durante la semana, con el cochecito del bebé, porque los domingos Luiz duerme, cansado por las noches insomnes.

La casa es sólo el llanto del hijo. Un llanto sin motivo. Ya lo llevó al pediatra, cólicos apenas, ¿pero un niño puede tener cólicos durante tanto tiempo? Y él tiene siete meses, Dios mío. El llanto viene de cada ladrillo de aquellas paredes. Ella no va a ir al cuarto.

Con el cuchillo en la mano, abre la puerta para el que llanto salga, pero continúa dentro de las paredes.

—¿Qué hago? —se había quejado a una amiga mayor que ella, con hijos adolescentes.

—Nada. Prepararte para dolores peores —después de un silencio—: los dolores del alma.

Ella no va a hacer nada, va a dejar que el chico se desgañite. Resuelve quedarse en el patio. Se sienta en el rincón extremo del muro, al fondo, pero incluso desde allí, oye el llanto. Clava el cuchillo en el césped varias veces, dejando la hoja sucia de tierra. Leticia va a permanecer allí, para no enloquecer, pero tal vez ya esté loca.

No sabe cuánto tiempo está en aquella posición. El sol ha calentado tanto su cabeza y su ropa que empieza a sentir picazón en el cuero cabelludo y en el cuerpo, y se rasca descontroladamente, metiendo la mano por debajo de la ropa. Como no alcanza algunos puntos en la espalda, agarra el cuchillo sucio y lo mete por el cuello de la remera, hiriéndose toda.

El llanto crece. Pronto algún vecino estará tocando el timbre para saber qué pasa con el bebé. No para de llorar, dice ella para sí misma. Es un rechazo del mundo, de la vida, tal vez ya sepa que todo es repetición y no quiera eso. ¿Para qué?, debe preguntarse él. Crecer, sufrir, trabajar, morir. No tiene sentido. Eso es lo que él piensa, y le está comunicando eso a la madre con su llanto. Ellos tienen un pacto, que ella descubre recién ahora. Uno debe hacer lo que el otro quiera.

Se levanta y va caminando lentamente. El llanto del niño es cada vez más intenso. Al entrar a la casa, siente como si estuviera dentro de su garganta, una visión horrible, ella en la garganta del hijo. Cortar lo que lo hace sufrir. El cuchillo en la mano estorba, pero se tapa los oídos como puede y cruza la cocina. El llanto puede dejarla sorda. El niño llora. Ya no es su hijo, no tiene nombre, es sólo el niño. Cuando entra en el living, ya ni es niño, sólo llanto.

Cierra los ojos al abrir la puerta del cuarto. Conoce la posición de cada mueble, tantas horas ha pasado allí. Cuando el llanto nació, decidieron que nunca dormiría en el cuarto de ellos, para mantener los límites, cada uno en su territorio. La cuna quedó en el cuarto de al lado, ellos habían preparado todo. Las cortinas con ositos. Algunos

Alguns quadros que ela mesma bordara. Os tapetes coloridos, a poltrona onde tinha sentado para dar de mamar nos primeiros meses, a cômoda – naquele tempo ela trocava centenas de fraldas –, os móveis sobre o berço. Não precisa ter olhos para se movimentar naquele quarto.

Entra de olhos e ouvidos fechados, mas vendo cada centímetro do quarto. O choro continua. Quando chega à cabeceira do berço, tem a impressão de um súbito silêncio. É apenas por causa dos ouvidos tampados, pensa. Abaixa as mãos, soltando os braços, e mesmo assim não escuta nada.

Ao abrir os olhos, vê o sorriso meigo do filho e, em sua mão, a faca suja de terra, que ela atira longe, como se fosse um animal nojento.

cuadros que ella misma había bordado. Las alfombras de colores, la poltrona donde se había sentado para dar de mamar en los primeros meses, la cómoda –sobre aquella tapa ella había cambiado centenas de pañales–, los móviles sobre la cuna. No necesita los ojos para moverse en aquel cuarto.

Entra con los ojos y oídos cerrados, pero viendo cada centímetro del cuarto. El llanto continúa. Cuando llega a la cabecera de la cuna, tiene la impresión de un súbito silencio. Es por causa de los oídos tapados, piensa. Baja las manos, soltando los brazos, y ni así escucha nada.

Al abrir los ojos ve la sonrisa tierna del hijo, y en su mano, el cuchillo sucio de tierra, que arroja lejos, como si fuera un animal repugnante.

Sandálias de Hermes (ou a impossibilidade do vôo)



Paulo Sandrini

Dinheiro nos dá asas pra voar, vivia me dizendo um colega, num dos últimos empregos que tive. Com dinheiro a gente compra o que quiser, principalmente as pessoas, propalava ainda, enquanto seus olhos ganhavam um aspecto desvairado. Mas ele era um durango, tanto ou mais que eu à época, um verdadeiro sonhador, um ingênuo que não percebia a própria condição. Então eu rio dessas lembranças, que sempre me vêm à mente toda vez que aterrisso de volta ao pedregoso terreno da minha própria realidade e me dou conta de que já faz um bom tempo que não me passa pelas mãos esse deus-todo-poderoso que é o cascalho, a prata, a bufunfa. Sem mais emprego, família ou amigos, passei a viver de restos. De coisas pegas no lixo. Minhas asas (essas asas-dinheiro de que meu amigo tanto falava e que no meu caso sempre foram curtas, bem curtas) há muito, pois, me foram cortadas. Mais precisamente, meus últimos pequenos vôos foram alçados quando gastei os últimos caraminguás do seguro-desemprego num bordel de quinta categoria, tomando um porre e dando uma bimba numa ruivinha manquitola, doidinha de feia.

Comprar o que quiser. Inclusive as pessoas. Dispensaria isso em troca de somente poder tirar os pés deste país assolado pela miséria, tendo a oportunidade de conhecer lugares distantes, aqueles que eu só conheço nas páginas das revistas que às vezes encontro nos restos que fuço feito um rato lá no buracão, que é como também é chamado o lixão municipal.

[caribe sibéria indonésia austrália galápagos groelândia saara bagdá terra do fogo amazônia o velho continente]

Repito, então, a mim mesmo os clichês dos que não têm onde cair morto e muito menos a perspectiva de um dia tê-lo: sonhar não faz mal, dar asas à imaginação não requer dinheiro. E isso é o que me impele a seguir buscando alternativas pra resolver os reveses do momento e achando utopicamente que um dia a coisa se inverte. Neste momento é o que posso fazer. Além de seguir a passos lentos em direção ao meu ganha pão: o buracão. Mesmo que quisesse seguir em passos céleres, não conseguiria. O estômago vazio me impede. Então, ao escutar os roncões do meu estômago, uso de criatividade: finjo que estou a ouvir o ronco do motor de

Sandalias de Hermes (o la imposibilidad del vuelo)



Paulo Sandrini

El dinero nos da alas para volar, vivía diciéndome un compañero, en uno de los últimos empleos que tuve. Con dinero uno compra lo que quiere, principalmente personas, continuaba pregonando, mientras sus ojos adquirían un aspecto desvariado. Pero él era un seco, tanto o más que yo en aquella época, un verdadero soñador, un ingenuo que no percibía su propia condición. Entonces me río de esos recuerdos, que siempre me vienen a la mente cada vez que aterrizo de vuelta en el pedregoso terreno de mi propia realidad y me doy cuenta de que ya hace un buen tiempo que no me pasa por las manos ese dios todo poderoso que es el mango, la plata, la guita. Sin trabajo, familia ni amigos, pasé a vivir de restos. De cosas sacadas de la basura. Mis alas (esas alas-dinero de las que mi amigo tanto hablaba y que en mi caso siempre fueron cortas, bien cortas) hace mucho, pues, me fueron cercenadas. Más precisamente, levanté mis últimos pequeños vuelos cuando gasté las últimas chirolas del seguro de desempleo en un burdel de quinta categoría, alzándome una curda y dándome una revolcada con una colorada renguita, deliciosamente fea.

Comprar lo que quiera. Incluso personas. Prescindiría de eso a cambio de solamente poder sacar los pies de este país asolado por la miseria, teniendo la oportunidad de conocer lugares distantes, aquellos que sólo conozco por las páginas de las revistas que a veces encuentro entre los restos que escarbo como una rata allá en el socavón, también conocido como el basurero municipal.

[caribe siberia indonesia australia galápagos groenlandia sahara bagdad tierra del fuego amazonia el viejo continente]

Me repito a mí mismo entonces los clichés de los que no tienen donde caerse muertos y mucho menos la perspectiva de algún día tenerlo: soñar no hace mal, darle alas a la imaginación no requiere dinero. Eso es lo que me impulsa a seguir buscando alternativas para resolver los reveses del momento, y pensando utópicamente que un día la cosa cambia. Es lo que puedo hacer en este momento. Además de seguir, a paso lento, en dirección a mi rebusque: el socavón. Aunque quisiera seguir a paso rápido, no lo lograría. El estómago vacío me lo impide. Entoces, al escuchar los ronquidos de mi estómago, hago uso de la creatividad: finjo que estoy oyendo el rugido del motor

um carro, um carrão que estou a guiar por uma estrada deserta, lisa e reta e assim, absorto nessas idéias, chego ao meu destino sem perceber, esquecendo-me da fraqueza, das pernas bambas.

Fuço. Reviro. Refuço. Hoje está difícil. Quarta-feira é um dos piores dias. Melhores são as segundas e as quintas. Nas segundas, vem o lixo dos finais de semana. Principalmente os restos da comilança dos sábados e dos domingos. Nas quintas, vêm os objetos danificados, as revistas com notícias obsoletas, as roupas fora de moda ou com furinhos de traça: tudo fruto do trabalho do meio de semana das empregadas fazendo a limpa na casa, abrindo espaço nos guarda-roupas, nas estantes e nos armários pras novas aquisições dos privilegiados lares daqueles que levam uma vida economicamente estável.

Quarta-feira é realmente um dia ruim. Mas se não me imponho o compromisso de vir aqui todos os dias no buracão, o que acontece é que fico lá, feito um chorão, no alto do morro, remoendo minha fraqueza e minha miséria sob a sombra de um salgueiro, que é onde eu vivo e sofro nos dias de chuva, quando então corro (não é bem correr, porque não agüentaria) me esconder sob as marquises do centro da cidade (apesar de que nesta cidade faz muito calor e quase não chove a maior parte do ano, então dá pra levar assim, numa boa, debaixo da árvore).

Como eu dizia, me obrigo a vir aqui todos os dias, porque há sempre o que se reaproveitar neste lugar. Hoje, por exemplo, estou descalço. Faz já uns quatro dias que estou nu dos pés. Por esses dias está difícil achar algo que me sirva. Ou que fique um pouco apertado. Calço 45. Quase ninguém calça 45. Diríamos que, neste caso, quarenta e cinco é o meu número de azar. Porém, meu faro me diz (e nisso o meu faro acostumado a este local não falha) pra que eu seja pertinaz. Que ainda são dez horas da manhã. Muito lixo ainda há de chegar. A cidade é grande. (Mas o número de miseráveis também). Sigo recolhendo (às vezes disputando no tapa com mulheres e crianças) aqui e ali umas cascas de banana, abacate, abobrinha, nacos de peixe podre, sebo de carne vermelha. A sopa até que vai ser razoável hoje, apesar de quarta-feira.

Afirmar que o meu faro não me trai talvez seja a única certeza que me resta em vida. Uma certeza que (pimba!) neste momento vejo se materializar. Ali adiante, a poucos metros de mim, William, um negro alto e corcunda, magricela filhodamãe, acaba de achar um par de sandálias, prateado, tamanho grande, que com certeza irá calçar-lhe tranqüilamente (ele calça uns 43) aqueles pés rachados e bichados.

Vou me aproximando, encarnando a jinga do bom comerciante, aquele que adquire um produto por merreca e o revende pelo triplo, o quádruplo, o sêxtuplo do preço. A sacolinha de alimentos de William está vazia. E quase sempre está assim. Pois apesar de grande, William é um parvo e também muito lento pra disputar restos de comida, principalmente com crianças. Ele acaba de experimentar o par de sandálias, que está praticamente novo. Vendo mais de perto, confirmo minha suposição: o par de sandálias prateado que William tem nos pés possui um ornamento no mínimo interessante: duas asinhas em cada pé, na altura do

de un auto, un autazo que estoy por manejar por una ruta desierta, lisa y recta y así, absorbo en esas ideas, llego a mi destino sin darme cuenta, olvidándome de la debilidad, de mis piernas inestables.

Escarbo. Revuelvo. Remuevo. Hoy está difícil. El miércoles es uno de los peores días. Son mejores los lunes y los jueves. Los lunes, viene la basura de los fines de semana. Principalmente los restos de la comilona de los sábados y los domingos. Los jueves vienen los objetos dañados, las revistas con noticias obsoletas, la ropa fuera de moda o con huequitos de polilla: todo fruto del trabajo de mitad de semana de las empleadas haciendo la limpieza general en la casa, haciendo espacio en los placares, los estantes y los armarios para las nuevas adquisiciones de los privilegiados hogares de aquellos que llevan una vida económicamente estable.

El miércoles es realmente un día malo. Pero si no me impongo el compromiso de venir todos los días aquí al socavón, lo que pasa es que me quedo allá, como un llorón, en lo alto del morro, rumiando mi debilidad y mi miseria bajo la sombra de un sauce, que es donde vivo y sufro en los días de lluvia, cuando entonces corro (no precisamente correr, porque no aguantaría) a esconderme bajo las marquesinas del centro de la ciudad (a pesar de que en esta ciudad hace mucho calor y casi no llueve la mayor parte del año, entonces da para pasarla así, de parabienes, debajo del árbol).

Como decía, me obligo a venir aquí todos los días, porque siempre hay algo que aprovechar en este lugar. Hoy, por ejemplo, estoy descalzo. Hace ya unos cuatro días que estoy con los pies desnudos. Por estos días está difícil hallar algo que me sirva. O que me quede menos apretado. Calzo 45. Casi nadie calza 45. Diríamos que, en este caso, cuarenta y cinco es el número de mi desgracia. Sin embargo, mi olfato me dice (y en eso mi olfato, habituado a este lugar, no falla) que sea pertinaz. Que recién son las diez de la mañana. Mucha basura todavía ha de llegar. La ciudad es grande. (Pero el número de miserables también). Sigo recogiendo (a veces disputando a los cachetazos con mujeres y niños) aquí y allá unas cáscaras de banana, palta, calabacín, pedazos de pescado podrido, sebo de carne roja. La sopa de hoy va a ser hasta razonable, a pesar de ser miércoles.

Afirmar que mi olfato no me traiciona tal vez sea la única certeza que me queda en la vida. Una certeza que (¡pumba!) en este momento veo materializarse. Allá adelante, a pocos metros de mí, William, un negro alto y jorobado, flacucho hijo de su madre, acaba de encontrar un par de sandalias, plateadas, tamaño grande, que con certeza irán a calzarle tranquilamente (él calza 43) en aquellos pies cuarteados y embichados.

Me voy aproximando, encarnando los gestos del buen comerciante, ese que adquiere un producto por una bicoca y lo revende por el triple, el cuádruple, el séxtuple del precio. La bolsita de alimentos de William está vacía. Y casi siempre está así. Porque a pesar de ser grandote, William es un tonto y también es muy lento para disputar restos de comida, en especial con los niños. Acaba de probarse el par de sandalias, que está prácticamente nuevo. Mirando más de cerca, confirmo mi sospecha: el par de sandalias plateadas que William lleva en los pies tiene un adorno, como mínimo, interesante: dos alitas en cada pié, a la altura del talón. No puede ser otra cosa que

calcanhar. Só pode ser coisa de fantasia de escola de samba. (O calçado é um pouco extravagante, é preciso que se diga; porém um bellissimo e instigante objeto). Então, faço a oferta de troca: os alimentos que consegui pelo par de sandálias. William grunhe algumas palavras e me entrega, sem pestanejar (pacova que é) a sandália em troca das cascas de abobrinha e um naco de peixe podre. Odeio abobrinha e o peixe nem sequer um gato famélico conseguiria devorar sem pôr as tripas de fora. Que se danem as tripas do William! Saio feliz com a minha mais nova aquisição. Volto pro morro e me sento sob a sombra do salgueiro e fico a admirar por horas o elegante calçado prateado com asinhas.

Ponho a água pra ferver. Quando as gotículas de fervura no fundo da lata de tinta (que me serve de panela) começam a surgir, vou jogando, pacientemente, primeiro as cascas de banana, depois as de abacate e, por fim, já com água na boca, o sebo de carne vermelha. Vai sem tempero mesmo, feito a vida de um miserável, sem sal – e também sem açúcar. Enquanto vou mexendo meu caldo no fogo, fico a observar as danadinhas das sandálias, lá, prateadas, lindas, sobre a bancada de madeira que construí com ripas de caixotes de feira. Tenho vontade de pô-las nos pés. Contudo, mesmo descalço e com os pés esfolados e repletos de bolhas de tanto andar em contato com o asfalto quente e as calçadas ásperas, tenho dó de vesti-las e gastá-las. Fico no dilema: visto, não visto. Então, não resisto, vou até lá e as coloco um pouquinho nos pés. Mas rapidamente as tiro. Dou-lhes uma boa polida com a minha camiseta rota e sebenta e as recoloco sobre a bancada. Volto a mexer meu ensopado. E a admirar a maravilha de calçado, meio que de longe.

Uma fraqueza terrível me acomete. Absorto no redemoinho que o pedaço de pau com que mexo o caldo faz na fervura, minha cabeça começa a girar. E o mundo em volta também. Um quase torpor. Mas continuo mexendo o caldo ralo. O sebo de carne vermelha é duro de mastigar, por isso tiro-o do ensopado, embrulho num plástiquinho e assim o reaproveitarei depois. Provo do caldo. Sem sal, impossível a pressão arterial subir. Entorno o líquido ainda fervendo na caneca. Um gole. Outro. E outro. E a pressão: baixa. O negócio é dormir. Me deito sob a sombra do salgueiro e admiro um pouco mais meu lindo par de sandálias prateado. Vou cochilando [é de tarde, uma tarde ensolarada como esta de hoje, quente. chego exausto do lixão e sob a bancada de madeira encontro um par de sandálias prateado com asinhas. tudo muito real, parecendo uma reprodução do meu dia-a-dia. eis que, súbito, as asinhas das sandálias começam a se agitar feito as de um beija-flor. céleres. um pouco espantado, admirado da beleza e estranheza do objeto, coloco-o nos pés. ao fazê-lo, sinto que meu corpo flutua, que se eu quiser sairei voando; no entanto, a sensação de vôo, de liberdade mas também de vertigem, seguida de acrofobia, me faz voltar atrás e tirar as sandálias dos pés e recolocá-las de volta sobre a bancada, sem mais coragem de voltar a vesti-las novamente, mesmo sabendo que elas poderão me fazer voar, que me tirarão os pés do chão e colocarão definitivamente minha cabeça nas nuvens, distante de todos os reveses da vida aqui embaixo. resultado: fico travado.

vestuario de *escola de samba*. (El calzado es un poco extravagante, hay que decirlo; y sin embargo, un bellissimo e instigante objeto). Entonces hago la oferta de trueque: los alimentos que conseguí por el par de sandalias. William gruñe algunas palabras y me entrega, sin pestañear (de bagayo que es) las sandalias a cambio de las cáscaras de calabacín y un pedazo de pescado podrido. Odio el calabacín y al pescado ni siquiera un gato famélico conseguiría devorarlo sin largar las tripas hacia afuera. ¡Que se jodan las tripas de William! Salgo feliz con mi más reciente adquisición. Vuelvo al morro y me siento bajo la sombra del sauce, y me quedo admirando por horas el elegante calzado plateado con alitas.

Pongo agua a hervir. Cuando las burbujitas del hervor empiezan a surgir del fondo de la lata de pintura que me sirve de olla, voy tirando, pacientemente, primero las cáscaras de banana, después las de palta y al final, haciéndoseme agua la boca, el sebo de carne roja. Va sin condimentos, como la vida del miserable, sin sal –y también sin azúcar–. Mientras voy removiendo mi caldo en el fuego, me pongo a observar a las atorrantitas de las sandalias, ahí, plateadas, lindas, sobre la mesada que construí con tablas de cajón de frutas. Tengo ganas de ponérmelas en los pies. Aunque descalzo y con los pies con escoriaciones y llenos de ampollas de tanto andar en contacto con el asfalto caliente y las veredas ásperas, me da pena usarlas y gastarlas. Estoy en el dilema: me las calzo, no me las calzo. Entonces no resisto, voy hasta ahí y me las pongo un ratito. Pero rápidamente me las saco. Les doy una buena limpiada con mi camiseta rota y grasienta y las vuelvo a colocar sobre el banco. Vuelvo a mi potaje. Y a admirar la maravilla de calzado, medio de reojo.

Me acomete una debilidad terrible. Absorto en el remolino que hace en el hervor el palo con el que revuelvo el caldo, mi cabeza empieza a girar. Y el mundo alrededor también. Casi un desmayo. Pero continúo moviendo el caldo pobre. El sebo de carne roja es duro de masticar, por eso lo saco del potaje, lo envuelvo en un plastiquito y así lo reaprovecharé después. Pruebo el caldo. Sin sal, imposible que suba la presión arterial. Echo el líquido hirviendo en la taza. Un trago. Otro. Y otro. Y la presión: baja. El negocio es dormir. Me acuesto bajo la sombra del sauce y admiro un poco más mi lindo par de sandalias plateadas. Voy dormitándome [es de tarde, una tarde soleada como ésta de hoy, calurosa. llego exhausto del basural y bajo la mesada de madera encuentro un par de sandalias plateadas con alitas. todo muy real, parece una reproducción de mi día a día. he ahí que, súbitamente, las alitas de las sandalias empiezan a agitarse como las de un picaflor. céleres. un poco asustado, admirado por la belleza y la extrañeza del objeto, me las pongo en los pies. al hacerlo, siento que mi cuerpo flota, que si yo quisiera saldría volando; mientras, la sensación de vuelo, de libertad pero también de vértigo, seguido de acrofobia, me hace volver atrás y sacarme las sandalias de los pies y volver a colocarlas sobre la mesada, sin valor para volver a calzármelas nuevamente, sabiendo incluso que podrán hacerme volar, que despejarán mis pies del suelo y colocarán mi cabeza en las nubes, distante de todos los reveses de la vida aquí abajo. resultado: me quedo anclado, medroso, clavado en el suelo ramifican-

medrando, plantado no chão, ramificando mais e mais a minha miséria] – desperto aborrecido comigo mesmo. Um otário, recalçado, até em sonho.

Uma forte sede (além da fome) também me acomete constantemente, não dá trêgua. Vou em busca de um pouco de água fria no córrego infecto que passa ali embaixo, aos pés do morro. Sinto as pernas bambearem. Vertigem. De fome, ainda. Por garantia, me certifico: as belezinhas ainda estão ali, sobre a bancada. E como em meu sonho, elas dão a sensação de terem batido as asinhas. Só pode ser por causa da fome e da sugestão do sonho. Só isso. Olho-as de novo. As asinhas parecem se agitar mais uma vez. Só preciso matar esta sede e depois dormir mais um tanto pra que passe a alucinação. Enquanto a gente dorme, o nosso corpo vai se alimentando da gordura dele mesmo quando não se tem direito o que comer, aí parece que acordamos mais fortes do que antes de dormir. Contudo, já quase não tenho mais gorduras pra queimar.

As pernas trançam e saio rolando morro abaixo. Até a margem do riacho. Um curso de água marrom e fétido. Tudo bem, a gente mata primeiro a sede, depois vê em que doença dá.

Enquanto encho minha lata d'água, posso ver, de modo difuso por causa da sujeira do riacho, o reflexo de uma figura esguia e curvada passar por trás de mim. Viro a cabeça e vejo William, que vai subindo o morro com um pacote na mão, em direção ao salgueiro. O que será que o maldito quer? Renegociar? Isso não é típico desse parvo. Raríssimas são as vezes em que ele vem pra estas bandas. E agora aparece assim, de chofre. Grito o nome dele, que se vira pra mim e grunhe algumas palavras. Não entendo nada. Subo atrás dele. Mas não tenho forças e o negro parece incansável, mesmo sem ter comido nada como sempre. Tento forçar os passos. Correr. A subida é íngreme. O sol está bem de frente pros meus olhos. As pernas afrouxam mais e mais. Me deixo cair e fico olhando lá pra cima. Maldito William! Forço a visão no alto do morro. Não dá. O sol me cega. Baixo os olhos. Fecho-os. Fico assim por alguns minutos, tentando me recuperar. Então, sinto um vento passando sobre mim. E de novo. Sobre as minhas costas. Parece uma ave gigante, um urubu dando um rasante, querendo devorar minha carcaça. Maldito William! – grito, com a voz roufenha. Protejo a cabeça. O urubu-William retorna. Outro rasante. Mais um. Então, dispara uma gargalhada, uma gargalhada filhadamãe que agora vai se distanciando. O pássaro negro cessa o ataque. Já posso subir lentamente até o alto do morro. O sol ainda me cega. Me sento sob a sombra do salgueiro. Minha visão vai se recompondo. Olhando em direção à bancada, não vejo mais as sandálias prateadas. Apenas uma sacola. A sacola infecta de William. Maldito William! Me devolveu as cascas de abobrinha e o naco de peixe podre. Odeio mortalmente abobrinha e peixe. Fazer o quê? Acendo o fogo. Começo a ferver novamente meu caldo. Retiro do plástico o sebo de carne vermelha pra aumentar um pouco mais o sabor. A contragosto, jogo na fervura as cascas de abobrinha e o peixe. Um pouco mais de sustância. Entorno o caldo na caneca. Um. Dois. Três goles. Vou colocando as tripas pra fora enquanto William segue com seu espetáculo aéreo, se distanciando, sumindo no céu, emitindo sonoras gargalhadas.

do más y más mi miseria]. Despierto enojado conmigo mismo. Un otario reprimido, hasta en sueños.

Una fuerte sed (además del hambre) me acomete también, constantemente, no me da tregua. Voy en busca de un poco de agua fría en el arroyo infecto que pasa allí abajo, a los pies del morro. Siento mis piernas tambalearse. Vértigo. De hambre, todavía. Para más seguridad, certifico: allí están todavía las preciosuras, sobre la mesada. Y como en mi sueño, dan la impresión de haber movido las alitas. Sólo puede ser por culpa del hambre, y la sugestión del sueño. Sólo eso. Las miro de nuevo. Las alitas parecen agitarse una vez más. Lo que necesito es matar esta sed y después dormir un poco más, para que pase la alucinación. Mientras uno duerme, el cuerpo va alimentándose de la propia grasa, cuando no se tiene qué más comer, entonces parece que despertamos más fuertes que antes de dormirnos. Sin embargo, ya no tengo casi grasas para quemar.

Las piernas se me enredan y caigo rodando morro abajo. Hasta la margen del riacho. Un curso de agua marrón y fétido. Perfecto, primero matamos la sed y después se ve en qué enfermedad desemboca.

Mientras lleno mi lata de agua puedo ver, de modo difuso a causa de la mugre del riacho, el reflejo de una figura alargada y corva pasando detrás de mí. Giro la cabeza y veo a William, que va subiendo el morro con un paquete en la mano en dirección a mi sauce. ¿Qué querrá el maldito? ¿Renegociar? Eso no es propio de ese tonto. Son rarísimas las veces que él viene por estos lados. Y ahora se aparece así, de sopetón. Grito su nombre, se da vuelta hacia mí y gruñe unas palabras. No entiendo nada. Subo detrás de él. Pero no tengo fuerzas y el negro parece inalcanzable, incluso sin haber comido nada, como siempre. Trato de forzar el paso. De correr. La subida es empinada. El sol da bien de frente, sobre mis ojos. Las piernas se me aflojan más y más. Me dejo caer y quedo mirando hacia arriba. ¡Maldito William! Fuerzo la vista hacia lo alto del morro. No puedo. El sol me ciega. Bajo los ojos. Los cierro. Me quedo así por algunos minutos, tratando de recuperarme. Entonces siento un viento que pasa sobre mí. Y otra vez. Sobre mis espaldas. Parece un ave gigante, un buitre haciendo un vuelo rasante, queriendo devorar mi esqueleto. ¡Maldito William!, grito con voz enronquecida. Me protejo la cabeza. El buitre-William retorna. Otro vuelo rasante. Uno más. Entonces dispara una carcajada, una carcajada hijunagranputa que ahora va alejándose. El pájaro negro cesa su ataque. Ya puedo subir lentamente hasta lo alto del morro. El sol me ciega todavía. Me siento bajo la sombra del sauce. Mi vista va recomponiéndose. Miro en dirección a la mesada, ya no veo las sandalias plateadas. Apenas una bolsa. La bolsa infecta de William. ¡Maldito William! Me devolvió las cáscaras de calabacín y el trozo de pescado podrido. Odio mortalmente el calabacín y el pescado. ¿Pero qué voy a hacer? Enciendo el fuego. Empiezo a hervir nuevamente mi caldo. Saco del plástico el sebo de carne roja para aumentar un poco más el sabor. De mala gana, tiro en el agua hirviendo las cáscaras de calabacín y el pescado. Un poco más de sustancia. Vierto el caldo en la taza. Uno. Dos. Tres tragos. Voy largando las tripas hacia afuera mientras William sigue con su espectáculo aéreo, alejándose, desapareciendo en el cielo, emitiendo sonoras carcajadas.

Enigma



Cida Sepulveda

Célia Regina tirou a roupa, peças esvoaçaram. Chocolate ficou duro, ardente, a voz macia... Célia-copo de leite, temperatura natural, carne de ovelha. Morava com o namorado que a espancava, fugiu com a roupa do corpo, mal conhecia a cidade, ele a trouxera de Minas, cidade minúscula, onde as palavras morrem de tédio... Roubaram-se ladrões que eram. As brigas começaram, pois sempre começam. Não pretendia viver com ele nem com ninguém. Nem trabalhar. Iria para a estrada, viver de caminhoneiros até cair dura de idade ou doença. Ou numa choupana no meio da mata. Sem destino, andou de circular em circular, parou em praças, igrejas até acabar no Bar das Moças. Chocolate apareceu, ficou de olho nela, ela sentiu vergonha, mas se aproximou.

O moço se apressou em pagar cerveja e x-tudo. A fome começou a rir, gargalhar, indigesta. Célia Regina mastigou a noite que a imprimia no encardimento do bar. Viu túneis rebolarem à sua frente, ia escolher o mais iluminado. Chocolate percebeu a intenção, passou a mão nos cabelos dela e deu sorriso promissor.

Saíram abraçados, ela contou o essencial, ele apenas do desejo latente.

* * *

A noite farta fechou portas e janelas. O sol abortou sombras. Célia Regina abriu-se ao domingo, invicta – amava por hábito, vício, amor indolor. Chocolate aninhou-se em seus seios robustos. Acariciou-o.

Leite com chocolate de café da manhã, pão e bolo. Vida é comer e beber! Ele filosofou. Célia não prestou atenção, via a cidade escarnecer dos homens que a perseguiram. A cidade era o espelho em que se afogava.

Conversaram de futuros próximos e distantes, de passados possíveis e insuportáveis, eram duas feridas abertas que a desesperança unira. Juntariam trapos e planos. Célia Regina levantou-se, foi até a janela, o asfalto evaporava, um cego se prendia à calçada, esticava as mãos, colhia indiferença e moedas.

O cego a percebeu nas alturas e acenou. Célia sentiu amargor no estômago. Chocolate na ducha esquecia cansaços. Na cabeça dela corriam minhocas. Afagou os cabelos densos, trançou-os e os prendeu na solidão.

Enigma



Cida Sepulveda

Célia Regina se sacó la ropa, las prendas aletearon. Chocolate se puso duro, ardiente, la voz suave... Célia-vaso de leche, temperatura natural, carne de oveja. Vivía con el novio que la golpeaba, huyó con lo puesto, casi no conocía la ciudad, él la había traído de Minas, ciudad minúscula donde las palabras mueren de tedio... Se robaron, de puro ladrones. Comenzaron las peleas, porque siempre comienzan. No pretendía vivir con él ni con nadie. Ni trabajar. Iría a la ruta, a vivir de camioneros hasta caer dura de vejez o enfermedad. O en una choza en medio de la floresta. Sin rumbo, anduvo de circular en circular¹, paró en plazas, iglesias, hasta acabar en el Bar das Moças. Apareció Chocolate, se fijó en ella, ella sintió vergüenza, pero se aproximó.

El muchacho se apuró a pagar cerveza y hamburguesa completa. El hambre empezó a reírse, a carcajadas, indigesto. Célia Regina masticó la noche que lo dejaba impreso en la suciedad del bar. Vio túneles girar enfrente suyo, iba a elegir el más iluminado. Chocolate percibió la intención, le pasó la mano por sus cabellos y le hizo una sonrisa prometedora.

Salieron abrazados, ella contó lo esencial, él apenas del deseo latente.

* * *

La noche, satisfecha, cerró puertas y ventanas. El sol abortó sombras. Célia Regina se abrió al domingo, invicta. Amaba por hábito, vicio, amor, indolencia. Chocolate anidó en sus senos robustos. Lo acarició.

Leche con chocolate de desayuno, pan y torta. ¡La vida es comer y beber!, filosofó él. Célia no prestó atención, veía a la ciudad mofarse de los hombres que la perseguían. La ciudad era el espejo en el que se ahogaba.

Conversaban de futuros próximos y distantes, de pasados posibles e insoportables, eran dos heridas abiertas que la desesperanza había unido. Juntarían trapos y planes. Célia Regina se levantó, fue hasta la ventana, el asfalto humeaba, un ciego se agarraba a la vereda, estiraba las manos, recogía indiferencia y monedas.

El ciego la divisó en las alturas e hizo señas. Celia sintió amargor en el estómago. Chocolate en la ducha olvidaba cansancios. En la cabeza de ella las bobadas corrían. Se alisó los cabellos densos, los trenzó y los sujetó en la soledad.

1. N. de T.: La autora se refiere a un tipo de ómnibus urbano cuyo recorrido recomienza en el lugar de donde ha partido.

Nem ela nem Chocolate acreditavam em milagres...mentiam-se por piedade. Pão, teto e prazer, ingredientes de um final de semana. De uma semana inteira, um mês, alguns meses no máximo. Sabia os começos e os fins entre um homem e uma mulher livre – porque ela o era, nem puta, nem santa, livre, puta e santa. Ia doer no macho, doía em todos, dos mais ávidos aos mais retraídos, dos mais pensados aos mais chulos. Homens eram o enigma que ela decifrava a cada trepada. Não tinha estudo nem vontade de aprender leituras e idéias, bastava-lhe servir ao desejo que irrompia torto de todos os cantos da cidade triste.

A sirene da polícia a despertou, tiras entravam no prédio armados de metralhadoras, ela observava o alvoroço na calçada, São Paulo a arruinava com seus impulsos homicidas. Socos e pontapés na porta do apartamento a desesperaram. Correu para o banheiro, a porta estava trancada, o chuveiro ligado, chamou Chocolate em vão.

Abriu a porta aos chamados ameaçadores, os tiras entraram vasculhando, arrombaram a porta do banheiro, Chocolate sangrava. Ela tinha apenas a carteira de identidade, ficou presa algumas horas.

Pegou um circular para o centro. O Bar das Moças era ponto final.

Ni ella ni Chocolate creían en milagros... se mentían por piedad. Pan, techo y placer, ingredientes de un fin de semana. De una semana entera, un mes, algunos meses a lo más. Sabía de los comienzos y los finales entre un hombre y una mujer libre –porque ella lo era, ni puta, ni santa: libre, puta y santa–. Iba a dolerle al macho, les dolía a todos, desde los más ávidos a los más retraídos, de los más considerados a los más guarangos. Los hombres eran el enigma que ella descifraba en cada polvo. No tenía estudios ni ganas de adquirir lecturas ni ideas, le bastaba con servir al deseo que irrumpía sinuoso desde todos los rincones de la ciudad triste.

La sirena de la policía la despertó, los canas entraban al edificio armados de ametralladoras, ella observaba el tumulto en la vereda; San Pablo la abatía con sus impulsos homicidas. La desesperaron las trompadas y patadas en la puerta del departamento. Corrió hacia el baño, la puerta estaba trancada, la ducha abierta, llamó a Chocolate en vano.

Abrió la puerta a los llamados amenazantes, los canas entraron rastreando, forzaron la puerta del baño, Chocolate sangraba. Ella tenía apenas el documento de identidad; estuvo detenida algunas horas.

Tomó un circular hacia el centro. El Bar das Moças era su última parada.

Um cronômetro para piscinas



Soares Feitosa

*Nisto a Arte, meu caro senhor monge Jorge! Porque só a Arte tem
o legítimo poder de transformar o puro em imundo; o imundo em sagrado.
Onde se lia o Mal, leia-se o Bem!*

Um instante só de minha distração, e Alídio, o comerciante, dizendo-se cliente do Coronel, contou a história do próprio pai, um matuto muito trabalhador, valente e cheio de mulheres, lá das brenhas dos sertanejos, perto de Arapiraca.

Contou que só de mulheres com o nome de Vera, o pai montara casa para três, novas e bonitas, mas havia outras, com outros nomes, uma infinidade de Marias, Antônias e Franciscas.

Um dia, ele desconfiou que uma daquelas Veras o traía. Fez que ia de viagem e foi, mas voltou antes do fim do caminho, a ponto de chegar no romper da barra. Buzinou e focou a luz da camionete bem em cima da casa. Só deu tempo ver, bem ligeira, a janela do oitão lateral se abrir como se fosse uma lufada de vento ao contrário, e, no seu rastro, a pernada do cabra. Um corisco teria sido mais lerdo, fugindo, seminu, para o matagal, o cabra. Dois tiros rápidos, do pai, mas não acertou nenhum.

Então, súbito, na seqüência da pernada, surgiu, na janela, um rosto na direção do cabra, fugindo. E voltou-se, em rosto, bem na direção aos tiros...

"Meu filho – assim me disse meu pai –, era um olhar tão doce e gentil, que, imediato, lancei-lhe a desistência. Sim, acho que ela me viu. Era contra os faróis do carro, mas era a favor da luz do Sol, que acabara de nascer. Viu, sim! Ela me viu! A Vera, de remorsos, olhando só para mim! O problema, meu filho, e por favor repare nos seus irmãos pequenos, é que o terceiro tiro já havia sido disparado. Bem no meio da testa – e se benzeu –, lá nela".

O comerciante prosseguiu, baseado no que lhe dissera o pai:

– Ela, ali, pelo lado de dentro da casa, ciscando como uma galinha quando a gente lhe puxa o pescoço. As crianças acordando e chamando pelo nome dele, pai, a Verinha e o Francisco; e pelo dela, mãe, o nome. Já estão crescidinhos, sabem

Un cronómetro para piscinas



Soares Feitosa

*¡En esto el Arte, mi caro señor monje Jorge! Porque sólo el Arte tiene el legítimo poder de transformar lo puro en inmundo; lo inmundo en sagrado.
¡Donde se leía el Mal, léase el Bien!*

Un solo instante de mi distracción y Alídio, el comerciante, que se decía allegado del Coronel¹, contó la historia de su propio padre, un hombre del campo muy trabajador, valiente y lleno de mujeres, de allá de las matas de los *sertanejos*², cerca de Arapicara.

Contó que sólo de mujeres de nombre Vera, el padre había montado casa para tres, nuevas y lindas; pero había otras, con otros nombres, una infinidad de Marías, Antonias y Franciscas.

Un día, sospechó que una de aquellas Veras lo traicionaba. Hizo como que iba de viaje y se fue, pero volvió antes del fin del camino, llegando al despuntar el alba. Tocó bocina y apuntó las luces de la camioneta bien sobre la casa. Alcanzó a ver, bien rápido, abrirse una ventana lateral como si fuese una ráfaga de viento pero al revés, y, en su rastro, los trancos del cabrón. Un refucilo habría sido más lerdo, huyendo, semi-desnudo, hacia el matorral, el cabrón. Dos tiros rápidos hizo su padre, pero no acertó ninguno.

Entonces, súbitamente, en la secuencia de aquellos trancos, surgió en la ventana, un rostro en la dirección al cabrón que huía. Y se dio vuelta, expuesto, justo en la dirección de los tiros...

“M’hijo —así me dijo mi padre—, era una mirada tan dulce y gentil que, de inmediato, hice de desistir. Sí, creo que ella me vio. Era contra los faros del auto, pero era a favor de la luz del sol, que acababa de nacer. ¡Me vio, sí! ¡Ella me vio! ¡La Vera, en pleno remordimiento, mirándome sólo a mí! El problema, hijo mío, y por favor preste atención a sus hermanos más chicos, es que el tercer tiro ya había sido disparado. Justo en el medio de la frente —y se persignó—, en su misma frente”.

El comerciante prosiguió, basado en lo que le había dicho su padre:

—Ella, ahí, del lado de adentro de la casa, sacudiéndose como una gallina cuando uno le tuerce el cogote. Los niños, la Verinha y el Francisco despertándose y llamándolo por su nombre, papá; y por el de ella, mamá, por su nombre. Ya están crecinitos, saben leer

1. N. de T.: Véase nota de traducción de pág. 77.

2. N. de T.: Véase nota de traducción de pág. 73.

ler e escrever, mas não esquecem. Dizem que não perdoam, mas o pai faz de tudo pelos pequenos. Eu também faço, são meus irmãos, só de pai é certo, mas são.

— ?

— Conteí essa história ao Coronel quando fui-lhe pagar uns honorários de outra questão e lhe levei de agrado um pacote de castanhas torradas. Ele abriu um uísque e tomou três cálices, sorvendo-os, na ponta da língua, sem gelo, sem nada, como quem toma chegada de um vinho raro.

— ?

— Não, nunca vi ninguém beber daquele jeito! Não era emborcando o copo de goela abaixo. Era assim, de leve, na ponta da língua, debicando com muito cuidado, mas rapidamente tomou três cálices e comeu meio prato de castanhas torradas na manteiga, com sal. Nunca vi ninguém beber uísque em cálice. Ele insistiu comigo, mas eu não estava bem da gastrite.

— ?

— Agora, essa história de que a finada se virara para meu pai justamente para levar o tiro bem no meio da testa, lá nela, e que os olhares se haviam cruzado, isto quem inventou foi ele, o senhor Coronel.

— ?

— Sim, ele mesmo, o Coronel! A história que eu havia contado era bem simples. Meu pai havia errado os tiros no cabra, mas acertou um na testa de Vera. Mas assim que terminei de contar, aliás, à medida que eu ia contando, ele botava esses enfeites de que ela olhara primeiro para o cabra, depois na direção de onde vinham os tiros. Também o lance da aurora, das luzes se cruzando, da camionete e do Sol, ele que inventou. Confesso que fiquei muito emocionado, sobretudo com isto de o senhor Coronel dizer que meu pai a perdoara. Acho difícil, meu pai é um homem brabo, do sertão.

— ?

— Mas, pensando melhor, talvez o senhor Coronel esteja certo. Meu pai não pode falar no nome dela que já começa a tossir. E, com pouco fica vermelho. Sei não, talvez ele, naquela hora, fosse perdoando com uma mão e atirando com a outra...

— ?

— Perdoou, sim, tanto que não mandou matar o cabra, o que é de lei, lá, dando-lhe tempo para fugir para um seringal do Acre. Depois, meu pai disse a um parente do cabra que ele podia voltar, como de fato voltou, e ambos rezam, sem se cumprimentar, é claro, no túmulo da finada, mas quem chega por último espera que outro termine.

— ?

— Depois de comer as castanhas, aliás, comendo-as e falando, o Coronel me garantiu que o homem valente é aquele que anda desarmado. Pediu meu revólver. Eu entreguei. Ele disse que daria fim nele... acredito que tenha dado.

— ?

y escribir, pero no se olvidan. Dicen que no lo perdonan, pero papá hace de todo por los pequeños. Yo también, son mis hermanos, sólo de padre es cierto, pero lo son.

—¿?

—Le conté esta historia al Coronel cuando le fui a pagar unos honorarios de otro asunto y le llevé como una atención un paquete de castañas tostadas. Abrió un whisky y tomó tres copas, sorbiéndolas, en la punta de la lengua, sin hielo ni nada, como quien prueba un vino raro.

—¿?

—¡No, nunca vi a nadie beber de ese modo! No era vaciando el vaso en fondo blanco. Era así de suave, en la punta de la lengua, degustando con mucho cuidado, pero rápidamente tomó tres copas y comió medio plato de castañas tostadas en manteca, con sal. Nunca vi a nadie tomar whisky en copa. Él me insistió, pero yo no estaba bien de la gastritis.

—¿?

—Ahora, esa historia de que la finada se había dado vuelta hacia mi padre justamente para recibir el tiro en el medio mismo de la frente, de su propia frente, y que las miradas se habían cruzado, fue él el que inventó eso, el señor Coronel.

—¿?

—¡Sí, él mismo, el Coronel! La historia que yo le había contado era bien simple. Mi padre había errado los tiros al cabrón, pero acertó uno en la frente de Vera. Pero apenas terminé de contar, o mejor, a medida que yo iba contando, él iba poniendo esos adornos, de que ella había mirado primero hacia el cabrón, después hacia donde venían los tiros. También el asunto de la aurora, de las luces cruzándose, las de la camioneta y la del sol, él lo inventó. Confieso que me emocioné mucho, sobre todo con esto que dijo el señor Coronel de que mi padre la había perdonado. Me parece difícil, mi padre era un hombre bravo, del *sertão*.

—¿?

—Pero, pensando mejor, tal vez el señor Coronel tenga razón. Mi padre no bien menciona el nombre de ella ya empieza a toser. Y ahí nomás, se pone nervioso. No sé, tal vez él, en ese momento, la fuese perdonando con una mano y disparando con la otra...

—¿?

—La perdonó, sí, tanto que no mandó matar al cabrón, lo que es de ley por allá, dándole tiempo a huir hacia un cauchal del Acre. Después mi padre le dijo a un pariente del cabrón que ya podía volver, como de hecho hizo, y ahora ambos rezan, sin saludarse, claro, en la tumba de la finada, pero el que llega último espera a que el otro termine.

—¿?

—Después de comer las castañas, mejor dicho, mientras comía y hablaba, el Coronel me garantizó que un hombre valiente es aquel que anda desarmado. Me pidió mi revólver. Se lo entregué. Dijo que lo iba a hacer desaparecer... creo que lo hizo.

—¿?

– Então, ele mandou um abraço para o meu pai. Mandou a senhorita estagiária comprar dois presentes para as crianças, os filhos da finada, meus irmãos de pai.

–?

– Sim, ele me deu um presente: um cronômetro de piscinas que eu nem sabia como funciona, mas ele ensinou.

– ?

– Ele me disse: "Alídio, em qualquer aflição, acuda-se deste cronômetro. Marque o tempo que quiser e repare no ponteiro correndo em direção do eterno. Que pode ser morte, que pode ser vida, que a diferença é nenhuma. Quem dirá o lado vencedor será sua mão, sua mãe... Assim, ó!" – E botou a mão em pé, como quem mede a altura de um porco, virando-a para direita e para a esquerda, lá e cá, à fortuna. Só então me dei conta de quanto é frágil o pender da morte, da sorte.

– ?

– Sim, eu ando com o meu. Na saída passei na loja em frente ao escritório do Coronel, e comprei um cronômetro de piscinas igualzinho para meu pai – disse o comerciante, Alídio.

Ah, meu caro leitor e minha distinta leitora, como se não pudesse existir história mais confusa do que esta, o comerciante engasgou-se com a própria fala. A mãe do Coronel socorreu-lhe um cálice do vinho das paridas. Ele retemperou-se e chispou na mesma carreira em que havia chegado.

Acho que o cabra que saltou a janela da cama de dona Vera – que Deus a tenha! – ficara menos aflito, ainda que correndo das balas no garranchal do sertão, do que Alídio, o comerciante.

O fato incontestado, ali, na frente de todo mundo, é que a história do pai de Alídio, o comerciante, fora remendada pelo Coronel. O monge reclamou:

– Senhor Coronel, esse comerciante contou a vergonhosa história de um triste assassinato. Com que direito o senhor lhe enfeitou a versão, inventando esse lance da troca de olhares? Perdão!? Quem já viu assassino perdoar ninguém?!

Antes que o Coronel respondesse, alguém falou que fora com esses ornatos que ele ganhara a questão do pai do comerciante e, evidente, novos pagamentos, novas castanhas e outros uísques a debicar no cálice.

Sim, eu concordo que a história seca seria algo bruto, mas, com o lance do trágico, da força impossível de atender, mais o lance do perdão – e algum dinheiro do comerciante, é claro –, fora assim que o Coronel lhe soltara o pai.

Não! Não deu para identificar de quem, mas em meio a essas divagações, uma voz, que até desconfio que tenha sido o próprio monge, de ventriloquo. Não será surpresa se tiver sido ele. Ou, quem sabe, tenha sido do Profeta a voz que nos pegou a todos de surpresa:

—Entonces, él le mandó un abrazo a mi padre. Mandó a una señorita practicante a comprar dos regalos para los niños, los hijos de la finada, mis hermanos por parte de padre.

—¿?

—Sí, me dio un regalo: un cronómetro para piscinas, que yo ni sabía cómo funcionaba, pero él me enseñó.

—¿?

—Me dijo: “Alídio, ante cualquier aflicción, sírvete de este cronómetro. Marca el tiempo que quieras y observa la aguja corriendo en dirección a lo eterno. Que puede ser muerte, que puede ser vida, no hay ninguna diferencia. Quien dirá el lado vencedor será tu mano, tu madre... Así, ¡oh!”. Y puso la mano palma abajo, como quien mide la altura de un chanco, girándola hacia la derecha y hacia la izquierda, allá y acá, al azar. Sólo entonces me di cuenta qué frágil es el pender de la muerte, de la suerte.

—¿?

—Sí, yo ando con el mío. Cuando salí pasé por la tienda frente a la oficina del Coronel y compré un cronómetro para piscinas igualito, para mi padre —dijo Alídio, el comerciante.

Ah, mi querido lector y distinguida lectora, como si no pudiese existir una historia más confusa que ésta, el comerciante se atragantó con su propia saliva. La madre del Coronel lo socorrió con un cáliz de vino de las paridas³. Él se recompuso y salió disparado en la misma corrida en la que había llegado.

Pienso que el cabrón que saltó por la ventana desde la cama de doña Vera —que Dios la tenga en su gloria— había quedado menos preocupado, aun huyendo de las balas en el matorral del *sertão*, que Alídio el comerciante.

El hecho incontrastable, allí, frente a todo el mundo, es que la historia del padre de Alídio, el comerciante, había sido remendada por el Coronel. El monje se quejó:

—Señor Coronel, ese comerciante contó la vergonzosa historia de un triste asesinato. ¿Con qué derecho usted le adornó la versión, inventando ese tema del cruce de miradas? ¿Y perdón? ¿Quién ha visto a un asesino perdonar a alguien?

Antes de que el Coronel respondiese, alguien dijo que había sido con esos adornos que él había ganado el caso del padre del comerciante y, evidentemente, nuevos pagos, nuevas castañas y otros whiskys para degustar en copa.

Sí, yo concuerdo con que la historia a secas sería algo brutal, pero con el asunto de lo trágico, de la fuerza imposible de atender, más el asunto del perdón —y algún dinero del comerciante, claro está— así fue que el Coronel había soltado a su padre.

¡No! No fue posible identificar de quién, pero en medio de esas divagaciones, hubo una voz, que hasta desconfío no haya sido del propio monje, de ventrílocuo. No sería una sorpresa si hubiera sido él. O quién sabe, haya sido del Profeta la voz que nos tomó a todos por sorpresa:

3. N. de T.: Se está haciendo referencia al vino que se utiliza en la llamada misa de parida o de purificación, que es la que se celebra cuando una mujer concurre a la iglesia por primera vez después de haber parido.

"Nisto a Arte, meu caro senhor monge Jorge! Porque só a Arte tem o legítimo poder de transformar o puro em imundo; o imundo em sagrado. Onde se lia o Mal, leia-se o Bem!"

E, numa compulsão terrível, desta vez reconhecido, assim falou o senhor Capitão:

– Só a ARTE, meu caro Bibliotecário Djalma! Só a ARTE!

Eu disse que sim, aliás, nada disse, apenas meneei com a cabeça, e, lá longe, o vulto do comerciante pelas costas.

“¡En esto el Arte, mi querido señor monje Jorge! Porque sólo el Arte tiene el legítimo poder de transformar lo puro en inmundo; lo inmundo en sagrado. ¡Donde se leía el Mal, léase el Bien!”

Y en una terrible compulsión, esta vez reconocible, así habló el señor Capitán:

—¡Sólo el ARTE, mi querido Bibliotecario Djalma! ¡Sólo el ARTE!

Y yo dije que sí, mejor dicho, no dije nada, apenas meneé con la cabeza; y allá, lejos, la figura del comerciante de espaldas.

Café frio



Tereza Yamashita

São cinco horas, nada mais do que cinco, o despertador toca. Levanto mecanicamente, sem pensar, sem deixar de pensar. Ajo como se fosse um autômato.

O corpo ainda sonolento, pesado.

Meus braços adormecidos sofrem, sofrem da síndrome do túnel do carpo.

Uma doença de origem inexplicável, um nome complicado e exótico, a definição técnica da dor que sinto.

Um nome, uma doença. Um nome dado pela moderna medicina.

Um nome que posso dizer para as pessoas, para que possam exprimir o seu afetado: Oh!

Aos poucos desperto para mais um dia. Agora sou mãe, faço o café de todos.

Do marido, da filhinha e até da faxineira que vem todas as quartas-feiras.

Faço parte da vidinha moderna. Faço parte. Você também faz parte.

Trabalho em uma editora, por sorte trabalho apenas meio período, foi decisão do destino.

Este relato está ganhando forma porque. Bem, porque todas as manhãs presencio cenas insanas durante o percurso que faço até o meu trabalho.

Nunca estou certa se ainda estou dormindo ou se essas cenas realmente acontecem.

Hoje, por exemplo. Uma manhã noturna de inverno.

Uma manhã excepcional, pois tive que pegar ônibus.

Moro perto do serviço, mas o mau planejamento do nosso sistema de transporte público me faz pegar duas conduções.

Estou numa das principais ruas de Sampa, a rua da Consolação, estou na Consolação na esquina com a avenida Paulista.

Acabo de vir do meu bairro, desço do ônibus e uma espécie estranha de criatura tenta atravessar a rua.

Não sei se é uma criança ou um velho encurvado.

Está toda amarrada por panos esfarrapados, envolvida da cabeça à ponta dos pés.

Lembra-me um andarilho em pleno deserto. Só que estamos numa via expressa, os carros em alta velocidade, buzinando.

Café frío



Teresa Yamashita

Son las cinco, apenas las cinco; suena el despertador. Me levanto mecánicamente, sin pensar, sin dejar de pensar. Actúo como si fuese un autómata.

El cuerpo somnoliento aún, pesado.

Mis brazos adormecidos sufren, sufren del síndrome del túnel carpiano.

Una enfermedad de origen inexplicable, un nombre complicado y exótico, la definición técnica del dolor que siento.

Un nombre, una enfermedad. Un nombre dado por la medicina moderna.

Un nombre que puedo decir a la gente, para que pueda expresar su afectado ¡Oh!

Poco a poco despierto a un día más. Ahora soy madre, preparo el desayuno para todos.

Para mi marido, para mi hijita, hasta para la empleada doméstica que viene todos los miércoles.

Participo de la vida moderna. Formo parte. Vos también formás parte.

Trabajo en una editorial, por suerte trabajo sólo medio día, fue decisión del destino.

Por qué este relato está tomando forma. Bueno, porque todas las mañanas presencié escenas insanas durante el trayecto que hago hasta mi trabajo.

Nunca estoy segura si todavía estoy durmiendo o si esas escenas suceden realmente.

Hoy, por ejemplo. Una mañana nocturna de invierno.

Una mañana excepcional, porque tuve que tomar el ómnibus.

Vivo cerca de mi trabajo, pero el mal planeamiento de nuestro sistema de transporte me obliga a tomar dos ómnibus.

Estoy en una de las principales calles de Sampa¹, la rua da Consolação, estoy en la Consolação esquina Avenida Paulista.

Acabo de venir de mi barrio, bajo del ómnibus y una especie extraña de criatura trata de cruzar la calle.

No se si es un niño o un viejo encorvado.

Está toda atada con harapos, envuelta de la cabeza a la punta de los pies.

Me recuerda a un caminante en pleno desierto. Sólo que estamos en una vía rápida, los autos a alta velocidad, tocando bocina.

1. N. de T.: *Sampa*, apócope coloquial con el que se nombra a la ciudad de San Pablo.

A criatura desce da calçada e volta, desce e volta, desviando-se, os passos apressados, precisando chegar ao outro lado.

Vai e volta para a calçada várias vezes, medindo e pesando a grande façanha.

Não vai conseguir, eu penso.

Mas num impulso a criatura sai correndo, sem ter noção do perigo, desvia de um carro e de outro e de outro até que consegue chegar ao outro lado. E desaparece.

Nesse instante um ônibus passa a cem por hora, passa, ultrapassa, não pára diante do insistente aceno de três pessoas, uma delas sou eu.

Tudo é passado agora.

Uma mulher de feições indígenas começou a falar alto, a resmungar e a xingar o filho da puta do motorista.

O outro senhor puxou conversa comigo, também protestando muito.

Minha única reação foi ouvir calada as reclamações, sou uma pessoa de poucas palavras, principalmente logo de manhã.

Depois de alguns minutos outro ônibus passou, nós três acenamos desesperadamente, quase nos jogando em cima dele.

O medo de que esse também não parasse...

– Parou!

Respiramos aliviados. Evitamos o pior.

Conquistamos o não. Não chegaremos atrasados, não bateremos atrasados o ponto, não seremos descontados, não seremos punidos pela folha de pagamento.

Não perderei os quinze minutos da hora do café.

Ah, os quinze minutos! São cronometrados.

Quinze para as dez todos largam o trabalho e correm para os duzentos degraus que levam ao térreo. Batemos o cartão de ponto catorze para as dez.

Catorze.

Saimos e andamos dois quarteirões. Treze para as dez chegamos ao boteco do seu Geraldo, japonês do centro, dono desse bar sem categoria alguma. Todos pedem um café e um salgadinho.

Uma das moças grita horrorizada: Uma barata!

O filho do seu Geraldo vira o herói da história. Ele pega um pano de secar prato, embola-o e acerta em cheio na dona Baratinha, tão prendada, que quer casar.

Não sei se fiquei pasmada com a barata em cima do balcão ou se com a falta de higiene do rapaz. A barata morreu e o pano de prato voltou a enxugar os pratos e os copos.

Desse dia em diante comecei a levar lanche de casa.

Um minuto para as dez, todos retornamos.

Dentro do ônibus, começo a me lembrar de muitas cenas que aconteceram durante este um ano e meio de trajeto diário.

La criatura baja de la vereda y vuelve, baja y vuelve, desviándose, sus pasos apurados, necesita llegar al otro lado.

Va y vuelve a la vereda varias veces, midiendo, sopesando la gran hazaña.

No lo va a lograr, pienso.

Pero en un impulso la criatura sale corriendo, sin tener noción del peligro, esquiva un auto y otro y otro hasta que consigue llegar al otro lado. Y desaparece.

En ese instante un ómnibus pasa a cien por hora, pasa, se pasa, no para frente a las señas insistentes de tres personas, una de las cuales soy yo.

Todo es pasado ahora.

Una mujer de facciones indígenas empezó a hablar fuerte, a rezongar y a insultar al hijo de puta del chofer.

El otro señor se puso a conversar conmigo, también protestando mucho.

Mi única reacción fue oír en silencio los reclamos, soy una persona de pocas palabras, principalmente a la mañana temprano.

Después de algunos minutos pasó otro ómnibus. Los tres le hicimos seña desesperadamente, casi tirándonos encima.

El miedo de que éste tampoco parase...

—¡Paró!

Respiramos aliviados. Evitamos lo peor.

Conquistamos el *no*. No llegaremos tarde, no marcaremos tarde la tarjeta, no nos descontarán, no seremos castigados en el mandamiento.

No perderé los quince minutos de la hora del café.

¡Ah, los quince minutos! Están cronometrados.

A las diez menos cuarto todos dejan el trabajo y corren hacia los doscientos escalones que llevan a la planta baja. Marcamos la tarjeta catorce minutos antes de las diez.

Catorce.

Salimos y caminamos dos cuadras. Trece minutos antes de las diez llegamos al bar de don Geraldo, japonés del centro, dueño de ese bar sin categoría alguna. Todos piden un café y un bocadito salado.

Una de las chicas grita horrorizada: ¡una cucaracha!

El hijo de don Geraldo se convierte en el héroe de la historia. Agarra un repasador, lo hace una bola y acierta de lleno en doña Cucarachita, tan hacendosa, que quiere casamiento².

No sé si quedé más pasmada con la cucaracha sobre la barra o con la falta de higiene del muchacho. La cucaracha murió y el repasador volvió a secar platos y vasos.

Desde ese día empecé a llevar vianda desde casa.

Un minuto antes de las diez, todos volvemos.

En el ómnibus empiezo a acordarme de muchas escenas que sucedieron en este año y medio de trayecto diario.

2. N. de T.: La autora refiere al cuento infantil que narra las peripecias de *Dona Baratinha* ('Doña Cucarachita'), en su búsqueda de un candidato de su agrado para casarse.

Esqueci de um detalhe muito importante, trabalho bem no centro de São Paulo, o centro velho, destruído pelo magnífico e esplendoroso minhocão, que, malconservado, sujo e escuro, abriga uma nova classe de criaturas.

Pego-o logo no início, na parte inferior, na Amaral Gurgel, local cheio de barzinhos de quinta categoria muito freqüentados por travestis e prostitutas.

Mais por travestis do que por prostitutas.

Travecós altos, loiros, peitudos, com corpo escultural.

Sempre passo por volta das seis, das seis e meia da manhã. Horário em que eles estão saindo dos bares, acompanhados de jovens, velhos, executivos de todas as idades.

Travecós travessos.

Alegres, espalhafatosos e seminus, esbanjam sensualidade e irreverência.

Vivem uma vida que não sei nem descrever, tão distante estão da minha realidade.

Olho com os olhos de uma criança curiosa. Percebo que as outras pessoas dentro dos carros – a maioria pais de família, senhores atentos, possíveis clientes – também fazem o mesmo.

Do outro lado, embaixo do minhocão, mais uma cena deprimente e ao mesmo tempo multicolorida.

São monstros enrolados em cobertores de diversas cores, ao lado de carrinhos cheios de papéis, enfeitados com rodas de bicicleta, calotas de carros, chupetas e sapatinhos de crianças.

Outros ousam mais. Fazem um quarto com quatro paredes de folhas de papel ondulado encontradas por aí.

Um vento congelante, lá estão eles, todos imóveis. O vento glacial do deserto à noite. Parece que ainda estou no Saara.

O vento e a velocidade, os mortos mais vivos do que quando estavam vivos.

Mas a luz dos carros e dos sinais me acorda, me traz de volta, estamos no centro da cidade.

Outro dia amanhece. Estou novamente na Amaral Gurgel. Hoje estou de carro.

Mais adiante, num afunilamento, entre o viaduto e um braço que desce dele, entro numa rua sombria, escura e esburacada.

Num gesto inconsciente, vejo se a janela do carro está fechada e se a porta está travada.

As cenas são mais arrasadoras. Móveis velhos fazem parte da decoração. Um bêbado sai do inferno, salta na frente do carro, grita algo e entra embaixo de uma caixote.

Meu coração dispara, depois disso nunca mais entrei a mais de quarenta nessa rua. Apesar de querer passar a cem por hora.

Sempre a mesma rua, os mesmos móveis imóveis.

Ao lado dessas quinquilharias encontro sempre um vulto sentado à uma mesa. Um escritório ao ar livre. Será o diretor de uma grande multinacional?

Olvidé un detalle muy importante: trabajo bien en el centro de San Pablo, el centro viejo, destruido por el magnífico y esplendoroso *Minhocão*³, mal conservado, sucio y oscuro, que abriga a una nueva clase de criaturas.

Lo tomo bien al inicio, en la parte inferior, en la Amaral Gurgel, lugar lleno de barcitos de quinta categoría muy frecuentados por travestis y prostitutas.

Más por travestis que por prostitutas.

Travas altos, rubios, pechugones, de cuerpo escultural.

Siempre paso alrededor de las seis, seis y media de la mañana. Un horario en el que ellos están saliendo de los bares, acompañados de jóvenes, viejos, ejecutivos de todas las edades.

Travas traviesos.

Alegres, escandalosos y semidesnudos, derrochan sensualidad e irreverencia.

Viven una vida que no sé ni describir, tan lejos está de mi realidad.

Miro con ojos de un niño curioso. Noto que las otras personas dentro de los autos –la mayoría, padres de familia, atentos señores, posibles clientes– también hacen lo mismo.

Del otro lado, debajo del *Minhocão*, una escena más, deprimente y al mismo tiempo multicolor.

Son los monstruosos, enrollados en colchas de distintos colores, al lado de carritos llenos de papeles, adornados con ruedas de bicicleta, tazas de automóvil, chupetes y zapatitos de niños.

Otros se animan a más. Hacen un cuarto con cuatro paredes de cartón corrugado que encuentran por ahí.

Un viento gélido, y ahí están ellos, todos inmóviles. El viento glacial del desierto a la noche. Parece que todavía estoy en el Sahara.

El viento y la velocidad, los muertos más vivos que cuando estaban vivos.

Pero la luz de los autos y los semáforos me despierta, me trae de vuelta, estamos en el centro de la ciudad.

Amanece otro día. Nuevamente estoy en la Amaral Gurgel. Hoy estoy en auto.

Más adelante, en un estrechamiento, entre el viaducto y un brazo que baja de allí, entro en una calle sombría, oscura y poceada.

En un gesto inconsciente, veo si la ventana del auto está cerrada, y si la puerta está trabada.

Las escenas son más arrasadoras. Muebles viejos forman parte de la decoración. Un borracho sale del infierno, salta delante del auto, grita algo y se mete debajo de un cajón.

Mi corazón galopa; después de eso nunca más entré a más de cuarenta en esa calle. A pesar de querer pasar a cien por hora.

Siempre la misma calle. Siempre los mismos muebles inmóviles.

Al lado de esas baratijas encuentro siempre una figura sentada a una mesa. Un escritorio al aire libre. ¿Será el director de una gran multinacional?

3. N. de T.: Con ese nombre se conoce popularmente al viaducto elevado Presidente Costa e Silva, en la ciudad de San Pablo. *Minhocão*, es el aumentativo de *minhoca*, que es la designación común de los anélidos, como la lombriz de tierra.

Faço esse comentário com um dos diagramadores que trabalha comigo, um rapaz que toma o metrô e inevitavelmente passa por esse mesmo vulto.

Ele comenta num tom irônico: O homem é louco, fica o tempo todo grudado no telefone, falando e gesticulando, talvez negociando algo muito importante. Só que o telefone é velho, não tem nem fio.

O que será que ele tanto conversa dia após dia no telefone? Afinal, do outro lado só existe o vazio, o som mudo de um aparelho quebrado.

Ou não?

Mas essas cenas não agridem tanto quanto uma das últimas que vi. Uma das últimas que revi duas vezes.

A cena é transcendental. Uma bunda enorme e branca, no meio da calçada, ejetando um jato de excremento amarelo-lírico e purulento. Litros e litros de merda líquida.

Na hora fiquei imaginando de que tipo de destroços essas criaturas se alimentam.

O corpo atacando e se defendendo das agressões da cidade. Parecem inumanos, eles, os monstros. Sem nenhum senso de higiene, a perda total da personalidade, a perda do ego. A indignância completa.

Nisso atropelo uma pomba, escuto um barulho e sinto uma sacudida debaixo do carro, e ao olhar pelo retrovisor vejo a coitada levantando a cabeça.

Agora sou eu o monstro da aves.

Sou eu.

Fiquei com dó da pomba, me sentindo culpada pelo atropelamento.

Será que... Será que ela irá sobreviver? Após esse impacto?

Senti nojo, senti frustração por estar trabalhando numa rua, num bairro desses, a Boca do Lixo. Senti aversão por aquele monstro defecador, doente. Me senti covarde e cruel por ter sentido dó apenas da pomba.

Sempre me sinto um peixe fora d'água. Fico durante meio dia em um bairro completamente sujo, áspero e ininteligível. Sou analfabeta para a Boca do Lixo.

Na outra metade do dia volto para casa, um bairro de classe média-alta com casas e apartamentos imponentes e crianças loiras brincando nas calçadas.

Cachorros bem tratados com seus donos orgulhosos. Orgulhosos de quê? De seus cães enormes defecando por toda a calçada? Inundando os postes e deixando um aroma insuportável pelas ruas?

Orgulhosos.

Pego minha filha na escolinha, e lá encontro mãezinhas nervosinhas discutindo com as tiazinhas, sobre suas criancinhas. Criancinhas que se sujaram de tinta, que tiveram uma briguinha com o coleguinha. Tudo inha, inha, inha. Criancinhas mimadas, que não largam suas mãezinhas, que não querem ficar na escolinha.

Hago este comentario a uno de los diagramadores que trabaja conmigo, un muchacho que toma el subte e inevitablemente pasa frente a esa misma figura.

Él comenta en tono irónico: el hombre está loco, está todo el tiempo pegado al teléfono, hablando y gesticulando, tal vez negociando algo muy importante. Sólo que el teléfono es viejo, ni cable tiene.

¿Qué tanto conversará día tras día en el teléfono? Al fin y al cabo, del otro lado sólo existe el vacío, el sonido mudo de un aparato roto.

¿O no?

Pero esas escenas no agreden tanto como una de las últimas que vi. Una de las últimas que he vuelto a ver dos veces más.

La escena es espantosa. Un culo enorme y blanco, en medio de la vereda, eyectando un chorro de excremento amarillo-lírico y purulento. Litros y litros de mierda líquida.

En el acto me puse a imaginar el tipo de detritos de que se alimentan esas criaturas.

El cuerpo atacando y defendiéndose de las agresiones de la ciudad. Parecen inhumanos ellos, los monstruosos. Sin ningún sentido de la higiene, la pérdida total de la personalidad, la pérdida del ego. La completa indigencia.

En eso, atropello una paloma, escucho un ruido y siento una sacudida debajo del auto, y cuando miro por el retrovisor veo a la pobre, levantando la cabeza.

Ahora soy yo el monstruo de las aves.

Soy yo.

Me quedé con pena de la paloma, sintiéndome culpable por atropellarla.

¿Será posible... que vaya a sobrevivir? ¿Después de ese impacto?

Sentí repugnancia, sentí frustración por estar trabajando en una calle, en un barrio de esos, la *Boca do Lixo*⁴. Sentí aversión por aquel monstruoso defecador, enfermo. Me sentí cobarde y cruel por haber tenido pena sólo de la paloma.

Siempre me siento un pez fuera del agua. Permanezco durante medio día en un barrio completamente sucio, áspero e ininteligible. Soy analfabeta para la *Boca do Lixo*.

La otra mitad del día vuelvo a casa, a un barrio de clase media alta con casas y departamentos imponentes y niños rubios jugando en las veredas.

Perros bien cuidados con sus orgullosos dueños. ¿Orgullosos de qué? ¿De sus perros enormes cagando por toda la vereda? ¿Inundando los postes y dejando un olor insoportable por las calles?

Orgullosos.

Busco a mi hija del jardincito, y allá encuentro mamitas nerviositas discutiendo con las señoritas, sobre sus niñitos. Niñitos que se han ensuciado con pintura, que tuvieron una peleíta con el compañerito. Todo ita, ita, ita. Niñitos mimados, que no suelen a sus mamitas, que no quieren quedarse en el jardincito.

4. N. de T.: *Boca do Lixo*, nombre con el que se conoce a un área ubicada en el centro de la ciudad de San Pablo, cercana a la Estação da Luz, que fuera en los años '20 y '30 lugar de asiento de las grandes distribuidoras norteamericanas de películas (Paramount, Fox, Metro Goldwin Mayer, etc.); por los años '60, se transformó en la meca de la producción y realización del cine porno paulista. Durante más de medio siglo, la *Boca do Lixo* ha sido, para muchos, sinónimo de prostitución y comercio ilegal de drogas.

Cansada, ainda sem almoçar, retorno para o meu apartamento, às vezes sem paciência com a minha própria e pequena criaturinha, fico brava e a coloco para dormir.

Cansada.

Ultimamente sinto-me muita cansada. Exausta. Não sei o porquê das coisas que cansam.

Tenho trinta e dois anos. Sou casada, tenho um emprego. Sou perfeita fisicamente.

Pai Nosso que estais no céu...

A religião e sua monstruosidade defecadora disfarçada de orações e santos e belos hinos sacros. Por que diabos estou rezando tão alto?

Meses depois. Na rua onde trabalho. O comércio de carros usados invade as redondezas, ocupa tudo, todos os quarteirões.

Criaturas grosseiras, a camisa aberta e um cordão cafona no pescoço, vendedores malandros, são os donos da rua, usam o espaço público como vitrine, estacionam em toda parte carros e mais carros e mais carros.

Rebaixam a guia e pintam de amarelo, como se tivessem autorização do prefeito, do bispo, do Papa.

Nesse dia as ruas estavam lotadas, tive que dar várias voltas pelo quarteirão até encontrar uma vaga.

Estacionei o carro a alguns centímetros da guia rebaixada, em frente a uma dessas lojas.

Na saída do trabalho, uma bela surpresa: o pneu murcho. Alguns colegas me ajudaram a trocá-lo.

Enquanto isso, dentro do estabelecimento os monstrenhos riam.

Cafajestes. Haviam esvaziado o meu pneu de propósito.

Agora paro em outra rua. Mas, o que é pior, dois vagabundos dormem na calçada.

O incrível é que são gêmeos idênticos. Idênticos na aparência, idênticos nas roupas esfarrapadas, idênticos no bafo de bebida e idênticos na mísera miséria.

Sempre me assustam sussurrando algo, no fundo até que são educados, mesmo assim fico amedrontada.

Da última vez queriam que eu tomasse o café da manhã com eles, me mostraram uma lata enferrujada com algo preto dentro. Café? Seria mesmo café?

Os dois dizem que são o diretor e o vice-diretor da rua. Sem nenhuma cerimônia, sem pudor algum, afinal moram na calçada.

O curioso é que, para não serem despejados pelos comerciantes, os dois monstrenhos, de manhã bem cedo, levantam e arrumam a calçada como se estivessem arrumando suas camas. Varrem o chão e, meio a trouxe-mouxe, sempre ao deus-dará, fazem sua trouxa e desaparecem sem deixar vestígios.

O que realmente não conseguem disfarçar é o cheiro insuportável de merda e urina.

Fico imaginando para onde vão... Para onde vão os extraterrestres? Os vampiros? Os seres noturnos de todas as espécies?

Cansada, todavía sin almorzar, vuelvo a mi departamento, a veces sin paciencia para con mi propia y pequeña criaturita, me pongo brava y la mando a dormir.

Cansada.

Últimamente me siento muy cansada. Exhausta. No sé por qué las cosas cansan.

Tengo treinta y dos años. Soy casada, tengo un empleo. Estoy buena. Físicamente.

Padre Nuestro que estás en los cielos...

La religión y su monstruosidad defecadora disfrazada de oraciones y santos y bellos himnos sacros. ¿Por qué diablos estoy rezando tan alto?

Meses después. En la calle donde trabajo. El comercio de autos usados invade los alrededores, ocupa todo, todas las cuadras.

Criaturas groseras, la camisa abierta y una cadena ordinaria en el cuello, vendedores malandras, son los dueños de la calle, usan el espacio público como vidriera, estacionan en todas partes autos y más autos y más autos.

Rebajan el cordón de la vereda y lo pintan de amarillo, como si tuvieran autorización del intendente, del obispo, del Papa.

Ese día las calles estaban ocupadas; tuve que dar varias vueltas a la manzana hasta encontrar un lugar.

Estacioné el auto a unos pocos centímetros del cordón rebajado, frente a uno de esos negocios.

A la salida del trabajo, una linda sorpresa: una goma desinflada. Algunos compañeros me ayudaron a cambiarla.

Mientras tanto, adentro del negocio, los monstruosos reían.

Canallas. Me habían desinflado la goma a propósito.

Ahora estaciono en otra calle. Pero lo malo es que dos linyeras duermen en la vereda.

Lo increíble es que son gemelos, idénticos. Idénticos en apariencia, idénticos en la ropa harapienta, idénticos en el aliento a alcohol e idénticos en la mísera miseria.

Siempre me asustan susurrando algo, dentro de todo son educados, pero igual quedo amedrentada.

La última vez querían que yo tomara el desayuno con ellos, me mostraron una lata oxidada con algo negro dentro. ¿Café? ¿Sería café, eso?

Ambos dicen ser el director y el sub-director de la calle. Sin ninguna ceremonia, sin pudor alguno, al fin de cuentas viven en la vereda.

Lo curioso es que, para no ser echados por los comerciantes, los dos monstruosos, a la mañana bien temprano, se levantan y acomodan la vereda como si estuviesen arreglando sus camas. Barren el piso, y medio a troche y moche, siempre a la que te criaste, arman su hato y desaparecen sin dejar vestigios.

Lo que realmente no consiguen disimular es el insoportable olor a mierda y orina.

Trato de imaginar adónde van... ¿Adónde van los extraterrestres? ¿Los vampiros? ¿Los seres nocturnos de todas las especies?

Você sabe, hoje faz dois anos que trabalho nessa empresa.

Aliás, já te contei os absurdos que acontecem nessa maldita editora? Não?!

Ora veja só. Então vamos lá.

A editora produz livros didáticos. Foi fundada há cinquenta anos. Sessenta, sei lá.

Está localizada nesse bairro sujo, conseqüentemente o prédio também é antigo, velho e malcuidado.

No subsolo temos um depósito onde os livros são guardados, os livros e os ratos, lá vivem milhares de ratazanas.

Ratazanas atazanadas que já não morrem mais com a aplicação de raticidas ou venenos e de qualquer tipo. Ratazanas que riem das armadilhas.

São enormes, acinzentadas, o rabo comprido e peludo. Dentes furiosos e sorridentes, que te fazem sentir pavor.

Estamos no segundo andar, no setor de editoração eletrônica.

De vez em quando elas nos visitam, elas, sempre elas, vêm e fazem uma festa particular, andam sobre nossas mesas, picam tudo o que encontram e, para variar, cagam e mijam por todo lado.

Alguns de nós, para disfarçar o desconforto e o constrangimento, fazem piadinhas do tipo: Vieram visitar os amigos, os amigos americanos, sexo virtual, sabe?

Nossos mouses. Usamos computadores de última geração.

E simplesmente não conseguimos exterminar esses roedores. Não conseguimos. Esses aí. Que transmitem leptospirose e não sei mais o quê.

Volto para casa, lavo bem as mãos, tomo um banho.

Conscientemente quero me limpar de toda essa sujeira.

Estou cansada, a administração da empresa mudou, estávamos quase falindo, agora querem reerguê-la a todo custo.

Nós, operários, é que sofremos com isso. A editora virou uma pastelaria, fazemos livros à baciada. A qualidade é nenhuma: zero.

Fico deprimida. Porque contribuo com a má formação educacional do país. Infeliz, apesar de trabalhar apenas com o aspecto material e visual dos livros. Não escrevo os livros, mesmo assim me sinto triste.

Sei, sei. Isso soa muito irônico. De fato quem liga para a educação? Eu, você?

Voltando aos ratos. O que estou fazendo aqui?

Nesse beco escuro e úmido... Está muito frio, sinto uma coceira nas pernas.

Meu corpo parece diferente, outro. Estou inchada, sinto um cheiro estranho, meu corpo está exalando um perfume azedo.

Tento me movimentar, pareço estar ficando dura, rija, meus nervos não respondem, não consigo me movimentar.

Quem está aí? Ouço ruídos, passinhos estranhos.

Roedores, são os roedores ruidosos. Milhares de roedores.

De repente todos se vão e fica apenas um na janela, dependurado, se equilibrando no patamar com um olhar de deboche.

Sabés, hoy hace dos años que trabajo en esta empresa.

A propósito, ¿te conté los disparates que suceden en esta maldita editorial? ¿No?!

Mirá vos, entonces te cuento.

La editorial produce libros didácticos. Fue fundada hace cincuenta años. Sesenta, qué se yo.

Está ubicada en este barrio sucio, consecuentemente el edificio también es antiguo, viejo y mal mantenido.

En el subsuelo tenemos un depósito donde se guardan los libros, los libros y los ratones, ahí viven millares de ratonazos.

Tenaces ratonazos que ya no se mueren con la aplicación de raticidas o venenos de ningún tipo. Ratonazos que se ríen de las trampas.

Son enormes, agrisados, la cola larga y peluda. Dientes furiosos y sonrientes, que te hacen sentir terror.

Estamos en el segundo piso, en el sector de edición electrónica.

De vez en cuando nos visitan, ellos, siempre ellos, vienen y se hacen una fiesta particular, caminan sobre nuestras mesas, perforan todo lo que encuentran, y para variar, cagan y mean por todas partes.

Alguno de nosotros, para disimular la incomodidad y el malestar, hace bromitas del tipo: vinieron a visitarnos los amigos, los amigos norteamericanos, sexo virtual, ¿sabés?

Nuestros mouses. Usamos computadoras de última generación.

Y simplemente no conseguimos exterminar a esos roedores. No lo conseguimos. Esos, ahí. Esos que transmiten leptospirosis y no sé cuántas cosas más.

Vuelvo a casa, me lavo bien las manos, me doy un baño.

Conscientemente quiero limpiarme de toda esa suciedad.

Estoy cansada, la administración de la empresa cambió, estábamos al borde de la quiebra, ahora quieren levantarla a toda costa.

Nosotros, los obreros, somos los que sufrimos con eso. La editorial se transformó en una panadería, hacemos los libros con un molde. La calidad es nula: cero.

Me deprimó. Porque contribuyo a la mala formación educativa del país. Infeliz, a pesar de trabajar tan sólo con el aspecto material y visual de los libros. No escribo los libros, aun así me siento triste.

Ya sé, ya sé. Eso suena muy irónico. De hecho, ¿quién se interesa en la educación? ¿Yo, vos?

Volviendo a los ratones. ¿Qué estoy haciendo aquí?

En este callejón oscuro y húmedo... hace mucho frío, siento una comezón en las piernas.

Mi cuerpo parece diferente, otro. Estoy hinchada, siento un olor extraño, mi cuerpo está exhalando un perfume agrio.

Trato de moverme, parece que estoy quedándome dura, rígida, mis nervios no responden, no logro moverme.

¿Quién anda ahí? Oigo ruidos, pasitos extraños.

Roedores, son los roedores ruidosos. Millares de roedores.

De repente todos se van y queda sólo uno en la ventana, colgado, haciendo equilibrio en el antepecho con una mirada lujuriosa.

Sai, desgraçado... Se manda!

Meu marido me acorda, estou gritando, sufocada. Estava tendo um pesadelo, ele diz. Só um pesadelo, ele repete.

Tudo se repete.

Ultimamente ando tendo muitos pesadelos. Acordo de madrugada, aos berros. Ou são os ratos ou os vagabundos me assediando.

Hoje acordei e não fui trabalhar, estava exausta.

Os pesadelos estão me apavorando.

Acordo de madrugada e não consigo mais dormir. Se tento dormir, acordo com um novo pesadelo. Agora são os irmãos gêmeos, os monstrenhos siameses. Querem que eu tome o café à força.

Estou ficando cada dia mais deprimida.

Meu marido levou nossa filha para ficar com a avó por uns tempos. Sinto saudades, muitas saudades.

Estou de licença médica. Emagreci dez quilos. Os pesadelos estão ficando cada vez mais reais. Não consigo pregar os olhos. Estou completamente em pânico.

Estou com olheiras? Cheia de rugas e verrugas? Claro. Ando me drogando, não quero fechar os olhos. Não, não me deixe sonhar. Não quero ter pesadelos.

Remédios e mais remédios, antidepressivos, estimulantes. Terapia? Não quero.

Os pesadelos continuam, agora também de olhos abertos. Vê? Não consegue ver? As criaturas?

Pai Nosso que estais no céu... Céu?

Dizem que você paga os pecados aqui mesmo na terra, agora começo a acreditar.

Isso mesmo. Meses se passaram, aprendi a conviver com os ratos, com a sujeira, com os travecos e com os vagabundos. Faço parte deles.

Agora não tenho medo de mais nada. Agora compreendo tudo.

Tudo começou como um auto-relato. Foi você quem pediu: conte tudo.

Agora estou aqui, dentro desses livros, dentro desse blablablá didático, paradidático, sou uma personagem impessoal.

Saio das aulas e entro nas histórias, me divirto com elas.

Posso virar uma ratazana asquerosa e imunda.

Também posso virar um monstrengo cagador.

Agora bebo do líquido preto, apenas café frio e rançoso, feito com os restos de pó encontrados no lixo.

Você me vê, me lê?

São cinco horas, nada mais do que cinco, o despertador toca.

¡Fuera, desgraciado, fuera de aquí!
Mi marido me despierta, estoy gritando, sofocada. Estaba teniendo una pesadilla, me dice. Sólo una pesadilla, me repite.
Todo se repite.
Últimamente estoy teniendo muchas pesadillas. Me despierto de madrugada, a los gritos. O son los ratones, o los linyeras los que me asedian.

Hoy me desperté y no fui a trabajar; estaba exhausta.
Las pesadillas me están aterrizando.
Me despierto a la madrugada y ya no consigo dormir. Si trato de dormir, despierto con una nueva pesadilla. Ahora son los hermanos gemelos, los monstruosos siameses. Quieren que tome de su café a la fuerza.
Estoy cada día más deprimida.
Mi marido llevó a nuestra hija para que se quede con la abuela por un tiempo. Siento nostalgia, mucha nostalgia.
Estoy con carpeta médica. Adelgacé diez kilos. Las pesadillas se tornan cada vez más reales. No logro pegar un ojo. Estoy completamente aterrizada.
¿Estoy con ojeras? ¿Llena de arrugas y verrugas? Claro. Me estoy dopando, no quiero cerrar los ojos. No, no me dejes soñar. No quiero tener pesadillas.
Remedios y más remedios, antidepresivos, estimulantes. ¿Terapia? No quiero.
Las pesadillas continúan, ahora también con los ojos abiertos. ¿Ves? ¿No las ves? ¿Las criaturas?

Padre Nuestro que estás en el cielo.... ¿Cielo?
Dicen que uno paga los pecados aquí mismo, en la tierra; estoy empezando a creerlo.

Eso mismo. Pasaron meses, aprendí a convivir con las ratas, la suciedad, los travas y los linyeras. Formo parte de ellos.
Ahora ya no tengo miedo de nada. Ahora comprendo todo.
Todo comenzó como un auto-relato. Fuiste vos quien me pidió: contá todo.
Ahora estoy aquí, dentro de estos libros, dentro de este blablablá didáctico, paradidáctico, soy un personaje impersonal.
Salgo de las clases y entro en las historias, me divierto con ellas.
Puedo convertirme en un ratonazo asqueroso e inmundado.
También puedo convertirme en un monstruoso cagador.
Ahora bebo el líquido negro, apenas café frío y rancio, hecho con restos de café encontrados en la basura.
¿Vos me ves? ¿Me leés?

Son las cinco, apenas las cinco; suena el despertador.

Os autores

PAULO BENTANCUR

Nasceu em Santana do Livramento, Rio Grande do Sul, em 1957. Escritor e crítico. Praticava diversos gêneros literários: ficção para adultos, infanto-juvenis, poesia, biografia. Publicou *Instruções para iludir relógios* (prosopoeias, 1994); *Frio* (contos, 2001); coleção *Brincando de Pensar* (seis títulos infanto-juvenis sobre Platão, Aristóteles, Freud, Kafka, Van Gogh e Shakespeare, em 2001); *Bodas de osso* (poesia, 2005); *A máquina de brincar* (infantil, 2005); *As rimas da Rita* (infanto-juvenil, 2005); e *O olhar das palavras* (infanto-juvenil, 2005). Seu livro mais recente é *A solidão do diabo* (contos, 2006). Recebeu diversos prêmios literários, em poesia, ficção para adultos e em infanto-juvenis.

RONALDO CAGIANO

Nasceu em 15.4.61, em Cataguases (MG) e vive em Brasília desde 1979, onde se formou em Direito. Colabora em diversos jornais, revistas e suplementos, publicando artigos, resenhas, poesia e contos e participa de diversas antologias nacionais e estrangeiras. Publicou os seguintes livros: *Palavra engajada* (poesia, 1989), *Colheita amarga Et outras angústias* (poesia, 1990), *Exílio* (poesia, 1990), *Palavracesa* (poesia, 1994), *O prazer da leitura* - em parceria com Jacinto Guerra (contos e crônicas juvenis, Brasília 1997), *Prismas - literatura e outros temas* (coletânea de artigos e resenhas publicados em jornais, 1997), *Canção dentro da noite* (poesia, 1999), *Espelho, espelho meu* - co-autoria com Joilson Portocalvo (infanto-juvenil, 2000), *Poetas mineiros em Brasília* (Org., 2002), *Dezembro indigesto* (contos, 2002 - vencedor do Prêmio Bolsa Brasília de Produção Literária 2001), *Antologia do conto brasileiro* (Organizador, 2004) e *Concerto para arranha-céus* (contos, 2004) *Todas as gerações: o conto brasileiro contemporâneo* (organizador, 2006), e *Dicionário de pequenas solidões* (contos, 2006).

SUÊNIO CAMPOS DE LUCENA

É jornalista, escritor e doutorando em Letras pela USP, com tese sobre a escritora Lygia Fagundes Telles. Da autora, organizou os livros *Durante aquele estranho chá* (2002) e *Conspiração de nuvens* (2007). Pela Escrituras Editora publicou o livro de

Los autores

PAULO BENTANCUR

Nació en Santana do Livramento, Rio Grande do Sul, en 1957. Es escritor y crítico. Practica diversos géneros literarios: ficción para adultos, infanto-juvenil, poesía, biografía. Publicó *Instruções para iludir relógios* ('prosopoemas', 1994); *Frio* (cuentos, 2001); colección *Brincando de Pensar* (6 títulos infanto-juveniles sobre Platón, Aristóteles, Freud, Kafka, Van Gogh y Shakespeare, en 2001); *Bodas de osso* (poesía, 2005); *A máquina de brincar* (infantil, 2005); *As rimas da Rita* (infanto-juvenil, 2005); y *O olhar das palavras* (infanto-juvenil, 2005). Su libro más reciente es *A solidão do diabo* (contos, 2006). Recibió diversos premios literarios, en poesía, ficción para adultos e infanto-juvenil.

RONALDO CAGIANO

Nació el 15.04.1961, en Cataguases (Minas Gerais), y vive en Brasilia desde 1979, donde se graduó en derecho. Colabora en diversos diarios, revistas y suplementos, publicando artículos, reseñas, poesía y cuentos, y participa de diversas antologías nacionales y extranjeras. Publicó los siguientes libros: *Palavra engajada* (poesía, 1989); *Colheita amarga & outras angústias* (poesía, 1990); *Exílio* (poesía, 1990); *Palavracesa* (poesía, 1994); *O prazer da leitura* (en colaboración con Jacinto Guerra, cuentos y crónicas juveniles, Brasilia, 1997); *Prismas - literatura e outros temas* (selección de artículos y reseñas publicados en diarios, 1997); *Canção dentro da noite* (poesía, 1999); *Espelho, espelho meu* (en co-autoría con Joilson Portocalvo (infanto juvenil, 2000); *Poetas mineiros em Brasília* (org., 2002); *Dezembro indigesto* (cuentos, 2002 - vencedor del Premio Beca Brasilia de Producción Literaria 2001); *Antologia do conto brasileiro* (org., 2004); *Concerto para arranha-céus* (cuentos, 2004) *Todas as gerações: o conto brasileiro contemporâneo* (organizador, 2006), y *Dicionário de pequenas solidões* (cuentos, 2006).

SUÊNIO CAMPOS DE LUCENA

Es periodista, escritor y doctorando en Letras en la Universidad de San Pablo, con una tesis sobre la escritora Lygia Fagundes Telles. De esta autora, organizó los libros *Durante aquele estranho chá* (2002) y *Conspiração de nuvens* (2007). Con Escrituras

entrevistas *21 escritores brasileiros* (2001) e o livro de contos *Depois de abril* (2005), sua estréia na ficção. Colabora regularmente em jornais e suplementos culturais, como Rascunho, de Curitiba, Paraná.

MARCELINO FREIRE

Nasceu em 1967, em Sertânia, Pernambuco, no Nordeste do Brasil. Vive em São Paulo desde 1991. É autor, entre outros, dos livros *Angu de Sangue* (Contos - Ateliê Editorial, 2000) e *BaléRalé* (Ateliê Editorial, 2003). Em 2004, idealizou e organizou a antologia *Os Cem Menores Contos Brasileiros do Século* (Ateliê Editorial). Participou de algumas importantes antologias como *Geração 90 - Manuscritos de Computador*, organizada em 2001 por Nelson de Oliveira para a Boitempo Editorial, e *Putas*, organizada por Valter Hugo Mãe, em 2002, para a Quasi Edições, de Portugal. Em 2004, foi um dos convidados da Festa Literária Internacional de Paraty, a FLIP, sendo apontado, pela imprensa em geral, como uma das revelações do evento. O conto *Solar dos Príncipes* foi extraído do livro *Contos Negreiros* (Editora Record, 2005).

ARLINDO GONÇALVES

Nasceu no Rio de Janeiro em 1970 e foi para São Paulo com seis anos de idade. É fotógrafo e escritor. Publicou dois livros: *Dores de Perdas* (2004) e *Desonrados e outros contos* (2005), além de ter integrado algumas antologias.

ÁLEX LEILLA

Nasceu em 21/11/1971 em Bom Jesus da Lapa (oeste da Bahia). Morou em Aracaju (SE), Maceió (AL), Belo Horizonte (MG) e, atualmente, reside em Salvador (BA). É formada em Letras pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde, em 2001, fez Mestrado em Letras e Lingüística, trabalhando com os temas da loucura e homossexualidade nos contos de Caio Fernando Abreu. Atualmente, faz doutorado em Literatura Comparada, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde pesquisa sobre as relações entre sexualidade e postura política nas letras de Morrissey e Renato Russo. Já publicou dois livros de contos: *Urbanos* (1997, Fundação Casa de Jorge Amado/COPENE) e *Obscuros* (1999, ed. Oiti); um romance: *Henrique* (2001, ed. Domínio Público) e integra a antologia *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira* (2004, ed. Record, org. Luiz Ruffato). Assina, mensalmente, a coluna GIZ, na revista online www.verbo21.com.br

CARLOS HERCULANO LOPES

Nasceu em Coluna, Minas Gerais, há 48 anos e vive atualmente na capital do Estado, Belo Horizonte. É autor de nove livros, e já venceu alguns dos maiores prêmios da literatura brasileira, como o Guimarães Rosa e a Bienal Nestlé. Dois dos seus romances, *Sombras de Julho*, e *O Vestido*, foram levados às telas pelos diretores Marco Altberg e Paulo Thiago. *O Vestido*, recentemente, foi publicado na Itália, pela

Editora publicó el libro de entrevistas *21 escritores brasileiros* (2001) y el libro de cuentos *Depois de abril* (2005), su debut en la ficción. Colabora regularmente con diarios y suplementos culturales, como *Rascunho*, de Curitiba (Paraná).

MARCELINO FREIRE

Nació en 1967 en Sertânia, Pernambuco, en el Nordeste de Brasil. Vive en São Paulo desde 1991. Es autor, entre otros libros, de *Angu de Sangue* (cuentos, Ateliê Editorial, 2000) y *BaléRalé* (Ateliê Editorial, 2003). En 2004 ideó y organizó la antología *Os Cem Menores Contos Brasileiros do Século* (Ateliê Editorial). Participó de algunas importantes antologías como *Geração 90 - Manuscritos de Computador*, organizada en 2001 por Nelson de Oliveira para Boitempo Editorial, y *Putas*, organizada por Valter Hugo Mãe, en 2002, para Quasi Edições, de Portugal. En 2004 fue uno de los invitados a la Feria Literaria Internacional de Paraty (FLIP), siendo considerado por la prensa en general como una de las “revelaciones” del evento. El cuento *Solar de los Príncipes* fue extraído del libro *Contos Negreiros* (Editora Record, 2005).

ARLINDO GONÇALVES

Nació en Río de Janeiro en 1970 y a los seis años de edad se trasladó a San Pablo. Es fotógrafo y escritor. Publicó dos libros: *Dores de Perdas* (2004) y *Desonrados e outros contos* (2005), además de haber integrado algunas antologías.

ÁLLEX LEILLA

Nació el 21/11/1971 en Bom Jesus da Lapa (oeste de Bahía). Vivió en Aracaju (Seará), Maceió (Alagoas), Belo Horizonte (Minas Gerais) y actualmente reside en Salvador (Bahía). Se graduó en Letras en la Universidad Federal de Bahía (UFBA), en donde hizo, en 2001, en Letras y Lingüística, trabajando con los temas de la locura y la homosexualidad en los cuentos de Caio Fernando Abreu. Actualmente realiza un doctorado en Literatura Comparada, en la Universidad Federal de Minas Gerais (UFMG), donde investiga sobre las relaciones entre sexualidad y postura política en las letras de Morrissey y Renato Russo. Ha publicado dos libros de cuentos: *Urbanos* (1997, Fundación Casa de Jorge Amado/COPENE) y *Obscuros* (1999, ed. Oiti); una novela, *Henrique* (2001, ed. Domínio Público) e integra la antología *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira* (2004, ed. Record, Luiz Ruffato org.). Escribe mensualmente la columna GIZ, en la revista on-line www.verbo21.com.br

CARLOS HERCULANO LOPES

48 años, nació en Coluna, Minas Gerais, y actualmente vive en la capital del Estado, Belo Horizonte. Es autor de nueve libros y ha obtenido algunos de los mayores premios de la literatura brasileña, como el Guimarães Rosa y el Bienal Nestlé. Dos de sus novelas, *Sombras de Julho* y *O vestido*, fueron llevadas al cine por los directores

Editora Cavallo di Ferro, com tradução da professora Mariagrazia Russo, da Universidade de Viterbo. O conto "Coração aos pulos", foi extraído do livro homônimo, publicado pela Editora Record.

NILTO MACIEL

Nasceu em Baturité, Ceará, em 30 de janeiro de 1945. Criou, em 76, com outros escritores, a revista *O Saco*. Editor da revista *Literatura* desde 91. Ganhou alguns prêmios literários de âmbito nacional: "Brasília de Literatura", "Graciliano Ramos" (Estado de Alagoas), "Cruz e Sousa" (Estado de Santa Catarina), "Bolsa Brasília de Produção Literária", "Eça de Queiroz" (Rio de Janeiro). Tem contos e poemas publicados em esperanto, espanhol, italiano e francês. *O Cabra que Virou Bode* foi transposto para a tela (vídeo), pelo cineasta Clébio Ribeiro, em 1993. Livros de conto publicados: *Itinerário*, *Tempos de Mula Preta*, *Punhalzinho Cravado de Ódio*, *As Insolentes Patas do Cão*, *Babele* e *Pescoço de Girafa na Poeira*. Publicou também romances, novelas e poemas.

TIAGO NOVAES

Nasceu em 1979 na cidade de Avaré, interior de São Paulo. Graduiu-se em Psicologia pela Universidade de São Paulo, e concluiu o mestrado em Literatura e Psicanálise no final de 2005. Publica artigos acerca da Psicologia em periódicos especializados, e em agosto de 2004, lançou seu primeiro livro, *subitamente: agora*, pela editora carioca 7Letras. Em 2005, idealizou e organizou o "Tertúlia 2005: o curso da literatura", evento literário com alguns dos escritores brasileiros de maior exponência na atualidade. Seu primeiro romance, *Estado Vegetativo*, é ganhador da bolsa-incentivo do Programa de Apoio à Cultura da Secretaria Estadual de Cultura de São Paulo, e será publicado no 2o. semestre de 2007, pela editora Callis.

NELSON DE OLIVEIRA

Nasceu em 1966, em Guaira, SP. Escritor e mestre em Letras pela USP, publicou *Naquela época tínhamos um gato* (contos, 1998), *Subsolo infinito* (romance, 2000), *O filho do Crucificado* (contos, 2001, também lançado no México), *A maldição do macho* (romance, 2002, publicado também em Portugal) e *Verdades provisórias* (ensaios, 2003), entre outros. Em 2001 organizou a antologia *Geração 90: manuscritos de computador* e em 2003, *Geração 90: os transgressores*, com os melhores prosadores brasileiros surgidos no final do século XX. Ainda em 2003 editou com Marcelino Freire o número único da revista PS:SP. Colabora regularmente com o jornal Rascunho (PR) e com o caderno Idéias & Livros, do Jornal do Brasil (RJ). Dos prêmios que recebeu destacam-se o Casa de las Américas (1995), o da Fundação Cultural da Bahia (1996) e duas vezes o da APCA (2001 e 2003).

Marco Altberg y Paulo Thiago. *O vestido* fue recientemente publicado en Italia (Ed. Cavallo di Ferro), con traducción de la profesora Mariagrazia Russo, de la Universidad de Viterbo. El cuento *Corazón al galope* fue extraído del libro *Coração aos pulos*, publicado por la Editora Record.

NILTO MACIEL

Nació en Baturité, Ceará, el 30 de enero de 1945. Creó en el '76, con otros escritores, la revista *O saco*. Es editor de la revista *Literatura* desde 1991. Ganó algunos premios literarios en el ámbito nacional: "Brasília de Literatura", "Graciliano Ramos" (Estado de Alagoas), "Cruz e Souza" (Estado de Santa Catalina), beca "Brasília de Producción Literaria", "Eça de Queiroz" (Río de Janeiro). Tiene cuentos y poemas publicados en esperanto, español, italiano y francés. *O Cabra que Virou Bode* fue traspuesto a la pantalla (video) por el cineasta Clébio Ribeiro, en 1993. Libros de cuento publicados: *Itinerário*, *Tempos de Mula Preta*, *Punhalzinho Cravado de Ódio*, *As Insolentes Patas do Cão*, *Babel* y *Pescoço da Girafa na Poeira*. Ha publicado también novelas, *nouvelles* y poemas.

TIAGO NOVAES

Nació en 1979 en la ciudad de Avaré, interior de San Pablo. Se graduó en Psicología en la Universidad de San Pablo (USP), y concluyó una maestría en Literatura y Psicoanálisis a fines de 2005. Publica artículos sobre psicología en periódicos especializados, y en agosto de 2004 presentó su primer libro, *subitamente-agora*, de la editorial carioca 7Letras. En 2005 ideó y organizó *Tertúlia 2005: o curso da literatura*, evento literario con la participación de algunos de los escritores brasileños de mayor figuración en la actualidad. Su primera novela, *Estado Vegetativo*, ha ganado la beca-incentivo del Programa de Apoyo a la Cultura de la Secretaría Estadual de Cultura de San Pablo, y será publicada en el segundo semestre de 2007 por la editora Callis.

NELSON DE OLIVEIRA

Nació en 1966 en Guaíra, estado de San Pablo. Escritor y magister en Letras de la Universidad de San Pablo (USP), publicó *Naquela época tínhamos um gato* (cuentos, 1998), *Subsolo infinito* (novela, 2000), *O filho do Crucificado* (cuentos, 2001, presentado también en México), *A maldição do macho* (novela, 2002, publicado también en Portugal) y *Verdades provisórias* (ensayos, 2003), entre otros. En 2001 organizó la antología *Geração 90: manuscritos de computador*, y en 2003, *Geração 90: os transgressores*, con los mejores prosistas brasileños surgidos a fines del siglo XX. También en 2003 editó con Marcelino Freire el número único de la revista *PS:SP*. Colabora regularmente con el periódico *Rascunho* (Paraná) y con el suplemento *Idéias & Livros*, del *Jornal do Brasil* (Río de Janeiro). De los premios recibidos se destacan el Casa de las Américas (1995), el de la Fundação Cultural da Bahia (1996) y dos veces el de la Asociación Paulista de Críticos de Artes (APCA, 2001 y 2003).

MIGUEL SANCHES NETO

Nasceu (1965) é doutor em Teoria Literária pela Unicamp (1998), professor de Literatura Brasileira na Universidade Estadual de Ponta Grossa, colunista da *Gazeta do Povo* (Curitiba) e da revista *Carta Capital* (São Paulo). É autor, entre outros, de *Chove sobre minha infância* (Rio de Janeiro: Record, 2000) - traduzido para o espanhol (*Llueve sobre mi infancia*. Barcelona: Poliedro, 2004), *Hóspede secreto* (Rio de Janeiro: Record, 2003 - Prêmio Nacional Cruz e Sousa de 2002), *Herdando uma biblioteca* (Record, 2004) e *Venho de um país obscuro* (Bertrand do Brasil, 2005). Para o público infantil, publicou: *Estatutos de um novo mundo para crianças* e *Amanda vai amamentar* (Bertrand do Brasil, 2005).

PAULO SANDRINI

Nasceu em Vera Cruz, São Paulo, em 1971, tendo vivido em Bauru até 1994, ano em que se muda para Curitiba, Paraná, cidade em que vive atualmente. É graduado em design gráfico. Trabalhou com publicidade, tevê e música. Tem publicado *Vai ter que engolir* (2001) e *O estranho hábito de dormir em pé* (2003). Está previsto para 2005 a edição do *Códice d'incríveis objetos*. Todos os três livros são de contos. Participou ainda da coletânea *Contos cruéis, as narrativas mais violentas da literatura brasileira contemporânea* (2006). É mestrando em Estudos Literários pela UFPR e membro do conselho editorial da revista *Et Cetera literatura e arte*.

CIDA SEPULVEDA

Naceu em Piracicaba, SP. Formou-se em Letras pela UNICAMP. O seu conto "O Açougue" foi selecionado e publicado pelo Jornal O Globo (RJ) em 2004, e publicado no mesmo ano no Suplemento Literário "Prosa e verso", e na Coleção *Contos do Rio*, Bom Texto (RJ). Tem publicado ainda o livro de poemas *Sangue de Romã* (Ed. Scortecci, São Paulo, 2004).

SOARES FEITOSA

Francisco José Soares Feitosa nasceu em 19 de janeiro de 1944 em Ipu, região norte do Ceará. Ficou órfão de pai no mesmo dia em que nasceu. Foi jornalista na juventude, em Fortaleza. Além disso, foi caixeiro-viajante e funcionário público. Aos 20 anos já era Fiscal do Consumo. Aos 22 anos, casou com uma serrana, Glaucineide, e com ela tem cinco filhos. Em 1993, quase aos 50 anos, escreveu seu primeiro poema. Em 1996 iniciou a publicação artesanal do livro *Réquiem em Sol da Tarde*. Ainda em 1996, fundou, na Internet, o Jornal de Poesia. Em 1997 publicou o seu primeiro livro, *Psi, a penúltima* - esgotado. Em abril de 1997, Wilson Martins escreveu a crítica de *Psi, a penúltima*. Viveu no Recife e em Salvador. Retornou para Fortaleza em 2001, aposentado da atividade de auditor de tributos federais, e complementa o leite das crianças com a atividade de

MIGUEL SANCHES NETO

Nació en 1965 en Bela Vista do Paraíso, estado de Paraná. Es doctor en Teoría Literaria de la Universidad de Campinas (UNICAMP), San Pablo (1998); profesor de Literatura Brasileña de la Universidad Estadual de Ponta Grossa; columnista de la *Gazeta do Povo* (Curitiba) y de la revista *Carta Capital* (São Paulo). Es autor, entre otros libros de *Chove sobre minha infância* (Río de Janeiro: Record, 2000), traducido al español: *Llueve sobre mi infancia*. Barcelona: Poliedro, 2004); *Hóspede secreto* (Río de Janeiro: Record, 2003), Premio Nacional Cruz e Souza 2002; *Herdando uma biblioteca* (Río de Janeiro: Record, 2004); y *Venho de um país obscuro* (Bertrand do Brasil, 2005). Para el público infantil publicó *Estatutos de um novo mundo para crianças* y *Amanda vai amamentar* (Bertrand do Brasil, 2005).

PAULO SANDRINI

Nació en Vera Cruz, San Pablo, en 1971; vivió en Bauru hasta 1994, año en que se mudó a Curitiba, Paraná, ciudad en la que actualmente reside. Se graduó en diseño gráfico. Trabajó en publicidad, televisión y música. Ha publicado *Vai ter que engolir* (2001), *O estranho hábito de dormir em pé* (2003) y *Códice d'incríveis objetos* (2005), los tres libros, de cuentos. Participó también en la colección *Contos cruéis, as narrativas mais violentas da literatura brasileira contemporânea* (2006). Es maestrando en Estudios Literarios de la Universidad Federal de Paraná (UFPR) y miembro del consejo editorial de la revista *Et Cetera literatura e arte*.

CIDA SEPULVEDA

Nació en Piracicaba, estado de San Pablo. Se graduó en Letras en la Universidad Estadual de Campinas (UNICAMP). Su cuento "O açougue" fue seleccionado por el *Jornal O Globo* (Río de Janeiro) en 2004 y publicado en marzo de ese año en el Suplemento Literario 'Prosa y Verso', y en la Colección *Contos do Rio*, editada por Bom Texto (RJ), en 2005. Ha publicado además el libro de poemas *Sangue de Romã* (Ed. Scortecci, San Pablo, 2004).

SOARES FEITOSA

Francisco José Soares Feitosa nació el 19 de enero de 1944 en Ipu, región norte de Ceará. Quedó huérfano de padre el mismo día en que nació. Fue periodista en su juventud, en Fortaleza. Además de eso, fue repartidor viajante y empleado público. A los 20 años ya era Fiscal de Consumo. A los 22 años se casó con una serrana, Glaucineide, y tuvo con ella cinco hijos. En 1993, casi a los cincuenta años, escribió su primer poema. En 1996 inició la publicación artesanal del libro *Requiem em Sol da Tarde*. También en 1996 fundó en Internet el *Jornal de Poesia*. En 1997 publicó su primer libro, *Psi, a penúltima* (agotado). En abril de 1997, Wilson Martins escribió la crítica de *Psi, a penúltima*. Vivió en Recife y en Salvador. Volvió a Fortaleza en 2001, jubilado de la actividad de auditor de impuestos federales, y complementa sus ingre-

consultor fiscal. Mantém, na internet, além do Jornal de Poesia, o Jornal de Tributos e o Jornal de Filosofia.

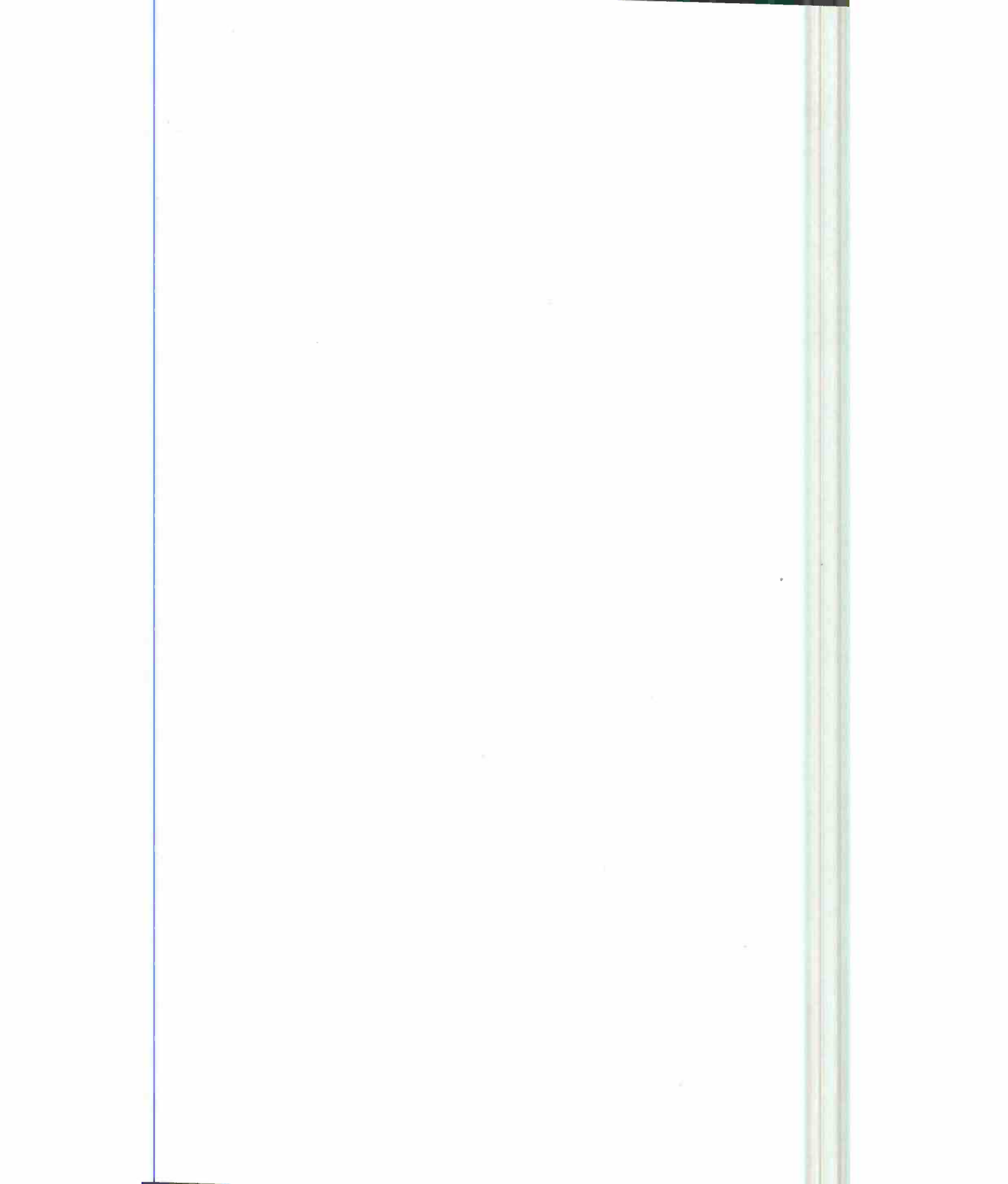
TERESA YAMASHITA

Nasceu em 1965, em São Paulo. É designer gráfico e escritora. Tem diversos contos publicados em revistas literárias e suplementos culturais. Seu primeiro livro é o romance juvenil *Bia Olhos Azuis*, escrito em parceria com Luiz Bras e lançado em 2005 pela Editora Alaúde.

sos con la actividad de consultor fiscal. Mantiene, en Internet, además del *Jornal de Poesia*, el *Jornal de Tributos* y el *Jornal de Filosofia*.

TERESA YAMASHITA

Nació en 1965 en San Pablo. Es diseñadora gráfica y escritora. Tiene varios cuentos publicados en revistas literarias y suplementos culturales. Su primer libro es la novela juvenil *Bia Olhos Azuis*, escrito en colaboración con Luiz Bras, y lanzado en 2005 por la Editora Alaúde.



Índice

Mais e melhores lectores / Más y mejores lectores
6 / 7

Os contos / Los cuentos
10 / 11

É só dar a saída / Es cuestión de animarse
PAULO BENTANCUR
12 / 13

A marca / La marca
RONALDO CAGIANO
22 / 23

Vinho tinto, azeitona e cigarros / Vino tinto, aceitunas, cigarrillos
SUÊNIO CAMPOS DE LUCENA
30 / 31

Solar dos príncipes / Solar de los Príncipes
MARCELINO FREIRE
46 / 47

Sobrevida
ARLINDO GONÇALVES
52 / 53

Ruínas / Ruinas
ÁLEX LEILLA
58 / 59

Coração aos pulos / Corazón al galope

CARLOS HERCULANO LOPES

70 / 71

Ave-marias / Avemarías

NILTO MACIEL

76 / 77

Revoadas / Bandadas

TIAGO NOVAES

90 / 91

Gotham City

CITY NELSON DE OLIVEIRA

100 / 101

Animal nojento / Animal repugnante

MIGUEL SANCHES NETO

114 / 115

Sandálias de Hermes / Sandalias de Hermes

PAULO SANDRINI

124 / 125

Enigma

CIDA SEPÚLVEDA

132 / 133

Um cronômetro para piscinas / Un cronómetro para piscinas

SOARES FEITOSA

136 / 137

Café frio / Café frío

TERESA YAMASHITA

144 / 145

Os autores / Los autores

158 / 159

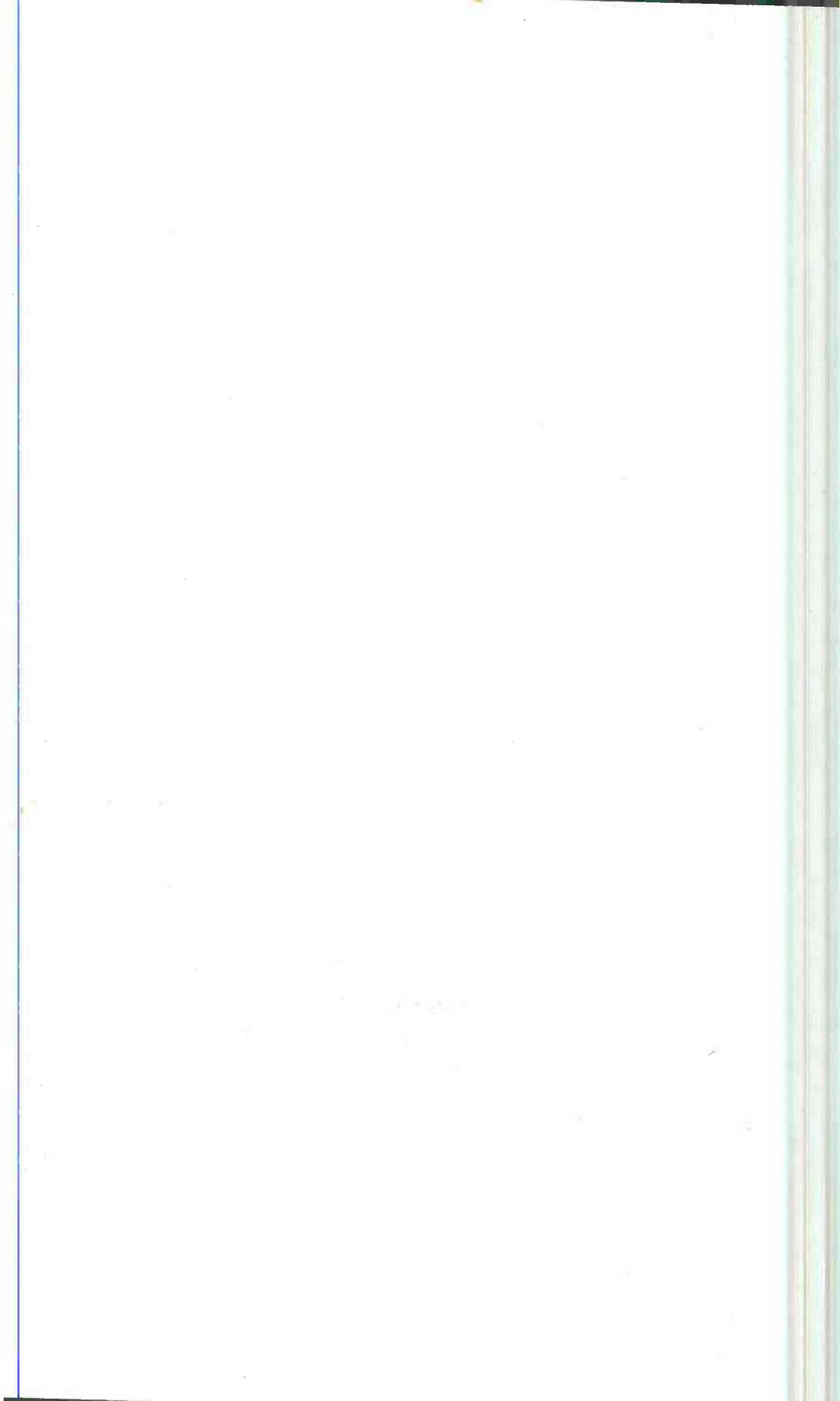
Se terminó de imprimir en

comunicarte

Ituzaingó 167 - 5000 Córdoba R.A.

www.comunicarteweb.com.ar

Tel/Fax: (0351) 426-4430





Esta antología no tiene paredes seguras, salidas de emergencia, extintores ni puertas con cerraduras anti-pánico. Esta antología no tiene un botiquín de primeros auxilios. Es por eso que es tan excitante: cuanto mayor es el peligro, mayor el placer. De peligros, los escritores brasileiros entienden bastante: en nuestro país la actividad literaria es algo muy arriesgado. Conozco decenas de cuentistas y poetas que quedaron ciegos, sordos, mudos y rengos de tanto escribir. El hambre cerca a los narradores de talento. La muerte susurra palabras de cianuro al oído de los poetas.

Esta antologia não tem paredes seguras, saídas de incêndio, extintores ou portas com trava antipânico. Esta antologia não tem um estojo de primeiros-socorros. É por isso que ela é tão excitante: quanto maior o perigo, maior o prazer. De perigo os escritores brasileiros entendem bem: em nosso país a atividade literária é algo muito arriscado. Conheço dezenas de contistas e poetas que ficaram cegos, surdos, mudos e pernetas de tanto escrever. A fome ronda os prosadores de talento. A morte sussurra palavras de cianureto no ouvido dos poetas.

Nelson de Oliveira



Consulado General
de Brasil en Córdoba

comunicarte

ISBN: 978-987-602-064-0



9 789876 020640